

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DOUTORADO EM GEOGRAFIA

WAGNER DA SILVA

DA ERVA-MATE AO TERRITÓRIO DOS ERVATEIROS: DINÂMICAS E
TERRITORIALIDADES EM SÃO MATEUS DO SUL – PR

PONTA GROSSA
2024

WAGNER DA SILVA

DA ERVA-MATE AO TERRITÓRIO DOS ERVATEIROS: DINÂMICAS E
TERRITORIALIDADES EM SÃO MATEUS DO SUL – PR

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Curso de Doutorado em Geografia, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Celso Antonio da Fonseca Rosas

PONTA GROSSA
2024

S586 Silva, Wagner da
Da erva-mate ao território dos ervateiros: dinâmicas e territorialidades em
São Mateus do Sul - PR / Wagner da Silva. Ponta Grossa, 2024.
200 f.

Tese (Doutorado em Geografia - Área de Concentração: Gestão do
Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Celbo Antonio da Fonseca Rosas.

1. Erva-mate. 2. Consumo. 3. Território. 4. Ervateiros. I. Rosas, Celbo
Antonio da Fonseca. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Gestão do
Território: Sociedade e Natureza. III.T.

CDD: 910

TERMO DE APROVAÇÃO

WAGNER DA SILVA

DA ERVA-MATE AO TERRITÓRIO DOS ERVATEIROS: DINÂMICAS E
TERRITORIALIDADES EM SÃO MATEUS DO SUL – PR

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Geografia, Curso de Doutorado em Geografia,
Setor de Ciências Exatas e Naturais, da Universidade
Estadual de Ponta Grossa, para obtenção do título de
doutor.

Ponta Grossa, 08 de abril de 2024.

 Documento assinado digitalmente
CELBO ANTONIO DA FONSECA ROSAS
Data: 03/06/2024 11:23:14-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dr. Celbo Antonio da Fonseca Rosas (UEPG)

 Documento assinado digitalmente
CECILIA HAURESKO
Data: 03/06/2024 15:00:53-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dra. Cecília Hauresko (UNICENTRO)

 Documento assinado digitalmente
MARCELO BARRETO
Data: 03/06/2024 15:07:48-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dr. Marcelo Barreto (UNICENTRO)



Dr. Marcos Aurelio Saquet (UNIOESTE)

 Documento assinado digitalmente
LUIZ ALEXANDRE GONCALVES CUNHA
Data: 03/06/2024 20:02:57-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha (UEPG)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e por me dar saúde para cumprir os desafios que me foram e são propostos nestes 31 anos de vida.

Aos meus pais, pelo apoio, carinho, amor e educação que me deram, além dos esforços que fizeram para eu poder focar apenas nos estudos, quando mais precisava.

À minha esposa Aline, por ser minha base desde 2020 e compreender todas as vezes que precisei focar na tese, renunciando alguns momentos.

Ao meu filho Murilo, que com 3 anos, ainda não compreende totalmente a dimensão das coisas. Confesso que algumas vezes pensei em desistir, principalmente quando você batia na porta e pedia para brincarmos. Porém, a totalidade dos meus esforços é para você, meu filho. Espero que futuramente, com maior idade, você possa ler isso e compreender.

Ao Gerson Cesar Souza, pelo apoio com material, conversas, revisão e tradução das referências em polonês.

Aos meus amigos da UNESPAR e agora da vida, que me ajudaram muito no desenvolvimento da tese, principalmente Alcimara, Silas e Daia.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), por toda estrutura e apoio nesses quase sete anos, entre mestrado e doutorado.

Ao meu orientador, Celbo, que se tornou um amigo. Sempre foi compreensível e assertivo em suas ações e palavras.

Aos professores e professoras que lecionaram durante o mestrado e doutorado, contribuindo para meu crescimento profissional e acadêmico.

Ao professor Marcos Saquet, por suas contribuições e considerações na avaliação do artigo do Seminário de Pesquisas, na qualificação e na defesa do doutorado.

À professora Cecília Hauresko, pelas contribuições e considerações, tanto na qualificação quanto na defesa.

Aos professores Luiz Alexandre Cunha e Marcelo Barreto, pelas contribuições durante a banca de defesa.

Ainda quero agradecer todas as pessoas e instituições que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a minha vida pessoal, profissional e acadêmica, neste momento de construção de tese.

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém.

(Paulo Freire)

RESUMO

SILVA, Wagner da. **Da erva-mate ao território dos ervateiros: dinâmicas e territorialidades em São Mateus do Sul – PR. 2024.** Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2024.

O presente trabalho tem como objetivo principal compreender a territorialização, a partir do consumo, da erva-mate em São Mateus do Sul-PR, de maneira multidimensional e relacional. Percebemos uma lacuna na abordagem territorial geográfica da erva-mate, pois as pesquisas encontradas, principalmente dissertações e teses, abordam os aspectos econômicos, socioambientais ou culturais. Portanto, nós propomos uma análise a partir do consumo. O foco se encontra no território, e como os sujeitos condicionam e são condicionados em relação ao consumo da erva-mate. Reconhecemos como sujeitos do território dos ervateiros todos os envolvidos no consumo da erva-mate, mesmo que de maneira indireta. A pesquisa se valeu de análises bibliográficas, documentais, jornais antigos, imagens, observações indiretas, questionário e entrevistas. A erva-mate é uma planta nativa existente em algumas regiões do Paraná e outros estados, que foi consumida primeiramente pelos povos nativos, posteriormente pelos caboclos, tendo sua característica de consumo modificada consideravelmente com a chegada de imigrantes, neste caso, principalmente de poloneses e alemães. Percebemos que algumas simetrias, dessimetrias e representações territoriais incentivam o consumo e exploração da erva-mate no território dos ervateiros, ressaltamos aqui a navegação a vapor no Rio Iguaçu, a Indicação Geográfica (IG) da erva-mate de São Mateus do Sul, bem como representações territoriais oficiais, no caso do hino e brasão, ou da própria sociedade civil organizada, nos casos da Rua do Mathe, Chimarródromo e das cuias. Foi possível perceber que o consumo da erva-mate, no território dos ervateiros, ocorre principalmente através do chimarrão, e que a influência de pessoas de maior idade, bem como de ações mercadológicas, ressaltam tal prática. Ocorre ainda, uma abordagem e destaque dos produtores de erva-mate que beneficiam a erva-mate, em sua propriedade, uma atividade que foi muito comum no passado recente, mas que se encontra enfraquecida.

Palavras-chave: Erva-mate; Consumo; Território; Ervateiros; São Mateus do Sul.

ABSTRACT

SILVA, Wagner da. **From yerba mate to the territory of mate producers: dynamics and territorialities in São Mateus do Sul – PR. 2024.** Thesis (Doctorate in Geography) – State University of Ponta Grossa, 2024.

The primary objective of this study is to understand the territorialization of yerba mate consumption in São Mateus do Sul-PR, through a multidimensional and relational approach. We have identified a gap in the geographic territorial approach to yerba mate, as existing research, primarily dissertations and theses, tend to focus on economic, socio-environmental, or cultural aspects. Therefore, we propose an analysis based on consumption. The focus lies on the territory and how individuals condition themselves, and are conditioned, in relation to yerba mate consumption. We recognize as subjects of the territory of yerba mate producers all those involved in the consumption of yerba mate, even if indirectly. The research utilized bibliographic and documentary analyses, old newspapers, images, indirect observations, questionnaires, and interviews. Yerba mate is a native plant found in some regions of Paraná and other states, initially consumed by indigenous peoples, then by the caboclos, with its consumption characteristics significantly altered by the arrival of immigrants, in this case, mainly Poles and Germans. We observed that certain symmetries, asymmetries, and territorial representations encourage the consumption and exploitation of yerba mate in the territory of the producers, highlighting here the steam navigation on the Iguaçu River, the Geographical Indication (GI) of yerba mate from São Mateus do Sul, as well as official territorial representations, in the case of the anthem and coat of arms, or by organized civil society, in the cases of Rua do Mathe, Chimarródromo, and the gourds. It was observed that the consumption of yerba mate within the territory of the mate producers primarily occurs through the traditional drink chimarrão, and that the influence of older individuals, as well as marketing strategies, emphasize this practice. Additionally, there is also an approach and emphasis on yerba mate producers who process yerba mate on their properties, an activity that was very common in the recent past but has now weakened.

Keywords: Yerba mate; Consumption; Territory; Mate producers; São Mateus do Sul.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Algumas relações entre as dimensões territoriais da erva-mate.....	47
Figura 2	Parte 1 das considerações de Rudolpho Wollf acerca do preço pago aos produtores de erva-mate de São Mateus.....	76
Figura 3	Parte 2 das considerações de Rudolpho Wollf acerca do preço pago aos produtores de erva-mate de São Mateus.....	77
Figura 4	Notícia da exportação de erva-mate para o continente europeu – 1897.....	81
Figura 5	Notícia da invenção do sapecador de Arnaldo Prohmann – 1916.....	83
Figura 6	Pedido de patente de invenção do malhador da erva-mate por Francisco Nadolny – 1904.....	84
Figura 7	Portos da navegação a vapor do rio Iguaçu.....	89
Figura 8	Nuvem de palavras contendo os termos mais repetidos pelos sujeitos na resposta aberta do questionário.....	122
Figura 9	Território da Indicação Geográfica (IG) São Matheus.....	139
Figura 10	Representação gráfica – selo – da IG São Matheus.....	148
Figura 11	Brasão do município de São Mateus do Sul.....	158

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Faixas etárias dos sujeitos da amostra.....	102
Gráfico 2	Gênero dos sujeitos da amostra.....	103
Gráfico 3	Profissões dos sujeitos da amostra.....	104
Gráfico 4	Renda média mensal individual dos sujeitos da amostra.....	106
Gráfico 5	Perímetro de residência dos sujeitos da amostra.....	107
Gráfico 6	Relação entre gênero e número de vezes que consome erva-mate por semana.....	109
Gráfico 7	Relação entre o gênero e grau de importância do consumo dos produtos à base de erva-mate.....	110
Gráfico 8	Produtos à base de erva-mate mais consumidos pelos sujeitos da amostra.....	111
Gráfico 9	Relação entre faixa etária e grau de importância dada ao consumo dos produtos à base de erva-mate.....	125
Gráfico 10	Relação entre faixa etária e forma que adquiriu o hábito de consumir produtos à base de erva-mate.....	126
Gráfico 11	Relação entre renda média mensal e critérios adotados para compra dos produtos à base de erva-mate.....	129
Gráfico 12	Relação entre o grau de importância dos produtos à base de erva-mate e o perímetro de residência dos sujeitos.....	131
Gráfico 13	Relação entre o número de vezes que consome produtos à base de erva-mate no período semanal e o perímetro de residência dos sujeitos.....	132

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Vista do Porto de São Mateus do Sul.....	90
Imagem 2	Primeira Versão do Vapor Pery.....	93
Imagem 3	Carregamento do Vapor Pery – última versão.....	93
Imagem 4	Carregamento de erva-mate no Vapor Leão – Porto de São Mateus.....	94
Imagem 5	Porto de São Mateus – fim da década de 1950.....	96
Imagem 6	Chá mate da Baldo para exportação - com selo da IG.....	145
Imagem 7	Reservatório de água em formato de cuia – São Mateus do Sul.....	151
Imagem 8	Cuia de chimarrão na área central de São Mateus do Sul (Monumento do Chimarrão).....	152
Imagem 9	Chimarródromo em São Mateus do Sul.....	154
Imagem 10	Portal de entrada 01 da Rua do Mathe – São Mateus do Sul – PR.....	160
Imagem 11	Portal da entrada 2 da Rua do Mathe, via BR-476.....	161
Imagem 12	Malhador de erva-mate, utilizado nos antigos barbaquás.....	162
Imagem 13	Placa de identificação do malhador.....	163
Imagem 14	Parte externa da estrutura para beneficiamento de erva-mate na propriedade do entrevistado 1.....	170
Imagem 15	Carijo para secagem da erva-mate – propriedade do entrevistado 1.....	171
Imagem 16	Estrutura para beneficiamento de erva-mate na propriedade do entrevistado 2.....	173
Imagem 17	Estrutura para beneficiamento de erva-mate na propriedade do entrevistado 3.....	174
Imagem 18	Sapegador para beneficiamento da erva-mate do entrevistado 4.....	175
Imagem 19	Carijo para beneficiamento da erva-mate do entrevistado 4.....	176
Imagem 20	Erva-mate plantada junto a residência e outros cultivos de autoconsumo.....	183

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Síntese das concepções dos autores utilizados neste texto.....	41
Quadro 2	Número de estabelecimentos agropecuários com 50 pés e mais existentes da lavoura permanente (unidades).....	60
Quadro 3	Número de estabelecimentos agropecuários com extração vegetal (unidades).....	61
Quadro 4	Quantidade em toneladas: erva-mate (folha verde) produzida a partir das lavouras permanentes 2018-2022.....	62
Quadro 5	Quantidade de erva-mate (em toneladas) extraída entre 2018-2022.....	63
Quadro 6	A construção do território dos ervateiros até o século XX.....	86
Quadro 7	Dimensões territoriais destacadas nas respostas abertas acerca da territorialização do consumo da erva-mate em São Mateus do Sul.....	115
Quadro 8	Características pessoais dos sujeitos entrevistados.....	165

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BPA	Boas Práticas Agrícolas
BPF	Boas Práticas de Fabricação
COFAECO	Cooperativa de Famílias de Agricultores Agroecológicos de São Mateus do Sul
CONJOVE	Conselho do Jovem Empresário
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDR-PR	Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná
IG	Indicação Geográfica
INM	Instituto Nacional do Mate
INPI	Instituto Nacional de Propriedade Industrial
PAM	Produção Agrícola Municipal
PEVS	Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura
PR	Paraná
RMC	Região Metropolitana de Curitiba
SEAB-PR	Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SIDRA	Sistema IBGE de Recuperação Automática
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UFPR	Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	O TERRITÓRIO A PARTIR DA MULTIDIMENSIONALIDADE.....	21
2.1	O TERRITÓRIO E AS TERRITORIALIDADES.....	22
2.2	TERRITÓRIO, ESPAÇO E DIMENSÕES.....	31
2.3	O TERRITÓRIO MULTIDIMENSIONAL E RELACIONAL.....	38
2.4	A ERVA-MATE E O TERRITÓRIO.....	43
3	A ERVA-MATE E A DINÂMICA TERRITORIAL EM SÃO MATEUS DO SUL – PR.....	51
3.1	A INFLUÊNCIA TERRITORIAL DA ERVA-MATE NO ESTADO DO PARANÁ.....	52
3.2	O TERRITÓRIO DOS ERVATEIROS A PARTIR DE SÃO MATEUS DO SUL – PR.....	59
3.2.1	O território dos ervateiros: temporalidades e dinâmicas da origem.....	64
3.3	TERRITÓRIO DOS ERVATEIROS: TEMPORALIDADES E DINÂMICAS A PARTIR DE OUTROS SUJEITOS.....	72
3.4	A ERVA-MATE, DINÂMICA TERRITORIAL, TEMPORALIDADES, REDES E OS MEIOS DE TRANSPORTE: A NAVEGAÇÃO A VAPOR DO RIO IGUAÇU.....	87
4	O TERRITÓRIO DOS ERVATEIROS: A DINÂMICA TERRITORIAL.....	98
4.1	CONHECENDO A AMOSTRA.....	101
4.2	AS DIMENSÕES TERRITORIAIS E O CONSUMO DA ERVA-MATE.....	108
4.3	AS DIFERENTES TEMPORALIDADES, TERRITORIALIDADES E PERCEPÇÕES ACERCA DO CONSUMO DA ERVA-MATE.....	123
4.4	OUTRAS FORMAS DE TERRITORIALIZAÇÕES E DINÂMICAS.....	128
5	AS DIMENSÕES E REPRESENTAÇÕES NO TERRITÓRIO DOS ERVATEIROS.....	134
5.1	AS REPRESENTAÇÕES DO TERRITÓRIO.....	135
5.1.1	Indicação Geográfica (IG) da erva-mate em São Mateus do Sul.....	136
5.1.2	Cuias.....	150

5.1.3	Chimarródromo.....	153
5.1.4	Hino e Brasão.....	155
5.1.5	Rua do Mathe.....	159
5.2	ENTRE O BENEFICIAMENTO E CONSUMO DA ERVA-MATE: DIMENSÕES E DINÂMICAS.....	164
5.2.1	Quem são os sujeitos?.....	165
5.2.2	O consumo da erva-mate de produção e beneficiamento próprios.....	167
5.2.3	Por que e como produzir e beneficiar a erva-mate em sua propriedade?	168
5.2.4	A territorialização pelo consumo da erva-mate beneficiada na propriedade.....	177
5.3	OS ELEMENTOS QUE INFLUENCIAM NO CONSUMO DA ERVA-MATE A PARTIR DO TERRITÓRIO DOS ERVATEIROS.....	178
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	180
	REFERÊNCIAS.....	185
	APÊNDICES.....	189

1 INTRODUÇÃO

A erva-mate é uma planta nativa da mata de araucárias, que surge de maneira natural em regiões dos estados do Paraná, Rio Grande Sul, Santa Catarina e, em menor intensidade, no sul de São Paulo e Mato Grosso do Sul. Os indígenas foram os primeiros seres humanos a fazerem uso das folhas de erva-mate, de uma maneira muito mais simbólica e racional. Com o passar dos tempos, outros sujeitos se apropriaram do uso das folhas de erva-mate, como os caboclos, imigrantes europeus etc., o que remodelou totalmente a forma de consumo, e sobretudo, criou uma apropriação muito mais mercadológica.

Neste sentido, a presente pesquisa tem como objetivo principal compreender como ocorreu a territorialização da erva-mate a partir do consumo, em São Mateus do Sul-PR. Apesar do foco ser o consumo, acreditamos que tal fato não diminui a importância dos elementos culturais, da produção familiar, do consumo, da comercialização e outras dinâmicas destacadas nesta pesquisa. Como objetivos específicos, esta pesquisa busca analisar as relações entre os diferentes sujeitos e processos, com a erva-mate, na construção do recorte territorial; evidenciar a relação entre as dimensões, dinâmicas, escalaridades, (i)materialidades e sujeitos; bem como verificar a relação entre as diferentes formas de consumo e importância da erva-mate no cotidiano dos sujeitos. Como hipótese inicial, acreditamos que o consumo e importância que os sujeitos dão à erva-mate, principalmente através do chimarrão, diminuam com o menor interesse dos sujeitos mais jovens, alterando totalmente a lógica e dinâmica da territorialização.

A erva-mate possui uma “territorialização natural” por ser uma planta nativa, mas que com a intencionalidade dos diferentes sujeitos, ganha aspectos territoriais que vão muito além da ocorrência biogeográfica. Compreendemos que o território, para a Geografia, é apropriado e disputado pelos sujeitos, sem ação humana não existe território, por isso colocamos territorialização natural entre aspas. Para tanto, realizamos uma abordagem a partir do conceito de território e suas características, como territorialidades, multidimensionalidade, temporalidades, escalaridades e (i)materialidades.

Com isso, denominamos de território dos ervateiros, como uma forma de reconhecer e analisar a territorialização que os sujeitos impõem à erva-mate, a partir do consumo, em São Mateus do Sul – PR. Por território dos ervateiros, consideramos

todos os sujeitos que tenham envolvimento direto ou indireto com a erva-mate, pois sabemos que, por ser uma planta nativa, não existe uma cadeia complexa de preparação da erva-mate, que demande de altas tecnologias, como a soja, por exemplo. O que existe é o adensamento ou plantio das plantas, que seguem e conformam as dinâmicas territoriais. Porém, isso não significa que a territorialização da erva-mate fique alheia às ações e intencionalidades humanas, que conformam o território.

A justificativa do conceito se dá por acreditarmos que a abordagem territorial possui uma abrangência, finalidade e complexidade de explicação da realidade que é condizente com nosso objetivo principal, dotado de múltiplas dimensões, que se interrelacionam. Não delimitamos um recorte temporal específico por conta de que enxergamos o território atual como resultado de uma série de processos, relações e temporalidades/descontinuidades/continuidades, que estabelecer apenas um período histórico engessaria a análise.

Abordamos os principais processos e sujeitos que contribuíram para que o território dos ervateiros tivesse seus contornos atuais, dentre os processos principais citamos: a navegação a vapor do rio Iguaçu, a chegada de imigrantes, sobretudo alemães e poloneses, a Indicação Geográfica da erva-mate, representações territoriais construídas pelo poder público, sociedade civil, ou parceria entre ambos, bem como os produtores/consumidores que beneficiam sua própria erva-mate para consumo, em suas propriedades. Dentre os sujeitos, como já citados aqui, estão os indígenas, caboclos, imigrantes alemães e poloneses, bem como a diversidade dos consumidores de erva-mate e seus derivados na atualidade.

O foco da pesquisa se encontra no território, que é construído pelos sujeitos, e como eles formam, modificam e constroem o território, visando sempre o consumo. O recorte territorial se justifica pelo fato de São Mateus do Sul ser um dos maiores produtores de erva-mate do Paraná e do Brasil, segundo o Censo Agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com isso, buscamos compreender como ocorrem tais dinâmicas territoriais neste recorte, bem como de que maneira o consumo de erva-mate afeta em tais territorialidades.

No início da pesquisa, buscamos, a partir do termo erva-mate, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), e encontramos, em sua maioria, pesquisas relacionadas, sobretudo às áreas do conhecimento de Engenharias Florestais, Ciência e Tecnologia de Alimentos, Agronomia, Química, Bioquímica,

Ciências do Solo e Geografia. Nesta última, de onde partimos, encontramos trabalhos que ligavam a erva-mate à Organização Espacial da Produção, Patrimônio Cultural, Capacidade de uso do solo e perda da terra e Territórios da Cidadania. Não encontramos nenhuma tese ou dissertação que abordasse a erva-mate a partir do consumo, muito menos no recorte territorial escolhido. Portanto, acreditamos que a presente pesquisa contribuirá para termos uma compreensão acerca do território e das territorializações construídas a partir do consumo.

Ir além dos números dos dados primários e buscar uma compreensão a partir da integração das informações foi a forma que encontramos para organizar e estruturar o raciocínio, nesse ponto o conceito de território contribui bastante, pois pode ser abordado de diferentes maneiras, variando de acordo com o método, visão do pesquisador, bem como das intencionalidades. A erva-mate faz parte do meu cotidiano e família desde muito tempo, seja como atividade econômica ou como hábito de consumo, o que influenciou muito na hora de escolhermos os caminhos da pesquisa. É interessante verificar com olhar científico os territórios que vivenciamos no dia a dia, e que muitas vezes não é possível perceber a complexidade que os formam.

A estrutura desta pesquisa é formada por quatro momentos principais, além deste inicial introdutório. Metodologicamente, optamos por não separar teoria de empiria, mas desde o primeiro capítulo é possível perceber a relação entre a abordagem territorial e a erva-mate/ervateiros. Conforme a pesquisa de campo vai ficando mais evidente, também não abandonamos a teoria, relacionando e contextualizando a partir da discussão territorial, sobretudo multidimensional.

O primeiro capítulo tem o objetivo principal de refletir os aspectos teóricos e metodológicos acerca do conceito de território. Para tanto, utilizamos e abordamos, principalmente, as ideias de Saquet, Fernandes, Raffestin, Deleuze e Guattari, Souza e Haesbaert. A partir de tais referências, compreendemos o território de maneira multidimensional e relacional, principalmente contemplando as diferentes territorialidades, dinâmicas territoriais e temporalidades. A concepção de um território que é dinâmica, processual e resultado das interações entre os sujeitos, é uma premissa que facilitará a compreensão do conceito.

No segundo momento, ocorre uma aproximação mais profunda entre o conceito de território, e as dinâmicas territoriais movimentadas pelos sujeitos/ervateiros em São Mateus do Sul - PR. Com o objetivo principal de relacionar

as diferentes dimensões, dinâmicas e temporalidades da erva-mate com o recorte territorial analisado, este capítulo aborda as relações territoriais desde os primeiros sujeitos do território dos ervateiros (indígenas), passando pelas dinâmicas inseridas pelos caboclos, posteriormente com a chegada de novos sujeitos, neste caso, sobretudo alemães e poloneses, e as relações que se estabeleceram entre eles e a erva-mate. Não obstante, ocorre uma análise ainda, de como a navegação a vapor no rio Iguaçu modificou as territorialidades da erva-mate em São Mateus do Sul.

Já na terceira etapa, objetivamos compreender como as dimensões territoriais e suas relações incidem no consumo da erva-mate em São Mateus do Sul. Para tanto, analisamos 446 questionários e respostas de consumidores de erva-mate e seus derivados, em São Mateus do Sul. Entender como o consumo da erva-mate é classificado em níveis de importância, bem como frequência, modo que adquiriu o hábito; relações entre informações pessoais, como renda, gênero, idade e localização da moradia e aspectos de consumo também foram levadas em consideração.

No último capítulo, nosso objetivo é analisar algumas representações, dimensões, simetrias e dessimetrias existentes no território dos ervateiros. Para tanto, recorreremos à análise documental, de imagens, entrevistas e observações indiretas de campo. Observamos algumas marcas e representações, existentes no território dos ervateiros, que foram estabelecidas pelos sujeitos, de maneira individual ou coletiva. As principais representações analisadas foram: a Indicação Geográfica (IG) da erva-mate em São Mateus do Sul, as cuias, o chimarródromo, a presença da erva-mate no hino e brasão do município, e por último, a Rua do Mathe. Além disso, também analisamos casos de produtores/consumidores que beneficiam a erva-mate em sua propriedade.

Acreditamos que o caminho metodológico de uma pesquisa deve ser claro, efetivo e que ao mesmo tempo organize as ideias e procedimentos, sem engessar o andamento. Para tanto, no primeiro capítulo, a abordagem bibliográfica baseou a análise teórica, que ocorre a partir de discussões de ideias dos autores já mencionados, publicadas, sobretudo, em livros que se encontram referenciados nesta pesquisa. Porém, ocorre ainda uma primeira aproximação ao objeto de estudo: a relação da erva-mate com os sujeitos, chamados de ervateiros.

Os aspectos metodológicos do segundo momento foram: buscas na Hemeroteca Digital Brasileira, onde acessamos recortes de jornais escritos nos séculos XIX e XX; pesquisa documental, para estabelecermos relações e

comparativos entre dados estatísticos da erva-mate em São Mateus do Sul, bem como leituras e reflexões de autores que trabalham tanto com o território, principalmente Saquet, quanto com a erva-mate, sobretudo Lazier; Costa; Lessa; Berkai e Braga; e Linhares. Também buscamos autores que abordassem os sujeitos que construíram o território dos ervateiros e suas relações com a erva-mate, para tanto, utilizamos dos escritos de Riesemberg, Wachowicz, Farah, Chmyz, Chrostowski, Martins e outros.

Na terceira etapa, construímos e aplicamos um questionário online, entre os dias 15 e 30 de maio de 2021, via Google Forms, (de acordo com o modelo em anexo). Os objetivos principais da aplicação das perguntas foram compreender a aceitação, comportamento e perfil do público que consome erva-mate e seus derivados, bem como entender a relação entre as dimensões de territorialização no território dos ervateiros. O público-alvo é composto apenas por moradores de São Mateus do Sul. Como forma de difusão do link do questionário, utilizamos as redes sociais Facebook e WhatsApp, bem como houve a vinculação de uma reportagem no Programa Bom dia São Mateus, da Rádio Difusora do Xisto - RDX, neste município. Empiricamente, percebemos que este programa de rádio possui uma audiência popular muito grande, o que nos confirmou a partir das 446 respostas obtidas, somando uma amostragem de mais de 1% da população sãomateuense. A análise das respostas se deu através da organização do conteúdo no Google Planilhas, posteriormente houve a utilização do software NVivo Plus 11, para organização dos gráficos, bem como relações entre as respostas e perfis dos sujeitos.

Já no último capítulo, a metodologia variou entre a construção e aplicação de entrevistas com roteiros semiestruturados (em anexo). Houve uma construção do roteiro e aplicação com um membro da diretoria da Indicação Geográfica (IG), bem como um roteiro e aplicação com produtores/consumidores que beneficiam a própria erva-mate. Também realizamos a análise de documentos e regulamento no caso da análise da IG; além de observações indiretas (com anotações livres) e pesquisas através de notícias nas outras representações territoriais. A tabulação manual das informações foi base para a análise do conteúdo, além de reproduzirmos as gravações feitas durante as visitas e entrevistas.

Compreender a territorialização da erva-mate a partir do consumo, em determinado recorte territorial, demanda estabelecer as relações entre as diferentes temporalidades, sujeitos, dimensões e dinâmicas. Portanto, pensamos em tais

aspectos desde o início, o resultado completo do período da pesquisa segue nas próximas páginas.

2 O TERRITÓRIO A PARTIR DA MULTIDIMENSIONALIDADE

Neste primeiro momento, pensamos que seja necessária uma discussão acerca do conceito trabalhado na presente pesquisa. O presente capítulo tem como objetivo refletir sobre o território, principalmente através das perspectivas de Saquet, Fernandes, Raffestin, Deleuze e Guattari, Souza e Haesbaert. Consideramos que é salutar para a pesquisa, o contraponto das ideias de autores, mesmo que por algumas vezes abordem o conceito por perspectivas diferentes. Neste caso, consideramos como ideias basilares as de Deleuze e Guattari, além de Raffestin, também encontramos uma concordância mais próxima entre as ideias de Saquet e Fernandes, em contraponto das de Haesbaert e Souza.

Entendendo o território de uma maneira multidimensional, propomos uma primeira aproximação ao território dos ervateiros¹. Escolhemos o território por acreditar que esse conceito abarca principalmente as ações humanas a partir do espaço geográfico, que podem ser tomadas de maneira mais objetiva ou subjetiva, bem como intencional, material ou simbólica. Portanto, pensamos que seja o conceito que tenha uma maior aproximação com a nossa pesquisa.

O território dos ervateiros também vai de encontro ao que Souza (2016) coloca, considerando que para este autor, a territorialização de um espaço ocorre por inúmeras circunstâncias, como, por exemplo, a cobiça aos recursos naturais ali existentes, simbologia cultural e representativa, bem como os aspectos econômicos, políticos, demográficos, socioambientais, além de outros elementos.

Para tanto, inicialmente discutimos as concepções de território para os já mencionados autores, destacando as territorialidades. Em um segundo momento destacamos as diferenças encontradas entre espaço e território, já que pensamos o espaço como anterior ao território, torna-se importante realizar essa diferenciação já nos primeiros momentos, bem como ocorre uma análise das dimensões territoriais, compreendendo o território como uma totalidade formada por tais dimensões. Como terceiro momento, contextualizaremos o território sob uma perspectiva multidimensional e relacional, isto é: entendo a totalidade das dimensões e as

¹ Uma análise inicial foi realizada em: SILVA, Wagner; ROSAS, Celso Antonio da Fonseca. Da erva-mate aos ervateiros: uma análise de sua dinâmica territorial no município de São Mateus do Sul, PR. **Terr@ Plural** [S. l.], v. 16, p. 1–16, 2022. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/17564>>. Acesso em: 20 jan. 2024.

relações que se estabelecem a partir delas. Por último, no presente capítulo, há uma aproximação mais efetiva entre os elementos territoriais e a erva-mate.

Analisar as diferentes dimensões territoriais não significa esgotar as possibilidades de pesquisa, muito menos compreender um território fragmentado. Portanto, nossa intenção inicial é subsidiar as discussões posteriores entre a erva-mate em São Mateus do Sul, sobretudo a partir do consumo e influência no cotidiano, e o conceito de território.

A metodologia aplicada ao presente item é a bibliográfica, através de textos escritos pelos autores já mencionados, porém ocorre ainda uma primeira aproximação ao objeto de estudo: a relação da erva-mate com os sujeitos, chamados de ervateiros. Acreditamos que é essencial tecer tais relações e aproximações desde os primeiros momentos da pesquisa. Esses primeiros encadeamentos ocorrem a partir do conceito trabalhado e as territorialidades gerais da erva-mate, porém, em alguns momentos já pensamos a partir do recorte territorial de São Mateus do Sul - PR.

Entendendo o território a partir dos seus elementos objetivos e subjetivos, temos consciência que os processos territoriais acontecem muito além das ações do poder público, para tanto, recorreremos a este conceito, que ressurgiu na Geografia a partir da perspectiva crítica, e que objetiva explicar diferentes realidades e interações entre sujeitos e grupos sociais.

2.1 O TERRITÓRIO E AS TERRITORIALIDADES

Deleuze e Guattari (1997) estão entre os primeiros autores que concebem o território de uma maneira que auxilie na compreensão de um conceito renovado, que venha de encontro à leitura de um território a partir das desigualdades, conflitualidades e dinâmicas. Mesmo não sendo da Geografia, compreendemos que a contribuição filosófica deles é de suma importância para a “virada de chave geográfica”. Neste sentido, ao fazer uma primeira aproximação do território, encontramos a seguinte definição:

No entanto, não temos ainda um Território, que não é um meio, nem mesmo um meio a mais, nem um ritmo ou passagem entre meios. O território é de fato um ato, que afeta os meios e os ritmos, que os "territorializa". O território é o produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos. Dá na mesma perguntar quando é que os meios e os ritmos territorializam-se, ou qual é a diferença entre um animal sem território e um animal de território. Um território lança mão de todos os meios, pega um pedaço deles, agarra-os (embora permaneça frágil frente a intrusões). Ele é construído com aspectos ou porções

de meios. Ele comporta em si mesmo um meio exterior, um meio interior, um intermediário, um anexado. Ele tem uma zona interior de domicílio ou de abrigo, uma zona exterior de domínio, limites ou membranas mais ou menos retrateis, zonas intermediárias ou até neutralizadas, reservas ou anexos energéticos. Ele é essencialmente marcado por "índices", e esses índices são pegos de componentes de todos os meios: materiais, produtos orgânicos, estados de membrana ou de pele, fontes de energia, condensados percepção-ação. Precisamente, há território a partir do momento em que componentes de meios param de ser direcionais para se tornarem dimensionais, quando eles param de ser funcionais para se tornarem expressivos. Há território a partir do momento em que há expressividade do ritmo. É a emergência de matérias de expressão (qualidades) que vai definir o território (Deleuze; Guattari, 1997, p. 105).

A partir desta primeira aproximação filosófica do conceito de território, percebemos que a complexidade deste se dá justamente por ser um meio e um produto. As ações dos sujeitos são preponderantes para além de ditar o ritmo, mas também estabelecer marcas territoriais. Também é possível pensar em um território para além da materialidade, já que as ações tendem a surgir, inicialmente, dentro do campo imaterial. Já as dimensões estão ligadas às expressões do território, variando de acordo com a área do conhecimento que realiza a abordagem.

Deleuze e Guattari (1997) ainda deixam claros outros dois aspectos fundamentais para se compreender o território: a) a subjetividade, já que toda ação humana é passível e marcada por ela, que está relacionada às vivências, objetivos e o que diferencia os sujeitos. Tal diferenciação, para estes autores, é o que vai formar a territorialidade; b) a apropriação particular que cada sujeito imprime ao território, uma vez que o território, para estes autores, está ligado diretamente ao local que os sujeitos se sentem "em casa", e a partir disto, materializa e imaterializa elementos que guardem e conservem seu território.

O agenciamento, que aparece em Deleuze e Guattari (1997) como forma de apropriação e relação com terceiros, é mais um exemplo de como a subjetividade está posta na apropriação territorial para estes autores. Obviamente que para analisar o território dos ervateiros a partir do consumo, devemos levar em consideração tais subjetividades a partir da realidade. Dentro da relação conceito-realidade, o primeiro elemento deve surgir em razão do segundo, como uma ótica de explicação da realidade, considerando a dinâmicas e as mudanças que ocorrem a partir de diferentes períodos e processos.

Neste sentido, segundo Haesbaert (2011), cada área do conhecimento que trabalha com o conceito de território tende a focar numa determinada perspectiva, por

exemplo: a cultural e simbólica é o enfoque da Antropologia. A Ciência Política tende a analisar as relações de poder, na maioria das vezes centrada no Estado. Já para Psicologia, torna-se importante a construção da subjetividade. No que diz respeito à Geografia, para este autor, a materialidade se torna central, dentro de uma leitura multidimensional de sociedade e natureza, o que não significa acreditar que não existem dimensões que se destacam mais ou então que são priorizadas numa determinada análise territorial, ou então que a imaterialidade seja desprezada.

De acordo com Saquet (2011), o conceito de território foi uma importante possibilidade utilizada para a renovação geográfica brasileira que ocorreu a partir da década de 1960. Sendo assim, a geografia clássica, positivista e descritiva vai sendo superada por uma nova geografia, que busca superar a descrição e dicotomia, além de elucidar o papel do Estado, as desigualdades, degradações e conflitos. Mas para toda essa superação, torna-se necessário um conceito dinâmico, que seja aplicável em diferentes realidades e acima de tudo reconheça e dê conta dos inúmeros movimentos de continuidades e descontinuidades existentes em cada recorte. A análise territorial das dinâmicas da erva-mate deve ir além das descrições e quantificações dos pés e produção, mas também pensar quais elementos territoriais a cadeia da erva-mate movimento no território, considerando todos os processos que fazem parte dela.

A partir disso, Fernandes (2006) defende uma visão ampla do território, considerando a multidimensionalidade que nele pode ser abordada, para que com isso ganhe maior aplicabilidade e potencial no tocante à compreensão da realidade. Existem inúmeras outras formas de pensar o território de acordo com o método de pesquisa empregado, mas a maioria delas leva em consideração as relações de poder dos mais variados âmbitos, em alguma escala, na construção conceitual. Pensar o poder em várias escalas geográficas e situações é o caminho para se desenhar uma discussão de território para além da forma mais tradicional.

Já para Souza (2016, p. 96), o território é definido como “relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte, sobre um substrato referencial”. Se compreendermos que o poder é a base para a existência do território, se deve pensar o poder para além do Estado, já que toda e qualquer relação social é imbricada de poder, institucionalizada ou não. Enquanto “espacialmente delimitadas”, delimitar tais processos e fatos no tempo e no espaço é a essência da análise territorial. A partir da

junção espaço e poder, este autor define ainda que o espaço territorializado, é em última análise, um instrumento de exercício do poder.

Na concepção de Souza (2016, p. 87), “[...] o poder só se exerce com referência a um território e, muito frequentemente, por meio de um território.” Para nós, fica claro que o destaque da análise territorial, para este autor, é a ótica do poder, porém não apenas do poder estatal, mas também as diferentes formas que este elemento pode aparecer na conformação dos territórios. Consideramos esta uma forma de abordagem do conceito de território.

No que diz respeito às diferentes formas de abordagens territoriais, Saquet (2011) coloca que a concepção de território mais apropriada necessita ser definida pelos pesquisadores de acordo com suas ideologias e intencionalidades políticas. Para compreender uma realidade e que o conhecimento produzido seja de fato relevante para os sujeitos estudados ou então para próximos pesquisadores interessados na problemática territorial.

Para Raffestin (1993), o território é o resultado do que ocorre a partir da apropriação do espaço, onde existem imbricadas relações de poder, articuladas de maneira individual ou coletiva, e que coexistem a partir de todas as relações sociais. São essas relações de poder que configurarão o arranjo territorial, variando de acordo com as características anteriores existentes, bem como o nível de intensidade das conflitualidades. Diante disso, pensamos que o espaço antes de uma apropriação territorial propriamente dita, que no caso da erva-mate, seria o adensamento e o afloramento da dimensão econômica, depende muito da ocorrência natural desta planta. Não que em outros territórios ela não possa ter influência direta, mas naqueles locais em que ela ocorre de maneira natural, sua influência é pioneira e direta.

Pelo pressuposto de definições, Saquet (2008) aponta que o território é fruto de um movimento relacional e histórico, com permanências e mudanças, multitemporal e multiescalar. A partir da análise articular e multidimensional do território, podem ser percebidas diferentes territorialidades, tanto no espaço quanto no tempo. O significado que o consumo da erva-mate tem na atualidade é resultado do processo relacional e histórico que se desenhou ao longo dos tempos, porém não percebemos como uma questão estática, mas sim dinâmica, através de mudanças e permanências.

Em Saquet (2011), há uma reafirmação do caráter relacional e temporal do território, analisando a partir das ideias de diferentes autores basilares para o método

dialético. Na mesma linha da conceituação, Fernandes (2006, p. 33) destaca sua compreensão do conceito:

O território é o espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder. Esse poder, como afirmado anteriormente, é concedido pela receptividade. O território é, ao mesmo tempo, uma convenção e uma confrontação. Exatamente porque o território possui limites, possui fronteiras, é um espaço de conflitualidades.

Por outro lado, Haesbaert (2011) coloca que o território é resultado da dominação concreta do espaço, tal dominação pode ocorrer de maneira mais direta, como a materialidade, ou então a partir das esferas políticas e jurídicas. Uma análise não exclui a outra, e se pode compreender que a partir das relações entre tais dominações, vai se construindo a trama territorial. Para esse autor, o território ainda pode surgir a partir da apropriação simbólica (não exatamente capitalista), por um determinado grupo social. O que se percebe são diferentes níveis e intencionalidades no processo de apropriação. Tais apropriações simbólicas podem ser vistas no bojo de hábitos, como compartilhar uma cuia de chimarrão durante uma roda de conversa com amigos e familiares, dando um significado afetivo para aquele momento e sujeitos, bem como crer nas propriedades curativas e revigorantes que a erva-mate possui.

Nessas primeiras articulações e definições, é possível observar que o território não é estático, e apesar de existirem permanências, as mudanças ocorrem de maneira contínua. Apesar de algumas ideias adotadas por Saquet e Fernandes serem diferentes e divergirem das de Haesbaert e Souza, é possível perceber que as conflitualidades presentes no território marcam sua dinâmica e exercem influência direta sobre os aspectos territoriais, tais conflitualidades também fazem parte da dinâmica relacional, já que elas não ocorrem de maneira isolada entre si, muito menos no tempo e espaço.

Considerando que a perspectiva teórica também é um território em disputa e cada pesquisador segue o raciocínio que julga mais apropriado, se pode perceber que as dinâmicas territoriais não ocorrem apenas de maneira material.

A apropriação que ocorre na dinâmica territorial tem diferentes concepções, neste sentido, varia desde a apropriação comercial (consumo) até o significado particular e afetivo dado ao território. Esta apropriação ocorre de maneira diversa, é como se comparasse qual o significado da erva-mate para as populações indígenas

que consumiam essa planta há mais de 500 anos, com um grande produtor, que produz todos os anos várias toneladas do produto. O objeto de pesquisa é o mesmo, porém será que o sentido da apropriação será o mesmo? Acreditamos que não, mas ambos configuram a apropriação territorial, portanto devem ser levadas em consideração, dependendo do enfoque da análise.

Deleuze e Guattari (1997), ao pensarem no movimento de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, marcam novamente a subjetividade e os aspectos materiais e imateriais do território. Apesar de, depois de um território já conformado, existir a possibilidade de mudanças e transformações de características, assim o desterritorializando; novas características e até grupos de sujeitos surgirão, ocasionando a reterritorialização a partir de novas realidades e contraposições. Portanto, dentro da análise do território dos ervateiros, objetivamos compreender quais grupos de sujeitos e fatores importantes condicionaram as suas características atuais.

Através da perspectiva de Haesbaert (2011), o território não pode ser concebido simplesmente através da materialidade do objeto, partindo exclusivamente da empiria, porém também não deve ser visto como uma mera ferramenta analítica ou apenas conceitual, onde na maioria das vezes, eleito e recortado pelo pesquisador, torna-se desconectado da realidade empírica. O território não é resultado somente da análise frente ao real, muito menos fruto de uma invenção teórica isolada, ele emerge da relação processual e constante entre esses dois elementos. A aplicabilidade da análise territorial vem do produto entre tais enfrentamentos. As conflitualidades são comuns e constituem o território dos ervateiros, pois a partir de diferentes interesses acerca do cultivo, produção e consumo desta planta, se desenvolvem elementos territoriais diversos.

Segundo Raffestin (1993), inúmeras são as possibilidades de um sujeito construir seu território, porém a comunicação é necessária em todas elas, mesmo que seu território vivido/visto seja aparentemente isolado (o que é impossível na atualidade). As comunicações variam de acordo com sua intensidade, mas elas estão presentes em todas as construções territoriais, um caminho de comunicação pode ser estabelecido entre dois pontos de uma superfície, porém ele não é o único, pode haver outros, já se considerarmos três pontos nessa superfície temos o estabelecimento de uma rede, o que aumenta consideravelmente a complexidade da comunicação. A comunicação é essencial para a configuração de um território, já que ela facilita a troca

de elementos deste com outros sujeitos e objetos que não são originalmente encontrados ali, como é o caso do deslocamento e transporte da erva-mate, para servir de cultura, em áreas que ela naturalmente não surge.

Se a concepção do território é plural, automaticamente a ideia de territorialidade acompanha essa mesma perspectiva. Nesse sentido, as territorialidades, para Fernandes (2006), são compostas pelas disputas, conflitos e conflitualidades existentes no território, ou seja: aquilo que torna o território um território. Portanto, se o território é resultado das ações humanas em seus mais variados âmbitos, não é possível considerar apenas que a “territorialização natural”, que acontece a partir da área de ocorrência da erva-mate nativa, seja suficiente para dar conta da complexidade de tal objeto de estudo.

A territorialidade é a manifestação dos movimentos das relações sociais mantenedoras dos territórios que produzem e reproduzem ações próprias ou apropriadas. Além de constituir um território, há a necessidade da manutenção dele, já que as disputas por poder são incessantes, aí depende do grau de coesão e adaptação que cada sujeito impõe em sua construção territorial.

Já Raffestin (1993), compreende territorialidade como um valor particular, as múltiplas vivências dos sujeitos que constroem o território, resultante de relações produtivistas ou existenciais. As relações existenciais ou produtivistas variam de acordo com o grau de apropriação do território, bem como as características do grupo, instituição ou pessoa que realiza essa apropriação.

Para Raffestin (1993), a noção de territorialidade surge no mundo animal, para identificar o domínio territorial das diferentes espécies animais, já no âmbito do ser humano existem muitas falhas no mapeamento e análise de nossas territorialidades. Uma das principais falhas apontadas pelo autor é o excesso de determinismo na análise antrópica, ao pensar a territorialidade apenas como uma simples ligação com o espaço, deixa-se em segundo plano a intencionalidade e a racionalidade humana. Para suprir parte dessa lacuna, ele compreende a territorialidade de maneira tridimensional, fruto da relação sociedade-espaço-tempo, próximo de atingir a maior autonomia possível, respeitando os limites das relações, compreende-se a territorialidade dinâmica, com inúmeras variações ao longo do tempo. Tais variações não afetam os elementos de maneira igual, nem ao mesmo tempo, aumentando ainda mais a complexidade da análise.

De um lado da esteira, aparece a territorialidade estável, de outro a territorialidade instável, no meio das duas existem territorialidades com modificações parciais, quando dois, três ou mais elementos se modificam. As territorialidades para Raffestin (1993) ainda podem ser simétricas (quando ganhos e custos se equilibram) ou assimétricas (quando há um desequilíbrio entre os ganhos e custos). Outro componente importante da territorialidade é a relação entre os fatores internos e externos: o interno é aquilo que delimita o sujeito ou grupo como identidade, núcleo de ação (relações com o trabalho, não-trabalho, autoridade política, família etc.), já o externo é a relação que o grupo ou sujeito estabelece com grupos e sujeitos de fora de seus territórios, tais relações podem ser conflituosas ou pacíficas. Com isso se constrói um emaranhado de relações e produções territoriais.

Souza (2016) destaca que para dar inteligibilidade ao território, devemos fazer alguns exercícios de reflexão, principalmente no sentido de quem governa, domina ou exerce influência sobre esse recorte territorial? Também é importante pensar de que forma isso acontece, pois a ação incidirá diretamente no resultado. Para este autor, onde existir o domínio ou predominância de um grupo ou indivíduo, deve obrigatoriamente haver também o consentimento de outro, por isso, muitas vezes, nos questionamentos da legitimidade do domínio de um grupo sobre outro, a dinâmica territorial pode se inverter. Portanto, a configuração do poder se dá através do território, mesmo que seja um poder virtual. Um grupo ou indivíduo exerce poder sobre outro(s) a partir do substrato espacial, definido e delimitado, mesmo que esse seja muitas vezes confuso e emaranhado, existindo fronteiras muito além daquelas consideradas oficiais, delimitadas administrativamente.

No caso do território dos ervateiros em São Mateus do Sul, podemos perceber a influência de sujeitos e elementos que vieram de fora deste território, na construção territorial ervateira local, principalmente estabelecendo uma importância maior para a dimensão territorial econômica, que os indígenas e posteriormente os caboclos, não tinham estabelecido de maneira tão marcante assim.

Já Saquet (2008) acredita que a territorialidade é resultado e condição dos processos sociais e espaciais, significa movimento histórico e relacional. Sendo multidimensional, pode ser detalhada através das desigualdades e diferenças e, sendo unitária, através das identidades. As multiterritorialidades estão presentes e configuradas de acordo com o período histórico ao que se refere, bem como ao grupo

social que a constroem. Sabe-se que ao decorrer do tempo, mudam-se prioridades e elementos importantes dentro do arranjo territorial.

Deleuze e Guattari (1997, p. 106) colocam que:

A territorialização é o ato do ritmo tornado expressivo, ou dos componentes de meios tornados qualitativos. A marcação de um território é dimensional, mas não é uma medida, é um ritmo. Ela conserva o caráter mais geral do ritmo, o de inscrever-se num outro plano que o das ações. Mas, agora, esses dois planos distinguem-se como o das expressões territorializantes e o das funções territorializadas.

A partir da última análise, compreendemos que o território possui um viés qualitativo no sentido das ações, sujeitos e processos que ocorrem por e a partir dele. Portanto, as dimensões que serão abordadas em outro momento desta pesquisa, expressam antes de tudo, a organização do território, a partir das ações dos sujeitos.

Ao compreendermos o território a partir da subjetividade da apropriação, como propõem Deleuze e Guattari (1997), abrimos novas perspectivas para análise do território dos ervateiros, a partir dos principais elementos que construíram e constroem tal território. A territorialidade, para estes autores, está na margem do que eles chamam de código espécie, ou seja: aquilo que identifica os sujeitos como iguais. A partir do momento que representantes desta espécie começam a se diferenciar, seja de maneira mais individualizada ou em grupo, há o estabelecimento da territorialidade, que possibilita aos indivíduos a diferenciação entre eles.

Por toda parte onde a territorialidade aparece, ela instaura uma distância crítica intra-específica entre membros de uma mesma espécie; e é em virtude de sua própria defasagem em relação às diferenças específicas que ela se torna um meio de diferenciação indireta, oblíqua (Deleuze; Guattari, 1997, p. 114-115, grifos nossos).

Territorialidade e diferenciação, mesmo que indireta, são elementos essenciais para compreendermos a ideia de território colocada por Deleuze e Guattari (1997), portanto consideramos ainda as características do território como produtos de tais territorialidades. Pretendemos identificar as principais territorialidades e sujeitos do território dos ervateiros, a partir da abordagem relacional e multidimensional, já que entendemos que desta forma, conseguiremos uma aproximação e leitura de realidade, que possibilite uma compreensão temporal e crítica.

Saquet (2011, p. 46) destaca que “territorialidade corresponde a todas as relações sociais efetivadas pelos sujeitos entre si e com o espaço de vida; é marcada por elementos de mudanças e processos no movimento de territorialização que, por sua vez, gera o território.” As territorialidades constroem e formatam os territórios,

portanto está presente em tudo que é inerente à dinâmica territorial. Se a territorialidade, para este autor, significa relações de poder, ela é o que dá vida ao território.

Ainda para Saquet (2015), as territorialidades e temporalidades são coexistentes, relacionais e históricas. Com diferentes usos, ritmos, apropriações e domínios, o território é heterogêneo e desigual, variando entre os diferentes períodos e intervalos temporais. Apesar de a nível de Brasil, a erva-mate não representar uma dinâmica tão importante tanto no consumo, quanto na economia, em nível de Paraná e de São Mateus do Sul, esta se configura como um dos elementos mais importantes de construção e modificação territorial.

Quando Saquet (2011) afirma que o conceito ou noção de territorialidade pode se revestir de diferentes interpretações, de acordo com a forma de abordagem, indo das mais superficiais, passando pela ideia do Estado-Nação, até compreensões mais renovadas e completas, como é o caso da complexidade da vida cotidiana e relacional, afirma que o território está presente em inúmeras nuances e searas geográficas, inclusive nas diferentes realidades humanas. A arrecadação de impostos e regulamentação da produção e comercialização da erva-mate é um dos elementos que mais constituem influência do Estado diante desta planta, porém não é só dessa maneira que o território dos ervateiros se configura, e sim com diferentes sujeitos e processos, que territorializam diferentes dinâmicas e realidades.

Por fim, Haesbaert (2011), traz que a territorialidade está contida nos processos de vivência, pertencimento e utilização daquele recorte. O significado do território é amplo para os diferentes sujeitos, portanto a territorialidade se desenha a partir dos elementos contidos e ressignificados pelos seres humanos.

A partir das definições apresentadas, se pode perceber que a territorialidade é aquilo que configura o território como tal, variando para a dimensão de maior destaque para aquele grupo social, caracterizando o território a partir de inúmeras dimensões e relações sociais e temporais.

2.2 TERRITÓRIO, ESPAÇO E DIMENSÕES

É importante, nesta pesquisa, compreendermos inicialmente a diferenciação entre espaço e território, porque existe, segundo nossa linha de pensamento, uma relação de causa e consequência entre os dois conceitos. Considerando o espaço

como anterior e base para construção do território, tornam-se necessários tais esclarecimentos, visando evitar confusões futuras. Para tanto, elencamos ideias e análises que façam uma leitura territorial aos sujeitos do território dos ervateiros.

Para Haesbaert (2008), existiram distorções nos conceitos de espaço e território, dentro e fora de Geografia, pois durante um tempo eles foram deixados de lado em várias análises, dando a entender que tudo acontecia de maneira desterritorializada e fora de um arranjo espacial. Posteriormente, há a retomada desses dois conceitos, juntamente com uma banalização, onde tudo parecia ser explicado através dessas duas possibilidades.

Saquet (2008) aponta que no Brasil o espaço é considerado a “grande” categoria da Geografia, dotada de universalidade e que está presente na formação de todos os lugares e territórios. Para Raffestin (1993) espaço e território são conceitos e termos distintos, sendo que o espaço é anterior ao território. Esse autor aponta ainda que os geógrafos usaram os dois sem estabelecer um critério claro em suas análises, o que causou inúmeras confusões e diminuiu o potencial de compreensão da realidade.

O território se constrói a partir da ação antrópica intencional no espaço, ao se aproximar de maneira abstrata (familiaridade, por exemplo) ou concreta (se apossando materialmente) o ser humano “territorializa” o espaço. Tal apropriação demanda de energia e informação, ambos elementos necessários para impulsionar o trabalho de modificação. Em outras palavras, se consegue compreender que o espaço é o substrato para a construção do território, ou seja, nem todo espaço é território, mas todo território é espaço. Podemos refletir como o espaço dos ervateiros se tornou o território dos ervateiros? Acreditamos que sim, pois como substrato espacial temos o aparecimento natural da erva-mate na mata de araucárias e as primeiras relações dos primeiros habitantes deste local, que ainda era de estranhamento e conhecimento. Posteriormente, quando começou a ocorrer de fato a apropriação e consumo daquela planta, encontramos o início da territorialização dos ervateiros.

Qualquer projeto do uso do espaço, obrigatoriamente, passa pela territorialidade, seja de maneira cultural, demográfica, econômica, socioambiental ou política. Saquet (2008) concorda com Raffestin, quando aponta que muitos pesquisadores usam espaço geográfico como sinônimo de território, inclusive no sentido genérico, como resultado de contradições de natureza epistemológica. Saquet (2008) coloca que território e espaço não estão separados, e a definição de cada um

remete ao processo epistemológico, político e ontológico, além do método empregado na análise. Ainda para Saquet (2008), o território é um dos conceitos que mais vêm sendo discutidos nas últimas décadas, e apesar disso, ainda se observa uma amplitude muito grande em sua utilização, criando grande risco de perder aplicabilidade e se tornar um termo usado sem fundamentos ou uma epistemologia adequada, assim banalizando a discussão

Nesse mesmo sentido, Fernandes (2006) também acredita que o espaço geográfico (material ou imaterial) é a base para a formação do território, já que a formação do segundo só se dá a partir da fragmentação do primeiro. Esse autor ainda esclarece que o espaço político é diferente de espaço geográfico, sobretudo nas dimensões, conteúdos e formas. O espaço político não possui área, apenas dimensões, podendo ser ideologias ou correntes teóricas. Ainda segundo o autor, o espaço é perene e o território é transitório, pois depende da intencionalidade do grupo social que o constrói. Tal intencionalidade pode ser vista de maneiras diferentes a partir do território dos ervateiros, uma vez que os diferentes sujeitos que o comporam/õe, imprimem ritmos, apropriações, visões e ações diferentes frente à produção, beneficiamento e consumo da erva-mate.

Para Haesbaert (2008), um conceito, seja ele espaço, território ou outro, sempre vai estar condicionado histórica e geograficamente de acordo com os sujeitos que o constroem. Além disso, todo conceito é originado de um problema, a partir de uma releitura ou mesmo de uma problemática nova. Nenhum conceito é isolado, ou seja, todos eles são heterogêneos e múltiplos, sendo remetidos e remetendo sempre a outros problemas, e por sua vez, a outros conceitos. Nenhum conceito pode ser confundido com as coisas, mesmo que eles se revistam na realidade, são absolutos e relativos ao mesmo tempo. A discussão entre teoria e empiria perpassa pela ideia do conceito e realidade, portanto mesmo que o espaço seja considerado uma categoria e o território um conceito, é necessária a noção que os dois possuem relações e diferenças.

Haesbaert (2008, p. 105) compreende a distinção entre espaço e território da seguinte maneira:

[...] não se trata, evidentemente, de distinguir de maneira [...] rígida espaço de território. Embora não equivalentes, como se referiu Raffestin, espaço e território nunca poderão ser separados, já que sem espaço não há território – o espaço não como um outro tipo de "recorte" ou "objeto empírico" (tal como na noção de "matéria-prima preexistente" ainda não apropriada [em Raffestin]) mas, num âmbito mais epistemológico, como um outro nível de

reflexão ou um "outro olhar", mais amplo e abstrato, e cuja "problemática" específica se confunde com uma das dimensões, fundamentais, da sociedade, a dimensão espacial. Ao território caberia, dentro desta dimensão, um foco centralizado na espacialidade das relações de poder.

Na distinção de território e espaço, para Haesbaert (2008), o autor coloca que são diferentes olhares lançados para conceitos diferentes, sendo que o espaço apresenta uma amplitude maior, o que varia de acordo com a problemática escolhida por cada pesquisador. Percebendo o território como a apropriação de um sentido dotado de múltiplas relações de poder.

Ainda, em Haesbaert (2008, p. 103-104), "a própria construção do "território" irá adquirir feições diversas de acordo com a espacialidade à qual aparecer prioritariamente vinculada, em suas múltiplas dimensões (nesse entrecruzamento entre o vivido, o percebido, o concebido, e o absoluto, o relativo e o relacional)." Com isso, se pode compreender que para este autor, nem todo espaço é território, mas todo território é oriundo da apropriação em diversos sentidos que ocorre do espaço. Existe ainda a variação escalar na conceituação espacial, pois a apropriação territorial, apesar de multidimensional, ocorre de maneira diversa frente ao espaço.

Souza (2016) destaca que o conceito de território é um dos que mais sofrem tentativas de redefinição e acrisolamento. Alerta também para os problemas que utilizar o termo território sem o devido rigor científico e epistemológico pode causar, já que além de perder "aplicabilidade", o termo território ainda pode sofrer distorções, como ser compreendido apenas pela ótica do poder público. No que tange a diferença entre espaço e território, Souza (2016, p. 78) aponta que:

Para muita gente – curiosamente, até mesmo para pesquisadores profissionais –, o vocábulo "território" é, ainda hoje, quase que sinônimo de espaço geográfico. Não que lhes escape a tradicionalíssima vinculação entre essa palavra e o discurso político do Estado-nação ("território nacional"), ou que lhes escampem mesmo as alusões a relações de poder em geral. Ao mesmo tempo, muitos, e mesmo geógrafos e cientistas políticos, usam, no cotidiano e até em seus textos acadêmicos o termo de um modo que poderia parecer "descuidado", por tomarem o território em um sentido bastante genérico.

A partir de então, abre-se espaço para um pensamento sistematicamente estruturado, baseado em noções de causas e consequências: se o espaço é a matéria-prima para o território, esse segundo vai depender de como se constituía o espaço antes dele ser construído, e de que forma ocorreu a apropriação antrópica, gerando assim diversos territórios. Nesse sentido, Raffestin (1993) esclarece que o conhecimento desempenha papel primordial, já que o nível de conhecimento de cada

grupo social, empresa ou indivíduo que se territorializa vai interferir proporcionalmente na construção territorial. A ligação entre os objetivos intencionais de cada territorialização e práticas (como ela aconteceu/acontece) passa pela organização e disposição do conhecimento discutido e aplicado.

As técnicas, racionalização e objetivos da construção territorial dos ervateiros são fundamentais para compreender como este território está configurado na atualidade, no que diz respeito ao consumo, não conseguimos notar grandes diferenças do início até o momento atual, porém no plantio, beneficiamento e comercialização, notamos rupturas e modificações marcantes. Tais elementos também possuem ligação estreita com o poder exercido entre os diferentes grupos de sujeitos que compõem o território.

Pensar o poder no território, para Raffestin (1993), significa ir além daquele dado como pronto num primeiro momento, aprofundar e esmiuçar as inúmeras relações de poder contidas dentro de um território é essencial para compreendê-lo e posteriormente explicá-lo, dominá-lo etc. Com isso, pode se pensar a representação por símbolos como um conhecimento necessário para o território, por isso que a cartografia, por exemplo, historicamente foi utilizada pelos grandes impérios, e hoje é utilizada de maneira mais usual e popular, porém com a mesma intencionalidade: materializar e representar graficamente os comportamentos de poder.

Em uma abordagem cartográfica e partindo dos símbolos, podemos pensar a importância que a erva-mate apresentou para a instalação das Missões Jesuíticas, durante a colonização espanhola, e compararmos com os croquis e mapas elaborados por produtores, tarefeiros e indústrias, buscando mapear os epicentros de produção.

Separando os subconjuntos do sistema territorial, as formas de suas relações, Raffestin (1993) aponta inicialmente a tessitura como produto de tais imbricações, definindo e caracterizando os limites do território. Falar de território obrigatoriamente consiste em considerar limites, estabelecer uma escala geográfica na superfície para cada fenômeno, incluindo aí as relações sociais. Pensar limites também nos objetivos, pois quando um grupo social estabelece um objetivo naquele território, ele se limita com os objetivos de outros grupos que geram convivências. Desse modo, formam-se duas tessituras: a suportada (que tenta maximizar o controle do grupo) e a desejada (tenta otimizar o campo de operações do grupo). Tais tessituras compõem a delimitação, portanto atuam diretamente na organização dos territórios, tanto de forma

externa: disposição de vários territórios, quanto de forma interna: organização territorial.

Para Haesbaert (2011), o poder é visto como fruto relacional, e não como uma propriedade privada, da qual se pode tomar a posse, o poder está inserido ainda, não apenas em relações sociais instituídas concretamente, mas também nos elementos representativos que elas constroem, e, por outro lado, também produzem outras relações mais ou menos concretas. Dessa maneira, não é correto separar o poder institucionalizado de outros mais simbólicos ou abstratos.

Considerando que a compreensão do território passa pela assimilação de seus elementos, Raffestin (1993) nos traz a organização de um sistema territorial. Os elementos construtores, para esse autor, são as superfícies, os pontos e as linhas, já os sistemas trazem os objetivos, ações, conhecimentos e práticas. A produção territorial acontece a partir das relações entre os elementos e os sistemas, desde o Estado até o indivíduo, todos produzem território. Para o geógrafo cabe interpretar essas construções para dar legibilidade ao território. Obviamente que uma pesquisa parte de um determinado momento da história, devemos considerar as dinâmicas territoriais que já aconteceram ali e aquelas que ainda acontecem, devido ao complexo comportamento que o território se constrói.

Uma organização territorial pensada através de pontos e redes é proposta dentro do sistema territorial de Raffestin (1993). Esse autor esclarece que nas nodosidades territoriais ou pontos acontecem as localizações e reagrupamento dos indivíduos.

Didaticamente, há uma infinidade de pontos para se pensar: uma aldeia, bairro, cidade, vila, áreas de cultivo e extração de erva-mate e outras plantas. Já a rede, Raffestin (1993) define como um sistema de linhas onde se desenham as tramas. Ela pode ser abstrata ou concreta, passando pela materialidade ou imaterialidade, aumentando ainda mais a complexidade territorial. Ela pode assegurar a comunicação desde que não seja uma rede que delimita uma fronteira ou limite, se for nesse caso ela gera uma ruptura ou dificulta a comunicação entre os elementos territoriais. Pensar uma linha férrea que liga dois pontos significa pensar uma rede que favorece a comunicação, porém se essa mesma rede cortar um bairro ela vai desfavorecer a comunicação naquele local, se tornando assim uma barreira. Toda rede é uma imagem do poder, em outras palavras as redes consistem na materialização do poder dos grupos dominantes.

Da mesma maneira, uma hidrovía instalada em um local, faz com que um grupo de sujeitos possa ter acesso mais fácil aos outros centros, porém se nem todos tiverem condições de acesso, esta rede pode ser tornar mais um instrumento de exclusão e propulsor de desigualdade. Propomos mais adiante, nesta pesquisa, analisar a influência que a hidrovía do rio Iguaçu exerceu no território dos ervateiros, e a quem ela possibilitou um acesso mais facilitado, principalmente à capital Curitiba, durante os séculos XIX e XX.

Haesbaert (2011) lista quatro principais vertentes de concepções territoriais dentro da ciência geográfica: a primeira e mais difundida é a política ou jurídico-política - onde o território é tido como um espaço controlado e delimitado através do poder (na maioria das vezes pelo próprio Estado). A segunda é a simbólico-cultural ou cultural, em que a subjetividade e a simbologia são priorizadas, nessa dimensão o território é compreendido a partir da apropriação afetiva e simbólica do espaço vivido. Existe ainda a concepção naturalista, que parte da análise da relação sociedade e natureza, principalmente do comportamento “natural” humano frente ao seu ambiente físico. Por último, aparece a vertente econômica, a qual prioriza o território como local de embate entre classes sociais, fonte de recursos e construído a partir da relação capital-trabalho.

Independente da dimensão tratada anteriormente, torna-se importante pensar nas imbricações de cada uma delas a partir das análises territoriais, principalmente no que diz respeito à relação teoria-empíria. Para tanto, Haesbaert (2011) coloca que as perspectivas teóricas do território, compreendidas como uma possibilidade mais ampla de análise, contribuem para o enfoque territorial. Nesse sentido, surgem dois binômios: o materialismo-idealismo e o espaço-tempo. O primeiro pode se desdobrar através da visão “parcial” do território, ou seja, quando se elege uma dimensão para o foco da pesquisa ou então a partir da visão “integradora”, onde a condensação feita pelo espaço envolve todas as dimensões territoriais. Já a relação espaço-tempo é considerada visto que o tempo é relacional ao espaço, pois tudo acontece nessas perspectivas, ou então a partir da geograficidade e historicidade, já que os sujeitos e objetos estão inseridos nessas duas faces.

Já Souza (2016), ao refletir sobre as razões para se territorializar um espaço, além de manter um controle sobre ele, destaca as seguintes motivações principais:

[...] Há, potencialmente, uma plêiade de motivações. O que se pode dizer, conforme eu já havia grafado em 1995, é que essas motivações sempre estarão, de algum modo, conectadas ao substrato espacial material e,

eventualmente, também aos próprios significados culturais atribuídos às formas espaciais, isto é, às imagens de lugar. O desejo ou a cobiça em relação a um espaço podem ter relação com os recursos naturais da área em questão; podem ter a ver com o que se produz ou quem produz no espaço considerado; podem ter ligação com o valor estratégico-militar daquele espaço específico; e podem se vincular, também, às ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e seu espaço (ou, mais especificamente, entre um grupo e objetos geográficos determinados, como um santuário ou símbolo “nacional”) (Souza, 2016, p. 88, grifos nossos).

Neste aspecto, Souza (2016) também se refere indiretamente às dimensões territoriais, porém não percebemos uma relação direta entre as diferentes dimensões. Grifamos os elementos e exemplos que consideramos inerentes às dimensões territoriais: a) os recursos naturais estão ligados à exploração, portanto possui uma ênfase econômica; b) O que se produz ou quem produz podem ser analisados a partir das dimensões econômicas – produção, e política – quem e como produz, a partir de quais relações, apropriações e influências; c) valor estratégico-militar está ligado à dimensão política, principalmente estatal, conformação de um território “oficial”; d) ligações afetivas e de identidade são estreitamente ligados à dimensão cultural territorial, já que refletem uma simbologia maior de apropriação.

A multidimensionalidade, que consideramos, através de uma primeira aproximação, dentre outros fatores, a relação existente entre as diferentes dimensões do território, é discutida com maior especificidade a partir do próximo momento.

2.3 O TERRITÓRIO MULTIDIMENSIONAL E RELACIONAL

Para Saquet (2011, p. 48) “os processos sociais e territoriais não flutuam sobre os mares, montanhas e planícies. Realizam-se pela ideia-matéria-espaço-tempo, em nossa vida cotidiana (os processos...) e são a problemática de partida de um estudo de território.” Portanto, se o território se (re) constrói no dia a dia, coexistem inúmeros territórios que se relacionam numa variação de intensidade que depende do tempo, intencionalidade e ferramentas disponíveis, além de serem disputados pelos diferentes sujeitos que os compõem.

Contudo, os territórios também variam de acordo com sua carga de construção e análise, desde a funcionalidade até a simbologia. Os dois extremos são raros de serem encontrados de maneira pura, sempre havendo uma imbricação entre tais dimensões. Dessa maneira, se pode perceber características funcionais dentro da simbologia e vice-versa.

Haesbaert (2008, p. 106) coloca que:

[...] Considerando os dois extremos (que, se existissem, seria apenas enquanto “tipos ideais”), diríamos que não é possível conceber territórios puramente funcionais (já que sempre, por menos expressiva que seja, estará neles contida uma dimensão simbólica), nem territórios puramente simbólicos (neste caso, alguma referência a um espaço material, por alguns denominado espaço – ou território – “de referência identitária”, deverá estar presente).

Partindo desta perspectiva, a presente pesquisa se posiciona de uma maneira multidimensional e integradora, além de relacional em vários sentidos: tempo/espaço, entre dimensões e material/imaterial. Para Haesbaert (2011), a leitura integradora do território é aquela que não pode considerá-lo apenas como espaço natural ou unicamente político, cultural e econômico. A análise desse viés ocorre a partir da integração das diferentes dimensões sociais e suas relações com a natureza.

Pensar o território dos ervateiros apenas pelo aspecto econômico é válido, porém é o que acontece na maioria das pesquisas, além de significar renunciar a inúmeras relações que se estabelecem para além dessa dimensão. Portanto, o campo que se abre a partir de outras dimensões é promissor.

A compreensão da multidimensionalidade passa ainda pela assimilação de que privilegiar uma dimensão² não significa excluir ou ignorar as outras, mas analisar o território pelo pressuposto de perceber como as dimensões se relacionam, bem como a influência que uma dimensão exerce na outra. Haesbaert (2011) coloca que privilegiar uma ou outra dimensão, mesmo que na perspectiva integradora, depende dos recortes disciplinares e problemáticas elencados pelos pesquisadores. Neste caso, segundo Haesbaert (2011), restariam duas opções: admitir que coexistem múltiplos territórios e que cada um possui sua dinâmica e essência, ou então pensar em todas essas dimensões conectadas e relacionadas, pois seja no nível em grupo ou individual, não há possibilidade da não integração das vidas econômica, cultural, política etc.

Múltiplos territórios são diferentes de multidimensionalidade, o primeiro traz uma ideia mais quantitativa e escalar, já o segundo é mais verticalizado, materializado e imaterializado dentro de cada território. A ênfase é dada pelo pesquisador, de acordo com a sua construção teórico-metodológica.

Uma mesma dimensão também exige múltiplas análises, no quesito do ordenamento e dinâmicas territoriais, por exemplo, o aspecto político precisa ser

² As dimensões aqui são compreendidas, principalmente, como cultural, econômica, política e socioambiental.

pensado a partir do papel do Estado e pelos “micropoderes”, que são aquelas relações que ocorrem no cotidiano dos sujeitos, sempre dotadas de disputas e conflitualidades. Não se trata, segundo Haesbaert (2011), de uma análise total do território, pois isso torna-se impossível para um recorte temporal e territorial apenas, mas sim de uma análise integradora imbricada dentro de um contexto histórico e espacial.

Quando Saquet (2011) coloca que as relações sociais são resumidamente políticas, culturais e econômicas, já aponta para a multidimensionalidade. Além do mais, tais relações ocorrem de maneiras subjetivas e objetivas, naturalizando e internalizando em nossa vida cotidiana, portanto território também é o que ocorre no dia a dia. Partindo desta premissa, Saquet (2011, p. 40) define territorialização como: “movimento objetivo e subjetivo, histórico e relacional de construção de territórios e territorialidades que, simultaneamente, determina a si mesmo como movimento, como devir-pretérito e como pretérito-devir”.

A erva-mate possui uma “territorialização natural” por ser uma planta nativa, porém como recurso econômico, elemento simbólico e socioambiental ganha diferentes formas de territorialidades a partir dos sujeitos envolvidos neste processo. Tal complexidade é dotada de intencionalidade, já que, de acordo com as linhas anteriores, o território é o espaço modificado intencionalmente pelo ser humano.

Se o território é construído no tempo e no espaço, formando uma trinca que Saquet (2011) chama de espaço-tempo-território, não se pode excluir as dimensões econômica, política e cultural (E-P-C), que concomitantemente interagem com as premissas inorgânicas e orgânicas do ser humano, formando a essência da relação sociedade-natureza (E-P-C-N). A abordagem das dimensões territoriais necessita de uma ideia relacional, ou seja, da percepção que tais dimensões coexistem e interagem entre si. Uma perspectiva basilar também considera a intencionalidade humana, mesmo que de maneira automática, na construção e interação de tais dimensões.

Partindo da análise de Raffestin (1993), conseguimos perceber que o território para esse autor é extremamente diverso e dependente da racionalidade e objetividade humana. A transformação do espaço e território se dá a partir da apropriação antrópica diversa (de cunho político, econômico, cultural ou ambiental), criando um sistema territorial e as territorialidades. Adepto de equações, gráficos, esquemas e outras fórmulas matemáticas, o autor demonstra que o poder está sempre presente nas relações territoriais, independente da escala em que elas acontecem. Dessa forma

então, compreendemos que o território para Raffestin (1993) é construído a partir de uma ação empregada por um sujeito, em qualquer nível escalar da geografia.

Souza (2016), ao elencar que o poder é elemento principal na definição do território, destaca a dimensão política deste, política existente nas relações sociais, para além do poder estatal, ou segundo as palavras do autor “[...] compreendendo essa dimensão no sentido amplo de o político, [...], e não no sentido de a política [...]” (Souza, 2016, p. 88). Prosseguindo, o autor escreve ainda que não significa uma relativização ou apagamento das dimensões culturais e econômicas. Ainda, divergindo até aqui de Saquet e Fernandes, Souza (2016, p. 89) coloca que: “o verdadeiro Leimotiv do conceito de território é político, e não econômico ou, como ocorre com o conceito de lugar, cultural-simbólico.”

Novamente não conseguimos perceber a multidimensionalidade e o aspecto relacional nas ideias contidas em Souza (2016), destacamos agora que escolhemos este texto dele de 2016, por ser uma junção das ideias dos publicados em 1995 e 2009, além de segundo o autor, ocorrerem adições de perspectivas, atualização e aprofundamento. Apesar de Souza (2016) reconhecer que existem outras dimensões importantes para análise territorial, para ele, o elemento de destaque sempre é o político. Neste sentido, considerando a particularidade de uma tese, trazemos ideias contraditórias, porém chega a hora de tomarmos um posicionamento teórico e político, neste sentido, propomos uma análise relacional e multidimensional, como sugerida por Saquet (2015).

O quadro 1³ traz uma organização das diferentes concepções dos autores trazidas até aqui:

Quadro 1 - Síntese das concepções dos autores utilizados neste texto

Autor	Território	Territorialidade	Espaço e território	Abordagem
Raffestin (1993)	Construído a partir da ação antrópica intencional no espaço, de maneira abstrata ou concreta. Resultado de relações multidimensionais de poder. Espaço construído.	É um valor particular, as múltiplas vivências dos sujeitos que constroem o território, resultante de relações produtivistas ou existenciais. Relações de poder.	Espaço é substrato para território, ou seja, o território é posterior ao espaço.	Multidimensional, histórica, relacional e crítica. Destaca as redes.

³ Uma prévia do presente quadro foi apresentada em: Silva, Wagner; Rosas, Celbo Antonio da Fonseca. Da erva-mate aos ervateiros: uma análise de sua dinâmica territorial no município de São Mateus do Sul, PR. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v.16, p. 1-16, 2022. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/17564/209209216636>> Acesso em: 20 dez. 2023.

		Organização para busca da autonomia.		
Fernandes (2006 e 2008)	É o espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém a partir de uma forma de poder.	É a manifestação dos movimentos das relações sociais mantenedoras dos territórios que produzem e reproduzem ações próprias ou apropriadas.	O espaço geográfico (material ou imaterial) é a base para a formação do território, já que a formação do segundo só se dá a partir da fragmentação do primeiro.	Multidimensional, relacional e crítica. Divisão em três níveis do território para melhor compreensão do conceito.
Saquet (2008, 2011 e 2015)	É fruto de um movimento relacional e histórico, com permanências e mudanças, além de ser multitemporal é também multiescalar.	Resultado e condição dos processos sociais e espaciais, significa movimento histórico e relacional. Sendo multidimensional, pode ser detalhada através das desigualdades e diferenças e, sendo unitária, através das identidades. Conformada através de quatro níveis correlatos: relações sociais, apropriações, comportamentos e práticas. Está historicamente, coexistente e relacionais às temporalidades.	São dois níveis distintos de processos sócio-espaciais do cotidiano e também dois conceitos diferentes na ciência geográfica. Apesar de serem distintos epistemológica e ontologicamente, não estão separados.	Multidimensional, histórico-crítica, relacional e reticular. Considera as temporalidades
Souza (2016)	Relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial. Espaço + poder. Considera os elementos materiais e simbólicos/culturais.	É construída a partir de diversas maneiras e com destaque para "quem e como domina, bem como quem e como é dominado".	São diferentes, o espaço é o substrato material (edificações, campos de cultivo etc.) e imaterial (símbolos e identidade), já o território é o espaço mais poder.	A dimensão política é o principal elemento para a abordagem do território. As temporalidades são consideradas a partir das características do território.
Deleuze e Guattari (1997)	É um ato, produto da territorialização dos "ritmos". Algo da vivência, subjetivo.	É um elemento de diferenciação dos grupos sociais/sujeitos. Ocorre a partir da defasagem dos códigos que	Por se tratar de uma leitura filosófica conceitual, não há diretamente tal diferenciação.	Discute o território como um conceito de leitura de realidade, não como uma abordagem

		homogeneizavam os indivíduos.		teórica-metodológica geográfica.
Haesbaert (2008 e 2011)	É resultado da dominação concreta do espaço, tal dominação pode ocorrer de maneira mais direta, como a materialidade, ou então a partir das esferas políticas e jurídicas.	Está contida nos processos de vivência, pertencimento e utilização daquele recorte.	Ao território caberia, um foco centralizado na espacialidade das relações de poder.	Destaca o poder como elemento central para a compreensão do território. Compreende os diferentes sujeitos e relações a partir da abordagem territorial.

Org.: Silva (2023).

Destacamos que o Quadro 1 não tem a intenção de limitar as diferentes concepções de território, espaço, territorialidades e abordagens, mas sim de sintetizar as principais discussões e compreensões contempladas até aqui na presente pesquisa.

Foram realizadas as primeiras aproximações entre a erva-mate, território dos ervateiros e o conceito de território. A seguir, tais relações tendem a ganhar maiores contornos, bem como uma aproximação escalar geográfica que possibilite uma maior e melhor compreensão do território dos ervateiros em São Mateus do Sul.

2.4 A ERVA-MATE E O TERRITÓRIO

A partir das discussões já apresentadas aqui, a análise do território dos ervateiros se constituirá de maneira multidimensional, considerando os diferentes sujeitos, temporalidades e territorialidades. Apesar da abordagem inicial trazer concepções de diferentes autores, a presente pesquisa tomará como fio condutor as ideias de Saquet, acreditando que essas se encaixam mais nas concepções teóricas e metodológicas que o autor acredita através do caminho da pesquisa.

O processo de territorialização é que vai formar o território, Saquet (2006) entende tal processo como:

[...], o homem, vivendo em sociedade, territorializa-se através de suas atividades cotidianas, seja no campo seja na cidade. Ele constitui um lugar de vida. Este processo é condicionado e gera as territorialidades, que são todas as relações diárias que efetivamos, (i)materiais, no trabalho, na família, na Igreja, nas lojas, nos bancos, na escola etc. Estas relações, as territorialidades, é que constituem o território de vida de cada pessoa ou grupo social num determinado espaço geográfico (Saquet, 2006, p. 62).

A partir de tais considerações, é possível perceber que o território não se constrói apenas a partir do poder público, como muitas vezes é pensado. Inclusive, uma visão comum ao se falar de território, é imaginar o mapa política brasileiro, estadual ou municipal. Não se pretende afirmar aqui que os governos federal, estaduais e municipais não conformam o território, mas sim que esses são alguns dos sujeitos da construção territorial. Esta construção também acontece na vida cotidiana de todos os seres humanos, que exercem suas influências em maior ou menor escala.

Se o território é um lugar de vida, ele ganha traços particulares em cada escala que é analisado. Com a chegada de imigrantes, sobretudo poloneses e alemães em São Mateus do Sul - PR, a cultura da erva-mate ganha outras características. Por outro lado, se não fosse a influência indígena e posteriormente cabocla, os imigrantes teriam outra relação com a erva-mate, talvez nem conheceriam ou teriam contato direto com a planta. Compreender tal relação e os desdobramentos territoriais oriundos dela, é um dos principais objetivos da presente pesquisa.

Considerando que a erva-mate possui uma “territorialização natural”, já que é uma planta nativa, encontrada principalmente nos três estados do Sul, algumas regiões do Mato Grosso do Sul e São Paulo, ela foge da lógica territorial de outras espécies que não são nativas, como a soja, por exemplo. As espécies não nativas necessitam de toda uma cadeia complexa pré-plantio, como fábrica de insumos, sementes, adaptações geneticamente modificadas, para determinadas realidades etc. A erva-mate também se tornou agricultável, organizada pelo homem em sociedade, com o viés do consumo e posteriormente do mercado, portanto, movimenta uma cadeia territorial anterior ao plantio, no caso da espécie cultivada via agricultura, porém não necessita de modificações tão drásticas quanto plantas não nativas.

Existem, basicamente, duas formas de cultura da erva-mate, uma delas está ligada diretamente ao extrativismo vegetal, quando há a extração das folhas do pé de erva-mate. Por ser uma exploração vegetal de uma floresta nativa, torna-se mais difícil fazer levantamentos estatísticos sobre a quantidade existente e explorada. A segunda forma de cultura está muito mais ligada à agricultura, onde existem adensamentos e plantios de pés, inclusive em locais onde comumente não nasceriam pés de erva-mate de maneira “natural”. Diante disso, é comum percebermos um impacto maior antrópico nas territorializações a partir da segunda forma, já que o território é construído pelo ser humano.

Através de uma abordagem multidimensional, como coloca Saquet (2015), também é possível analisar a erva-mate a partir das diferentes dimensões territoriais que ela movimenta. Considerando as dimensões econômica, cultural, política e socioambiental, podemos fazer as primeiras aproximações a partir das seguintes imbricações:

a) Dimensão econômica: está ligada, principalmente, a cadeia produtiva da erva-mate, que envolve sujeitos como produtores, trabalhadores, indústrias de suprimentos e beneficiados, rede de transporte e por último o consumidor, que é o motor propulsor de todo o processo, pois sem consumidor não haveria lógica e destino no processo produtivo. Inclusive, atualmente, se pensa a erva-mate para além dos usos tradicionais (chimarrão, tereré e chá mate), havendo ainda novas inserções no ramo de cosméticos, culinária (bolos, sucos, sorvetes etc.), medicamentos e outros. Tal expansão, trata-se da inserção de novos mercados, buscando atingir outros públicos que ainda não consomem a erva-mate de maneira contínua. Por outro lado, muitas propriedades rurais possuem na erva-mate uma “poupança”, já que não demanda trabalho para o ano inteiro, pode ser colhida e vendida nos anos que precisam de um reforço econômico.

b) Dimensão cultural: está ligada ao hábito e significado que os sujeitos dão para a produção e consumo da erva-mate. Consumida desde o período anterior à colonização brasileira, quando alguns povos ameríndios faziam uso dessa planta, a erva-mate, sobretudo através do chimarrão e tereré, é elemento presente em muitas rodas de conversa, sendo instrumento de socialização ou então do matear sozinho, repensando nos aspectos particulares de cada um. Muitas pessoas não passam um dia sem consumir a erva-mate, muitas vezes até duas ou três vezes por dia, principalmente antes das principais refeições. Desde os indígenas, existe a crença que o consumo de erva-mate revitaliza e rebate a cansaça causada pelo dia a dia, que daria forças para enfrentar os afazeres do cotidiano. Inclusive, o consumo de tal planta chegou a virar símbolo estadual, no caso do Rio Grande do Sul e em regiões do Paraná.

c) Dimensão Política: está ligada a influência poder público e as relações que ocorrem na sociedade, como por exemplo, nas relações indústria-produtor, comércio-consumidor, indústria-comércio, empregado-empregador. No primeiro caso, existe a criação de leis regulatórias, de caráter ambiental, econômico, social etc. além da influência dos governos através de ministérios e secretarias públicas, além de órgãos

como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) ou o Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-PR), que além de serem responsáveis por pesquisas de melhoramento, também atuam na extensão, auxiliando produtores, pecuaristas e extrativistas, em suas atividades. Já as relações políticas no bojo social ganham uma complexidade muito maior, já que não são tão explícitas como a atuação do poder público. Como exemplo, podemos colocar as adaptações que cada empresa faz para agradar o gosto de determinado público: o uruguaio e argentino preferem uma erva-mate mais “descansada”, com aspecto amarelado; já o brasileiro consome mais erva “verde”. Isso também acontece com a moagem da folha, algumas pessoas preferem erva mais “fina”, outras mais “grossa”. Enfim, tais adaptações ocorrem de acordo com o conhecimento do público que está se atendendo, e estão ligadas a política de cada empresa ervateira.

d) Dimensão socioambiental: Por ser uma planta nativa de alguns lugares e plantada em outros, a erva-mate já possui uma característica socioambiental muito grande. Pensando na lógica da preservação, se pode fazer uma relação entre conservação ambiental e consumo da erva-mate. Além da legislação obrigar a preservação das plantas nativas, principalmente as de maior valor comercial, como imbuia e pinheiro araucária, a partir da erva-mate tais espécies também são necessárias para uma boa produção de folhas. A erva-mate, por ser menor que as duas indicadas anteriormente, fica numa estratificação vegetal abaixo delas, portanto as árvores maiores acabam protegendo os pés de erva-mate da incidência excessiva de raios solares, e em alguns locais, da geada. Essa “proteção” que existe no sistema sombreado, traz um aspecto diferentes para as folhas que são produzidas em espaço aberto. Para configurar uma territorialidade deve haver a ação e intencionalidade antrópica, portanto a própria preservação, desde a promulgação de leis, tratos culturais, ritmos de exploração etc. ocorrem através da ação de diferentes sujeitos envolvidos no processo.

É interessante pontuar que tais exemplos tratam de uma primeira aproximação entre as dimensões territoriais e erva-mate, e de maneira nenhuma esgotam o universo vasto de relações que podem ser tecidas. Outra consideração a ser feita é que, como coloca Saquet (2015), tais dimensões ocorrem de maneira concomitante e relacional, não existindo uma hierarquia acadêmica de importância para cada uma, o que ocorre é que cada pesquisa foca em uma ou mais dimensões para compreender o território, mas não pode haver um desprezo pelas outras.

Figura 1 – Algumas relações entre as dimensões territoriais da erva-mate



Fonte: O autor (2023).

A figura 1 aborda algumas possíveis relações entre as dimensões territoriais da erva-mate. Novamente salientamos que tais exemplos são para fins didáticos e não esgotam o universo de relações que podem se constituir a partir das relações das dimensões territoriais da erva-mate.

Neste primeiro esforço, além de pensarmos quatro possíveis dimensões territoriais da erva-mate, também apontamos algumas relações entre elas que podem ser estabelecidas. Na intersecção entre as dimensões econômica e cultural enxergamos uma das relações mais importantes para esta pesquisa – o consumo, já que ele inicialmente é a válvula de propulsão da cadeia econômica. Mas também observamos que ele possui um apelo cultural, uma vez que se tornou hábito para boa parte dos sujeitos, que compram ou produzem a erva-mate para usar como elemento de relações sociais, acolhida e outras subjetividades, como restauração física e psicológica antes ou após um dia intenso. Podemos citar ainda, as diferentes formas de uso que a erva-mate possui, mas que se destacam principalmente em três principais tipos de consumo: chá mate, chimarrão e tereré. Essas formas variam bastante entre as regiões brasileiras, bem como o perfil dos sujeitos que consomem.

Já na segunda sobreposição, entre as dimensões econômicas e políticas, colocamos as disputas – tais disputas fazem parte das territorialidades, vão desde as disputas de mercado consumidor entre as indústrias ervateiras, até as disputas para conseguir matéria-prima, precificação e relações entre os sujeitos que fazem parte

deste território. Podemos compreender também as dimensões políticas e econômicas como sendo parte de uma única, porém, para esta pesquisa, resolvemos desdobrar e separar, para fins didáticos e elementares.

A terceira relação se trata do contato entre a dimensão política e socioambiental – neste sentido, já destacamos mais de uma vez que a erva-mate é uma planta nativa da floresta de araucárias, portanto sua boa produção depende do equilíbrio da floresta, sobretudo das espécies maiores que constituem esta formação. Um dos elementos essenciais para a preservação é a legislação ambiental (federal, estadual e municipal), que por si só faz parte de um elemento político de origem. Porém, extrapola a perspectiva política oficial, que envolve apenas o poder público, mas também abrange como os produtores, empresas e comerciantes e outros sujeitos agem a partir do que está posto pela legislação. Tais ações geram desdobramentos territoriais de acordo com cada período histórico, formas, técnicas etc.

Já na quarta e última intersecção, entre dimensão socioambiental e cultural, colocada na imagem 1, escolhemos o valor de uso. Não é o objetivo da presente pesquisa fazer uma discussão entre o valor de uso e o valor de troca, como coloca Marx (2008)⁴, mas sim pensarmos em como, dentro da relação entre essas duas dimensões, a erva-mate gera territorialidades. Isso pode ser visto desde as relações dos indígenas locais com a floresta de araucária, pois usavam não somente a erva-mate, mas várias outras plantas como fonte de alimento, cura e sobrevivência. E é interessante notar como a erva-mate, ainda carrega essa simbologia, mesmo que mais de quinhentos anos depois.

Ainda sobre tais elementos, Saquet (2006) escreve que:

O processo de territorialização é um movimento historicamente determinado pela expansão do capitalismo e seus aspectos culturais, envolvendo diferentes lugares, setores e pessoas. Um território é apropriado e ordenado por relações econômicas, políticas e culturais, sendo que estas relações são internas e externas a cada lugar; é fruto das relações (territorialidades) que existem na sociedade em que vivemos e entre esta e nossa natureza exterior. E estas relações são relações de poder, de dominação e estão presentes num jogo contínuo de submissão, de controle de recursos e de pessoas, no espaço rural, no urbano e em suas articulações (Saquet, 2006, p. 65-66).

Um movimento histórico significa aquele que ocorre em períodos distintos e que influencia diretamente no presente. Será que o Rio Grande do Sul teria o chimarrão como um dos símbolos territoriais do estado atualmente, se os indígenas

⁴ Ver: MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política / Karl Marx; tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2.ed.- São Paulo : Expressão Popular, 2008.

não consumissem essa planta há mais de quinhentos anos? Portanto, as temporalidades, mesmo que distintas, devem ser levadas em consideração na interpretação territorial. As relações de apropriações podem ser internas ou externas, porém essa apropriação não ocorre apenas de maneira econômica (compra), podendo acontecer também a partir da influência, segmentos e organizações.

As relações de poder, como já colocado na presente pesquisa, também podem ser vistas na territorialização da erva-mate. Elas são muito mais visíveis na dimensão econômica, sobretudo na disputa por consumidores, por parte do mercado, a discussão da precificação para o produtor, que varia de acordo com a produção e demanda principalmente, as tentativas de diversificação dos derivados da planta, bem como a busca de agregação de valor.

O controle por parte dos recursos é outro elemento essencial para compreender o território. Analisando a erva-mate como um recurso, é essencial pensar na influência territorial que ela exerce. Presente nas discussões de Raffestin (1993), o controle dos recursos é um dos principais motivos para apropriação territorial. Controlar não só a cadeia produtiva, mas persuadir para que mais pessoas, principalmente aquelas que não estão habituadas ao consumo da erva-mate, é uma das estratégias territoriais mais traçadas por parte das ervateiras.

Desse modo, o estudo dos territórios é compreendido a partir do processo histórico (periodização dos elementos e momentos mais significativos e a análise dos principais agentes produtores do território e das principais mudanças-permanências ocorridas) em unidade com o tempo coexistente, relação presente em nossa vida diária condicionando-a e por ela sendo influenciada no movimento de apropriação e produção dos territórios (Saquet, 2015, p. 84).

Por tais elementos abordados até aqui, acreditamos que podemos considerar o território da erva-mate em São Mateus do Sul como o território dos ervateiros. Esse território vai além dos produtores e industriais, como em uma primeira aproximação pode parecer. Mas envolve todos os sujeitos que se relacionam de uma forma ou de outra com a produção e consumo das folhas desta planta, isso envolve trabalhadores formais e informais da cadeia produtiva, industriais, produtores, extrativistas, consumidores e não consumidores, além de outros sujeitos que estão envolvidos nesta análise. Cabe um destaque do motivo de considerarmos os não consumidores como parte dos sujeitos envolvidos: primeiro porque podem ser potenciais consumidores, segundo que precisamos aprofundar nossa compreensão acerca dos

motivos de não consumir os derivados da erva-mate, ação que faremos ao longo desta pesquisa.

3 A ERVA-MATE E A DINÂMICA TERRITORIAL EM SÃO MATEUS DO SUL – PR

O território brasileiro é caracterizado pela heterogeneidade, havendo cicatrizes e marcas de inúmeros processos de ocupação, principalmente através dos elementos econômicos e políticos. As inúmeras fases e ciclos econômicos direcionaram e direcionam o país para um abismo de desigualdades, desde exploração do Pau-brasil, com a devastação ambiental e escravização indígena, até a industrialização atual, com o desemprego, expropriação, impactos ambientais, entre outros.

Mesmo que existam momentos em que tais desigualdades se acentuem e outros que se abrandem, pode se perceber um recorrente processo com dominantes e dominados, conflitos e acordos, destruição e preservação, apropriações e expropriações, dentre tantos outros elementos, ora através de causa e efeito, ora através de imposições. O fato é que mesmo com toda essa diversidade e um histórico implacável de conflitualidades, o território brasileiro vem sendo construído, transformado, contestado e modelado.

Refletir sobre a dinâmica territorial significa construir uma abordagem multidimensional, mesmo que o enfoque da pesquisa se concentre em uma ou duas dimensões, não pode se desprezar a teia de elementos que constroem o território. Portanto, compreender de forma clara que dentro de um mesmo país ou estado existem inúmeros momentos e formas de construção territorial é essencial, já que as escalas geográficas, recortes temporais e fenômenos se articulam na produção do território.

O presente capítulo possui como objetivo principal estabelecer relações entre a erva-mate, suas dimensões - sobretudo econômica e cultural, territorialidades e temporalidades em São Mateus do Sul. Para tanto, trazemos como primeiro elemento a influência territorial da erva-mate no estado do Paraná. Posteriormente chegamos no recorte territorial escolhido, que chamamos de território dos ervateiros, e analisamos os primeiros sujeitos e territorialidades, sobretudo indígenas, caboclos e imigrantes, além de estabelecermos relações entre a navegação a vapor no rio Iguaçu e as territorialidades ervateiras.

Neste segundo momento da pesquisa levamos em consideração os desdobramentos e imbricações territoriais que a erva-mate traz para São Mateus do Sul, principalmente a partir das temporalidades estabelecidas, pensando nos sujeitos

envolvidos e na construção territorial. Como escala geográfica, nosso recorte territorial não fica restrito às divisões políticas estabelecidas oficialmente, de estado, município etc. pois acreditamos que o território não segue apenas esta lógica, destacamos que pensar São Mateus do Sul e a erva-mate é mais um ponto de partida da lógica de análise territorial do que uma convenção estabelecida e imutável.

A nível metodológico, lançamos mão de consultas na Hemeroteca Digital Brasileira, onde pudemos ter acesso a recortes de jornais escritos nos séculos XIX e XX, pesquisa documental, para estabelecer relações e comparativos entre dados estatísticos da erva-mate em São Mateus do Sul, bem como leituras e reflexões de autores que trabalham tanto com o território, quanto com a erva-mate. Novamente, apesar de se tratar de um momento da pesquisa onde ocorre uma imersão maior no objeto de pesquisa, estabelecemos análises e compreensões sob a lente do conceito de território, destacando os elementos trabalhados pelos autores que embasam teoricamente nosso trabalho.

3.1 A INFLUÊNCIA TERRITORIAL DA ERVA-MATE NO ESTADO DO PARANÁ

Segundo Linhares (1969), existiram três grandes momentos que constituem a história econômica da erva-mate no estado do Paraná no século XIX: 1º) até 1820: onde não havia produção industrial, o preparo era rudimentar. 2º) de 1820 até 1875: quando Alzagaray implanta em Paranaguá a primeira linha industrial de beneficiamento e acondicionamento da erva-mate. Foi nesse período também que iniciam as exportações, via Porto de Paranaguá. 3º) de 1875 até 1880: com a chegada dos engenhos de erva-mate ao redor da capital Curitiba. Este último momento se dá com a erva-mate se tornando o principal ciclo econômico paranaense, e um dos mais importantes do Brasil.

Aspectos que merecem atenção ao se analisar a construção do território paranaense é a estrutura agrária e a ocupação das terras, fatos que geraram e despertam polêmicas até hoje, pois esse processo político é carregado de jogos de poder e econômicos. Além disso, é interessante notar que o estado do Paraná foi ocupado a partir da influência econômica de alguns elementos, dentre eles a erva-mate. Em um momento em que os ciclos econômicos desenhavam e configuravam o território, o Paraná teve seu processo histórico-geográfico articulado através de diferentes sujeitos e dinâmicas.

Segundo Lazier (2003) no Brasil, até 1822, o direito à terra se dava através do sistema de sesmarias, e as pessoas que conseguiam a posse não eram exatamente aquelas que estavam dispostas a trabalhar e produzir na terra, mas quem soubesse como requerer as Cartas de Posse, já que o deferimento passava pela influência e prestígio do requerente com o governo português.

Inicialmente se pode perceber um desequilíbrio entre a cessão, ocupação e efetiva labuta na terra, visto que quem vinha ao Brasil para trabalhar não era exatamente o dono efetivo da sesmaria, mas sim o posseiro. Interessante notar também, que segundo Serra (1992), antes da concessão das sesmarias o interesse português e espanhol não era exatamente pela posse da terra, mas sim pelos recursos e riquezas que ela oferecia, percebemos aí uma lógica diferente da que veio posteriormente. Tal interesse foi além dos metais preciosos, passando também pelos recursos florestas, dentre eles a erva-mate.

O Sul do Brasil não foi uma das primeiras regiões do país a se integrar de fato nos ciclos econômicos macros e considerados pioneiros, visto que durante os ciclos do pau-brasil, cana-de-açúcar e do ouro, as regiões Nordeste e Sudeste compunham o eixo econômico e político do país, sediando inclusive as duas primeiras capitais federais (Salvador e Rio de Janeiro). Obviamente que através do Caminho das Tropas Viamão-Sorocaba, ainda no período colonial, o Sul se inseriu na análise macro da economia, porém de forma secundária, como uma fornecedora de animais para tração, alimentação e matéria-prima. Apesar do Tropeirismo nessa época ser o responsável pela fundação de vilas e cidades, sobretudo no Paraná Tradicional, através de seus caminhos principais e secundários, atualmente não é lembrado e refletido da mesma forma que outras atividades já citadas anteriormente.

Com isso, o estado do Paraná seguiu a mesma lógica, ao analisar o processo de ocupação e construção do território paranaense em uma dinâmica geral, Souza (1971) aponta que esse ocorreu de forma fragmentada, irregular e fortemente atrelada às atividades econômicas. Ainda durante o período colonial, através do Tratado de Tordesilhas, a maior parte do território que hoje se localiza o Paraná pertencia à Espanha, onde se instalaram algumas reduções jesuíticas, que mais tarde foram dizimadas pelos Bandeirantes.

Para Serra (1992), existe uma compreensão importante se ater nesse momento: que foram as sesmarias (1614), o ponto de partida para os estudos da ocupação territorial paranaense, já que foi a partir de então que efetiva a posse da

terra. O primeiro território, explorado por Fernandes (2008), começa a partir da colonização, já que mesmo a partir da influência longínqua das Coroas Portuguesa e Espanhola, ocorrem desfechos em território brasileiro, sobretudo paranaense.

Fajardo e Cunha (2021) também referenciam a influência espanhola em território paranaense, primeiramente a partir de pequenas cidades e missões jesuíticas. Nesse período, o “Paraná Espanhol” era composto basicamente por populações indígenas dos grupos Jê e Guaraní.

Serra (1992) afirma que a ocupação e exploração territorial do Paraná ocorreu em três frentes distintas:

1ª - Paraná Tradicional (a partir do século XVII): formada pelo litoral, região de Curitiba e Campos Gerais, essa frente teve sua ocupação muito por conta da busca pelo ouro de lavagem (aquele encontrado nos leitos dos rios), exploração econômica da erva-mate e madeira, além do tropeirismo e criação extensiva de gado.

2ª - Região Norte (a partir do século XIX): essa porção surge como resultado da expansão da cafeicultura do interior paulista, isso explica em partes as semelhanças socioeconômicas, culturais, demográficas entre o interior do estado de São Paulo e o norte do Paraná.

3ª – Sudoeste (a partir de meados do século XX): essa frente se inicia com a imigração de gaúchos e catarinenses para essa porção do estado do Paraná, influenciando de forma direta na formação socioespacial dessa parcela paranaense.

As faixas de terras concedidas através do sistema de sesmarias eram enormes, o que de acordo com Lazier, (2003) gerou os primeiros latifúndios no Brasil. No estado do Paraná, sobretudo na porção considerada Paraná Tradicional, 1ª e 2ª fases de ocupação apontadas por Souza (1971), o processo ocorreu basicamente da mesma maneira que no resto do país, gerando uma concentração fundiária: largas faixas de terras ocupadas por um número pequeno de pessoas, alguns poucos povoados e grandes áreas desérticas no sentido demográfico. O impasse entre posseiro (quem de fato ocupava a terra) e sesmeiro surge daí também, a dependência do primeiro para com o segundo é um dos males que afligiam a população trabalhadora.

Ao analisar a urbanização do Paraná, Souza (1971) também realiza uma revisão da história do estado e afirma que sua ocupação econômica, e por consequência o desenho territorial, não encontram grandes barreiras por parte dos

elementos físicos e geográficos (como uma grande cadeia de montanhas ou então enormes porções de florestas com grande densidade, por exemplo).

Concordando com Serra (1992) e complementando, através de uma análise parecida, Souza (1971) divide o povoamento e colonização do estado em quatro elementos e três grandes fases:

1ª fase: inicialmente os portugueses se estabelecem no litoral do atual estado de São Paulo (o Paraná se emancipa politicamente da Província de São Paulo apenas em 19 de dezembro de 1853), existindo somente um núcleo de povoamento no interior (atual cidade de São Paulo). A busca pelo ouro fez com que um grupo de portugueses se direcionasse ao sul do país no século XVII, através do litoral. Sendo assim, no extremo leste de onde hoje é o Paraná, surge o primeiro núcleo de povoamento fundado pelos portugueses: Paranaguá. Porém no lado oeste, muito antes da efetiva ocupação portuguesa, os espanhóis já lançavam sua influência no território: em 1557 e 1576 eles fundam os núcleos de “ciudad Real del Guayra” e Vila Rica, respectivamente. O interesse espanhol era predominantemente outro: escravização indígena, porém seus núcleos foram destruídos em 1632 pelo bandeirante paulista Raposo Tavares (que hoje batiza uma importante rodovia estadual de São Paulo - SP 270).

2ª fase: esse momento ocorre durante o século XVIII e fica marcado pela ocupação do Primeiro e Segundo planaltos do estado do Paraná, a região conhecida pelos campos foi e é um local propício para a pecuária, devido às suas pastagens naturais e favorece ainda a integração com outras regiões, através do caminho Viamão-Sorocaba e secundários, que cortavam esses planaltos nesse período. A ligação entre o litoral e o interior do estado dependia da transposição da serra do mar, o declínio da atividade aurífera no litoral desencadeia a busca por novas oportunidades econômicas, servindo de gatilho então para o avanço em direção ao interior, nesse período a ocupação se estendeu do núcleo de Curitiba até o de Guarapuava. Esta área de ocupação, juntamente com o litoral compõem grande parte do Paraná Tradicional, citado por Serra (1992), aquele primeiro recorte do estado que foi ocupado por grupos heterogêneos de pessoas, além dos indígenas que ali já habitavam.

Para Fajardo e Cunha (2021), a partir da metade do século XIX até início do século XX, com a estagnação da pecuária, a erva-mate e a madeira representaram as mais importantes atividades econômicas do estado, sobretudo a partir da região

considerada como Paraná Tradicional. Em contrapartida, com a estagnação da economia do mate no início do século XX, houve também uma crise econômica.

Lazier (2003) esclarece que no Paraná Tradicional, em 1772, existiam cerca de cinquenta grandes fazendas, cujas extensões modalizavam entre 4 mil e 8 mil alqueires paulistas. Porém quem produziu e trabalhou de fato nessas grandes propriedades foram os posseiros e, especialmente, os escravizados. Com essas primeiras reflexões pode se perceber que boa parte da riqueza material produzida no estado provinha do trabalho das pessoas que não eram os proprietários oficiais da terra e nem usufruem dela para seu próprio bem-estar, mas sim trabalhadores que dependiam do proprietário para produzir.

3ª fase: período caracterizado pela implantação e expansão da cafeicultura no norte do estado e pela ocupação do sudoeste. Atualmente ainda pode se verificar a similaridade do norte do estado do Paraná com a região interiorana paulista, inclusive nas atividades econômicas. Tal semelhança se estende ainda ao solo e outros elementos presentes em ambos os espaços. Souza (1971) divide essa fase em três grandes etapas:

A) a ocupação da região conhecida como “Paraná Velho”, em 1862, através de grupos (sobretudo paulistas) que buscavam expandir suas atividades econômicas, e vislumbraram nessa porção um solo de boa qualidade para a agricultura, principalmente para a constituição dos cafezais. A então conhecida como estrada de ferro Sorocabana foi a principal ferramenta para deslocamento das pessoas até o Paraná Velho, servindo posteriormente também para escoamento da produção.

B) essa subfase se deu através da ocupação do “Paraná Novo”, através de duas grandes frentes - uma que se expandia do Paraná Velho e outra vinda diretamente do interior paulista, ressaltamos ainda que essa porção teve grande atuação das empresas colonizadoras, que especularam, lotearam e venderam as terras, muitas vezes através de colônias públicas. O principal núcleo de ocupação do Paraná Novo foi Londrina, posteriormente surgem várias outras cidades de grande relevância econômica e produtiva para o estado.

C) O “Paraná Novíssimo” foi o recorte mais recente de ocupação do estado, formado hoje por cidades como Paranavaí e Maringá, passou por um processo bem parecido com o Novo Paraná, com forte atuação de empresas colonizadoras, que através de acordos com o Estado e empresas, garantiram um alto lucro através da demarcação e venda das terras.

Percebemos que a expansão da ocupação para além do Paraná Tradicional seguiu uma lógica diferente daquela que vinha sendo trilhada, principalmente pelo estabelecimento da Lei de Terras n.º 601, de 1850, que segundo Lazier (2003) estabelece a compra como principal meio de posse das terras devolutas. Com isso grandes áreas foram concedidas pelo governo do Paraná para empresas colonizadoras/exploradoras, particulares estrangeiras, sobretudo argentinas e inglesas. Tais empresas geralmente retiraram a madeira e a erva-mate do território e posteriormente lotearam as terras, mas para isso precisaram expulsar os inúmeros posseiros que já ocupavam a área, o que gerou diversos conflitos de longa duração e alta letalidade, como a Guerra do Contestado, Revolta dos Posseiros no Sudoeste e a Revolta de Porecatu.

Ainda nessa terceira fase, Souza (1971) destaca a ocupação da região ao sul de Campo Mourão até Guarapuava, impulsionada nesse caso principalmente pela exploração da madeira do pinheiro e pela erva-mate. Porém nesse recorte a ocupação se deu de forma mais espontânea, sem a organização e influência de empresas colonizadoras, marcada por problemas e disputas fundiárias, ocorrendo inúmeras mortes através desses embates. Há ainda que se acrescentar a chegada de imigrantes italianos e alemães vindos do Rio Grande do Sul, principalmente na região sudoeste do Paraná, modificando a dinâmica territorial e reorganizando o espaço produtivo e de vivência.

Para Souza (1971), a análise territorial paranaense não pode desprezar ainda a chegada em larga escala de imigrantes internacionais, que foram dispersados através de pequenas e médias colônias, sobretudo no primeiro e segundo planaltos, há um número considerável de levas migratórias, mas destacamos principalmente poloneses, ucranianos, alemães e italianos. Atualmente, ainda ocorre a imigração de pessoas de outras regiões brasileiras para o Paraná, além da emigração de paranaenses para outras regiões, principalmente agricultores e profissionais ligados ao agronegócio que buscam terras mais baratas nas regiões Centro-Oeste e Norte do país.

Observando de maneira geral, percebemos que a ocupação do território paranaense se deu de forma gradativa, descompassada e muitas vezes isolada. É bem comum encontrar referências que tratam das áreas mais pujantes economicamente, principalmente que tratam dos cafezais antigos e atuais, também do complexo agroindustrial que se instalou no norte a partir da crise do café, ou então

da cadeia industrial montada na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), porém quando se trata de outras regiões menos abastadas na atualidade, ou que outrora figuravam no topo da economia do estado, percebemos que com o declínio econômico ocorre também as preocupações de pesquisas centradas naquelas áreas.

A erva-mate exerceu maior influência estadual no recorte conhecido como Paraná Tradicional, pois além de ser ali que se encontra a maior parte dos ervais nativos, também os sujeitos que habitaram tal porção, enxergaram nessa planta, algumas possibilidades de uso e exploração.

O auge econômico da erva-mate, à nível estadual, durou pouco mais de cinquenta anos. Porém antes desse período, a erva-mate já era um recurso utilizado pelos povos indígenas, posteriormente pelos caboclos, até chegar no período em que a madeira e erva-mate tinham maior valor do que a própria posse da terra. Há uma inversão desses valores quando as empresas de colonização iniciam o processo de loteamento, principalmente no norte e sudoeste do estado.

A importância da erva-mate se redesenhou frente à dinâmica territorial paranaense, pois criou-se um complexo agroindustrial voltado para consumo no mercado interno e exportação, que fez surgir novos arranjos, organizações e territorialidades.

Costa (1995) aponta que o espanhol Alzagaray montou o primeiro engenho de erva-mate do estado do Paraná, que depois foi aprimorado por outros sujeitos castelhanos, e posteriormente, com contribuições dos próprios paranaenses. Esse autor ainda coloca que a produção e beneficiamento da erva-mate foi crescendo conforme a demanda, além disso, durante a Guerra do Paraguai, as comunicações pelo Rio Paraná e Prata foram cortadas, portanto aumenta a produção e exportação através do Porto de Paranaguá.

Houve um tempo – um longo tempo – em que na região centro-sul do Paraná, compreendida pelo vale do médio Iguaçu e, em particular, na cidade de Curitiba, então ainda uma provinciana capital onde se concentrava um florescente parque moageiro, o ar que nelas se respirava tinha um forte aroma de erva-mate. (Costa, 1995, p. 17)

Em relação às questões de fronteiras políticas e relações da erva-mate entre os três estados do sul do Brasil, Costa (1995) escreve que o mercado consumidor interno do Rio Grande do Sul sempre consumiu toda sua produção, tendo inclusive que comprar parte da produção do Paraná e Santa Catarina. Já o Paraná e Santa Catarina tiveram litígios territoriais – Guerra do Contestado, chegando a formar

apenas uma área, já que o planalto de Santa Catarina pertencia ao Paraná. Portanto, apesar da divisão territorial que se deu no primeiro quarto do século XX, esses dois estados compartilhavam muitos elementos em comum, inclusive no que diz respeito aos aspectos territoriais da erva-mate.

Quando a Argentina, que era o principal destino das exportações de erva-mate brasileira e paranaense – sendo uma das grandes responsáveis pelo fluxo de capital que chegava ao Paraná, começa a aumentar sua produção, diminuindo assim a compra do Brasil e automaticamente do Paraná, a economia ervateira brasileira e sobretudo paranaense, entra em declínio. O que abriu as portas para um outro ciclo econômico estadual – o café, que por sua vez, teve suas primeiras exportações através do Porto de Paranaguá, no ano de 1928. (Costa, 1995).

Sendo um elemento marcante no território paranaense, a erva-mate juntamente com a madeira, foram as maiores responsáveis econômicas que possibilitaram o estado do Paraná ter uma autonomia econômica frente a São Paulo, que posteriormente favoreceu para o estabelecimento da autonomia política, com a emancipação do estado do Paraná diante daquele território.

O Paraná é um estado de grande extensão territorial e de diferentes realidades socioeconômicas, portanto as territorialidades ocorrem de maneiras diferentes. Entendemos que apesar de ser mais presente na porção do Paraná Tradicional, a erva-mate exerce influência de maneiras diferentes em cada recorte territorial que for delimitado para uma determinada pesquisa, portanto cabe agora pensar como se desenhou e desenha a dinâmica territorial ervateira em São Mateus do Sul.

3.2 O TERRITÓRIO DOS ERVATEIROS A PARTIR DE SÃO MATEUS DO SUL – PR

Os dados estatísticos de produção refletem diretamente a dimensão econômica do território, que também são construídos a partir de um processo histórico e relacional. Acreditamos que uma primeira aproximação estatística é importante para compreendermos qual o tamanho do universo da dimensão territorial econômica que estamos tratando. Em outros momentos desta pesquisa ocorrerão análises de informações obtidas através da aplicação de questionários e entrevistas.

As informações estatísticas da erva-mate são coletadas e divulgadas, a nível nacional, a partir do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em três

pesquisas principais: Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS), Produção Agrícola Municipal (PAM) e Censo Demográfico. A PEVS ocorre anualmente e trata dos dados da erva-mate como elemento extrativista. A PAM ocorre anualmente e coleta os dados da erva-mate plantada, como lavoura permanente. Já o censo agropecuário ocorre de maneira decenal e analisa a erva-mate tanto extraída quando plantada. Por tal motivo, de integrar tanto os dados da agricultura quanto do extrativismo em relação aos estabelecimentos agropecuários, para esta variável, analisaremos os dados coletados e tabulados através do Censo Agropecuário de 2017. Já no que diz respeito a produção em toneladas, até para traçar um paralelo entre cinco anos distintos e próximos, analisaremos os dados da PAM e da PEVS, entre 2018-2022.

Quadro 2 – Número de estabelecimentos agropecuários com 50 pés e mais existentes da lavoura permanente (unidades)

Unidade territorial	Produtos da lavoura permanente
Brasil	Total: 814.810 Erva-mate: 19.003 (2.3%)
Paraná	Total: 28.919 Erva-mate: 7.610 (26.3%)
São Mateus do Sul-PR	Total: 742 Erva-mate: 733 (98.7%)

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário 2017.

Recuperado de – Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA).

Nota: Dados organizados pelo autor (2024).

A partir dos dados do quadro 2, podemos perceber que a nível de Brasil, a erva-mate não chega a representar 2.5% dos estabelecimentos agropecuários com produtos de lavoura permanente, portanto podemos falar em uma baixa representatividade. Tal fator é explicado pela especificidade biogeográfica que erva-mate precisa, que é encontrada em locais pontuais, como partes do sul do Brasil, algumas regiões de Mato Grosso do Sul e São Paulo. Estamos abordando neste momento a variedade plantada, por isso os dados são relativos à agricultura.

Já no que diz respeito ao estado do Paraná, essa representatividade cresce bastante, já que 26.3% dos estabelecimentos agropecuários paranaenses, com produtos de lavoura permanente, possuem mais de cinquenta pés de erva-mate. Esse praticamente $\frac{1}{4}$ de estabelecimentos estão, em sua maioria, localizados na região centro-sul do estado, que é onde os planaltos, clima, vegetação nativa e

disponibilidade hídrica são condizentes com a melhor reprodução da erva-mate. Tal pontualidade interfere até hoje na dinâmica econômica da região.

Por sua vez, em São Mateus do Sul, encontramos uma representatividade muito alta, pois 98.7% dos estabelecimentos agropecuários, com produtos de lavoura permanente, possuem mais de 50 pés de erva-mate. Interessante pontuar aqui, que a erva-mate, muitas vezes, não representa a principal fonte de renda e ocupação dos produtores destas propriedades, já que seu período de colheita não abrange o ano todo. Além de que, muitas vezes, a erva-mate representa uma espécie de reserva econômica para os produtores, colhidas e comercializadas, principalmente para realizar investimentos ou em períodos de crises de outras produções.

Quadro 3 – Número de estabelecimentos agropecuários com extração vegetal (unidades)

Unidade territorial	Produtos da extração vegetal
Brasil	Total: 467.340 Erva-mate: 12.017 (2.5%)
Paraná	Total: 10.661 Erva-mate: 7.908 (74.1%)
São Mateus do Sul-PR	Total: 1.407 Erva-mate: 1.386 (98.5%)

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário 2017.

Recuperado de – Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA).

Nota: Dados organizados pelo autor (2024).

Já o quadro 3 trata da extração vegetal das folhas de erva-mate, portanto, neste sentido, o Brasil possuía 467.340 estabelecimentos agropecuários com extração vegetal, no ano de 2017, porém apenas 2.5% desses estabelecimentos possuem extração de erva-mate. Apesar de serem dados diferentes, este número se assemelha muito ao percentual de estabelecimentos agropecuários com lavoura permanente de erva-mate, a nível de Brasil. Os motivos para a baixa participação são os mesmos apontados na produção agrícola.

O estado do Paraná possui 10.661 estabelecimentos agropecuários com extração vegetal, sendo que 74.1% destes estabelecimentos praticam a extração de erva-mate. Este dado é bem diferente (maior) do que o analisado anteriormente, da agricultura. A representatividade da erva-mate no extrativismo paranaense é muito grande. Novamente aparece a lógica da dimensão econômica, já que no extrativismo os tratos culturais diminuem bastante, e consequentemente a ocupação de trabalho na propriedade também. Ocorre ainda de muitas pessoas que moram na área urbana

possuírem chácaras ou sítios na área rural, e conservarem os pés de erva-mate como uma forma de reserva econômica e valorização da propriedade.

Para São Mateus do Sul, os dados são bem parecidos com os da agricultura permanente, já que 98.5% dos estabelecimentos agropecuários com extrativismo vegetal no município, possuem pés de erva-mate, representando praticamente a totalidade. A partir disso, fazemos agora uma análise da produção em toneladas, visando perceber qual o impacto da quantidade de estabelecimentos agropecuários com erva-mate na produção total.

Quadro 4 – Quantidade em toneladas: erva-mate (folha verde) produzida a partir das lavouras permanentes 2018-2022

Unidade territorial	2018	2019	2020	2021	2022
Brasil	509.949 t.	522.259 t.	527.546 t.	557.927 t.	618.601 t.
Paraná	182.285 t.	197.352 t.	228.382 t.	238.050 t.	316.615 t.
Cruz Machado-PR	36.800 t.	36.800 t.	44.000 t.	46.000 t.	50.000 t.
São Mateus do Sul-PR	35.000 t.	39.000 t.	50.000 t.	48.000 t.	63.000 t.

Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal (PAM) 2018-2022.

Recuperado de – Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA).

Nota: Dados organizados pelo autor (2024).

A inclusão do município de Cruz Machado nos quadros 4 e 5 explica-se por conta da grande produção de erva-mate neste município, que se assemelha à de São Mateus do Sul, figurando, os dois, sempre na liderança estadual da produção. O recorte temporal de 2018 até 2022 se justifica pelo fato de 2018 ser o primeiro ano após a realização do Censo Agropecuário e 2022 ser o último dado disponível destas pesquisas.

Todos os recortes territoriais apresentaram um crescimento contínuo na produção da erva-mate em lavouras permanentes. O Paraná, que é o maior produtor de erva-mate do Brasil, segundo o IBGE (2022), foi o principal responsável pelo crescimento da produção brasileira como um todo, percebe-se isso quando notamos dados bem próximos do crescimento da produção estadual paranaense e do crescimento da produção brasileira, em números absolutos. Já em números relativos, o Brasil apresentou um crescimento na produção de erva-mate de 21.3 % em cinco anos; o Paraná teve um crescimento de 73.6%; a produção de Cruz Machado aumentou em 35.8%; e São Mateus do Sul, saltou 80% na produção agrícola da erva-

mate, em 5 anos. Dentre os recortes territoriais escolhidos, São Mateus do Sul foi o que apresentou o maior crescimento relativo.

Quadro 5 – Quantidade de erva-mate (em toneladas) extraída entre 2018-2022

Unidade territorial	2018	2019	2020	2021	2022
Brasil	346.941 t.	371.659 t.	426.034 t.	505.504 t.	441.840 t.
Paraná	299.136 t.	323.242 t.	372.315 t.	442.189 t.	379.476 t.
Cruz Machado-PR	55.200 t.	55.400 t.	66.000 t.	69.000 t.	75.000 t.
São Mateus do Sul-PR	35.000 t.	39.000 t.	40.000 t.	52.000 t.	63.000 t.

Fonte: IBGE – Produção da Extração Vegetal (PEVS) 2018-2022.

Recuperado de – Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA).

Nota: Dados organizados pelo autor (2024).

Em relação aos dados do extrativismo, observamos que o Brasil e Paraná apresentaram um crescimento da extração de 2018 até 2021, em 2022 houve uma queda. Já Cruz Machado e São Mateus do Sul, apresentaram um crescimento ininterrupto dentro do intervalo de tempo analisado. Nesses 5 anos, o Brasil cresceu 27.3% na extração; o Paraná apresentou um crescimento de 26.8%; Cruz Machado aumentou em 35.8%; e São Mateus do Sul, 80%.

Tais fatores podem ser explicados por dois fatores: área colhida, São Mateus possui maior área colhida que Cruz Machado (IBGE, 2022); e a variação do preço médio pago ao produtor, pela folha verde da erva-mate (no barranco⁵). Segundo relatório da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (SEAB-PR), na regional de União da Vitória, o preço médio da erva-mate no barranco variou da seguinte maneira: set. 2018 (R\$ 19.00 a arroba), set. 2019 (R\$ 17.00 a arroba), set. 2020 (R\$ 20.00 a arroba), set. 2021 (R\$ 19.50 a arroba) e em 2022 (R\$ 23.00). Entre variações positivas e negativas, comparando o primeiro e último ano se pode notar um aumento de 21% no preço médio pago ao produtor. O aumento do preço estimula o plantio, adensamento e consequentemente a colheita e extrativismo.

Apesar do preço da erva-mate “no barranco” ainda ter o abatimento dos custos de poda, para o produtor, ele é considerado um indicativo importante para tomarmos como referência na compreensão do aumento ou diminuição da produção da folha

⁵ Existem três tipos de precificações para a venda de folha de erva-mate para a indústria: a) No pé: quando a indústria se responsabiliza pela poda e transporte das folhas, o que evidentemente gera um preço menor pago ao produtor; b) No barranco: quando a indústria se responsabiliza pelo transporte e o produtor pela poda das folhas, gerando um preço intermediário; c) na indústria: quando o produtor se responsabiliza pelos custos de poda e transporte, porém recebe o valor “cheio”.

dentro das unidades territoriais. A conflitualidade territorial entre o preço pago ao produtor, a indústria e aquele que o consumidor paga no comércio, é um dos elementos que também configuram o território dos ervateiros.

Na produção total em 2022, somando a extração e a produção agrícola, Cruz Machado produziu 125 mil toneladas de folhas de erva-mate, já São Mateus do Sul 126 mil toneladas. Tais dados mostram que a quantidade produzida nos dois municípios é muito parecida, o que implica diretamente nas dinâmicas territoriais de ambos. Como já citado, tais dados demonstram muito mais a dimensão econômica do território, porém compreendemos que o consumo, que é um dos principais fatores responsáveis pela expansão ou recuo da produção, é territorializado a partir de outras dimensões, além da econômica.

Portanto, segundo o IBGE (2022), São Mateus do Sul é o maior produtor de erva-mate do Paraná. Considerando as territorialidades e temporalidades propostas por Saquet (2015), faremos uma análise territorial e temporal dos elementos e dinâmicas que ocorreram e ocorrem para que tal fato se consumasse.

3.2.1 O território dos ervateiros: temporalidades e dinâmicas da origem

A referência território dos ervateiros não significa exclusivamente a cadeia produtiva, mas sim todos os sujeitos que estão/estavam envolvidos nesta dinâmica territorial. Não existe possibilidade de compreender o território partindo apenas do presente ou aparência, portanto ocorrerá uma análise temporal e territorial, buscando uma compreensão multidimensional e temporal de tais fenômenos.

Saquet (2015) coloca que é necessário entender o tempo e o território para compreender as temporalidades e territorialidades. Para este autor, tanto as territorialidades quanto as temporalidades são históricas, coexistentes e relacionais. A divisão dos dois elementos é uma prática didática para facilitar a compreensão, porém o autor reconhece que ambos ocorrem ao mesmo tempo e são multidimensionais.

Desse modo, o estudo dos territórios é compreendido a partir do processo histórico (periodização dos elementos e momentos mais significativos e a análise dos principais agentes produtores do território e das principais mudanças-permanências ocorridas) em unidade com o tempo coexistente, relação presente em nossa vida diária condicionando-a e por ela sendo influenciada no movimento de apropriação e produção dos territórios. (Saquet, 2015, p. 84).

De acordo com as afirmações anteriores, é possível compreender que não são apenas os processos atuais que formam e modificam o território, mas sim uma conjuntura de sujeitos, processos, objetos e relações. Saquet (2015) entende a territorialidade em quatro níveis correlatos: - como apropriações do espaço geográfico, que ocorrem simbólica ou concretamente; práticas espaço-temporais – efetivadas na relação natureza-sociedade; - como relações sociais; - como comportamentos, objetivos etc. Considerando que para a formação do território há de existir uma intencionalidade, mesmo que simbólica, tais elementos formam uma teia de relações que ocorrem concomitantemente.

As temporalidades [...], significam ritmos lentos e mais rápidos, desigualdades econômicas, diferentes objetivações cotidianas e, ao mesmo tempo, distintas percepções dos processos e fenômenos, ou seja, leituras que fazemos dos ritmos da natureza e da sociedade. (Saquet, 2015, p. 110).

Perceptivelmente, os ritmos, temporalidades e apropriações dos povos originários⁶ eram totalmente diferentes da sociedade atual, por isso se faz necessária uma abordagem que leve em consideração tais movimentos. O território pode ser abordado por diversas nuances, mas todas elas devem considerar a influência das técnicas, épocas, sujeitos e apropriações.

Claro que quando se trata de povos originários da América, existe um universo vasto de grupos, hábitos e características. Para tanto, de acordo com a presente pesquisa, há uma aproximação do recorte temporal analisado, ou seja: o estado do Paraná, e mais profundamente, São Mateus do Sul.

Segundo Wachowicz (1988) é infrutífero classificar os ameríndios com base nas fronteiras atuais, já que os povos originários não levavam em consideração tal divisão, sendo criada durante o período da colonização, pelos europeus. Portanto, de acordo com este autor, considerar a divisão por grandes áreas culturais torna-se mais assertivo, já que tal classificação é baseada em fatores ecológicos e geográficos.

Deste modo, segundo Wachowicz (1988), são encontrados quatro grandes grupos na América do Sul: Andinos – habitavam/am a região da Cordilheira dos Andes e já apresentavam arquitetura e metalurgia bem apuradas, ex.: Incas; Circum Caribe – localizados ao norte da América do Sul, principalmente no mar das Antilhas, ex.:

⁶ Para Nimmo e Nogueira (2018), há uma grande lacuna na historiografia acerca da relevância e consumo da erva-mate no início da colonização da América do Sul, já que a maioria das pesquisas foca nos séculos XIX e XX, principalmente nos aspectos econômicos, técnicos e industriais que a planta movimentou e movimentou. Dessa maneira, dificulta a compreensão de um território multidimensional, e sobretudo, partindo das diferentes temporalidades.

Caribes; Floresta Tropical – já praticavam a navegação fluvial, agricultura, construía cerâmicas e redes, ex.: Tupi-Guarani; Marginal – desconheciam o uso da rede, viviam da coleta, pesca e caça, em alguns casos praticavam agricultura rudimentar e produziam algumas cerâmicas, ex.: Jês.

Assim sendo, de acordo com Wachowicz (1988), o estado do Paraná era habitado principalmente por povos das áreas culturais floresta tropical (Tupi-Guarani) e marginal (Jê).

Chmyz et al. (2006) realizaram um estudo arqueológico da área da mina da Petrobras, na comunidade de Dois Irmãos, em São Mateus do Sul-PR, onde apontaram que três grupos principais habitaram o território mencionado:

No espaço estudado e áreas adjacentes informações etnohistóricas, assim como abordagens arqueológicas executadas, registraram a presença de grupos indígenas relacionados ao tronco lingüístico Macro-Jê, representados pelos Kaingáng e Xokleng, e os Tupi-Guarani, referentes ao Tronco Tupi. (Chmyz et al. 2006, p. 5).

Tal levantamento, é, até o presente momento, o estudo mais completo acerca do tema dentro deste recorte. Há uma dificuldade de referências específicas sobre o modo de vida de grupos indígenas regionais, o que se consegue encontrar são relatos gerais e descritivos amplamente sobre os povos originários, por isso tal levantamento arqueológico ganha mais importância ainda. Não há menções de relações e usos da erva-mate destes três grupos nos estudos de Chmyz et al. (2006), porém se torna um pontapé inicial para melhor compreensão dos povos originários que habitavam este território.

O Kaingáng (também conhecidos como Coroados), segundo Chmyz et al. (2006), eram povos seminômades, que baseavam sua sobrevivência na pesca, caça e coleta, além de praticarem uma agricultura preambular. Ocupavam um território vasto, que ia da atual localização do estado de São Paulo, até Misiones, na Argentina. Especificamente no estado do Paraná, se estendiam pelos três planaltos, principalmente nos vales dos grandes rios, dentre eles o Iguaçu, que banha o atual território de São Mateus do Sul.

Chmyz et al. (2006) destacam que habitavam terrenos frios e altos, onde se encontravam matas mistas com araucárias e campos, a partir daí, coletavam pinhão, frutos e mel.

Já os Xokleng, também conhecidos como bugres, botocudos etc., apesar de pertencerem ao mesmo tronco lingüístico dos Kaingáng, segundo Chmyz et al. (2006),

mostram diferenças culturais em relação às organizações e rituais. Eram nômades e há uma série de relatos de ataques que esse grupo cometia às propriedades dos colonos e grupos tropeiros, durante suas passagens entre União da Vitória e São Mateus do Sul.

Eram grupos nômades e viviam do extrativismo e caça, apesar de também praticarem uma agricultura de autossustento (Chmyz et al. 2006). Tal fato, fez com que esse povo tivesse uma movimentação considerável pelo território, o que fez com que fossem encontrados em locais distantes da sua origem.

O extrativismo principal era de frutos e pinhão, sendo que a época de maior fartura era a da maturação da semente do pinheiro araucária. Eram guerreiros destemidos e corajosos, tendo habilidades para construções que priorizassem sua defesa contra ataques dos homens brancos.

Os Tupi-Guarani representavam o terceiro povo que habitava o território de São Mateus. Se estendendo desde o “[...] o antigo território do Guayrá, além do espaço situado entre os rios Tietê e Iguaçu e a região entre o rio Uruguai e a Lagoa dos Patos. Estavam, também, entre os rios Uruguai e Paraná, até o rio Miranda ao norte e, nas ilhas do rio Paraná até o rio Tigre, ao sul.” (Chmyz et al. 2006, p. 18).

Eram seminômades e praticavam a coleta e a caça. Chmyz et al. (2006) apontam que eram adeptos também da horticultura. Suas roças eram preparadas a partir do sistema de coivara, cultivavam principalmente o fumo, mandioca e milho.

Para Wachowicz (1988), a alimentação deste grupo era complementada com os frutos de coleta: raízes, larvas, jerivá, mel e erva-mate. Com destaque para este último, já que segundo o mesmo autor, foi o povo Tupi-Guarani que ensinou o europeu a utilização esta planta.

Berkai e Braga (2000, p. 13) pontuam que:

Os índios, não cultivavam a erva-mate, que tal como, eles próprios, nascia e crescia de forma silvestre e nativa, espontaneamente em nossa terra, propagada pelos pássaros, que alimentando-se da semente da erva-mate, encarregavam-se de seu plantio. E, como erva-mate encontrou em nosso solo as condições ideais, para seu pleno desenvolvimento até a idade do corte ou poda, que naquela época, não se dava em mais lapsos de tempo inferiores à trinta anos (uma taquara seca na contagem indígena).

A perspectiva extrativista da erva-mate foi a primeira maneira de exploração, que na comparação dos autores, tinham semelhanças entre a vida indígena e da planta de erva-mate. Outro elemento territorial interessante é a noção das temporalidades, como não possuía um apelo exclusivamente econômico, os

indígenas esperavam um tempo maior para fazer a poda. Os ritmos e intervalos de tempo se constituem de maneiras diferentes no território, de acordo com os sujeitos que fazem parte, das técnicas empregadas e dos objetivos almejados.

Nesse mesmo sentido, Lessa (2013) relata que os espanhóis ao entrarem em contato com os indígenas Guaranis, que povoavam a província do Guayrá⁷ no século XVI, além de surpresos com a hospitalidade e vitalidade destes, também ficaram curiosos com um hábito que era diferente de outros povos indígenas: O consumo generalizado de uma bebida, feita com certas folhas verdes e moídas, servida em um porongo pequeno, e ingerida através de um canudo de taquara, cuja base apresentava um trançado artesanal das fibras, o que impedia que os pedaços da planta fossem ingeridos juntamente com o líquido.

Ainda, Lessa (2013, p. 13-14) coloca que:

Indagados sobre a origem daquela bebida, responderam os índios, que o uso da “caá-i” havia sido originalmente exclusivo dos pajés, em suas práticas de magia; mas que, por ocasião de prolongada luta que os guairenhos tiveram de manter com uma tribo inimiga, os pajés decidiram estender aos guerreiros o benefício da bebida, transmitindo-lhes tal entusiasmo e vigor que dentro em breve a vitória era alcançada. Sobrevinda a paz, o uso da bebida continuou, pois todos logo se acostumavam a ela e careciam de seus efeitos estimulantes, fortalecedores do corpo e do espírito. Acresce notar que os índios não despendiam mínimo esforço para consegui-la, pois bastava tostar as folhas da “caá”, árvore que se encontrava aos milhares pelas selvas do Guaíra. E havia um fato interessante: aquele alimento era inesgotável, já que as árvores da “caá”, por mais que fossem cortadas, sempre renasceriam e dentro de três anos estariam novamente aptas para uma colheita abundante.

Dentro da análise territorial, existem inúmera formas de apropriações, claro que a apropriação da erva-mate variou e varia de grupo social para grupo social. Novamente, se pode perceber a questão das multidimensionalidades proposta por Saquet (2015), enquanto para os indígenas guaranis, a erva-mate era apropriada de uma maneira simbólica/cultural, para outros grupos, como os colonizadores espanhóis, ela teve um significado muito mais econômico.

Berkai e Braga (2000) ainda nos mostram que além de ingerir a erva-mate, os indígenas também a utilizavam como forma de compressa:

Os índios conheciam e usavam a erva-mate há centenas de anos, desde os primórdios de sua civilização, sendo inicialmente usada por pajés e caciques, que além de sorverem suas propriedades através do mate faziam uso das suas folhas esmagadas, para aplicação local, em feridas ou lesões, na forma de

⁷ Para saber mais sobre a província do Guayrá, consultar: PARELLADA, Claudia Inês. **A herança de um tesouro**: arqueologia da cidade colonial espanhola de Villa Rica del Espíritu Santo (1589-1632), Fênix, Paraná. Curitiba: SAMP, 2014. 321 p. Disponível em: <https://www.museuparanaense.pr.gov.br/sites/mupa/arquivos_restritos/files/documento/2020-09/ebook_a_heranca_de_um_tesouro.pdf>

compressas, para obterem uma rápida e perfeita cicatrização. A erva-mate, era conhecida como uma erva milagrosa, com poderes sobrenaturais, daí seu uso ser exclusivo de pajés e caciques (Berkai; Braga, 2000, p. 14, grifos nossos).

Novamente aparece o uso simbólico/cultural da erva-mate por parte dos indígenas, alcançando praticamente um valor sobrenatural, como os próprios autores colocam na passagem anterior, com os pontos de destaque grifados por nós. Berkai e Braga (2000) também concordam com Lessa (2013), quando colocam que inicialmente a erva-mate era de uso exclusivo dos pajés, com os primeiros autores citando também os caciques. Com propriedades curativas e revitalizantes, a erva-mate se torna um símbolo para os indígenas locais, tanto que posteriormente, o uso foi liberado para todos os membros das tribos:

Com o passar do tempo, dado a necessidade de estimularem seus guerreiros, tanto para à caça, quanto para à guerra, algumas tribos passaram a liberar o uso da erva-mate, de maneira generalizada, para toda a tribo, o que tornou seus membros diferenciados das demais tribos, eis que, passaram à ser mais alegres, ágeis e muito mais fortes, estimulados e nutridos pelas propriedades nutricionais e terapêuticas da erva-mate. Em desvantagem, as demais tribos, passaram gradativamente liberar o uso da erva-mate à todos os seus integrantes, que se tornavam mais alegres e dispostos com o uso da “caá” (erva-mate em Guarani) (Berkai; Braga, 2000, p. 14).

Como podemos perceber até aqui, na apropriação territorial da erva-mate pelos indígenas, não tinha predominância do sentido econômico, este só iria predominar de fato a partir da chegada dos colonizadores europeus. Outro elemento que deve ser destacado é o fato de os indígenas não hesitarem em apresentar e ensinar os colonizadores a consumirem erva-mate. Neste sentido, houve uma mudança no sentido principal da apropriação territorial.

As conflitualidades territoriais seguem sendo premissas importantes para a compreensão de suas configurações. De acordo com isso, Lessa (2013) relata que com a expansão da influência da Coroa Portuguesa, a partir das Entradas e Bandeiras, os bandeirantes tiveram contato com a erva-mate e sua utilidade pelos indígenas, onde hoje é território paranaense. Houve a mesma curiosidade e interesse que ocorreram com os espanhóis, inclusive levando a novidade em sua carga de retorno. Com o alargamento do território português para o oeste do Brasil, os expedicionários tiveram contato com o território do atual Mato Grosso, onde tiveram contato com mais erva-mate, a qual os indígenas locais chamavam de “congôin”, (o que alimenta, na língua Tupi). E foi com a alcunha de “congonha” que, inicialmente, o mate se popularizou entre os brasileiros (Lessa, 2013).

Outro fato que comprova a importância simbólica da erva-mate para os indígenas, sobretudo os Guaranis, é a existência e relato de uma lenda acerca da erva-mate que é popular entre eles:

Os guaranis acreditavam ser a “caá” um presente dos deuses e, que daí advinham seus princípios milagrosos, segundo uma lenda indígena, pré-colombiana, a origem da erva-mate ou “caá” é obra e graça de Tupã (Deus supremo, representado pelo Sol), que como doação, entregou esta, aos pajés (feiticeiros da tribo), para que transmitissem seus poderes milagrosos, à seus filhos membros da grande império guarani. Eis, que fora, igualmente, Tupã, que ordenou a Caá-Yari, a Deus dos ervais e dos ervateiros, que fosse revelado aos pajés as propriedades milagrosas da caá, para que, os guaranis pudessem se beneficiar, tanto na guerra, como na caça e em suas atividades do cotidiano (Berkai; Braga, 2000, p. 14).

Tal lenda se popularizou como símbolo da erva-mate para os indígenas e pode ser vista como um exemplo da apropriação cultural do território dos ervateiros a partir deste elemento. Esta simbologia traz novamente o valor de uso que as primeiras nações da América do Sul aplicavam não só à erva-mate, mas a uma série de outras plantas, demonstrando sua gratidão a natureza e que essa era mais do que suficiente para seu sustento e sobrevivência.

Linhares (1969) é categórico ao afirmar que a “América nasceu bebendo mate”, e que apesar da erva-mate nascer naturalmente em alguns territórios deste continente, encontraram vestígios em áreas que não possuíam ervais nativos. Para este autor, existia um ativo comércio de erva-mate entre os povos indígenas, sendo que o transporte era realizado por milhares de quilômetros, através de caminhos difíceis e tortuosos, e que chegavam até a atravessar os Andes para chegar ao Peru, Bolívia e Chile. Ainda nessa mesma ideia, Linhares (1969) coloca que em Lima, no Peru, quando os colonizadores chegaram, já era bastante conhecido o consumo da “erva do Paraguai”, citado até como vício elegante, já que até as damas e mulheres da Corte ali instaurada, consumiam a bebida.

Esse é o primeiro relato encontrado que traz uma apropriação territorial com viés econômico por parte dos indígenas locais, o fato de comercializarem a erva-mate e outros elementos com indígenas andinos, mostra que esse recurso também era uma oportunidade de troca para os indígenas locais. Entendendo como era feito o comércio naquela época, com a não existência do dinheiro, o sentido mesmo que econômico, tinha muito mais valor de uso do que hoje. Também cabe destacar que o fato de ter um sentido econômico, não anula ou se torna mais importante que o sentido da

apropriação cultural, já que o significado da erva-mate e da floresta de araucária de maneira geral, sempre foi de vital importância para os povos indígenas locais.

Pela visão europeia, sobretudo espanhola, a erva-mate tinha se tornado um vício descontrolado entre os indígenas, e houve inúmeras tentativas de proibição do seu consumo, em uma tentativa de combate que foi feita com o álcool, algum tempo depois (Linhares, 1969). Existem relatos em Berkai e Braga (2000), inclusive, de que alguns jesuítas chamaram a erva-mate de erva do diabo. Aqui se pode perceber uma conflitualidade territorial exponencial, a tentativa de proibição pode ser explicada primeiro pela disputa do poder, os espanhóis acreditavam que os indígenas não seriam controlados facilmente se ingerissem a erva-mate regularmente. Segundo, era algo que fugia do controle espanhol, uma planta nativa da América que era consumida por nativos locais, para apropriação territorial exploratória que os espanhóis e portugueses impuseram, isso era uma dificuldade.

Existem algumas lacunas e dificuldades para relacionar o uso da erva-mate pelos indígenas que habitavam o território de São Mateus do Sul. Apesar dos relatos da existência de Guaranis nesse território e da existência nativa da erva-mate, são raras as pesquisas que traçam essa relação diretamente. Muito provavelmente, os Kaingáng⁸ também faziam uso da erva-mate, já que habitavam este território onde a planta é nativa. Porém, os relatos se referem muito mais aos guaranis.

O segundo problema, como já abordado aqui, é o fato de que não há possibilidades de compreender o modo de vida das populações nativas locais e suas relações com a erva-mate a partir da divisão política e territorial oficial que se estabelece hoje, pois as fronteiras indígenas eram diferentes daquelas construídas politicamente a partir da colonização.

Também não se pode cair numa romantização do uso da erva-mate pelos indígenas locais, a partir da constatação que eles foram os pioneiros no uso desta planta. Por um lado, existe um saudosismo pelos relatos que trazem este tema, até por se tratar inicialmente, de uma planta utilizada para rituais dos mais variados perfis, até a existência das lendas contadas até hoje. Por outro, existem formas de apropriações que podem diminuir a importância indígena para o uso da erva-mate, como os discursos que levam o chimarrão como algo pertencente exclusivamente à cultura do Rio Grande do Sul. Ao analisar relatos históricos e a área de abrangência

⁸ Ver em: LUZ, Moisés da. **Carijos e barbaquás no Rio Grande do Sul**: resistência camponesa e conservação ambiental no âmbito da fabricação artesanal da erva-mate. Porto Alegre: 2011.

da planta nativa erva-mate, se pode entender como o Paraná e seus diferentes sujeitos ganham destaque.

Como terceiro ponto, destacamos o massacre e escravização indígena que houve com o processo colonizador. Apesar de estarem em busca de ouro e prata principalmente, a erva-mate se tornou uma riqueza significativa aos olhos dos colonizadores, o que causou enormes prejuízos aos povos nativos e à vegetação. Como ocorre em toda a história oficial brasileira, há uma intencionalidade de apagamento territorial dos povos originários a partir da perspectiva da história “oficial”.

Por último, no que diz respeito aos indígenas que habitavam o território onde hoje é São Mateus do Sul e sua relação com a erva-mate, há uma evidente necessidade de pesquisas a partir das evidências locais.⁹

3.3 TERRITÓRIO DOS ERVATEIROS: TEMPORALIDADES E DINÂMICAS A PARTIR DE OUTROS SUJEITOS

Para Saquet (2011), os sujeitos interagem, principalmente a partir dos aspectos econômico e cultural, e são justamente tais relações que se condicionam e que conformam a territorialidade ou as territorialidades. Portanto, é de suma importância analisar quais são os sujeitos que formaram e formam o território, bem como compreender as relações entre si, e como tais relações interferem na construção territorial. Até aqui se percebeu como os indígenas locais foram os pioneiros das territorialidades ervateiras, o que se pretende então a partir de agora é perceber a influência de outros sujeitos e como as relações entre eles construíram novas territorialidades.

Compreendendo as territorialidades como “todas as relações sociais efetivadas pelos sujeitos entre si e com o espaço de vida; é marcada por elementos de mudanças e processos no movimento da territorialização que, por sua vez, gera o território (Saquet, 2011, p. 46)”. A chegada de imigrantes, principalmente alemães e poloneses, levou o território dos ervateiros, que até então era apenas indígena e caboclo, para uma dinâmica territorial, não apenas na visão socioeconômica, mas também teve impacto na relação com a erva-mate como parte do cotidiano, tanto a

⁹ Não é o objetivo principal da presente pesquisa, uma vez que a partir dela os sujeitos, ações e objetos do território são analisados como parte da conjuntura territorial. Porém, essa é uma das maiores lacunas que merecem maior atenção.

planta nativa, quanto as diferentes formas de consumo e beneficiamento, por mais simplórios que fossem.

Farah (2012) aponta que os caboclos ou mamelucos (descendentes de portugueses e espanhóis, miscigenados com indígenas), em terras de colonização eslava, são chamados de brasileiros. Portanto, em 1850, já existiam registros de propriedade de terras por famílias consideradas brasileiras. Mansur (1932) lista, dentre outros, os seguintes sobrenomes: Da Luz, Faria, Gomes da Silva, Firmino, Pacheco, Lima, Guimarães, Nepomuceno, Bueno etc.

Também existiam alemães, com destaque para Rudolpho Wolff, que segundo Mansur (1932), desembarcou em território são-mateuense juntamente com sua família, e como agrimensor, foi responsável pela medição e demarcação das primeiras ruas do município. Ainda, segundo Mansur (1932), Wolff tinha como objetivo principal a busca por petróleo no recém conhecido território.

A erva-mate já tinha importância comercial e econômica no estado do Paraná, pois segundo Farah (2012), em Paranaguá, em 1820, já havia a primeira fábrica beneficiadora da erva, montada pelo argentino Don Francisco Alzagaray. O preparo da erva-mate era bem rústico, havendo apenas o cancheamento¹⁰. Posteriormente, Farah (2012, p. 122) aponta que:

Da economia ervateira de Paranaguá originaram-se os ilustres paranaenses Manoel Antonio Guimarães – o Visconde de Nacar, e Ildefonso Pereira Correia – o Barão de Cerro Azul. O primeiro fundou, em 1830, a empresa Guimarães & Cia, considerada uma das mais antigas do Brasil, com ênfase nos negócios ervateiros. O Barão do Cerro Azul fundou a fábrica Tibagy, no bairro Batel, em 1878, imprimindo sua marca pelas inovações tecnológicas para o beneficiamento da erva-mate.

Corroborando com as afirmações acima, Costa (1995) coloca que Ildefonso introduziu peneiras, compressores mecânicos, trituradores e o motor a vapor, no beneficiamento da erva-mate. A criação de uma “elite paranaense do mate” levou a apropriação territorial da erva-mate para um outro patamar, já que a dimensão econômica passa a conflitar com a dimensão simbólica em muitos casos. É possível notar também, que ao iniciar pelo litoral, o beneficiamento da erva-mate foi se interiorizando, até chegar nas proximidades da capital.

¹⁰ Ver o significado de cancheamento em:

<

Segundo Lazier (2003), no início do século XIX, com exceção do litoral e Campos Gerais, o estado do Paraná era um vazio demográfico¹¹. Neste mesmo sentido, Wachowicz (1988) destaca que devido à tensão das relações entre Argentina e Brasil, no último quarto do século XIX, o Império brasileiro funda duas colônias militares: Chapecó e Chopim. Ambas na época faziam parte do território paranaense¹², nos atuais campos de Palmas, e necessitavam de uma ligação com as partes mais povoadas do país, portanto através da navegação a vapor do rio Iguaçu, que ligava União da Vitória até Porto Amazonas, bem como a construção da ferrovia Porto Amazonas-Curitiba e Curitiba-litoral, traçava-se uma estratégia de comunicação e fluxo.

Porém, para Wachowicz (1988), de Porto Amazonas até União da Vitória, território que compreende o Vale Médio do Iguaçu, não existiam centros populacionais. A navegação a vapor ocorria em um recorte recoberto por matas nativas e praticamente despovoado, apenas com o início do ciclo da navegação é que iniciou a exploração da erva-mate.

Para povoar o vale, iniciou-se a partir de 1890 a localização de imigrantes. As colônias foram colocadas de preferência na margem direita do rio, visto que a margem esquerda estava em disputa com a vizinha província de Santa Catarina. Surgiram então as colônias de S. Mateus (1890), Água Branca (1891), Sta. Bárbara (1891), Palmira (1891), Rio Claro (1891), Eufrosina (1892), General Carneiro (1892), Canta Galo (1892), Antônio Olinto (1895), Prudentópolis (1896) e Mallet (1896) (Wachowicz, 1988, p. 149-150, grifos nossos).

Os grifos no texto acima se referem às comunidades que atualmente integram o território de São Mateus do Sul. Havia ainda, um incentivo do governo brasileiro para o estabelecimento de imigrantes europeus no Brasil, sobretudo na Polônia. Wachowicz (1970, p. 31) escreveu o seguinte:

Espalharam-se artigos, livretos, brochuras, comunicados etc., sobre as condições oferecidas pelo Brasil. Tal propaganda não tardou em cair em excessos lamentáveis, explorando eficientemente a psicologia do camponês. O Brasil passou a ser apresentado como continuação do paraíso bíblico, terra onde corria leite e mel. A fertilidade do solo era apresentada como espantosa. Os frutos tropicais como laranjas, abacaxis, bananas etc., tidas então na Europa como acessíveis apenas aos ricos, eram apresentadas em tamanho fora do normal e colhidas no Brasil numa profusão tal, que era possível alimentar-se somente com ela durante o ano inteiro. A tropicalidade do clima brasileiro era por sua vez apresentada como fator de economia, pois dispensava os pesados e caros agasalhos europeus usados durante o inverno.

¹¹ Não concordamos com o termo vazio demográfico, pois como já demonstramos, este recorte já era habitado por povos indígenas e caboclos.

¹² O território onde se localizava a Colônia Chapecó atualmente pertence ao estado de Santa Catarina.

Tal incentivo e propaganda, somou-se à instabilidade política que a Polônia sofria nessa época, resultou numa saída em massa de poloneses para o Brasil (Wachowicz, 1970). Parte desses imigrantes se instalaram em São Mateus do Sul e apesar do atraso ou negligência do governo paranaense em cumprir as promessas feitas¹³, tiveram uma influência grande na composição territorial local.

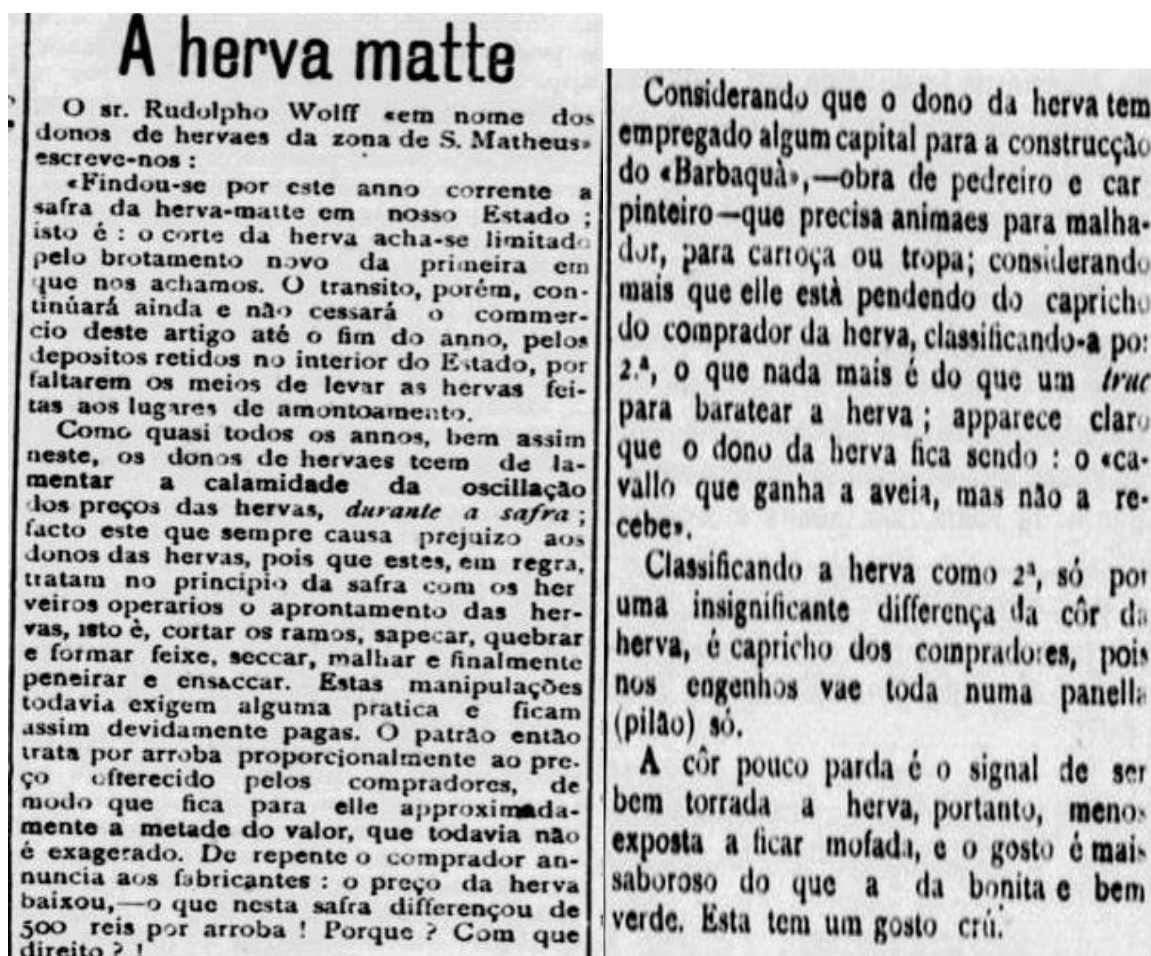
A chegada de imigrantes, além de aumentar a força de trabalho na erva-mate, também trouxe outras dinâmicas relacionais, modificando o território dos ervateiros. Riesemberg (1973) coloca que a primeira Colônia fundada no Vale do Iguaçu foi a Maria Augusta, que mais tarde passaria a se chamar São Mateus: fundada em 1890, era composta por 245 lotes rurais e 78 lotes urbanos. O mesmo autor coloca que não foi possível de cravar o número exato de habitantes, mas a julgar pelo número de lotes, não era baixo. Em poucos anos, São Mateus se tornou o maior núcleo de produção no Vale do Iguaçu. Tal fato é comprovado quando Riesemberg (1973) analisa os textos em “Corografia do Paraná”, escrita por Sebastião Paraná em 1899, onde o autor coloca que São Mateus é o maior centro exportador de erva-mate do Vale do Iguaçu, escoando mais de 200 mil arrobas de mate todos os anos, via porto fluvial do Iguaçu.

Ao descrever o modo de vida da população local, Riesemberg (1973) expõe que os habitantes plantavam feijão, centeio e milho, porém sua dedicavam mais à cultura do mate do que às lavouras. Em comparação ao crescimento da produção e exportação da erva-mate, o recenseamento de 1920 já aponta que o principal produto de São Mateus continuava sendo a erva-mate, só que agora com 400 mil arrobas anuais.

Rudolpho Wolff foi um dos pioneiros na exploração econômica da erva-mate em São Mateus do Sul. No ano de 1909, inconformado com o preço pago aos produtores de erva-mate, em um texto escrito e publicado no jornal Diário da Tarde, de Curitiba, conclamou uma greve aos produtores, até a situação ser resolvida.

¹³ Ver o Volume I dos Anais da Comunidade Brasileiro Polonesa (1970). Disponível em: < <https://www.ufrgs.br/biblioestudoseticos/wp-content/uploads/2014/04/Anais-da-Comunidade-Brasileiro-Polonesa-Vol-I.pdf> > Acesso em 09 jan. 2024.

Figura 2 – Parte 1 das considerações de Rudolpho Wolff acerca do preço pago aos produtores de erva-mate de São Mateus

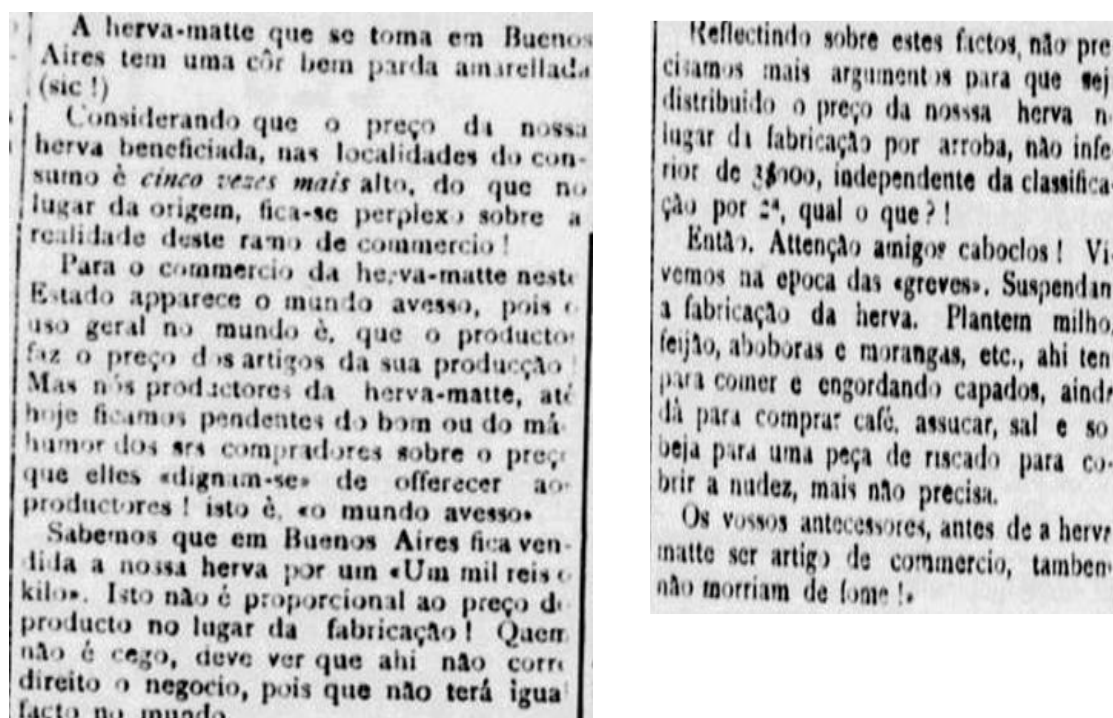


Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira – Jornal Diário da Tarde (28 de outubro de 1909).

A partir dos referidos recortes, é possível perceber alguns elementos territoriais importantes: a) a liderança social de Wolff, já que escreve para um jornal de circulação estadual, em nome dos produtores de erva-mate de São Mateus; b) o processo de beneficiamento da erva-mate, descrito como cortar, sapecar, quebrar, formar feixes, secar, malhar, peneirar e ensacar, bem como a infraestrutura alocada, no caso o barbaquá, que era a principal construção para beneficiamento da erva-mate na época; c) por último, a relação entre produtor e indústria, principalmente no que diz respeito à classificação e precificação. São formas diferentes de apropriação e diferentes formas de apropriações podem ser vistas, da erva-mate como recurso econômico, diferente da apropriação apenas de uso.

Já na continuação deste mesmo texto, Wolff ainda coloca que:

Figura 3 – Parte 2 das considerações de Rudolpho Wolff acerca do preço pago aos produtores de erva-mate de São Mateus



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira – Jornal Diário da Tarde, Curitiba, p. 1 (28 de outubro de 1909).

Na parte final do texto de Wolff, é possível perceber as diferentes formas de gosto de consumo da erva-mate para chimarrão, já que em países como Uruguai e Argentina, é comum consumir a erva-mate “descansada”, que se torna mais amarelada. Novamente se retoma a questão do preço pago ao produtor, por parte dos compradores, principalmente no que diz respeito à oscilação e incerteza composta nesta cultura. Por outro lado, também se pode notar a referência de Wolff aos outros produtores de erva-mate (caboclos), conhecidos também como brasileiros. Por fim, ele propõe uma “greve” ao substituir a cultura da erva-mate por outros produtos de autoconsumo e comércio, o que dá a entender que faria uma pressão nos compradores, através de uma tentativa de aumento do preço pago ao produtor.

Nota-se ainda a referência que ele faz à erva-mate, alegando que os antecessores dos outros produtores sobreviviam antes da erva-mate ser artigo comercial. Ou seja, a apropriação do território dos ervateiros ganha uma outra dinâmica após a chegada dos imigrantes europeus, sobretudo alemães e poloneses. Fica claro que apesar da intenção inicial de Wolff, ao chegar em território

sãomateuense era explorar o xisto existente neste solo, porém não demorou muito para se tornar ervateiro e agricultor.

Já em relação aos poloneses e sua relação com o território dos ervateiros, se pode encontrar em Wachowicz (1984) algumas passagens que retratam este processo. Inicialmente, o autor descreve que a densidade da floresta de araucárias atraiu e ao mesmo tempo amedrontou os imigrantes, já que tão vasta era a imensidão.

Coloca também que a relação dos brasileiros com a vegetação era muito estreita, já que a floresta alimentava homens e outros animais, como cavalos e porcos. As árvores frutíferas (jabuticabeira, guabirobeira, ariticum, cerejeira, pitangueira etc.), o pinheiro, imbuia e palmeiras, além das ervas medicinais, forneciam boa parte da qualidade de vida dos caboclos.

A fascinante floresta preocupou-se grandemente com a alimentação dos caboclos. Escolheu dentre eles os “milagrosos” feiticeiros, chamados curandeiros, que conheciam as frutas, raízes e ervas medicinais. Se não fossem os curandeiros, não existiria a valente caboclada, que lança mão da faca, do revólver com a mesma facilidade que oferece o último punhado de feijão para repartir com os imigrantes – ou estende a mão direita para o hospitaleiro banquinho tripé – abençoando: bem-vindos sejam! – Tenham a bondade de sentar-se (Wachowicz, 1984, p. 14).

Parte da relação entre caboclos e imigrantes poloneses em São Mateus do Sul está expressa na referência anterior. Inicialmente, as conflitualidades oscilavam entre parceria e disputas, o caboclo, na visão do imigrante, tinha um modo de vida muito diferente do que o polonês estava habituado. A erva-mate ainda não está explícita no texto, porém ao se referir à floresta de araucárias, implicitamente já se pensa nesta planta, já que é nativa do território.

A partir disto, também é possível nota as diferentes relações entre o território e os sujeitos:

Os poloneses trouxeram para cá problemas e necessidades vitais diferentes dos que tinham os nativos. Para os nativos era suficiente um simples rancho, com uma ou duas panelas sobre o fogo, no meio da cozinha sem soalho nem janelas com vidraças. Num canto um monte de milho cercado com arte, um cesto de feijão, um pedaço de carne seca, a sela, o laço, o chicote e a mulher com dedicação de escrava, juntamente com os filhos numa esteira estendida de piri. O peso do trabalho doméstico recaía sobre a mulher, a exemplo dos índios. O marido trabalhava na roça esporadicamente. A erva-mate fornecia-lhe moedas suficientes para compra de armas e machadinhas. Passava a maior parte do tempo em viagens, tocando burros de carga, jogando cachola ou bebendo pinga de Morretes. Enquanto que os poloneses tinham exigências vitais inteiramente diversas. Para eles eram indispensáveis boas moradias, com janelas envidraçadas, estradas com pontes, escolas particulares, igrejas, reservas de dinheiro e de alimentos para o ano todo. Em casa tinha que haver abundância: na estrebaria vacas leiteiras, cavalos, carroça, louça para uso diário e serviço de reserva para os hóspedes, no

quarto camas com cobertas de pena e cobertas de reserva, jornais e flores na mesa (Wachowicz, 1984, p. 14, grifos nossos).

Independente do comparativo entre os modos de vida, a passagem anterior expõe o contraste, conflitualidades e dinâmicas na conformação do território dos ervateiros. Ao chegar em um território novo, os imigrantes influenciam e são influenciados. Percebemos que enquanto o caboclo tinha no extrativismo sua principal forma de sobrevivência. Já o imigrante, até pelo seu modo de vida na Europa, era muito mais dependente da agricultura, daí vem a lógica da segurança do estoque e do acúmulo, visto que a agricultura possui uma oscilação muito maior em relação à produtividade que o extrativismo.

Evidentemente que esta é a visão de um polonês acerca dos caboclos, portanto, assim como na conformação territorial, os relatos apresentam intencionalidades, subjetividades e visões de mundo. Porém, acreditamos que se torna uma análise importante, já que não foram encontrados relatos do modo de vida caboclo escrito pelos próprios sujeitos. Outro ponto de destaque é que, pela primeira vez neste relato, a relação da erva-mate com o caboclo aparece, sendo possível perceber que o caboclo nunca pensou na erva-mate como um recurso para enriquecimento, apenas como mais uma planta da vegetação nativa, que poderia ser consumida, bem como vendida para sanar algumas outras necessidades do cotidiano, já que as armas eram utilizadas na lida do dia a dia.

Desde os indígenas, o significado e a apropriação territorial da erva-mate vêm mudando bastante. O que se percebe é uma valorização através da perspectiva econômica e não mais apenas de uso, mas sim de troca, através da sua precificação.

Portanto, Wachowicz (1984, p. 18) explica como e porque os poloneses se relacionaram com a erva-mate em São Mateus do Sul: “[...] os imigrantes levaram a erva ao seu maior florescimento, ao período áureo. Começaram a amá-la, a cuidar dela, porque dava lucro.” Para tanto, a lógica extrativista não foi a preferida pelos imigrantes, mas sim a agrícola, onde é possível adensar e aumentar a produção, bem como os lucros.

Ainda, é possível perceber o trato do imigrante para com a erva-mate:

A espessa vegetação da mata era cortada com foices, muitas vezes a própria erva era cortada em parte, porque crescia compacta demais, ou em época de chuva era replantada. Ou novamente eram desenterrados com a ponta da foice os novos brotos que nasciam, e a erva enfraquecida começava a reviver. Os melhores “semeadores” de erva eram as gralhas e os jacus (Wachowicz, 1984. p. 18).

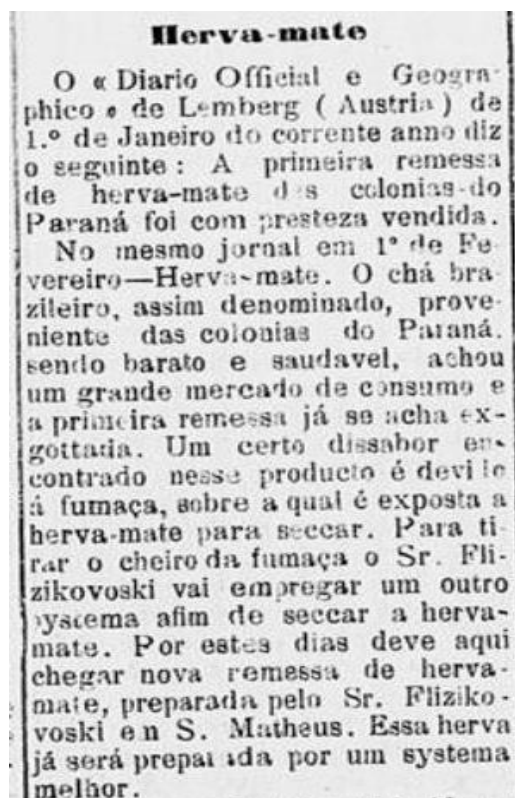
A influência da erva-mate no modo de vida dos poloneses em São Mateus do Sul foi tanta, que mesmo os produtos agrícolas tradicionais, em determinado momento, foram levados para segundo plano em detrimento da erva-mate e da madeira. Por outro lado, também é possível notar uma influência dos imigrantes poloneses e alemães na produção local da erva-mate, principalmente no que diz respeito ao aumento da produção, como já mostrado na presente pesquisa. Fato que é praticamente natural, já que a dimensão territorial econômica ganha destaque a partir da imigração.

Os produtos da lavoura eram vendidos quase de graça, porque os centros de consumo ficavam muito distantes. O transporte e os numerosos transbordos da mercadoria muitas vezes consumiam o valor do produto. Muitas vezes os comerciantes, em vez de ter lucro, pagavam para levar os produtos da lavoura ao mercado de consumo. Os comerciantes não se preocupavam muito com o comércio de cereais. O colono plantava apenas para o consumo próprio, sustentava-se principalmente com a madeira e a erva-mate (Wachowicz, 1984, p. 18).

O transporte era realizado através de vapores no rio Iguaçu, e os maiores centros de consumo paranaenses da época situavam-se na região de Curitiba e litoral. Interessante notar que a adaptação dos imigrantes ao território dos ervateiros, teve que ocorrer além do clima, solo e vegetação diferentes da Polônia, mas também a questão econômica foi totalmente modificada devido à localização geográfica e a realidade socioeconômica encontrada no novo território. As territorialidades impressas a partir da chegada dos imigrantes passa a constituir um híbrido do modo de vida, trabalho e crenças que os imigrantes tinham, com estes mesmos elementos característicos dos brasileiros. Por isso é possível perceber tais marcas no território, tanto de modificações quanto de permanências.

A tentativa de maximizar os lucros estava condizendo com a realidade vivida pelos sujeitos do território dos ervateiros em São Mateus do Sul, portanto a partir da busca por novos mercados, um dos imigrantes poloneses, chamado João Onofre Flizikowski, fez a primeira exportação de erva-mate de São Mateus do Sul para a Europa, a aceitação dos consumidores foi boa e o lote não demorou esgotar, porém o forte cheiro da fumaça que o produto apresentava, por conta do processo de secagem, deixou um asterisco para as próximas vendas:

Figura 4 – Notícia da exportação de erva-mate para o continente europeu – 1897



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira – Jornal A República, Curitiba, p. 1 (29 de maio de 1897).

As territorialidades impressas pelos poloneses podem ser vistas, inclusive além de sua localização atual de moradia. Provavelmente, essa remessa de erva-mate foi uma das primeiras que a Europa teve contato, depois da tentativa espanhola de exportação. Além de buscar uma fonte maior de lucro, é também uma apropriação simbólica, que demonstra uma tentativa de levar aos seus conterrâneos, um pouco do que se produzia e vivenciava em sua nova realidade.

Cruz Cesar (1952) citado por Costa (1995) argumenta que a exportação espanhola da erva-mate brasileira e paranaense para a Europa não teve muito sucesso por conta de alguns fatores, dentre eles o fato de o café ter chegado antes neste continente, o que tomou espaço de consumo. O segundo ponto é a influência inglesa, já que o país comercializava o chá indiano que produzia nas colônias, portanto não queria a concorrência do chá de erva-mate.

No que diz respeito a reclamação do cheiro da fumaça, Riesemberg (1973) coloca que esse era um problema que atingia a erva-mate no estado do Paraná como um todo, e que inclusive prejudicava as exportações de maneira geral.

Tirar daquela bebida o pronunciado sabor de fumaça tão sensível e não pouco repugnante a quem prova dela a primeira vez, deve constituir o máximo empenho de interessados na propagação desse produto e na aquisição de novos mercados (Riesemberg, 1973, p. 66-67).

Nesse sentido, os maiores consumidores sul-americanos preferiam a erva-mate produzida no Paraguai e Rio Grande do Sul. Ao analisar o Relatório da Exposição Nacional de 1861 e 146 dos Elementos Estatísticos, escrito por Sebastião Ferreira Soares, Riesemberg (1973) coloca que o secretário da exposição, ao comparar as ervas paraguaia e riograndense, alega que a gaúcha não perde em nada para a vinda do Paraguai, que na época era de extrema qualidade. Já ao se referir a paranaense, recomenda no Paraná fossem feitas melhorias, principalmente no soque e torrefação, que o Rio Grande do Sul já tinha realizado. Outro elemento de destaque ainda, era uma possível adulteração/falsificação na erva paranaense, com resquícios de outras plantas, como caúna, congonhinha e até orelha d'anta.

Apesar de nessa época, São Mateus do Sul ainda não estar totalmente integrado ao mercado de exportação da erva-mate, mais de cinquenta anos depois, quando o território sãomateuense já era um dos maiores produtores do Paraná, um imigrante alemão, chamado de Arnaldo Prohmann, que morava em São Mateus do Sul, apresenta uma possível solução para o cheiro da fumaça: o sapecador, em 1916. Fato que foi acompanhado com curiosidade por muitos produtores de erva-mate em São Mateus do Sul. Buscando aumentar a qualidade e melhorar o cheiro e sabor, a invenção foi noticiada pelo Jornal a República da seguinte maneira:

Figura 5 – Notícia da invenção do sapecador de Arnoldo Prohmann – 1916



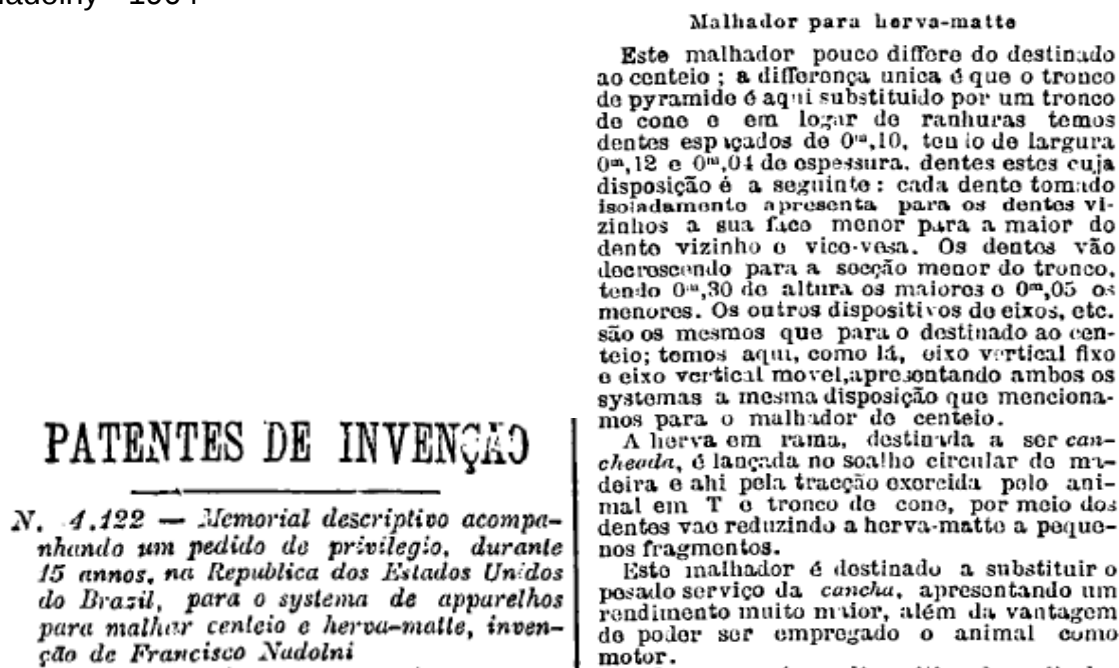
Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira - Jornal A República, Curitiba, p. 2 (25 de abril de 1916).

Tanto Alemanha, quanto Polônia, já tinham experimentado uma forma de industrialização antes que o Brasil. Portanto, o convívio com equipamentos e máquinas, mesmo que simples e racionais, já era mais comum para estes imigrantes, fato que sem dúvidas colaborou para as modificações do processo produtivo em território brasileiro. A ideia principal dessa natureza de invenção era maximizar a chegada do calor sem a passagem da fumaça para o ambiente em que a erva-mate estava acondicionada.

Além de enxergarem na navegação do rio Iguaçu, uma oportunidade interessante para levar a erva-mate e madeira, e trazer outros suprimentos de carência no território, os imigrantes também perceberam que vender a erva-mate já beneficiada era mais rentável do que vender em folhas. O beneficiamento consistia

basicamente em sapecar, secar, moer malhar e embalar a erva-mate. Portanto, um imigrante polonês chamado Francisco Nadolny, inventou o primeiro “malhador de erva-mate”, segundo o registro da patente a seguir:

Figura 6 – Pedido de patente de invenção do malhador da erva-mate por Francisco Nadolny - 1904



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira - Diário Oficial de 20 de agosto de 1904.

Tal pedido de patente, provavelmente foi o primeiro pedido de um imigrante polonês no Brasil. Além de facilitar o trabalho, há uma otimização no uso do tempo, bem como o aumento de produtividade. Porém, não foi apenas no beneficiamento da erva-mate que os imigrantes poloneses se dedicaram, existem relatos também, da lucratividade de produzir barricas para o transporte deste produto:

A erva mate (Yerba em espanhol) agora é embalada em barris ou costurado em alforjes de couro e enviado para Montevideu ou Buenos Aires. A erva curitibana é muito apreciada pelos amantes desta especialidade, que discutiremos com mais detalhes na Argentina. Fazer barris de erva por um mil e meio de réis cada é uma especialidade dos colonos poloneses da região. O barril inteiro comporta 8 arrobas (120 quilos), meio barril - 4 arrobas; 1/4 barril - 3 arrobas. O Paraná é o estado que mais exporta erva-mate, cerca de 25 milhões de quilos por ano (Siemiradzki, 1894, tradução de Gerson Cesar Souza, p. 53-54).

A citação anterior faz parte de uma publicação que analisa o envolvimento dos imigrantes poloneses no Paraná de uma maneira geral, por isso cita como erva curitibana, porém a maior parte da produção que passava por Curitiba, vinha do interior do estado, principalmente São Mateus do Sul. Novamente dá para perceber a característica exportadora da erva-mate, principalmente para os países do sul da América do Sul, o que, devido à distância e tempo de deslocamento, exigia uma

espécie de embalagem que protegesse contra as intempéries e impactos que pudessem ocorrer durante a viagem.

Em relação ao território dos ervateiros, em São Mateus do Sul, a mesma publicação faz um relato da então Colônia São Matheus:

No total, de acordo com a nacionalidade, são 228 famílias polacas, 14 espanholas, 19 alemãs e 18 cabocos brasileiras no grupo colonial de S. Matheus, que anteriormente aqui se estabeleceram e possuíam matas de erva-mate, ou ervais (Siemiradzki, 1894, tradução de Gerson Cesar Souza, p. 77-78).

Se pode perceber, até aqui, que a presença polonesa foi e é marcante no território sãomateuense, não apenas em quantidade, mas também em impressões de dinâmicas territoriais. Segundo Siemiradzki (1894), São Mateus era dividido em quatro principais núcleos coloniais:

Quatro estradas largas e convenientes irradiam da cidade para a floresta, passando pelo centro de quatro colônias polonesas: Tacuaral (núcleo Dr. Carvalho), Canoas (núcleo Saporski); Cachoeras (núcleo Villeroy) e Y-guassu (núcleo Comendador Costa), termo polonizado pelos colonos como "Iglaszów" (Siemiradzki, 1894, tradução de Gerson Cesar Souza, p. 77-78).

A infraestrutura, mesmo que ainda precária, era feita para facilitar a circulação de pessoas e produtos. A erva-mate era encontrada em boa parte das propriedades dos núcleos coloniais, e como precisava se deslocar até o porto de São Mateus, era vital uma infraestrutura condizente. Apesar do número muito maior de famílias polonesas, se podia notar a influência de outros grupos sociais também, inclusive na forma como os poloneses aprenderam a consumir a erva-mate com os "brasileiros":

Eles preparam o chá em potes de cabaça, chamados de "kuja", muitas vezes decorados com esculturas e/ou estatuetas queimadas, o nome do proprietário, etc. O chá feito com água quente é bebido em cachimbos, geralmente de prata, com passador na ponta. Esse tubo é chamado de "bomba". O costume brasileiro exige que a primeira infusão seja bebida pelo anfitrião da casa, depois o copo é enchido novamente e servido um a um aos presentes, e a fila se repete muitas vezes (Chrostowski, 1922, tradução de Gerson Cesar Souza, p. 46).

Desse modo, é possível perceber uma apropriação territorial que está mais ligada ao aspecto cultural do que o econômico, porque além de conhecer uma planta nunca vista na vida, os poloneses também aprenderam uma das maneiras de consumir as folhas dessa planta. O que posteriormente foi se tornando um hábito também entre os imigrantes

No que diz respeito ainda à frequência e crença do consumo da erva-mate, se tem que:

Os paranaenses estão tão acostumados com essa bebida, chamada "chimarão", que ninguém sai de casa antes de esvaziar alguns kuj; da mesma

forma, ao retornar, todos começam a trabalhar no chimaron. Se um convidado chega à casa, um kuja aparece imediatamente no palco. Eles costumam afirmar, e eu concordo um pouco, que beber Mathe elimina a fadiga e acrescenta energia e força (Chrostowski, 1922, tradução de Gerson Cesar Souza, p. 47).

A crença da revitalização causada pelo mate, que já era dos indígenas, foi passando pelos outros sujeitos e ainda se pode perceber na atualidade. Os próprios imigrantes poloneses nas primeiras vezes que provaram o chimarrão, já concordaram com os “brasileiros”.

Considerar que a erva-mate constitui um território que é fruto de um processo histórico, relacional e multidimensional, significa, dentre outros aspectos, pensar nos tipos de redes materiais e imateriais que conformam tal objeto de pesquisa. A circulação econômica é de importância extrema para sobrevivência dos grupos sociais, porém as redes estabelecidas pelos costumes, hábitos e vivências.

O território é dinâmico, com mudanças e permanências, mas a partir da apropriação de outros sujeitos, ele ganha mais contornos de instabilidade, oriundos na relação de condicionante e condicionado que cada grupo social imprime em sua realidade a partir de novas situações, como a chegada ou saída de pessoas. Tal fato pode ser visto pela apropriação da erva-mate até aqui, do início com os indígenas, onde era totalmente valorizada pelo seu uso, inclusive com toques de misticismo, passando pelos caboclos, que comercializavam a erva para suprir algumas necessidades básicas, além de acreditarem no poder de revitalização do consumo desta folha, até a chegada dos imigrantes, que já destacaram o valor de troca da erva-mate, visando maximizar o lucro e aumentar a produção, apesar de se apropriarem simbolicamente e adotarem o hábito de consumo também.

O quadro a seguir sintetiza e ilustra os elementos discutidos no presente texto acerca dos processos, sujeitos e dimensões territoriais:

Quadro 6 – A construção do território dos ervateiros até o século XX

Sujeitos	Dimensão cultural	Dimensão econômica	Dimensão política	Dimensão socioambiental	Territorialidades
Indígenas	Mais acentuada, a erva-mate como alimento orgânico e espiritual.	Comércio estabelecido com outros povos indígenas, questão de sobrevivência.	Interna, já que no início apenas pajés e caciques poderiam consumir a erva-mate.	Necessidade vital para a sobrevivência, não apenas da erva-mate, mas da floresta como um todo.	Rede de comércio com outros povos indígenas; Uso da erva-mate em rituais e outros momentos importantes;

					Exploração racional e extrativista.
Caboclos	Influência indígena; Consumo do chimarrão de maneira habitual.	A erva-mate constituía a principal ocupação de trabalho; Além do consumo, já havia também um comércio de pequenas proporções.	Disputas territoriais com outros sujeitos; Chimarrão como símbolo de receptividade e acolhimento.	A floresta como parte vital de seu cotidiano; A erva-mate constituía um dos elementos símbolos do seu modo de vida.	Rede de comércio com outros sujeitos; Sofreu influência indígena e posteriormente dos imigrantes, assim como influenciaram diretamente nesse último grupo.
Alemães	Foram influenciados pelos caboclos ao consumo do chimarrão;	Desenvolviam mais a agricultura que o extrativismo; Expansão e modificações do comércio e beneficiamento da erva-mate; Invenção do sapecador.	Liderança nas discussões acerca da precificação da erva-mate; Demarcação das ruas da antiga colônia;	Tinham uma relação menos elementar com a floresta de araucárias e com o ambiente; Traziam mais arraigada a noção do valor de troca, vide tentativa de exploração do petróleo em solo são-mateuense.	Expansão da rede comercial; Utilização da rede fluvial de navegação a vapor no rio Iguaçu;
Poloneses	Sofreram influências caboclas e alemãs neste território; Religiosidade cristã como destaque; Influenciaram da mesma maneira e nos mesmos elementos.	Elevaram o patamar de produção e adensamento da erva-mate; Primeiras exportações da erva-mate são-mateuense para a Europa; Invenção do malhador.	Desenvolveram importantes comércios e serrarias no território; Se organizaram de maneira autônoma através de clubes, escolas, igrejas etc.; Representam lideranças políticas importantes.	Relação baseada no valor de troca; Utilizavam maior do solo para agricultura, bem como da madeira para suas construções e comércio.	Expansão da rede comercial; Utilização da rede fluvial de navegação a vapor no rio Iguaçu;

Org.: Silva (2024).

3.4 A ERVA-MATE, DINÂMICA TERRITORIAL, TEMPORALIDADES, REDES E OS MEIOS DE TRANSPORTE: A NAVEGAÇÃO A VAPOR DO RIO IGUAÇU

Saquet (2011) coloca que o território é efetivado por redes, que significam territorializações e territorialidades ao mesmo tempo, desde que situadas em

determinado lugar, período e momento. São Mateus do Sul, no fim do século XIX, ainda era um local que não possuía muitas ligações com os centros paranaenses, principalmente a capital e o litoral. Pois as estradas/picadas eram de difícil trânsito. Apesar de ser passagem do caminho das tropas, sobretudo que vinham de Palmas, esse caminho ligava até os Campos Gerais. Foi somente a partir de da década de 1880 que São Mateus do Sul começa a ser interligado por uma importante rede na economia paranaense, que possibilitou, inclusive, que elementos locais fossem exportados.

Por outro lado, se a rede possibilita uma saída de elementos, sobretudo econômico, como foi o caso da madeira e erva-mate, ela também traz novos elementos e sujeitos de uma maneira mais intensa. E foi a partir de uma delas, que novos imigrantes desembarcam no território de São Mateus do Sul. Considerando a hidrovia do rio Iguaçu, sobretudo no médio vale, como uma rede, se faz necessário analisar as implicações territoriais que ela trouxe para o referido território.

A hidrovia do rio Iguaçu foi navegada por vapores entre os anos de 1882 e 1953, representando uma dinâmica fundamental e impactante para a construção modificação do território de São Mateus do Sul. Para Saquet (2015), existem dois grandes movimentos unitários e universal no que diz respeito ao tempo: o das coexistências e o histórico. No primeiro, há simultaneidade dos processos. No segundo, existe um fluxo contínuo, a partir da definição de períodos. É essencial pensar novamente nas temporalidades para a configuração territorial, portanto analisar a influência da erva-mate no território de São Mateus do Sul torna-se um passo a mais para compreendermos as dinâmicas territoriais.

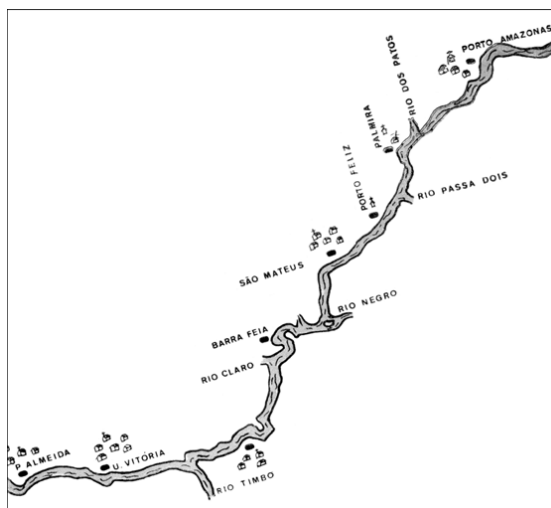
Ainda para Saquet (2015, p. 84) “São as temporalidades históricas, fundamentais na determinação e caracterização do espaço e do território. Podemos pensar, desse modo, em tempos de longa duração e em ritmo mais lento, em tempos curtos de ritmos mais rápido”. De acordo com o referido autor, há uma processualidade entre passado, presente e futuro, o que torna o território dinâmico e impossível de ser compreendido sob uma lente cristalizada.

Segundo Farah (2012), o rio Iguaçu começou a ser navegado por canoas pequenas. Na metade do século XIX já havia projetos que demonstravam viabilidade de navegação de embarcações maiores neste rio, porém os governos brasileiro e provincial refutaram a possibilidade, alegando falta de recursos. Foi apenas em abril

de 1879 que foi publicado o decreto imperial n.º 7.248¹⁴, que autorizava o Coronel Amazonas de Araújo Marcondes a estabelecer uma linha de navegação, desde o porto de Caiacanga (atual município de Porto Amazonas-PR) até Porto da União (atual União da Vitória-PR). Apesar do decreto autorizar a navegação até União da Vitória, percebemos pela figura 7, que a rota ia até Porto Almeida, atual município de Porto Vitória-PR, que até 1951 pertencia ao município de União da Vitória¹⁵.

Existia ainda, a navegação em afluentes do rio Iguaçu, como dos rios Negro (que liga ao estado de Santa Catarina), Potinga (que liga ao centro-sul do Paraná). São Mateus do Sul, nesse sentido, ficava aproximadamente na metade da rota, se tornando praticamente parada obrigatória para reabastecimento de lenha para as caldeiras, bem como carga de descarga dos produtos.

Figura 7 – Portos da navegação a vapor do rio Iguaçu



Fonte: RIESEMBERG (1973).

A localização estratégica privilegiou o território de São Mateus do Sul, e nesse caso a erva-mate se tornou condicionante e condicionada, já que segundo Farah (2012, p. 122):

Impulsionado pelo crescente comércio de erva-mate e madeira, o coronel Amazonas de Araújo Marcondes inaugurou a navegação no rio Iguaçu em 1882. Foram fundados diversos portos, como Porto União da Vitória, São Mateus e Porto Amazonas. Dali os carregamentos de erva-mate seguiam por Curitiba aos portos de Antonina e Paranaguá, pela estrada da Graciosa e pela ferrovia, construídas pela força econômica da exportação ervateira.

A erva-mate de São Mateus do Sul, como parte condicionante desse sistema de transportes e territorial, pode ser observada a partir de três principais fatos: a) a

¹⁴ Ver: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7248-19-abril-1879-547934-publicacaooriginal-62863-pe.html>> Acesso em: 04 jan. 2024.

¹⁵ Ver: <<https://portovitoria.pr.gov.br/conheca-a-cidade/historia-da-cidade/>> Acesso em: 04 jan. 2024.

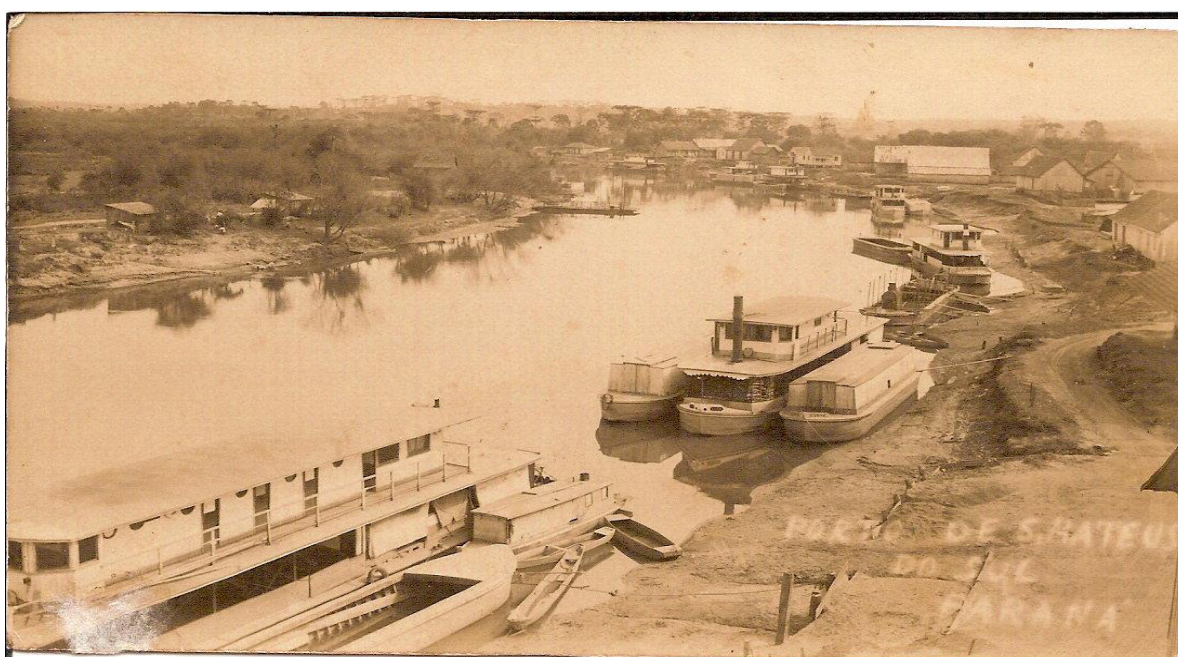
influência da planta para o início da navegação a vapor no rio Iguaçu, b) a facilitação do transporte de pessoas, com a navegação fluvial, c) a construção da estrutura de ligação com a capital política do estado e posteriormente ao litoral (estrada da Graciosa e ferrovia).

a) Como já abordado anteriormente, a erva-mate era consumida antes da chegada de qualquer imigrante europeu, até por ser uma planta nativa da floresta de araucárias. Posteriormente, ela ganha uma importância econômica que extrapola suas primeiras formas de uso, se tornando uma exploração florestal e agrícola, rentável.

b) Inicialmente, os vapores eram construídos apenas para o transporte de cargas (Imagem 2), erva-mate e madeira, principalmente (Farah, 2012). Posteriormente, com o aumento do fluxo de pessoas, principalmente com a chegada de imigrantes poloneses a partir do final do século XIX, a navegação fluvial local se torna importante para o transporte de passageiros.

c) Não se trata de afirmar que apenas a erva-mate de São Mateus do Sul foi a única responsável por tais construções e influências, já que outros municípios da região também produziram/em e exploraram/am a erva-mate, mas sim de analisar o impacto da cultura nas diferentes temporalidades e territorialidades. Corroborando com as afirmações anteriores, Farah (2012) afirma que, com o início da navegação a vapor no rio Iguaçu, São Mateus do Sul se torna o maior polo exportador de erva-mate do vale do Iguaçu.

Imagem 1 – Vista do Porto de São Mateus do Sul



Fonte: Acervo Casa da Memória Padre Bauer - São Mateus do Sul (2023).

A imagem 1 facilita a compreensão sobre o fluxo de vapores, bem como da carga e descarga. Em uma época em que as rodovias pavimentadas eram praticamente inexistentes, principalmente no interior do estado, o rio Iguaçu foi a principal forma de transporte local. Outro fator que era bem comum, era o uso de lanchas atracadas juntas ao vapor, para aumentar a capacidade de carga, principalmente de lenha e erva-mate, como pode ser visto no centro da imagem anterior. Farah (2012) coloca que pelas características do rio Iguaçu, o porte dos vapores deveria ser pequeno, o que influencia diretamente na capacidade de cargas. Segundo a autora, os vapores maiores mediam, em média, 25 metros de comprimento por 5 ou 6 metros de largura, com uma potência de até 75 cavalos-vapor, poderiam levar, em seu interior, até 800 sacas de erva-mate. Caso levasse duas lanchas rebocadas, a capacidade de transporte subia mais 300 sacas, totalizando uma capacidade de 84 toneladas de erva-mate por vapor.

Martins (1932) ao abordar a função “civilizatória” que o rio Iguaçu desempenhou para o centro-sul do Paraná, também se refere à erva-mate como principal matéria prima nativa da região e destaca a função do rio para o estabelecimento das colônias de imigrantes:

Foi o rio possibilitador da posse dos campos e dos sertões de Guarapuava e Palmas, o rio da conquista preparatória do tratado de 1777, de limites entre Portugal e Espanha; o rio sobre cujas margens o povoamento edificou cidades; o rio das expedições militares, o rio das imigrações colonizadoras, o rio hervateiro por onde se escoava a nossa principal matéria prima nativa e que recolhe o fruto do labora industrial de 150000 mil almas laboriosas. (Martins, 1932, p. 13)

A partir de tais afirmações, é possível perceber inicialmente um apagamento da história indígena do local, já que o autor considera civilização apenas o estabelecimento de europeus, tal fato também é visível quando se trata da posse dos campos e sertões, obviamente que ele não estava se referindo à posse indígena, que já existia muito antes da chegada de europeus. Por último, destacamos que a grafia de algumas palavras ser diferente da atual, se deve ao fato de ser um texto antigo, bem como as mudanças gramaticais que ocorreram na língua portuguesa.

Ainda na relação entre o Iguaçu, indígenas e erva-mate, Martins (1932) segue na mesma linha de raciocínio, ao abordar como os indígenas chamavam o rio, bem como da importância da erva-mate para a navegação:

Nasce nos campos de Cubatão, entre os pinheirais de Curitiba. Entre os primitivos Caaingangues era o Goio-Covó, selvagem e agressivo. Entre os Guaranis, era o Iguassú, indomado e solerte. Hoje é o rio da grande indústria

hervateira, sulcado pelas hélices dos barcos de transporte ao serviço da civilização.

Aqui, o termo primitivo reconhece os Guaranis e Kaingáng como os primeiros povos que habitaram este território, porém, ao focar apenas na dimensão econômica, Martins (1932) não faz nenhuma relação entre o pioneirismo na cultura e trato da erva-mate pelos povos indígenas. Importante destacar que em 1932 existiam muitas diferenças de grafias para a atualidade, portanto muitos termos para uma leitura atual, podem parecer incorretos (civilização, hervateira, agressivo etc.).

Ainda, ao tratar da função “civilizatória” do rio Iguaçu e analisar a fundação de São Mateus do Sul como um dos municípios que foram criados politicamente e impulsionados no período da navegação a vapor do Rio Iguaçu, Martins (1932) destaca novamente a relativização das territorialidades indígenas:

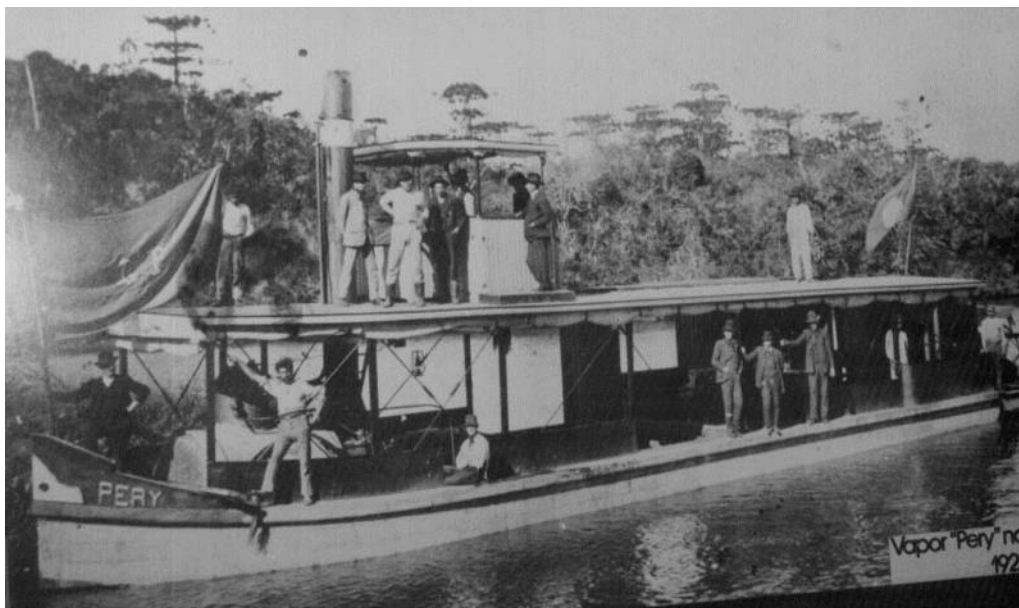
São Matheus surgiu como pouso e sector de apoio das bandeiras militares lançadas ás explorações do occidente paranaense durante o governo de Dom Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, Governador da Capitania de S. Paulo, preparatorias do tratado de limites entre as possessões americanas de Portugal e Espanha, levado a effeito em 1777.

Em 1890 foi ahi iniciada a fundação de uma colonia, conservando-se o nome tradicional da localidade. O primeiro lastro humano dessa sociedade sertaneja foi constituido de nacionaes, espanhoes e alemães, e, a seguir, de avultados elementos polacos. (Martins, 1932, p. 14).

Não há como saber se o termo nacionais se refere também aos indígenas que habitavam esse território, se for isso, a relativização pode ser vista quando se coloca os povos originários juntamente aos espanhóis e alemães como primeiros lastros humanos de São Mateus do Sul, pois o lastro temporal indígena é muito maior que os pouco mais de cento e trinta anos da chegada dos imigrantes europeus. Se o termo nacionais não se referir aos indígenas, aí temos uma tentativa histórica de apagamento da influência e importância desses povos.

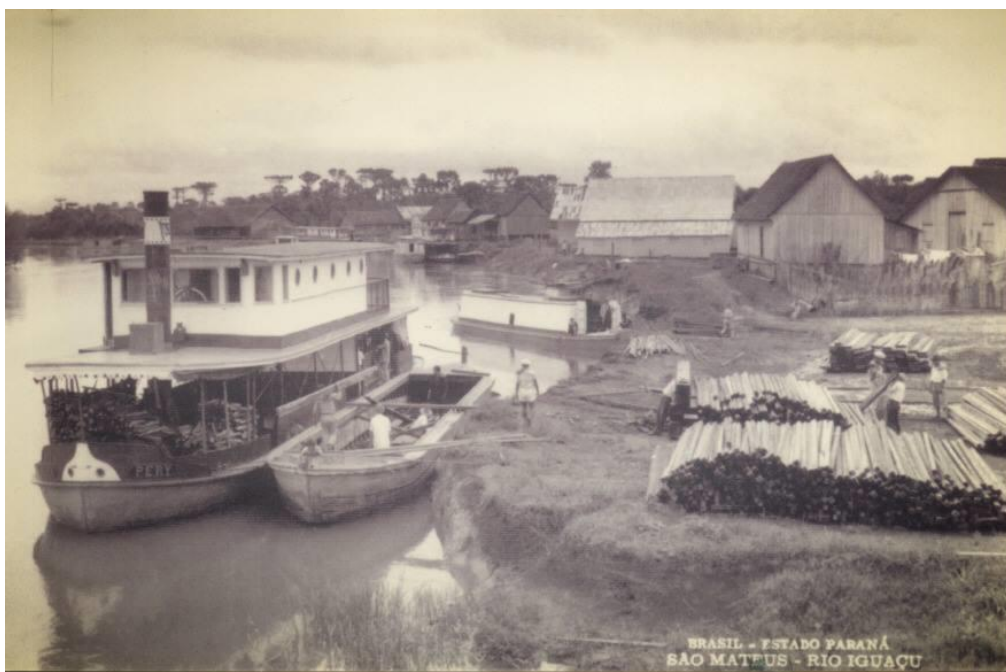
Riesemberg (1973) destaca que inicialmente os vapores tinham o objetivo de transportar mercadorias, lentamente eles foram sofrendo adaptações para a condução de passageiros. A instalação de refeitórios e cabines, de conforto mediano, possibilitou o aumento do fluxo de pessoas via vapores. As duas imagens a seguir, mostram a transformação ocorrida no Vapor Pery (um dos intermediários lançadas nas águas do rio Iguaçu) para o transporte de passageiros.

Imagem 2 - Primeira Versão do Vapor Pery



Fonte: Acervo Casa da Memória Padre Bauer - São Mateus do Sul (2023).

Imagem 3 - Carregamento do Vapor Pery – última versão



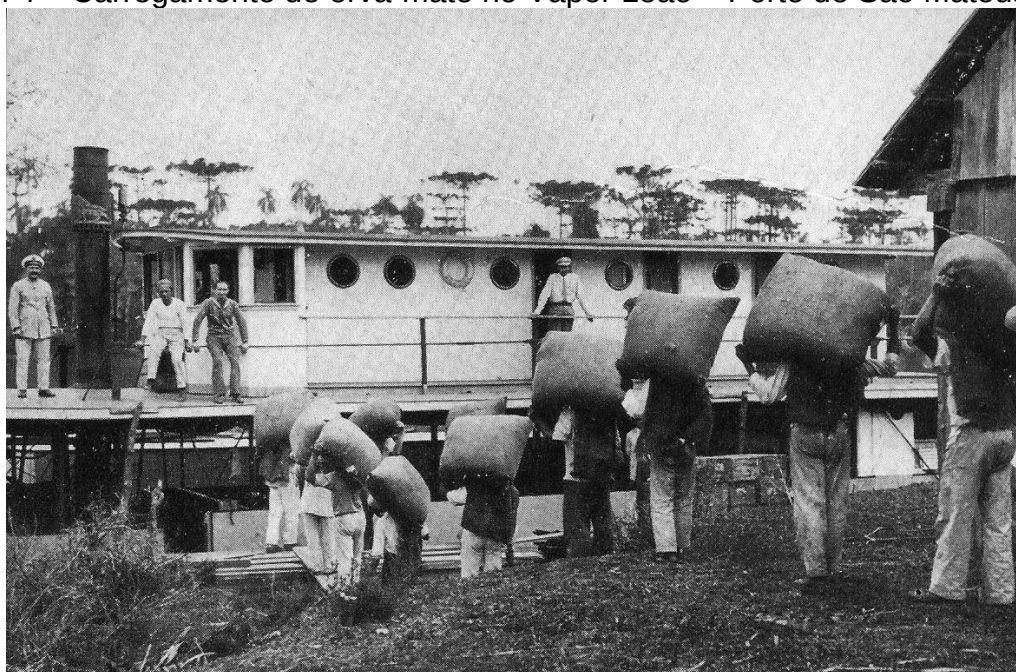
Fonte: Acervo Casa da Memória Padre Bauer - São Mateus do Sul (2023).

A partir da comparação das imagens 2 e 3, é possível perceber o acréscimo dos camarotes, ou seja, locais exclusivos para o transporte de pessoas, como já colocado anteriormente. O vapor Pery, entre tantos outros que navegaram no rio Iguaçu, se tornou um monumento histórico e está “atracado” na praça do Rio Iguaçu, em São Mateus do Sul, próximo de onde era o porto do município, um dos poucos

símbolos inteiros e restaurados, do período da navegação, que ainda resta neste território¹⁶.

Por outro viés, a erva-mate também pode ser vista como condicionada, principalmente pela influência e extrapolação territorial que alcançou com a navegação a vapor no rio Iguaçu. O território também é demarcado por relações mais ou menos delimitadas com fatores externos. Portanto, depois de chegar aos portos de Antonina e Paranaguá, a erva-mate ganhava os destinos internacionais de Argentina, Paraguai, Uruguai e Chile, mas também os destinos nacionais de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Farah, 2012).

Imagem 4 – Carregamento de erva-mate no Vapor Leão – Porto de São Mateus



Fonte: Acervo Casa da Memória Padre Bauer - São Mateus do Sul (2023).

A erva-mate, inicialmente, era transportada dentro de sacas, como se pode verificar na imagem 4, posteriormente eram utilizadas barricas de madeira, que tornou uma outra territorialidade, que será abordada posteriormente. O vapor Leão já era uma embarcação de maior porte e lançada às águas na última leva de construção dos vapores.

A imagem 5 representa as discussões estabelecidas neste subitem, a tríade erva-mate, navegação e sujeitos conformaram e conformam ainda o território de São Mateus do Sul. Concordando com Saquet (2015, p. 84), quando coloca que:

Há uma sobreposição histórica e espacial de obras, estilos e significados passados e presentes, juntamente com uma processualidade-movimento de

¹⁶ < <https://www.saomateusdosul.pr.gov.br/porta/0/galeria-de-fotos/695/vapor-pery-na-praca-do-rio-iguacu>> Acesso em: 03 de jan. 2024.

superações quantitativas e qualitativas. Cada sociedade constitui o território a seu modo, o que dificulta nossa tarefa de pesquisadores; processualidade que significa, sempre, mudanças e permanências indissociáveis.

Portanto, tais modificações e permanências conformam o território, e é a partir delas que os sujeitos constroem, modificam e ressignificam seus territórios.

Para Farah (2012), com a diminuição na exportação de erva-mate, que ocorreu na década de 1920, e o crescimento na construção das estradas de rodagem e ferro, foi diminuindo o uso dos vapores para o transporte. Apesar do aumento do transporte de madeira durante esse período, crescia também o uso de carroções de oito cavalos, trens, e por último, caminhões. Além disso, em 1952, foi inaugurada a ponte sobre o rio Iguaçu, que permitia o acesso ao município da Lapa, e posteriormente Curitiba. Essa obra fez parte de um complexo, da antiga estrada PR-5, que mais tarde passou a se chamar BR-476 (FARAH, 2012), conhecida localmente como rodovia do xisto.

Para Farah (2012), a navegação a vapor no Iguaçu teve uma duração de pouco mais de 70 anos. Sendo que em 11 de julho de 1963, a Capitania dos Portos registrou a última viagem de um vapor, nesta data, o vapor Sara aportou em São Mateus do Sul.

Farah (2012) coloca que, com isso, as empresas de navegação desmancharam seus vapores, ou então estes foram enviados para navegarem em outros locais. Dentro da ideia de processualidade, apontada por Saquet (2015), fica evidente que as mudanças e permanências conformam o território. A erva-mate segue sendo importante para a dinâmica territorial de São Mateus do Sul, já a navegação a vapor no rio Iguaçu estabeleceu seus marcos, e com o passar do tempo, se tornou conjuntura da construção territorial local.

Imagem 5 – Porto de São Mateus – fim da década de 1950



Fonte: Acervo Moacyr Ailson de Paula e Silva, fotografia cedida por Audrey Farah (2024).

A imagem 5 é símbolo da mescla e dinâmica territorial impressa pelas diferentes redes. Com a construção da ponte e posterior interligação com a capital paranaense, a navegação a vapor no rio Iguaçu vai entrando em declínio. Além da lentidão no transporte, não havia maneira de expandir a capacidade de carga dos vapores, já que as configurações geográficas do rio Iguaçu, como as oscilações de volume de água, largura do leito, curvas fechadas etc. representaram uma dificuldade desde o início da navegação.

Também é possível perceber outros elementos de modificações territoriais na imagem 5, uma lancha vazia no meio do rio, ao lado de um pequeno vapor e dois vapores atracados no porto, durante um período que já diminuía o transporte de cargas e passageiros. Além disso, o primeiro barracão que aparece na imagem logo ao lado da ponte, era da empresa Leão Junior & CIA, uma empresa que segundo Mansur (1932) instalou filial em São Mateus do Sul desde 1926, atuou no ramo da navegação, sendo proprietária dos vapores Sara e Leão; madeireiro, com serraria inicialmente em Rozeira, bem como no ramo ervateiro, onde mais se destacou com o principal produto - chá Matte Leão. Em 2007, o grupo Coca-Cola compra a Leão Junior S.A, passando a ser proprietário não apenas do chá, mas de mais de 60 produtos.¹⁷

¹⁷ Ver em: <<https://oglobo.globo.com/economia/coca-cola-compra-matte-leao-4208009>> Acesso em: 20 nov. 2023.

As temporalidades, bem como as modificações e permanências, perfilam uma construção territorial dinâmica. Quando Saquet (2015) coloca que tais dinâmicas incidem diretamente sobre o território atual significa um olhar para além da aparência pronta, uma análise mais profunda dos processos históricos, espaciais e territoriais deste recorte. As dimensões territoriais se conformam de acordo com cada influência dos diferentes grupos de sujeitos, portanto é possível observar uma construção histórica territorial diversa no território dos ervateiros.

Como prosseguimento desta pesquisa, ocorrerão duas análises principais a partir do território dos ervateiros: a primeira diz respeito aos aspectos e dimensões territoriais a partir do consumo, o segundo trata da produção, comercialização e consumo no chamado circuito de curto alcance da economia.

4 O TERRITÓRIO DOS ERVATEIROS: A DINÂMICA TERRITORIAL

Quando propomos analisar a dinâmica do território dos ervateiros a partir do consumo, estamos cientes de que o consumo é um dos elementos que movimenta todas as outras perspectivas. Portanto, torna-se importante compreendermos quais características, padrões e relações se estabelecem entre as dinâmicas territoriais, bem como os elementos que são levados em consideração na hora do consumo.

Compreendemos por dinâmica territorial tudo aquilo que envolve as ações, objetos e sujeitos que dão vida ao território. Deste modo, nesse quarto momento, ocorrerá uma análise multidimensional acerca do consumo da erva-mate no território dos ervateiros em São Mateus do Sul. Entendemos o consumo além da perspectiva econômica, igualmente ocorre com a territorialização.

Partindo do princípio de que o território é formado pela ação humana, como já discutido anteriormente, ele se consolida a partir das diferentes relações sociais, ora com maior intencionalidade, materialidade e linearidade, ora de maneira mais subjetiva, imaterial e labiríntico. O objetivo do presente capítulo é compreender como as dimensões territoriais e suas relações incidem no consumo da erva-mate em São Mateus do Sul, bem como analisar a influência que a erva-mate e seus derivados exercem no cotidiano do sãomateuense.

Este capítulo¹⁸ está dividido em quatro momentos principais, além do presente item: no primeiro há uma aproximação/reconhecimento da amostra dos sujeitos que responderam ao questionário; posteriormente, relacionamos as dimensões da territorialização de consumo da erva-mate, no território dos ervateiros, a partir de elementos como hábitos, motivos, grau de importância dado ao consumo e outros; no terceiro momento, analisamos como as temporalidades e territorialidades incidem na percepção dos sujeitos a partir do consumo da erva-mate em São Mateus do Sul; e por último, discutiremos outras formas de territorializações e dinâmicas, principalmente do contraponto das informações a partir o perímetro de moradia dos sujeitos da amostra – rural/urbano.

¹⁸ Fizemos uma primeira análise em: SILVA, Wagner da; ROSAS, Celbo Antonio da Fonseca. **A territorialização da erva-mate em São Mateus do Sul – PR**: primeiras análises. Anais do XIV ENANPEGE. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78036>>. Acesso em: 11 fev. 2024.

Saquet (2011) coloca que a tríade e relação tempo-espaco-território resulta de um momento específico de nossas vidas, que possuem relações com tantas outras, e que, concomitantemente, influenciam nosso pensamento, ao mesmo tempo em que o que escrevemos poderá ter utilidade para outras pessoas em outros momentos. Portanto, construir uma análise a partir de respostas de outras pessoas se torna um desafio, já que estamos trabalhando diretamente com subjetividade, e muito provavelmente se tivéssemos aplicado tal questionário em um outro momento histórico, possivelmente teríamos respostas diferentes. E esse elemento é muito presente na dinâmica territorial, pois é a partir deles que os sujeitos constroem, modificam e reconstróem suas relações territoriais.

Ainda em relação ao tempo-espaco-território, colocado em Saquet (2011 e 2015), é preciso levar em consideração a relação estabelecida entre sincronia-diacronia na formação territorial, além de admitir que a relação passado-presente-futuro é composta por abundância de coexistências, superposições e processos dialéticos, que Saquet (2015) chama de transtemporalidades. A partir disso, acreditamos que seja importante analisar como os sujeitos do território dos ervateiros em São Mateus do Sul se apropriam da erva-mate através de seu consumo, e perceber ao mesmo tempo quais as relações e dimensões territoriais que mais condicionam tais formas de apropriação. Tais considerações formaram a base para a construção do questionário, bem como posterior análise do conteúdo coletado.

Os processos sociais e territoriais não flutuam sobre os mares, montanhas e planícies. Realizam-se, pela unidade ideia-matéria-espaco-tempo, em nossa vida cotidiana e são (os processos...) a problemática de partida de um estudo do território, juntamente com os conceitos de território e territorialidade, como orientações que precisam necessariamente ser repensadas a partir de cada objeto e problemática de estudos. É o mundo de nossas vidas que deve condicionar o repensar constante dos nossos métodos, procedimentos, conceitos e noções. Estes, ao mesmo tempo, precisam esclarecer e auxiliar na explicação dos significados-conteúdos do mundo, servindo de mediadores na relação sujeito-objeto de cada pesquisa científica (Saquet, 2011, p. 48).

Portanto, a partir de nossas análise, utilizamos uma metodologia para a construção desta fase da pesquisa, em consonância com os demais momentos. Diante disso, aplicamos um questionário online, entre os dias 15 e 30 de maio de 2021, via Google Forms, conforme modelo em anexo. Para Gil (2008), o questionário é utilizado quando se quer medir conhecimentos sobre crenças, comportamentos, valores, sentimentos etc. Os objetivos principais da aplicação das perguntas foram compreender a aceitação, comportamento e perfil do público que consome erva-mate

e seus derivados, bem como entender a relação entre as dimensões de territorialização no território dos ervateiros. O público-alvo é composto apenas por moradores de São Mateus do Sul, e esse recorte territorial foi escolhido de acordo com as justificativas mencionadas anteriormente.

Apesar de que os consumidores de erva-mate e seus derivados não se localizam apenas no município escolhido, sendo que há comércio em âmbito regional, nacional e internacional, o ponto de partida de análise é o território dos ervateiros constituído a partir de São Mateus do Sul. A amostragem utilizada foi a estratificada não proporcional, que segundo Gil (2008) consiste na estratificação da população, de maneira não proporcional ao universo. Apesar de haver uma aproximação, o fato de ser um questionário online dificulta a proporcionalidade.

Uma das maiores dificuldades da efetividade do questionário online é o estímulo aos participantes. Sendo assim, as ferramentas de dispersão dos questionários e busca por respostas, consistiram basicamente em duas redes sociais (Facebook e WhatsApp), além da vinculação de uma reportagem, dia 15/05/2021, no programa Bom Dia São Mateus, da Rádio Difusora do Xisto. Empiricamente, percebemos a amplitude e alcance que os programas de rádio exercem no cotidiano de muitos sãomateuenses. Notamos que a transmissão de informações e recados via rádio exerce uma grande influência no cotidiano de moradores de municípios pequenos, portanto, lançou-se essa possibilidade.

Nas redes sociais, foram realizadas duas formas de esforços: no Facebook foram publicadas mensagens explicativas sobre a pesquisa, bem como o link para o questionário, tanto no perfil particular do autor, quanto nas páginas da Rádio Difusora do Xisto e Portal Ourovivo; também ocorreu uma publicação no grupo fechado: São Mateus do Sul – memórias e fotos atuais – PR. Já no WhatsApp, foram encaminhadas mensagens com o link para contatos individuais e grupos. Os esclarecimentos acerca da pesquisa sempre frisaram que era exclusiva para habitantes de São Mateus do Sul/PR.

São Mateus do Sul é um município do sul do Paraná, que possui 42.366 habitantes, segundo o Censo Demográfico de 2022 do IBGE¹⁹. O questionário obteve 451 respostas, porém, 446 puderam ser aproveitadas. Cinco respostas foram excluídas, já que uma pessoa não assinalou o termo concordando com a divulgação

¹⁹ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/sao-mateus-do-sul>>. Acesso em: 22 jan. 2024.

das informações e confirmando ser moradora do município, e outras quatro assinalaram que não autorizam a divulgação de informações/não são moradoras do município. Para Gil (2008), o universo estatístico (nesse caso) é finito, já que a população total é menor que 100 mil habitantes. Neste sentido, obtivemos uma amostragem de mais de 1% da população, o que consideramos satisfatório, pois o alcance foi amplo.

O questionário foi composto por 12 perguntas, 10 fechadas e 2 abertas (que consistiam numa indagação sobre a profissão e outra a partir de um comentário opcional sobre o tema). Segundo Gil (2008), o questionário apresenta algumas vantagens em relação à entrevista, como: garantia de sigilo nas respostas, responder na hora que achar mais conveniente, não interferência ou indução das ações do pesquisador nas respostas, atingir grande número de pessoas em um tempo menor etc.

A análise das respostas ocorre através da codificação e tabulação manual, de acordo com as fases propostas em Gil (2008). Ainda, para estabelecer relações entre as características dos sujeitos e as informações coletadas, bem como para construir a nuvem de palavras, utilizamos o software NVivo Plus 11, para tanto, precisamos exportar a planilha do Google Planilhas, com o banco de dados, até o aplicativo, posteriormente construímos os gráficos de repetições de casos, a partir do cruzamento das informações escolhidas

4.1 CONHECENDO A AMOSTRA

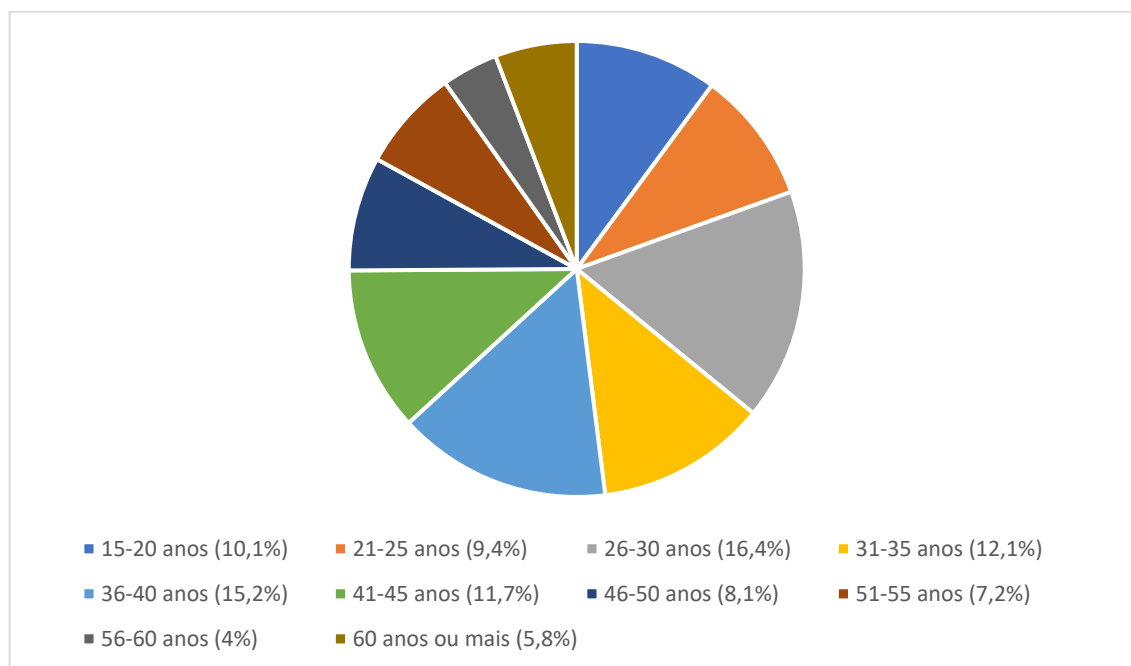
Quando aplicamos um questionário online, não temos controle do perfil das pessoas que responderão e farão parte da amostragem das respostas. Portanto, esta primeira aproximação se torna importante para compreendermos como tal fator influenciou nas respostas e na organização da análise.

Para Saquet (2015, p. 126), “a produção de conhecimento ocorre em nível da sociedade local, vinculado às suas relações, valores, crenças, ritmos, ritos etc., por meio de mediações entre o saber e a ciência, entre senso comum, técnicas, tecnologias, ideologias e culturas.” Portanto, dentro de uma pesquisa científica territorial, torna-se obrigatória a relação entre a teoria e realidade, através da coleta de dados que permitam aos sujeitos que constroem o território, expressarem suas territorialidades. Obviamente que não é possível dar conta de todas as diversidades e

desigualdades que se encontram na realidade, porém uma aproximação da pesquisa acadêmica com os sujeitos é de suma importância.

A partir das respostas, foi possível estabelecer alguns parâmetros de comparação e análise, mas para que a compreensão seja mais fácil, é interessante conhecer as características da amostragem que respondeu nossas questões. O primeiro elemento perguntado, de cunho pessoal, foi acerca da faixa etária dos sujeitos que responderam, tais respostas aparecem no gráfico 1:

Gráfico 1 - Faixas etárias dos sujeitos da amostra



Org.: Silva (2023)

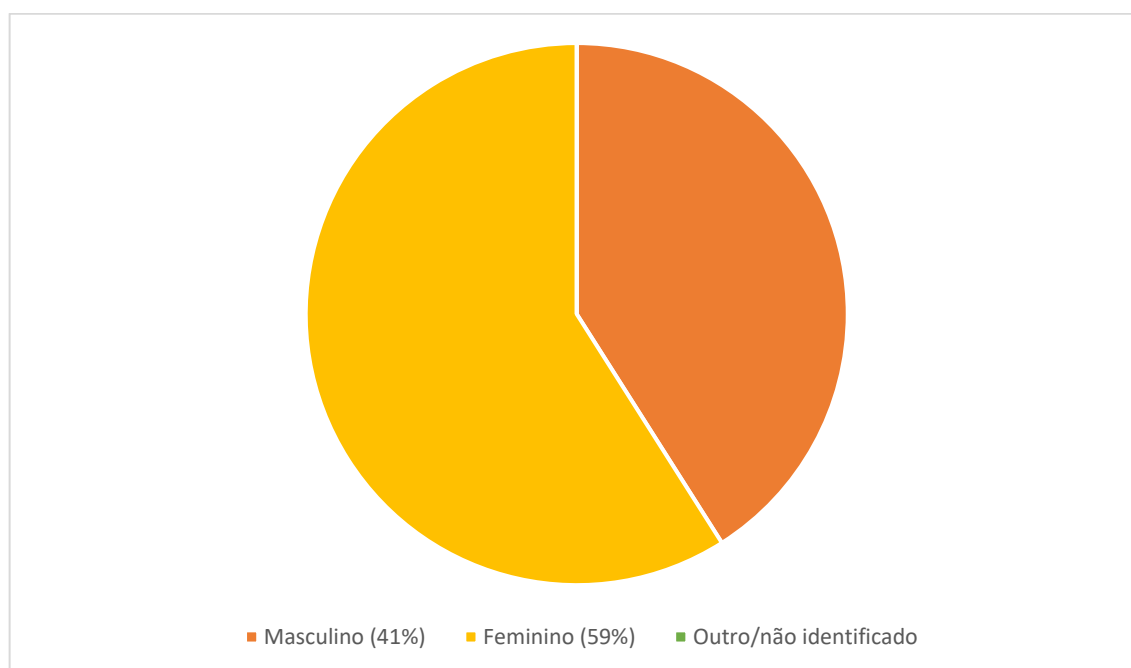
A partir da análise do gráfico 1 é possível perceber que houve uma considerável diversidade de respostas no quesito idade, ocorrendo a predominância (16,4%) do público entre 26 e 30 anos, seguido (15,2%) da faixa etária entre 36 e 40 anos. As faixas etárias que menos foram representadas foram as de 56 até 60 anos (4%) e 60 anos ou mais (5,8%). A faixa etária de início se constitui os 15 anos por conta da obtenção de respostas, sendo que a partir dessa idade já desenvolve uma capacidade de escolha e leitura de realidade maiores. Notamos ainda, uma predominância de adultos respondendo o questionário, considerando o grupo dos 21 aos 60 anos de idade, temos 84,1% das respostas concentradas nesta faixa.

Acreditamos que a questão da idade interfere diretamente na apropriação territorial da erva-mate, já que, como coloca Saquet (2015, p.83), “nós envelhecemos, os demais animais envelhecem, o que ocorre também com as plantas, com o planeta, com o sol, com o Universo.” A relatividade, neste caso, varia não apenas pela idade,

mas também pelas relações com outros sujeitos e redes nos mais diferentes ambientes territoriais.

A noção de presente, passado e futuro também passa por tal percepção, Saquet (2015, p.83) deixa isso claro quando pontua que: “Outros aspectos, para o mesmo indivíduo, podem assumir o significado de passado ou futuro. É uma questão de vida, percepção, sentimento, todavia, presente, passado e futuro diferenciam-se e coexistem, um está no outro.” A formação territorial se configura pela diversidade de elementos, a intencionalidade dos sujeitos está diretamente ligada ao seu modo de vida e relações com outros sujeitos. Como território dos ervateiros, consideramos não apenas as pessoas que estão ligadas à dimensão econômica deste recorte territorial. Neste sentido, o gráfico 2 apresenta a divisão de gênero dos sujeitos que responderam ao questionário:

Gráfico 2 – Gênero dos sujeitos da amostra



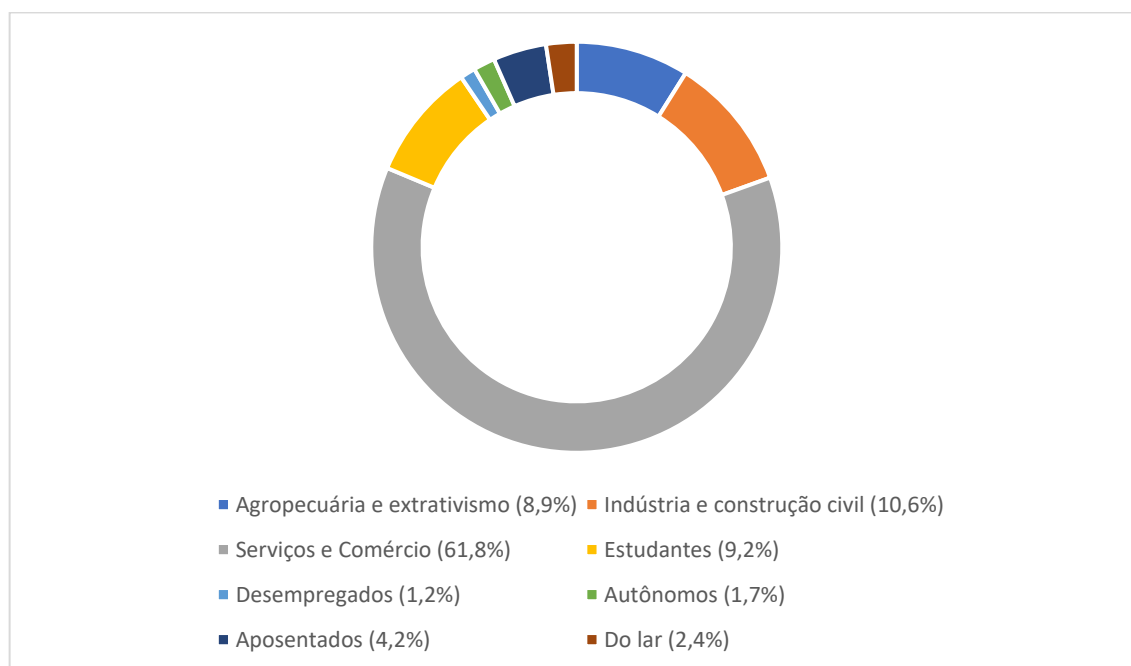
Org.: Silva (2023)

Em relação ao gênero, houve uma relativa predominância da opção feminina - 59%, enquanto 41% das respostas são de masculinos. Havia uma terceira opção (outro/não identificado) que não foi assinalada por nenhum participante do questionário. O gênero e a construção social podem também diretamente interferir nas formas de apropriações territoriais dos sujeitos, no que diz respeito à erva-mate, posteriormente faremos a contraposição de dados e aprofundaremos a análise.

A terceira questão era em relação à profissão que a pessoa desenvolvia quando respondeu o questionário proposto. Tal curiosidade tem como intenção de

perceber de que maneira isso atinge diretamente as apropriações territoriais a partir do consumo, bem como se existem pontos de convergência entre as diferentes profissões e as características de consumo. Por ser uma questão individualizada e gerar muitas respostas diferentes, agrupamos as profissões em setores, o que facilita uma análise de maneira geral. O gráfico 3 traz a condensação das profissões declaradas pelos sujeitos da amostra:

Gráfico 3 – Profissões dos sujeitos da amostra



Org.: Silva (2023)

É possível perceber, de acordo com o gráfico 3, um grupo muito maior que faz parte do setor de comércio e serviços. Este fato se dá devido ao grande leque de profissões que se encaixam nesta classificação. Interessante notar também o número considerável de estudantes que responderam ao questionário, dos mais variados níveis de ensino, a partir do ensino médio. Em relação aos aposentados, como a resposta variou entre aposentado/aposentada etc. não é possível encaixar nos setores, sem um maior detalhamento através de qual profissão aquela pessoa se aposentou, o mesmo ocorreu com os “do lar”²⁰ foi o que mais apareceu nas respostas deste cunho, portanto, mantemos para nível de classificação na presente pesquisa, respeitando as respostas dos sujeitos e não entramos no mérito das diferentes

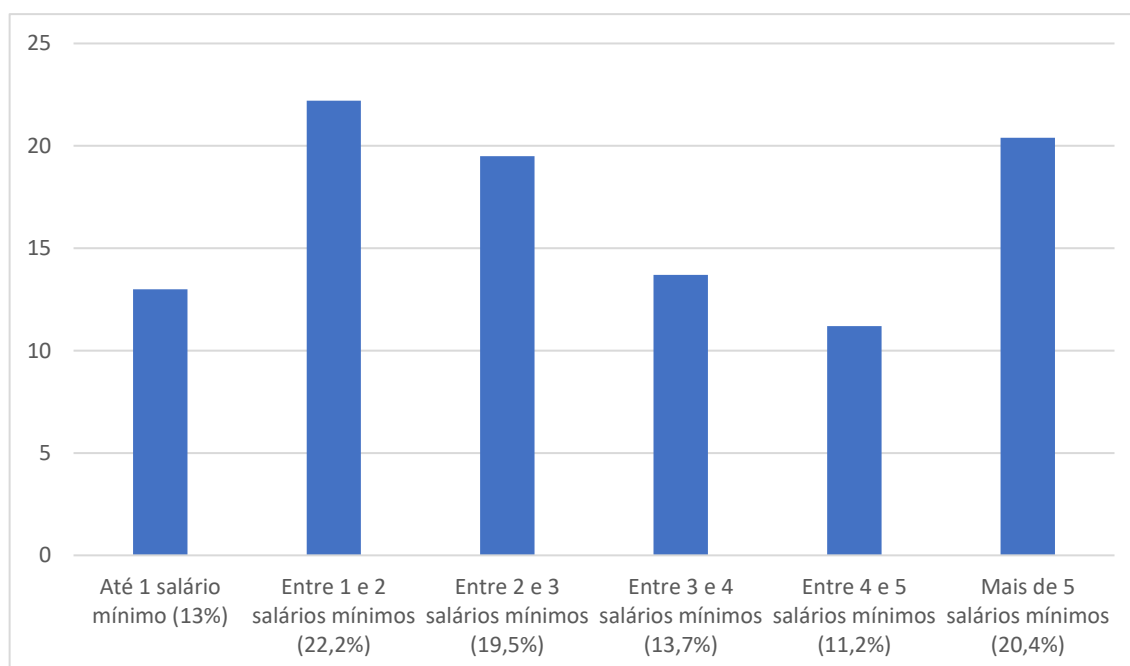
²⁰ Neste caso, consideramos do lar, todas as pessoas que exercem trabalhos domésticos não remunerados. O Código Brasileiro de Ocupações (CBO) não inclui a ocupação do lar, apenas se refere às empregadas domésticas, que não é o caso das respostas atribuídas. Não é o objetivo da presente pesquisa abrir uma discussão nesse sentido, esta é apenas uma definição dada pelos próprios sujeitos que responderam ao questionário.

nomenclaturas que tratam sobre as pessoas que desenvolvem trabalhos em suas próprias casas.

A profissão se trata de uma escolha particular de cada sujeito, o que vai refletir no seu modo de vida e apropriações frente à construção territorial. Para muitos agricultores, a relação com a erva-mate pode não ser apenas de consumo, mas também de uma fonte de renda. O mesmo ocorre com quem trabalha no setor de indústria, se a unidade de trabalho for de beneficiamento e embalagem da erva-mate. Agora, para alguns aposentados, autônomos e algumas pessoas que trabalham com comércio e serviços, pode ser que um momento ou outro de suas vidas, a erva-mate já significou fonte de renda. Para os estudantes, tal relação econômica já fica mais distante, a não ser que sua família trabalhe diretamente com o plantio, industrialização ou comércio de erva-mate. Porém, quando se trata de apropriação a partir do consumo, não existem tais restrições, já que todos os sujeitos podem desenvolver estas relações.

O quarto elemento diz respeito à renda média individual dos participantes da pesquisa. Este fator está interligado, dentre outros fatores, às formas de apropriações territoriais. Apesar da erva-mate não se tratar de um alimento de primeira necessidade, acreditamos que boa parte dos consumidores, consomem de maneira regular, principalmente o chimarrão, sendo já parte do cotidiano, assim como as refeições. Das 446 respostas consideradas, a distribuição média da renda individual ficou da seguinte maneira, como é demonstrada no gráfico 4:

Gráfico 4 – Renda média mensal individual dos sujeitos da amostra



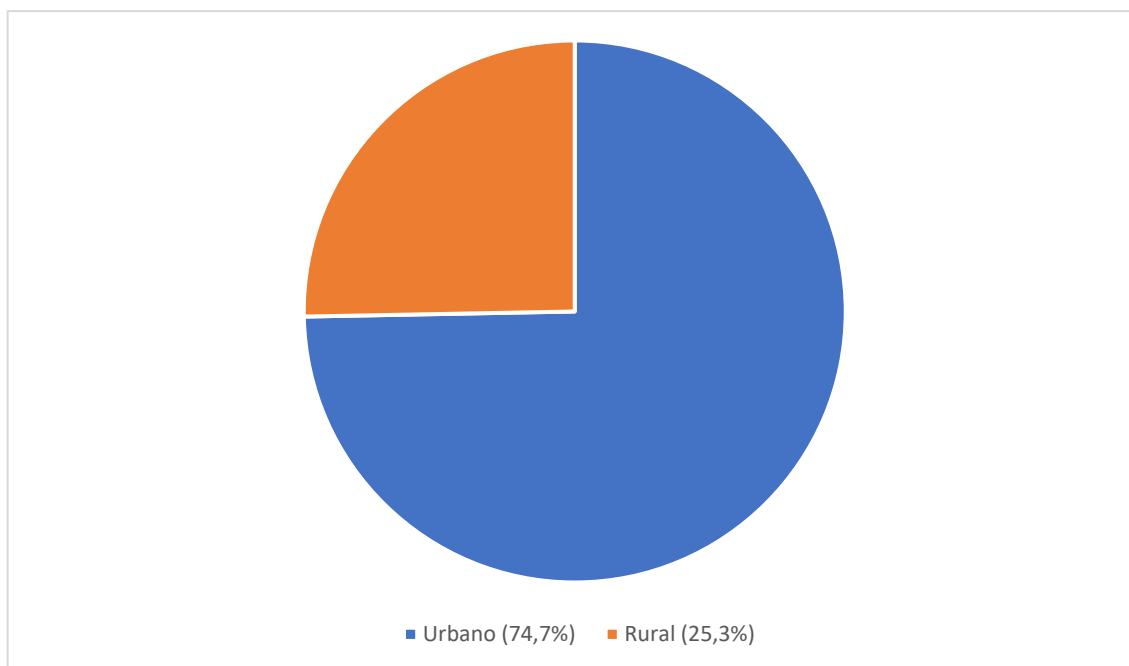
Org.: Silva (2023)

O grupo que mais se fez presente (22,2%) nas respostas é aquele que possui uma renda média mensal entre um e dois salários mínimos (vigente em 2021)²¹. O segundo grupo está no outro extremo, 20,4% das pessoas que responderam possuem uma renda média mensal acima de cinco salários mínimos. Acreditamos que a renda média mensal é um dos principais elementos que influenciam na apropriação da erva-mate através do consumo pela compra. A erva-mate não é um alimento de primeira necessidade, como são os casos do arroz e do feijão, porém muitas pessoas compram frequentemente, para principalmente através do chimarrão, consumir com a família e amigos. Outro elemento é que as pessoas não necessariamente deixem de comprar a erva-mate, com uma renda média mensal menor, mas pode ocorrer a procura por produtos com preços mais acessíveis.

Por último, dentro do elemento conhecendo a amostra, indagamos os sujeitos sobre seu recorte territorial de moradia, se era urbano ou rural. É possível pensar que as relações com a erva-mate sejam mais estreitas no espaço rural, já que é uma planta nativa, extraída ou plantada muito mais na área rural do que na urbana. De todas as respostas, obtivemos o seguinte panorama, organizado no gráfico 5:

²¹ Em 2021, ano da coleta das respostas, o salário mínimo nacional vigente era de R\$ 1.100,00. Disponível em: < <https://www.gov.br/esocial/pt-br/noticias/novo-salario-minimo-2021-veja-como-registrar-o-reajuste-no-esocial> > Acesso em: 23 jan. 2024.

Gráfico 5 – Perímetro de residência dos sujeitos da amostra



Org.: Silva (2023).

Quase 1/3 da amostra reside na área urbana, enquanto 25,3% residem na área rural. Para além da produção e contato direto com a planta de erva-mate, outro elemento essencial, que será analisado nesta pesquisa, é a relação entre a área de moradia e a apropriação da erva-mate e seus derivados, a partir do consumo. O território dos ervateiros é o mesmo, tal divisão entre rural e urbano, é apenas uma maneira didática para análises em relação às diferentes relações de apropriações que ocorrem dentro deste território.

Ao analisar informações de maneira isolada, não é possível estabelecer relações ou tirar conclusões sobre o perfil dos sujeitos, porém ao analisar as informações de maneira integrada, abre-se um leque maior de possibilidades. Se fosse para resumir o perfil dos entrevistados (para fins didáticos, sem desprezar a diversidade) em uma única pessoa, seria uma mulher, que tem entre 26 e 30 anos de idade, residente na área urbana e que possui uma renda média mensal entre um e dois salários mínimos.

Os objetivos de alcance dos sujeitos foram alcançados através da propagação do questionário, onde pudemos observar uma pluralidade de características dos representantes. Posteriormente à apresentação da amostra, partimos para uma outra fase, buscando compreender melhor as dinâmicas territoriais exercidas neste território.

Dentro do contexto da presente pesquisa, consideramos que o cruzamentos de algumas informações, nos darão uma noção maior da territorialização da erva-mate a partir do consumo. Portanto, a partir das discussões já estabelecidas até aqui, partimos para um segundo momento do presente capítulo, onde analisaremos primariamente, as dimensões e a multidimensionalidade do consumo da erva-mate no território dos ervateiros.

4.2 AS DIMENSÕES TERRITORIAIS E O CONSUMO DA ERVA-MATE

Pensar as diferentes dimensões e suas relações na construção territorial não significa pender para uma análise fragmentada e meramente descritiva, mas sim utilizar elementos didáticos para a compreensão total do território, facilitando a inteligibilidade das ações e resultados que ocorrem naquele recorte territorial. Portanto, ao analisarmos a dinâmica territorial do consumo da erva-mate no território dos ervateiros em São Mateus do Sul, partimos de quatro principais dimensões:

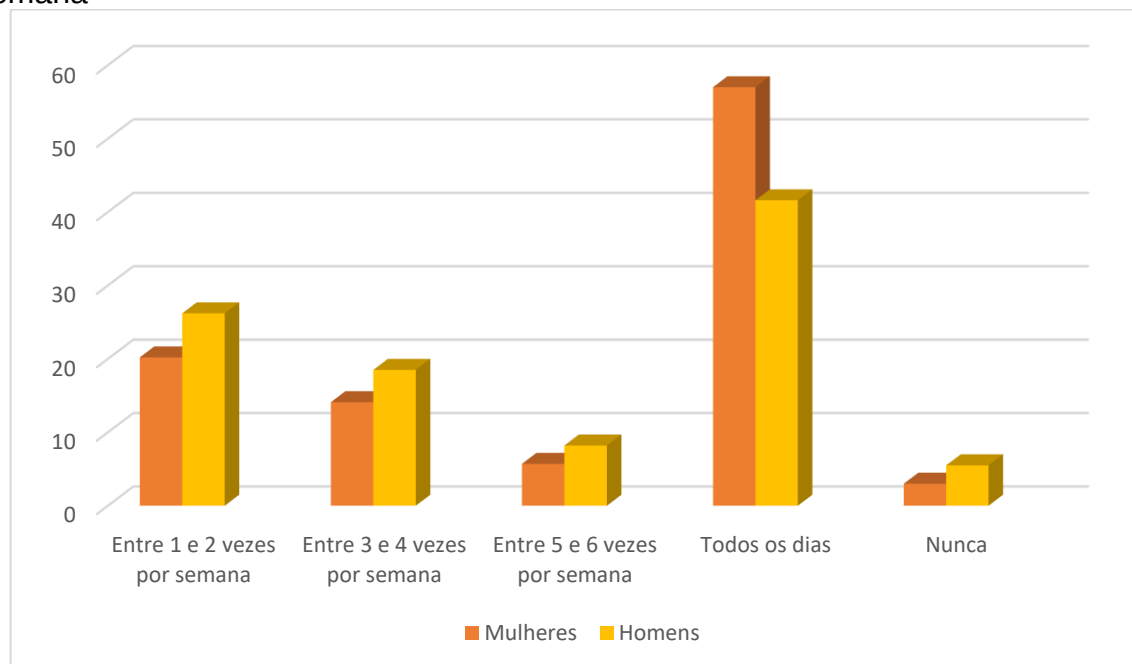
Saquet (2011, p. 40) destaca que

O território é apropriado e produzido socialmente no tempo e no espaço; significa a relação espaço-tempo em movimento de unidade; é reconstruído incessantemente, tanto espacial como temporalmente, por relações sociais, econômicas, políticas e culturais (E-P-C) unidas, no mesmo movimento, com as naturezas orgânica e inorgânica do homem, como síntese da relação sociedade-natureza (E-P-C-N).

O autor se refere à síntese da sociedade-natureza como uma quarta dimensão. Cconcordamos com tal ideia e para tanto, na presente pesquisa, chamamos esta dimensão de socioambiental, pensando na perspectiva da apropriação territorial multidimensional e relacional.

O consumo pode ser condicionado através da relação de todas as dimensões, o que difere é a intensidade que cada dimensão imprime na escolha, reprodução do hábito e apropriação do elemento territorial, neste caso, a erva-mate. Outro elemento que se torna importante aqui é perceber as possíveis influências diretas ou subjetivas que exercem, em maior ou menor grau, dinâmicas territoriais de continuidade ou descontinuidades. Neste sentido, o gráfico 6 estabelece a relação entre gênero e frequência semanal de consumo da erva-mate:

Gráfico 6 – Relação entre gênero e número de vezes que consome erva-mate por semana



Org.: Silva (2023).

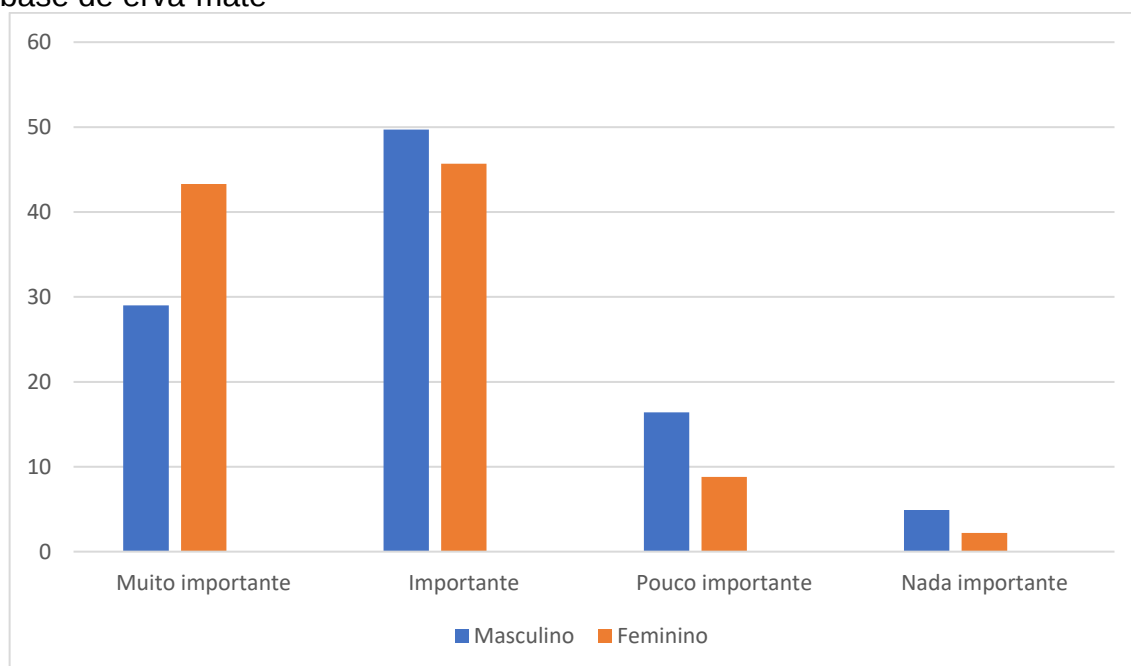
O gráfico 6 nos mostra que, de maneira geral, as mulheres da amostra consomem produtos à base de erva-mate com uma frequência maior que os homens. Pois 57% das mulheres que responderam ao questionário, alegaram consumir todos os dias, enquanto 41,6% dos homens alegaram a mesma coisa. Compreendemos também que a rejeição por produtos à base de erva-mate é ligeiramente maior entre os homens, pois 5,5% dos homens responderam que nunca consomem produtos de erva-mate, enquanto 3% das mulheres optaram por esta alternativa.

Outra questão que é importante destacar é o fato de que entre os consumidores ocasionais (entre 1-2 e 3-4 vezes por semana) de produtos de erva-mate, os homens são maioria: 26,2% consomem entre 1 e 2 vezes por semana, enquanto 18,5% alegaram consumir entre 3 e 4 vezes. Já para as mulheres, obtemos um dado de 20,2% entre 1 e 2 vezes na semana, e 14,1% entre 3 e 4 vezes. Com isso, podemos entender que existe uma variação em relação à territorialização através do consumo entre os gêneros masculino e feminino.

No que diz respeito à dimensão econômica, algumas indústrias de São Mateus do Sul já perceberam que as mulheres representam importante parcela do mercado consumidor e lançaram produtos “direcionados” para elas, inclusive com destaque de grafias e cores diferentes na embalagem, além de quebrar o amargo

natural da erva-mate, através de adoçantes naturais²². Apesar do consumo representar um apelo muito forte na dimensão econômica, a aceitação ou não de um produto novo, no caso da erva-mate, passa muito pelo hábito das pessoas. Uma das maneiras de se mensurar o hábito, é compreender a importância que ele representa para os sujeitos, podendo ou não variar de acordo com o gênero, como é possível perceber no gráfico 7:

Gráfico 7 – Relação entre o gênero e grau de importância do consumo dos produtos à base de erva-mate



Org.: Silva (2024).

Analisando o gráfico 7, é possível perceber que os sujeitos do gênero feminino, proporcionalmente, consideram o consumo de produtos à base de erva-mate com maior importância que o masculino. Isso fica visível quando percebemos que 43.3% das mulheres consideram o consumo muito importante, enquanto 29% dos homens possuem a mesma opinião. Ainda, 49.8% dos homens e 45.7% das mulheres consideram importante consumir produtos à base erva-mate. Já em relação à pouca importância, a parcela de homens que assinalou esta opção foi de 16.4%, enquanto das mulheres foi de 8.8%. No quesito nada importante, tivemos 4.9% das respostas masculinas e 2.2% das respostas femininas.

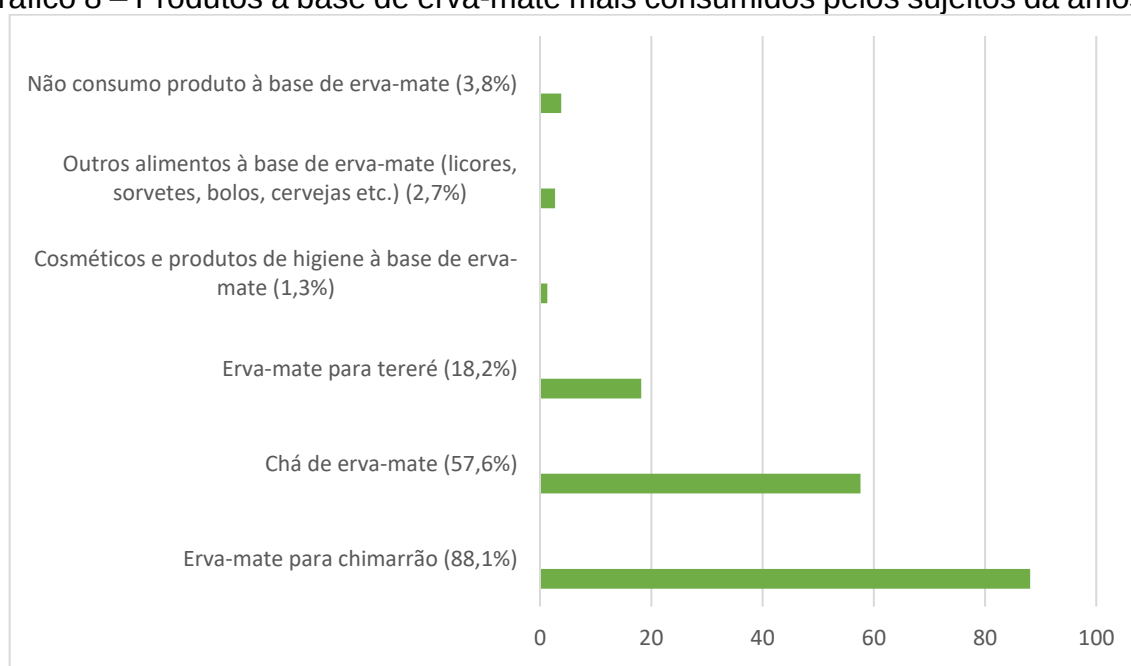
Não pretendemos entrar na discussão epistemológica de gênero a partir da presente pesquisa, mas percebemos que o gênero feminino atribui uma importância e regularidade muito maior que o masculino, quanto à territorialização da erva-mate a

²² Ver: < <https://ervamatemorandi.com.br/produtos/erva-mate-marias1/>>. Acesso em: 23 de jan. 2024.

partir do consumo. Isso desencadeia uma dinâmica territorial que pode ter uma resposta a partir da dinâmica cultural/simbólica do território.

A territorialização cotidiana acontece também pela repetição de um aspecto, nesse caso percebemos que quase da metade do total de sujeitos que responderam o questionário, consome erva-mate todos os dias. Consideramos, neste sentido, a imaterialidade, já que tal hábito diário se torna ou é culturalmente construído. Agora, torna-se importante compreender ainda, quais produtos à base de erva-mate foram assinalados pelos entrevistados como os mais consumidos, de acordo com a organização do gráfico 8:

Gráfico 8 – Produtos à base de erva-mate mais consumidos pelos sujeitos da amostra



Org.: Silva (2023).

O gráfico 8 nos mostra que a erva-mate para chimarrão é disparada (88,1%) a forma mais consumida em São Mateus do Sul. Em segundo lugar vem o chá de erva-mate, com 57,6%, posteriormente aparece a erva-mate para o tereré, com 18,2%. É importante destacar ainda, que apenas 3,8% das pessoas que responderam ao questionário, alegaram que não consomem produtos à base de erva-mate. Já o consumo da erva-mate através de produtos de higiene, cosméticos e outros alimentos, não foram muito citados, alcançando 1,3% e 2,7%, respectivamente. É importante salientar que esta pergunta admitia duas respostas por sujeito, considerando que uma pessoa pode consumir mais de uma forma de derivado da erva-mate, por esse motivo a soma total das respostas, ultrapassa os 100%.

Linhares (1969, p. 389) destaca a importância do chimarrão para estabelecer o hábito do consumo, e explica também o motivo desta forma ser mais difundida de consumo da erva-mate: “O que acontece, porém, é que o chimarrão vem de mais longe, bebida que foi de nossos antepassados, herdada dos indígenas.” O fato de os antepassados consumirem mais chimarrão do que outras variações, interfere no padrão de consumo atual.

Ainda, neste mesmo sentido, Linhares (1969) aprofunda sobre como o chimarrão se perpetua como a principal dinâmica territorial de consumo da erva-mate:

[...] Imagine-se quanto mate não seria consumido no Rio e em São Paulo se as campanhas promocionais já levadas a efeito tivessem cogitado do chimarrão! Teríamos triplicado o consumo e criado mesmo uma tradição, um hábito arraigado nos nossos padrões alimentares. Sim, porque não é o mate em forma de refrigerante, nem o em forma de chá que criam o costume, o hábito, digamos até o vício de tomar mate. Quem os cria é o chimarrão. Quem o toma algumas vezes acabará fatalmente seu adepto inveterado, sentindo-lhe os efeitos salutareos, e desse tomador inveterado, desse consumidor regular e permanente é que o mate precisa (Linhares, 1969, p. 389).

Percebemos então uma concordância entre a reflexão de Linhares (1969) e as respostas sistematizadas acerca da pergunta das formas de consumo da erva-mate no território dos ervateiros. A organização das respostas descritivas, que ocorrerá nesta pesquisa, nos mostrará com maior profundidade, tais relações.

Outro elemento que cabe destacar aqui é que, neste momento, não foi feita uma comparação entre gênero e consumo de produtos à base de erva-mate, porque como a pergunta admitia duas respostas, cria um embargo na análise, que não se tornaria fecundo.

O consumo de erva-mate para chimarrão traz uma dimensão territorial cultural muito forte, pois geralmente este é consumido em mais de uma pessoa, seja amigos ou familiares. Neste caso, ele se torna um elemento de socialização, convívio e diálogo. Quando as pessoas param para consumir seu chimarrão e conversar, é o momento em que dedicam para se desligar um pouco da correria do cotidiano, bem como dedicar seu tempo ao que está ocorrendo ali, naquele momento e local.

Uma das perguntas abertas do questionário era dedicada para os sujeitos escreverem comentários que considerassem importantes acerca do consumo da erva-mate:

“Amo chimarrão e chá mate! Remetem-me à minha infância na casa de meus avós maternos quando sentia o cheirinho de chá mate quentinho nas manhãs geladas de inverno. E do bom chimarrão com meus avós maternos sentados na varanda, ao findar da tarde, quando contavam-me histórias de suas vidas e de meus bisavós. Que saudades!” (Coleta de dados, 2021, grifos nossos).

Nesta resposta é possível perceber que a erva-mate se destaca a partir da influência imaterial, como hábito, símbolo de uma relação familiar, de pertencimento, acolhimento e sentimentos. Inclusive remete a um local específico, a casa dos avós maternos. O destaque do consumo, neste caso, ocorre por conta da dimensão cultural, quando o sujeito se apropria/consome a erva-mate, territorializando a partir do consumo, considerando o aspecto simbólico.

"A erva-mate em forma de chimarrão é relevante para esquentar e frio e refrescar o calor. Com a água aquecida na temperatura ideal num fogão à lenha e chaleira de ferro e com pinhão cozido ou assado na chapa é um néctar dos deuses e também me leva às casas de meus avós! De toda forma é sempre oportunidade para excelentes conversas com familiares e amigos (Coleta de dados, 2021, grifos nossos).

Novamente, é possível perceber que o chimarrão desperta lembranças do sujeito, relacionadas à locais que representam afetividade, a resposta anterior está ligada a casa dos avós, novamente. O que nos faz acreditar que o hábito de consumir chimarrão se adquire, principalmente, através da influência de familiares mais velhos. Interessante notar que a pessoa descreve um cenário ideal, com elementos de destaque, como fogão a lenha, pinhão e erva-mate. Tal apropriação territorial está ligada à subjetividade, em nenhum momento apareceu o destaque material econômico na resposta.

Outro exemplo, dentro das respostas abertas, sobre a territorialização do consumo da erva-mate a partir da dimensão cultural, pode ser encontrado em:

A erva mate faz bem pra nossa saúde, os indígenas já usavam a erva mate, cresci vendo meus avós, tios tomando chimarrão. Aprendi tomar chimarrão e chá de erva mate tostada na chapa do fogão a lenha de meus avós maternos aos catorze anos de idade e até hoje não sei ficar um dia se quer sem chimarrão (Coleta de dados, 2021, grifos nossos).

Na citação anterior inteira podemos observar claramente, a presença muito marcante da dimensão territorial cultural, já discutida até aqui: quando o sujeito cita o bem para a saúde, reconhece os indígenas como pioneiros no consumo da erva-mate, explica como ele adquiriu o hábito do consumo e afirmar que isso virou um hábito diário, estamos diante principalmente da apropriação territorial de consumo a partir do elemento cultural.

Além dos produtos consumidos, temos a erva mate como fonte de renda, pois cultivamos ela em nossa propriedade, a cada dois anos é feita a colheita, com a renda adquirida é possível fazer a manutenção do terreno e ainda sobra dinheiro para fazer melhorias na propriedade, é uma cultura com baixo custo para manter e que dá muito lucro (Coleta de dados, 2021, grifos nossos).

A partir da resposta anterior, percebemos que o destaque maior é para a dimensão econômica. Isso se explica pelo fato do sujeito que respondeu, além de consumir erva-mate, ainda produzir em sua propriedade. A territorialização da erva-mate também pode ser vista como uma reserva de emergência, já que muitas famílias, quando passam por uma necessidade maior de dinheiro, podem e vendem a erva-mate que possuem. Também, como vimos a partir da resposta, o dinheiro da venda pode ser utilizado para realizar melhorias na propriedade, afetando outras culturas e ocupações locais.

Novamente, destacamos que o fato de uma resposta estar mais voltada para a dimensão econômica do território, não significa que as outras dimensões, principalmente a cultural, não seja considerada. As apropriações territoriais ocorrem de acordo com o sentido dado por cada sujeito, portanto, ao olhar o mesmo objeto, cada sujeito tem uma impressão ou sentimento, carregando de subjetividade o sentido do território.

Ainda neste sentido, observamos mais respostas abertas que estão voltadas principalmente para a dimensão econômica do território:

A erva-mate tem uma importância muito grande. Principalmente do ponto de vista econômico, desde meu bisavô que foi um grande produtor do produto na região de Canoinhas, até os dias de hoje, onde pode-se perceber que é uma referência enorme para a região e seu desenvolvimento. Devido aos estudos acadêmicos voltados para o desenvolvimento sustentável, a erva-mate passou a estar em maior evidência em várias áreas. Cita-se: cultural, econômico, social e científico (Coleta de dados, 2021, grifos nossos).

Na resposta anterior, podemos perceber que apesar de estar presente a memória e apropriação familiar, a partir da lembrança da produção do bisavô, que remete principalmente à dimensão cultural do território, também surge o destaque econômico regional, bem como a citação sobre as pesquisas e divulgações científicas das mais variadas dimensões e abordagens, que possuem a erva-mate como objeto de estudo.

Por ser uma resposta livre, as pessoas comentavam o que bem entendessem, bem como suas preferências no que diz respeito ao consumo da erva-mate e seus derivados. Portanto, surgiu uma diversidade de respostas, que para ser sistematizada a partir das dimensões territoriais, necessita de uma organização classificatória que não invalide sua pluralidade.

Destacamos até aqui alguns comentários respondidos na questão aberta, para fins de organização didática, elaboramos ainda um quadro que sistematiza o

cunho das respostas encontradas. Dos 446 questionários validados, 179 pessoas deixaram respostas abertas na última pergunta. Além das respostas já abordadas na presente pesquisa, transcrevemos outras²³:

Quadro 7 – Dimensões territoriais destacadas nas respostas abertas acerca da territorialização do consumo da erva-mate em São Mateus do Sul

Dimensão cultural	- Pra mim se não tomar o chimarrão todo dia já me faz falta! - A primeira coisa que fazemos aqui em casa de manhã, é o chimarrão e, pelo menos mais umas três vezes durante o dia esse ritual se repete. Nossos filhos também já nos acompanham tomando chimarrão e fico muito feliz com isso. É um hábito saudável e aproxima as pessoas. Neste caso, a erva mate faz parte de nossa vida com extrema importância. - O consumo da erva-mate gera aproximação entre as pessoas, gera diálogo e bons relacionamentos. Em minha família, a hora do chimarrão é sagrada: todos os dias entre 18:30 e 19:30. Mesmo eu não consumindo todos os dias como meus pais, gostamos de aproveitar esse momento para conversarmos sobre o que fizemos, o que mudou em nossa rotina e sobre como nos sentimos naquele momento. Dessa forma, acompanho eles na "hora do chimarrão", mesmo não consumindo sempre. - Amo chimarrão..me acalma, me faz bem, é uma tradição da minha família tomar chimarrão a tarde e colocar as notícias em dia ... - Trouxe a a nós a cultura da nossa terra, através do bom chimarrão. - Meus pais tomam chimarrão e eu não gosto! Aí comecei a tomar tereré e tomo sempre que dá. - Levando em consideração o chimarrão, é uma bebida que pode ser tomada sozinha ou em uma roda de amigos, onde pode ser compartilhado conversas aleatórias, situações cotidianas, problemas, alegrias, enfim uma terapia e uma socialização. - Todos os dias tenho que tomar chimarrão. - A erva-mate é um produto que faz parte do povo sãomateuense desde a sua colonização. - Bebida nativa desde meus bisavós, ato que antes da pandemia aproximava as pessoas com uma roda de chimarrão. - É um bom hábito, saudável e o chimarrão é bom pra saúde confirmado pela ciência. - A erva mate é um excelente produto, cultiva-lo faz parte da nossa cultura! Seus produtos tem muitos benefícios! - É uma tradição. - Por causa do chimarrão tenho momentos agradáveis de conversas e descontração com meus familiares. - Chimarrão une a família! - Tem valor afetivo, pois cresci vendo meus tios e avós com seus barbaquás, soques artesanais e mate quente logo de manhã. Chimarrão sempre fez parte da boa recepção de convidados e visitas na minha casa. - Faz parte da minha rotina de vida. - Define a história de São Mateus do Sul, e a minha história. Componente afetivo que une as família e os amigos. - Loco de bão , conserva a roda de amigo. - "Ao ver o cotidiano de meus familiares e amigos, penso que a erva-mate é de extrema importância para o cotidiano dessas pessoas. Podendo ser comparado com costume de consumir o chá preto na Europa e chá verde em países asiáticos.
--------------------------	---

²³ A transcrição ocorreu na íntegra e sem modificações feitas por nós, portanto, os erros de grafia, concordância e outros, além das abreviações, foram transcritos diretamente do banco de dados para a presente pesquisa.

	É um elemento de confraternização, bem-estar e manutenção do costume de São Mateus do Sul sem dúvida. Um dia não é o mesmo sem um chá-mate para mim! " - O hábito do chimarrão me fez conhecer outras pessoas. O chimarrão une a família. - A "hora do chimarrão" é um momento de socialização, seja com nossa família ou com os amigos. É o momento em que podemos esquecer um pouco as tragédias do nosso cotidiano atual. - A hora do chimarrão é o momento que consigo parar com meu trabalho, sentar junto a esposo e filha e termos uma boa conversa. - Tradição de família em consumir produtos e o cultivo da erva mate. - Um hábito regional. - Além do sabor, proporciona momentos agradáveis com a família, por isso é indispensável. - É uma tradição de família. - É importante, pq é o momento que nos reunimos com a família e amigos pra conversar, rir, contar causos e por os assuntos em dia. - Faz parte da cultura. - Nasci vendo as pessoas tomarem experimentei gostei e não fico sem. - Se tornou um item indispensável no cotidiano da minha família. - Continuidade de uma cultura, costumes. - A erva mate é uma bebida saudável e muito saborosa. Uma delícia de costume! - O chimarrão sempre traz momentos de paz e harmonia para o meu dia. - Olha, eu cresci tomando chimarrão. Não vivo sem! - Lembra as origens. - Agregadora da família e amigos. - Chimarrão é cultural. - A erva mate faz parte da história da minha família. - Hábito. - "Para mim já é um hábito sinto falta quando não tomo...me faz bem me faz feliz...ja sentei em rodas d chimarrao p discutir sobre a vida ,sobre decepções, sobre alegrias ,vitorias e lutas ...entao o chimarrao p mim e meu companheiro." - Sou de origem do RGS, meu pai sempre tomou, aprendi tomar chimarrão com ele e preservo está tradição aqui na terra do mate. - Preservar as tradições. - A erva mate faz parte da minha infância, ir para a casa dos avós, ver a família reunida tomando um chimarrão. - O chimarrão une a família através das rodas de conversa. É muito relevante. - O chimarrão faz parte da minha rotina. É um momento com a família em que desfrutamos de uma boa conversa. - Ela aparece como elemento que proporciona uma socialização com diferentes grupos. - Eu tenho por costume tomar um bom chimarrão. E também adoro chá mate. - Para mim, o mate é aconchegante, minha Cia diária, uma base de "injeção na veia" todos os dias, aquece o corpo e a alma, tenho paixão pelo mate. - Um habito gostoso de tradição familiar. - O consumo da erva-mate faz parte da cultura de minha família, passado de geração em geração. - A erva mate remete boas lembranças e convívio com amigos e família. - Uma boa conversa com os amigos em uma roda de chimarrão. - Além de tradicional, um hábito salutar. - A erva-mate é uma tradição em nossa região, principalmente em nossa cidade. Sendo assim, ela afeta diretamente a vida dos moradores de nossa cidade. - Trata se de um hábito que tem a ver com memória afetiva. - Um dia sem mate, não é um dia completo. - Consumo mais em rodas de amigos, em casa não costumo tomar sozinho. - Tradicional Roda de Chimarrão, hoje restringida pela Pandemia, porém, importante elo cultural da sociedade.
--	--

	- Momento da família para pra conversar e tomar seu chimarrão, onde a maioria temos as reuniões de família mas sei se tem muita alegria e amor nesse momento juntos. - tenho que tomar meu chimarrão todos os dias se não parecesse que falta alguma coisa. - O consumo principalmente do chimarrão, traz sensação de bem-estar, aconchego dá família, um "vício". - Gosto da erva Matte desde muito cedo, aprendi Tomar chimarrão com meus pais, e chá com minha avó, gosto do prazer de tomar o matte ,além dos vários sabores da erva Matte, das mais suaves as mais amargas, é algo indiscreto a sensação de prazer de Tomar o matte além das companhias na roda de Matte. - "A erva-mate está muito presente em minha vida, desde o cultivo ao consumo. O chimarrão aproxima meus familiares e amigos, quando nos reunimos a primeira coisa que fazemos é um bom chimarrão, e numa roda de ""prosa"" o chimarrão passa por cada um, com um gostinho de histórias contadas e amizade. Obs: eu consumo o chamarão normalmente 3x ao dia. - Tradição familiar. - Sobre as respostas anteriores, apesar de não ser uma consumidora assídua do produto, a erva mate para chimarrão é o mais presente no meu dia a dia, de uso contínuo e diário por familiares e amigos. Assim, não compro nem consumo individualmente, mas tenho conhecimento sobre marcas, qualidade, preços, enfim. Mesmo com isso, considero um produto muito representativo a cultura de Samas, e tenho orgulho disso.
Dimensão econômica	- Não peguei o hábito de tomar chimarrão ainda, porém compro erva mate para minha família que toma bastante. - Trabalho com a produção de erva mate, transportava também hoje não trasporto mais. - Eu não tenho o hábito, mas reconheço que o produto tem importância sim para a região. - A produção de erva-mate auxilia no orçamento doméstico daqui de casa, porque, temos plantação. - A erva-mate é referência do meu trabalho diário. - Fonte de renda para diversas famílias dos alunos da rede pública da cidade. - Erva mate serve para aproximar os amigos. - Importante no uso em chimarrão e chá e uma renda a mais para os produtores. - Muito importante. Atualmente me dedico ao plantio e produção de erva mate. - Pois é o meu trabalho. - Além de ser um produto natural,tem uma importância socioeconômica para a região. - Renda da família. - É um produto que agrega uma renda adicional a família. - É o que me sustenta, sou filho de produtores de mudas de Erva. - Para mim a Erva mate tem muita importância, sou e tenho tudo o q tenho graças a Erva mate, amor pela Erva mate. - A erva mate faz parte de nosso dia a dia, a fonte de renda para muitas pessoas da nossa comunidade.
Dimensão socioambiental	- Erva mate o melhor energético natural. - Ajuda no bom funcionamento do meu intestino. - Saúde. - Importante destacar o valor medicinal da erva mate descobertos pelas pesquisas recentes. - Diurético. - A região Sul do Paraná através da erva mate conseguimos ter uma reserva do ecossistema, a maior riqueza que são as águas que mantém várias usinas de energia. Fauna rica, o pequeno produtor, densidade geografia. São muitos ganhos que a erva mate proporcionou ao nosso País. - Cura a ressaca e a dor de cabeça. - Chimarrão numa cuia com bombinha, faz milagres, livra a gente de qualquer indigestão.... - Chimarrão é tudo de bom aquece no frio e refresca no verão.

		- Natural e faz bem para saúde. - Além de a erva-mate ser um produto natural, com diversos benefícios à saúde, considero o chimarrão essencial enquanto estou estudando. Devido ao teor de cafeína presente na erva, a minha concentração e, conseqüentemente, a retenção de conteúdos aumenta, acelerando o processo de aprendizagem. - O chimarrão é meu calmante natural e oportunidade para se sentar e descansar ou jogar conversa fora. - É um estimulante diário. - Tomo chimarrão duas a três vezes por dia. No verão a erva é muito refrescante. - Uso como forma de reidratação. - Estou viciada no mate, sem ele meu intestino nem funciona. - Desestressante. - Tomo chimarrão antes do almoço, ajuda na digestão. - Tenho dermatite de contato com as folhas da erva mate. - Faz parte do objetivo de alimentação equilibrada. - Busco utilizar em dias frios e também como diurético e acelerador do metabolismo. - Tomo porque não consigo tomar água aí uso como tomar líquido. - Consumo chá mate durante todo o ano, no verão chá gelado e no inverno quente. - "Eu não adquiri o hábito de tomar chimarrão. Mas a minha esposa toma chimarrão todos os dias. Consumo chá de erva-mate e pouco por problema de saúde. " - Faz bem pro corpo e alma. - O chimarrão pra mim, é como um vício, vc chega em casa cansada, toma banho e faz um mate, o cansaço vai embora 😊❤️ sem contar que chimarrão faz bem pra saúde! - E muito importante para a saúde devemos tomar sempre.
Dimensões cultural e econômica	e	- Renda, hábito saudável. - A erva mate faz parte do cotidiano, do âmbito social, familiar e também da nossa economia social e regional. - O meu hábito de consumir os produtos a base de erva mate, vem principalmente por eu ser produtor de da mesma. - Aprecio um bom chimarrão e também cultivo erva-mate, cuidando da propriedade que meus pais me deixaram como herança. Além de uma renda extra tem um valor sentimental imensurável em minha vida. - A erva-mate é bem marcante em toda minha família, todos os meus familiares lidam com o cultivo desse produto. Diante disso, vejo que os mais velhos tem presença marcante da erva-mate no cotidiano, talvez por consumirem os produtos desde pequenos. Porém percebo que os mais novos não estão herdando o hábito de consumir, assim o produto não acaba fazendo tanta falta e tendo tanta importância. - Somos produtores, e não vivo sem meu mate.
Dimensões cultural e política	e	- A erva mate sempre esteve na minha vida, através do meu avô e dos meus pais. No entanto que hoje faço mestrado em Ciência do Solo e desenvolvo meus trabalhos na cultura da erva mate. Eu saí para fazer faculdade (formada em Eng Agrônoma) e tive a chance de ir para outras áreas, estudar grandes culturas, mas acabei ficando na erva mate, porque já está enraizada culturalmente.
Dimensões cultural, econômica e política	e	- Produto natural, que além dos benefícios à saúde física também traz um momento de união e integração das famílias. Porém carece mais incentivo dos governantes aos produtores, pois muitas famílias se sustentam com o cultivo e manejo da erva mate! Nós inclusive cultivamos erva mate! - Como professora de História, é um importante tema de estudo, é fonte econômica para muitas cidades no sul do país. - A erva mate é uma grande estaca pra nós do Sul, pois é nosso produto, pra quem tem de alto valor comercial, e representa nossa cidade como capital da erva mate. - Gosto de consumir chimarrão por ser natural do RS e também dar aula em curso técnico e trabalhar este tema com meus alunos.

Dimensões cultural e socioambiental	- Muito utilizada como método alternativo à ingestão de água e também na promoção da socialização familiar. - Para um amante da erva mate o chimarrão virou um ritual diário, sendo consumido em qualquer hora do dia, um hábito saudável que proporciona benefícios, seja pelo resultado nutricional de sua infusão ou pelas horas de conversa regados a um bom mate são mateuense. - Amo chimarrão!! Além de gostar da bebida, gosto de tomar na companhia de amigos e familiares. Diminuí a frequência por causa do refluxo esofágico. - "Não vivo sem chimarrão. Considero um remédio para minha dor de cabeça." - A erva mate além de fazer bem para a saúde ela nos dá uma cultura de nosso lugar trazendo muitos benefícios. - Me faz bem, me sinto com energia, hidratada, diurético e dificilmente tomo sozinha pois hora do chimarrao convida para um bom papo em grupo (nessa época de pandemia, cada um com sua cuia) ! Múltiplos benefícios. - Primeiro fator relevante pra mim é a hidratação, segundo a interação e conversas entre amigos. - Tomar chimarrão me deixa mais calma tomar com as amigas então maravilhoso. - Inúmeros benefícios, saúde, aproxima as pessoas através do chimarrão, hidrata. - O mate é revigorante, aquece e tbem é um laço de lembranças de momentos em família.
Dimensões cultural, socioambiental e econômica	- Erva Mate é antiga e sempre usada pelos ancestrais como um produto de consumo benéfico para o corpo e depois virou fonte renda agricultura familiar. - "Chimarrão aproxima pessoas, faz muito bem para a saúde também. Como família produtora de erva- mate sabemos da grande importância." - Fonte de energia; fonte de momentos de convívio e interação com a família; fonte de renda. - "Tomo todos os dias as 9 da manhã e as 3 da tarde inclusive nos dias de semana. Eu tenho uma oficina agrícola presto serviços de reformas e soldas. Costumo tomar o chimarrão nos intervalos pra descansar,tomar o chimarrão,conversar com integrantes da família e sempre com clientes que sabem do horário que eu costumo fazer a pausa e tomar aquele chimarrão.
Outras considerações	- Sempre preferi infusão de erva mate, já que ela tecnicamente não pode ser chamada de chá, do que o chá propriamente dito, que é de Camellia sinensis. No inverno tomo quente e no verão tomo natural ou gelado. Sempre. - Erva mate é vida adoro. - Não sei viver sem meu mate... - Hoje é uma droga que tenho que consumir, (droga boa. Vício). - "Renda é um item complicado de expor. Quanto a questão C, é na verdade um misto entre preço, qualidade e marca." - Muito bom. - É bom tomar um Chimarrão as vezes. - Muito bom. - E relevante. - Confortante. - Para um dia mais feliz um mate pela manhã ♡ - "Verde quente erva ventre dentro entranhas Mate amargo noite adentro estrada estranha". - Qualidade de vida. - Meu médico falou pra parar de beber chimarrão aí falei que o chimarrão não deixa nunca de tomar aí ele falou que não teria problema. - Erva-mate e cerveja não pode faltar. - Saudável . - Produto muito bom. - Pouco importante, pelo fato de ainda, não saber usufruir de todos os benefícios que ela tem. Quem sabe um dia, ela passe a ser, muito importante para a minha vida. - Não vejo relevância alguma. Os produtos feito por essa folha não me atraíram, e o fato de ficar usando a mesma bomba (muitas bocas) sempre me soou

	nojento, e não vejo a importância nutricional desse alimento e o uso de água muito quente pode acarretar doenças de neoplasia pela a trauma por calor na mucosa epitelial oral e esôfago. Mas gosto não se discute. - Eu tomo mais chá e não tenho o hábito de tomar chimarrão. - Estarei construindo um viveiro certificado buscando produziram mudas de alta qualidade não só de erva mate mas de Ciprestes e árvores ornamentais. - Acho legal para atrair mais pessoas a minha cidade, isso ajuda a todos. - O doce desse amargo me convém. - Gosto bastante e um hábito saudável. - Eu Amo um chimarrão, não vivo sem. - Erva é muito bom! - Bah tenho que tomar um mate! - Que ela faz parte da minha vida. - Parabênizo pela importante pesquisa! - É muito boa a erva mate.
--	--

Org.: Silva (2024).

Como já colocado, o objetivo do quadro 7 é sistematizar as colocações dos sujeitos que responderam ao questionário aplicado. Como em algumas frases apareceram mais de uma dimensão territorial, nós criamos subclassificações. A última subclassificação, chamada de outras considerações, criamos para abranger as respostas que não tinham uma classificação direta dentro das dimensões organizadas no quadro. Consideramos ainda, dentro da dimensão socioambiental, as respostas que tiveram relações com a saúde humana, já que para Saquet (2011), o território é apropriado e produzido, inclusive, pela natureza inorgânica e orgânica do homem, como produto da relação natureza-sociedade. Além disso, consideramos que dentro da multidimensionalidade, as dimensões se interrelacionam, existindo uma certa dependência entre elas.

Diante disso, alguns elementos merecem destaque sob a análise das respostas abertas:

a) O chimarrão foi de longe a forma de consumo de erva-mate mais citada pelos sujeitos. Principalmente no que diz respeito à sua apropriação territorial dentro da dimensão cultural, pois em várias respostas constam termos como hábito, reunião de familiares e amigos, costume, esquecer dos problemas etc. Provavelmente se tal questionário fosse aplicado em um município do estado do Mato Grosso do Sul, por exemplo, teríamos mais respostas ligadas ao consumo do tereré, já que as apropriações territoriais variam de acordo com a realidade enfrentada por cada grupo de sujeitos. São Mateus do Sul possui um apelo muito forte ao consumo do chimarrão, inclusive com a caixa de água da cidade, principal reservatório para a distribuição, possuindo um formato de cuia de chimarrão.

b) A dimensão territorial econômica não aparece tão ligada ao consumo, mas sim ao cultivo, trabalho e produção da erva-mate. Fator que configura uma dinâmica territorial muito diferente entre sujeito e objeto. Em nenhuma resposta foi encontrada a relação entre o preço pago na erva-mate, ou então outro elemento pelo viés do consumidor. Com certeza a questão econômica interfere diretamente no consumo, mas em última análise, a erva-mate para chimarrão é um produto que é comprado no comércio pela maioria dos consumidores, porém tal item não foi contemplado dentro da dimensão territorial econômica, a partir da resposta dos sujeitos.

c) Baixo índice de rejeição dos produtos à base de erva-mate, observamos apenas 4 respostas de sujeitos que alegaram não os consumir. Dentre os principais fatores que explicam a rejeição estão: falta de costume de consumir, considerar que faz mal para a saúde e é anti-higiênico (no caso do compartilhamento da bomba do chimarrão), além de pessoas que possuem alergia ou reações aos componentes da erva-mate.

d) A dimensão socioambiental territorial aparece nas respostas a partir da interação entre o consumo da erva-mate e saúde humana. Pudemos perceber referências como auxílio digestivo, recomposição de energia, descanso mental, melhora na concentração, calmante natural etc. Ainda há um outro lado, algumas respostas apontaram para como o consumo da erva-mate pode fazer mal à saúde, refluxo, lesões etc. Porém, alguns sujeitos destacaram que mesmo sabendo disso, não deixam de consumir.

e) A dimensão territorial política praticamente não apareceu nas respostas. Com exceção de uma que traz o baixo incentivo por parte das políticas públicas para os produtores de erva-mate, que nesse caso já se mistura também com a dimensão territorial econômica. Não consideramos a dimensão política apenas como algo que esteja ligada ao Estado, mas sim as territorializações e conflitualidades de maneira geral, e mesmo assim não encontramos muitas respostas com esse sentido.

Linhares (1969, p. 389) ainda coloca que a maior divulgação e propaganda do chimarrão, automaticamente fará com que outros derivados da erva-mate também sejam consumidos com maior frequência, aumentando a importância da cadeia produtiva territorial da erva-mate, para além dos fatores econômicos. “[...] Quanto mais ele estiver divulgado, tanto maior será o consumo dos outros tipos, mais o mate ficará enraizado na nossa vida, como produto quase que direto da natureza.”

pesquisado. Destacamos ainda, que muitas respostas destacam mais de uma dimensão territorial, como foi possível perceber no quadro 7.

A multidimensionalidade, colocada por Saquet (2011 e 2015), significa que as dimensões territoriais ocorrem de maneira concomitante e se relacionam entre si. Não é porque uma resposta apresentou maior cunho cultural que aquele sujeito considera apenas esta dimensão em sua apropriação territorial, o mesmo acontece ao contrário. No que diz respeito ao consumo da erva-mate, a apropriação territorial geralmente acontece a partir das relações entre as quatro dimensões, porém tais elementos ganham escalas de significados diferentes de acordo com cada sujeito, sua visão de mundo, suas experiências e ações tomadas.

A sobreposição do quadro 7 com a nuvem de palavras (figura 8) nos permite ter uma dimensão mais completa das percepções territoriais de consumo por parte dos sujeitos. Neste sentido, uma análise quali-quantitativa revela impressões importantes. A partir de então, passamos para o elemento temporalidade acerca do consumo da erva-mate no território dos ervateiros.

4.3 AS DIFERENTES TEMPORALIDADES, TERRITORIALIDADES E PERCEPÇÕES ACERCA DO CONSUMO DA ERVA-MATE

Para Saquet (2015), as temporalidades e territorialidades ocorrem ao mesmo tempo, além de serem políticas, econômicas, ambientais e culturais, portanto, multidimensionais. Para este autor, vivenciamos os processos espaciais-territoriais-temporais de maneira simultânea. Portanto, para cada sujeito, de acordo com sua idade e outras características de perfil, a apropriação territorial e interferência no território ocorrem de maneiras distintas, aliadas às diferentes formas de apropriações territoriais.

Saquet (2015) explica que existem três significados principais de apropriação: a) como propriedade, controle e posse individual ou coletiva; b) delimitação, divisão, parcelamento mais ou menos delimitado; c) utilização, interferência, uso de máquinas, instrumentos, objetos, homens, terras etc. ou seja: da natureza e do espaço. Considerando a erva-mate, seu consumo e sua teia multidimensional de relações, as apropriações a partir do consumo variam de acordo com o significado e sentido de apropriações que os sujeitos remetem.

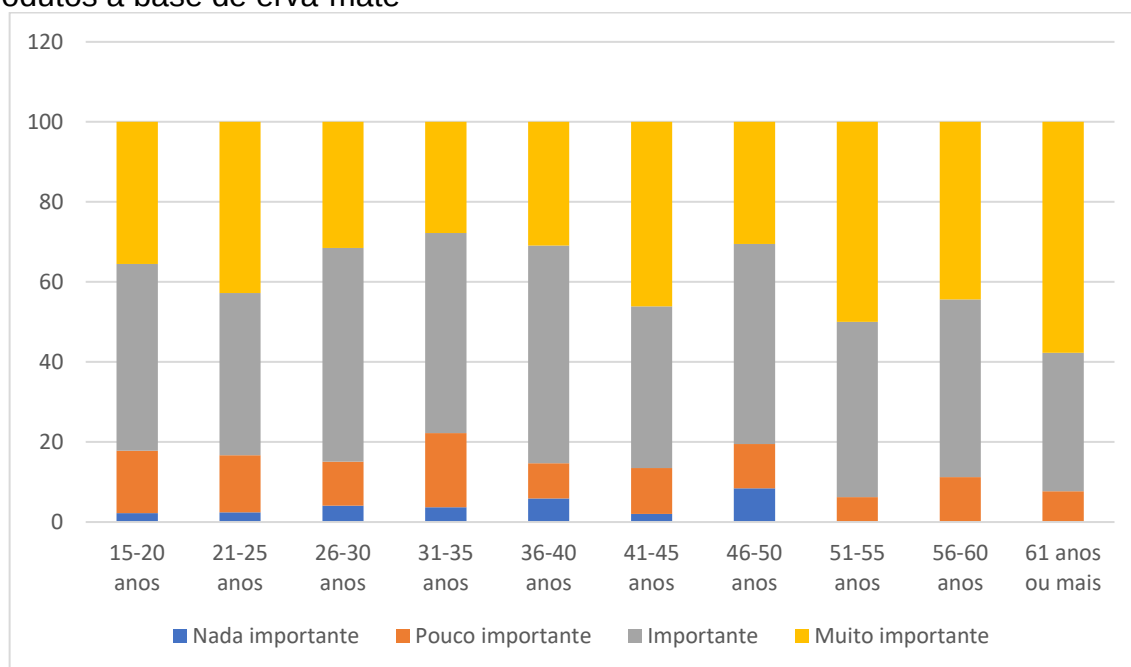
Para nós, as territorialidades estão diretamente vinculadas às identidades e às diferenças, sem se descolarem das temporalidades, por isso, são pluridimensionais, ou seja, correspondem às relações sociais, às apropriações, às aspirações e às práticas espacio-temporais econômicas, políticas, culturais e ambientais. [...] As temporalidades estão mais ligadas aos ritmos e às desigualdades econômicas, embora, ambas, territorialidades e temporalidades aconteçam simultaneamente e estão em unidade: tanto as territorialidades como as temporalidades são econômicas, políticas, culturais e ambientais (Saquet, 2015, p. 113).

A compreensão de unidade da temporalidade com a territorialidade nos permite perceber que qualquer objeto de estudo territorial está suscetível à influência destes dois elementos. No caso da erva-mate e seu consumo em São Mateus do Sul, há uma construção temporal e territorial de muitos anos, mudando inclusive, o sentido de apropriação territorial desde os indígenas locais até a atualidade. Portanto, o que ocorre agora não é uma mera coincidência ou aleatoriedade, mas sim o resultado de um processo com diferentes objetos e sujeitos, que conformaram a realidade atual, e que por sua vez, resultará em uma interferência direta nas situações futuras.

Apesar da erva-mate ser uma planta nativa, que depois ganhou também um aspecto de cultivo agrícola, suas formas de consumo passam pelas mais diferentes versões. Tais diferenças ocorrem por influências econômicas, culturais, políticas e socioambientais, em escalas e intensidades diversas. Com a expansão e popularização do consumo da erva-mate, muitos sujeitos se relacionam com ela de maneiras diferentes.

Considerando ainda que as temporalidades são resultadas pelas expressões das diferenças de ritmos, desigualdades, percepções e objetivos da relação entre natureza e sociedade (Saquet, 2015), torna-se possível realizar uma análise da apropriação territorial a partir consumo da erva-mate, que ocorre no território dos ervateiros, de acordo com a faixa etária dos sujeitos que responderam ao questionário. Consideramos que pode haver desigualdades e diferenças de acordo com o momento da vida que cada sujeito se encontra, além de sua leitura de mundo a partir da realidade posta, neste sentido, através do gráfico 9, propomos a seguinte análise:

Gráfico 9 – Relação entre faixa etária e grau de importância dada ao consumo dos produtos à base de erva-mate



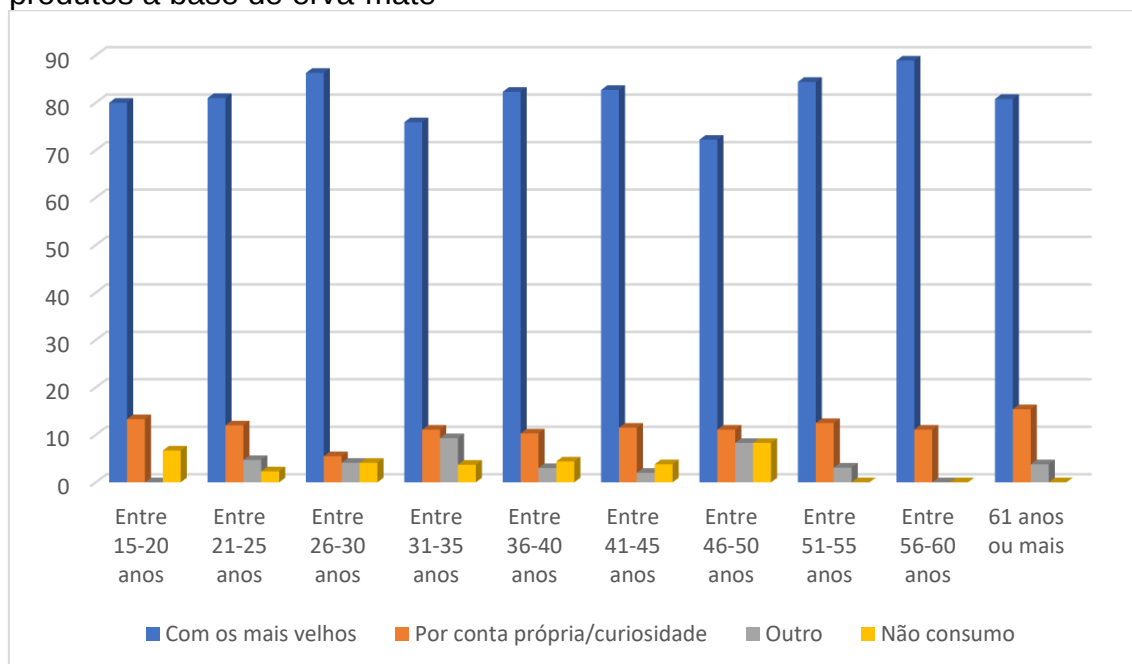
Org.: Silva (2023).

Cruzando as duas informações que basearam o gráfico 9, podemos perceber que a maioria (mais de 80%) dos sujeitos de todas as faixas etárias, consideram o consumo de erva-mate importante ou muito importante. Percebemos ainda, que com algumas exceções, conforme avança o grupo da faixa etária, maior fica o grau de importância do consumo da erva-mate, confirmando nossa hipótese inicial: que os sujeitos mais velhos dão mais importância ao consumo destes produtos. Outra questão importante, é que a partir da idade de 51 anos, nenhum sujeito assinalou a resposta nada importante, mostrando que mesmo que dê pouca importância ao consumo de erva-mate, estes o realizam.

Apesar da diminuição do grau de importância do consumo da erva-mate conforme diminui o grupo de faixa etária, não existe uma perspectiva de abandono do consumo, o que pode ocorrer é uma diversificação, tendo por exemplo, os jovens adultos, uma maior propensão ao consumo do tereré. Também não notamos uma linearidade fixa nas respostas, entre hábito de consumo e faixa etária, já que, por exemplo, no grupo de sujeitos entre 21-25 anos, proporcionalmente existe uma amostragem maior de pessoas que consideram o consumo da erva-mate como muito importante, maior que a amostragem desta mesma estratificação do grupo entre 46-50 anos.

Tal análise pode ser complementada ainda, com as respostas acerca de como os sujeitos adquiriram o hábito de consumo da erva-mate, já que nossos costumes e hábitos são condicionados pelo meio em que vivemos e sujeitos que convivemos, em diferentes escalas, de acordo com o gráfico 10:

Gráfico 10 – Relação entre faixa etária e forma que adquiriu o hábito de consumir produtos à base de erva-mate



Org.: Silva (2024).

Novamente podemos perceber um certo padrão nas respostas, pois de acordo com o gráfico 10, a maioria dos sujeitos em todas os grupos de faixa etária, adquiriu o hábito de consumir erva-mate a partir do convívio e influência de pessoas mais velhas. Esse fato acontece desde os primórdios do consumo da erva-mate na região, onde os indígenas mais velhos, sobretudo pajés e caciques faziam uso, que posteriormente se populariza entre outros indígenas, posteriormente para o caboclo, imigrantes e atualmente se tornou um lugar comum a partir de nossa realidade.

A proporcionalidade indica uma lógica de apropriação territorial que está ligada à subjetividade, (i)materialidade e convívio. Pois muitas vezes as pessoas mais velhas que passam o hábito de consumir erva-mate, fazem parte da família do sujeito que respondeu ao questionário. Podemos perceber, então, uma continuidade territorial, de acordo com Saquet (2015), mesmo que não haja uma linearidade escalar.

Destacamos ainda que mesmo os sujeitos que responderam que começaram a consumir erva-mate por curiosidade, esta pode ter sido despertada ao ver pessoas

mais velhas consumindo, já que é comum a criança repetir os hábitos de seus familiares mais velhos. Não obstante, não é raro de acontecer da criança ter a sua própria bomba e cuia, com tamanhos proporcionais ao seu, para consumir chimarrão ou mate doce junto de seus familiares, em momentos de reuniões.

O elemento do gráfico 10 colocado como outros, significa outras maneiras de apropriações territoriais do consumo da erva-mate, como influência das mídias, marketing, propaganda, simbologia do próprio município, que contém marcos territoriais que remetem ao consumo da erva-mate etc. Por último, novamente salientamos que a opção “não consumo” foi assinalada pela minoria na maior parte das amostragens por faixa etária.

Diante disso, percebemos que existem muitas relações afetivas por trás do consumo da erva-mate, portanto concordamos com Saquet (2015, p. 114) quando coloca que:

Estabelecemos relações afetivas, por exemplo, com os objetos de uso cotidiano e com as pessoas da nossa família, juntamente com noções de pertencimento a certo bairro, determinada rua e lugar-território. Os homens, através de seus gestos, necessidades e aprendizagens produzem e renovam territorialidades, desigualdades, diferenças e identidades. Há uma sucessão de identidades, que se cancelam e se desagregam, deixando traços-características materiais e imateriais no território. Identidades, desigualdades e diferenças coexistem. (grifos nossos).

Estabelecer relações afetivas com os objetos de uso cotidiano é o que configura o consumo da erva-mate por parte dos sujeitos que responderam ao questionário. Tais relações quando consideradas ainda com pessoas da família, se entrelaçam, principalmente na dimensão cultural do território, a partir do hábito repassado de geração para geração. O momento do consumo da erva-mate poder ser visto como uma pausa na dinâmica diária de trabalho e estudo, para uma conversa entre família, que fortalece e aproxima os pertencimentos e afetividade.

Estamos diante de uma forma de apropriação territorial que não tem exatamente a ver com a influência direta do Estado, da compra ou dos conflitos externos que existem na sociedade, mas sim de relações sutis e intrínsecas a cada sujeito que a desenvolve. Acreditamos que ainda existem outras formas de territorializações do consumo da erva-mate em São Mateus do Sul, portanto, partimos para tais análises na sequência.

4.4 OUTRAS FORMAS DE TERRITORIALIZAÇÕES E DINÂMICAS

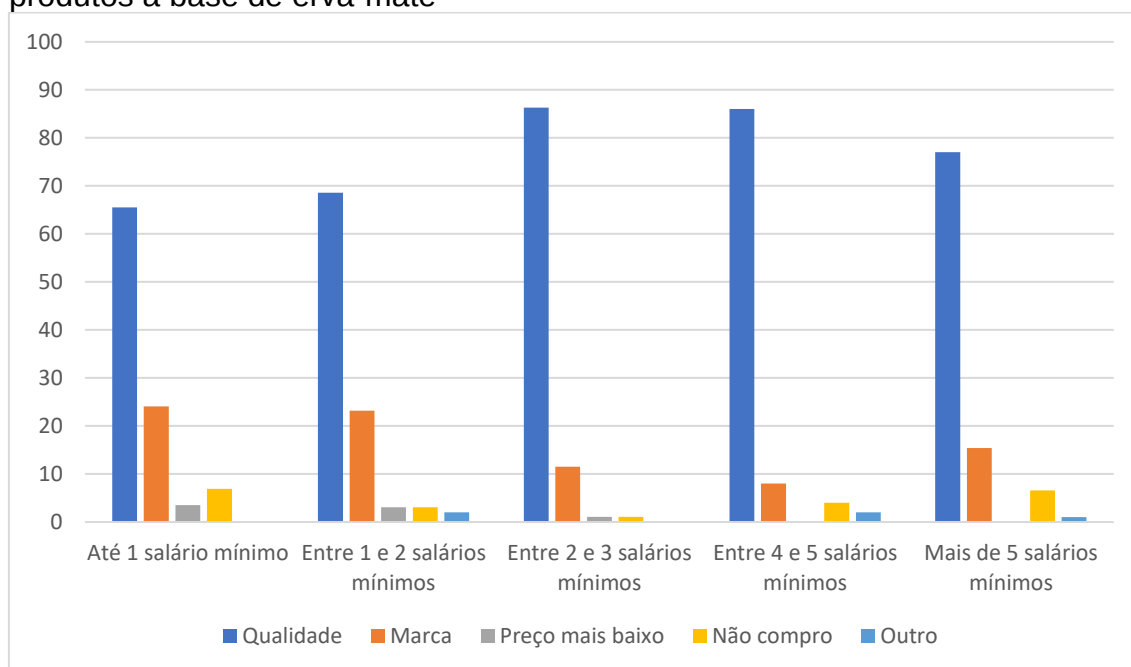
A territorialização cotidiana da erva-mate ocorre inicialmente de maneira natural (por ser uma planta nativa), posteriormente esse elemento beneficiado e seus derivados passam a integrar o hábito de consumo e cotidiano das pessoas, aí passam a ser territorializados economicamente pelas empresas e produtores, que fazem campanhas mercadológicas incentivando o consumo (não necessariamente nessa ordem). Tais campanhas e propagandas fazem parte das territorialidades, apontadas por Saquet (2006, 2011 e 2015), pois consiste na disputa ideológica e de convencimento dentro do aspecto econômico do território.

Interessante notar que a dimensão econômica do território se utiliza da dimensão e aspectos culturais/afetivos, para que incentive o consumidor a realizar a compra da erva-mate, sobretudo para chimarrão. Neste sentido, as campanhas colocam a erva-mate para chimarrão como tradição, afetividade, pertencimento e um hábito que repassa por gerações, como já demonstrado no gráfico 9.

Entendemos ainda, que a renda é um dos elementos que mais influenciam no poder de consumo das pessoas, uma vez que está direta e proporcionalmente interligada ao custo de vida das famílias. Portanto, como a erva-mate não é um alimento de primeira necessidade, torna-se importante analisar como tal relação se desenvolve na prática.

O processo de territorialização depende do domínio e apropriação das multidimensões do objeto/sujeito de pesquisa, no contexto das multiconflitualidades e dimensões, em seu contexto (i)material. Considerando que uma das principais formas de territorialização da mercadoria erva-mate é o consumo, a relação do Gráfico 11 aborda qual o principal critério adotado pelos entrevistados no momento da compra do produto, de acordo com a renda média mensal dos sujeitos.

Gráfico 11 – Relação entre renda média mensal e critérios adotados para compra dos produtos à base de erva-mate



Org.: Silva (2024).

É possível perceber que o item qualidade é o principal critério levado em consideração, por todos os grupos de renda, na hora da compra dos produtos à base de erva-mate. Porém, no grupo que tem uma renda média até dois salários mínimos, o critério preço mais baixo aparece com maior repetição, 3.5% para o grupo que recebe até 1 salário mínimo e 3.1% para o grupo que recebe entre 1 e 2 salários mínimos. Já para os grupos que recebem mais de 4 salários mínimos, não apareceu nenhuma resposta que adote o preço como critério.

A questão da marca é um outro elemento que também está muito ligado ao preço, já que existem pessoas que são fieis à determinadas marcas, independente da oscilação de preço, bem como ao surgimento de novas marcas no mercado local. Não obstante, percebemos que as pessoas dos grupos que recebem até 2 salários mínimos são as que mais consideram a marca como principal critério na hora de comprar a erva-mate. Respectivamente, 24.1% das respostas dos sujeitos que recebem até 1 salário mínimo e 23.2% das respostas dos sujeitos que recebem entre 1 e 2 salários mínimos, apontaram que a marca é o principal elemento na hora da escolha. Há uma diminuição desse critério nos grupos que recebem entre 2 e 3 salários mínimos e dos que recebem entre 3 e 4, 11.5% e 8%, respectivamente, dado que já pula para 15.4% quando consideramos apenas o grupo das pessoas que recebem mais de 5 salários mínimos, em média.

A hipótese inicial era de que o preço (aspecto territorial econômico) exerceria a principal influência na hora da compra, porém este elemento não foi preponderante em nenhuma das faixas de renda média mensal. Nessa perspectiva, apontam-se duas análises principais: a primeira é a compreensão das conflitualidades existentes nas disputas/concorrência entre as empresas que comercializam os produtos nesse recorte territorial, já que não são apenas indústrias locais que fornecem para o comércio. Tais disputas são notadas tanto na imaterialidade (a partir das propagandas e estratégias), quanto na materialidade (através da objetificação).

A segunda análise é pautada na subjetividade proposta na opção qualidade, já que existem diversas opções e variedades entre os dois produtos mais citados no gráfico 11. Dentre outras possibilidades, incluindo a variedade de espécies, a erva-mate para chimarrão pode ser moída, fina ou grossa. Já o chá-mate, dentre outras opções, varia de acordo com a temperatura da tosta da matéria-prima (alta, média ou baixa). Nos 2 casos, causam diferenças na qualidade e sabor dos produtos, portanto é uma possibilidade de compreensão subjetiva, que leva em consideração o paladar, possibilidades econômicas e culturais.

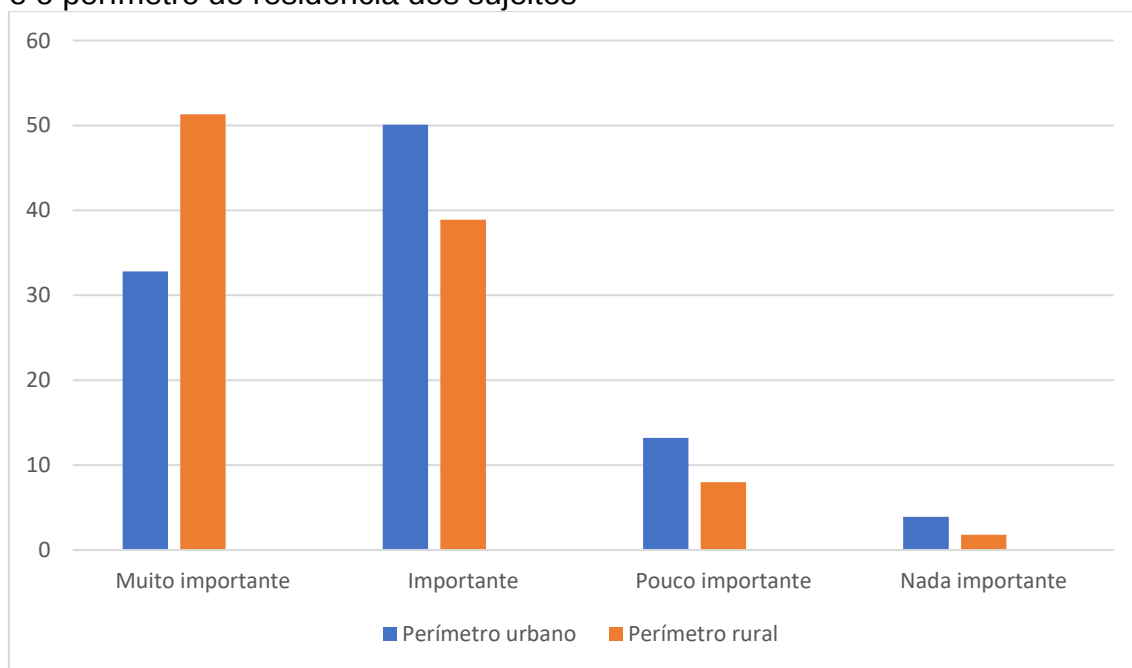
O elemento “outros” também aparece como opção de resposta no gráfico 11, porém foi o que menos apareceu, chegando a não ser cogitado dentro de alguns grupos. Mas compreendemos como “outros” a junção dos fatores menor preço-marca, qualidade-marca, qualidade-menor preço, e inclusive podendo ser o caso de pessoas que beneficiam sua própria erva-mate, para elas e seus familiares consumirem, tal discussão ocorrerá no próximo momento da presente pesquisa.

A territorialização do consumo da erva-mate, em São Mateus do Sul, ocorre a partir de elementos mercadológicos, porém o principal elemento que pudemos perceber até aqui, é o cultural. Já que além de não observarmos o preço como principal critério de compra, nem entre os grupos que possuem uma renda média menor, também notamos uma continuidade territorial a partir da influência que os mais velhos exercem sobre os mais novos na questão do hábito de consumo da erva-mate e seus derivados, principalmente o chimarrão.

A relevância do consumo é algo que também precisa ser analisado, pois a territorialização sob diferentes dimensões e de maneira relacional, ocorre de forma dinâmica quando aquele elemento possui uma relevância grande para os sujeitos. Também entendemos que as perspectivas e percepções podem ser diferentes de acordo com o meio social que o sujeito está inserido, principalmente no que diz

respeito ao contato com a planta de erva-mate, bem como às formas e relevâncias de consumo. Posto isso, o Gráfico 12 demonstra a importância relativa da erva-mate na vida dos entrevistados, de acordo com seu perímetro de moradia – rural ou urbano²⁴.

Gráfico 12 – Relação entre o grau de importância dos produtos à base de erva-mate e o perímetro de residência dos sujeitos



Org.: Silva (2024).

Nossa hipótese inicial era que os sujeitos que residem no perímetro rural consideravam a erva-mate, principalmente o chimarrão, um elemento mais importante no cotidiano do que os sujeitos que residem no perímetro urbano. Tal hipótese foi confirmada, uma vez que 51.3% das respostas das pessoas que moram no perímetro rural apontaram os produtos à base de erva-mate, como sendo muito importantes, enquanto 32.8% das respostas dos sujeitos que residem no perímetro urbano, consideraram a mesma coisa.

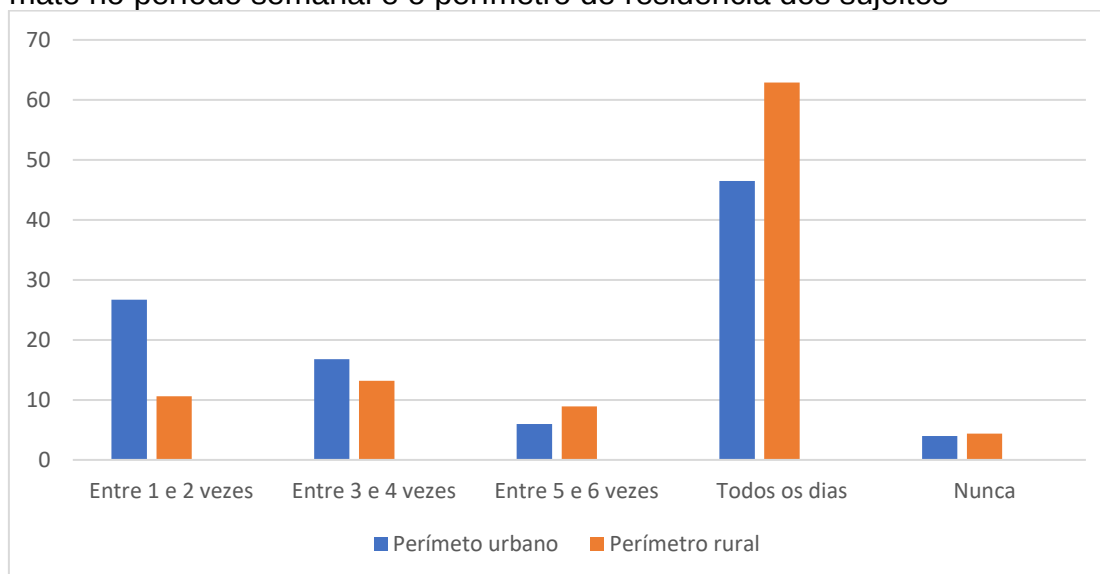
Observando as outras possibilidades de resposta, os sujeitos do perímetro urbano foram maioria, proporcionalmente, em todas elas. Inclusive nas opções que consideram o consumo de produtos à base de erva-mate como pouco ou nada importante. Tal relatividade e diferença pode ser explicada, dentre outros fatores, pelas diferenças do modo de vida e territorialização dos sujeitos da área urbana e rural. Enquanto o sujeito que reside no perímetro rural, em São Mateus do Sul, tem

²⁴ Não é objetivo da presente pesquisa discutir os conceitos de rural/urbano, cidade/campo. Os termos perímetros urbano e rural são oriundos da classificação do IBGE – espaços urbanos e rurais. Porém, para não utilizarmos o termo espaço com outro sentido, utilizamos a expressão perímetro.

contato cotidiano, desde muito cedo, com a planta de erva-mate, muitas vezes até trabalhando diretamente nas plantações, poda e extração, a probabilidade de um sujeito do perímetro urbano ter a mesma forma de contato é muito pequena. Pois, muitas vezes, conhece a erva-mate a partir das prateleiras dos supermercados e propagandas, e em outras, a partir do consumo dentro da sua casa, pelos seus familiares. Portanto, possuem ritmos e intensidades de territorializações diferentes, como Saquet (2015) coloca a partir da construção do território.

Este exercício é importante porque a territorialização depende muito da relevância que os sujeitos dão para o objeto analisado. A erva-mate faz parte da realidade territorial de São Mateus do Sul, portanto a importância dela não se restringe apenas ao aspecto comercial, mas se estende também aos campos cultural, sócioambiental e político. Em relação à frequência de consumo de produtos à base de erva-mate e o perímetro que o sujeito habita, temos o seguinte cenário, desenhado no gráfico 13:

Gráfico 13 – Relação entre o número de vezes que consome produtos à base de erva-mate no período semanal e o perímetro de residência dos sujeitos



Org.: Silva (2024)

A territorialização da erva-mate a partir do consumo, dentro da relação estabelecida no gráfico 13, nos mostra que os sujeitos do perímetro urbano consomem mais ocasionalmente a erva-mate e seus derivados, equanto que a amostragem do perímetro rural, alega consumir mais todos os dias da semana. Esta informação vem de encontro com a apontada no gráfico 11, onde percebemos que os sujeitos do perímetro rural possuem uma relação territorial mais estreita com a erva-mate, não apenas aquela pronta para o consumo, mas também a própria planta nativa.

Outro elemento que nos chamou a atenção, contrapondo a informação anterior é que: enquanto 4.4% da amostragem rural alegou nunca consumir erva-mate, 4% da amostragem urbana apontou para a mesma resposta. Nossa hipótese inicial era justamente ao contrário, acreditando que na área urbana encontraríamos mais respostas que alegassem nunca consumir erva-mate. Verificamos então uma descontinuidade territorial a partir de tais fatores.

A perspectiva territorial multidimensional possibilita análises sociais em diferentes aspectos geográficos. Nesse sentido, acreditamos que compreender tais dinâmicas dentro de um determinado recorte pode abrir novos horizontes para a continuidade da pesquisa, construindo relações mais complexas sobre as discussões acerca dos sujeitos e as dinâmicas territoriais.

Os elementos presentes no território da erva-mate, percebidos a partir da aplicação do questionário, permitem concluir que o cotidiano, imaterialidade e multidimensionalidade da erva-mate, dentro desse recorte territorial, estão presentes em diversos aspectos. Destacamos para além do consumo/economia, mas também nos hábitos, percepções, conflitualidades, continuidades e descontinuidades.

Existem alguns casos de relação entre sujeito e erva-mate que vão além do consumo, porém podem atuar como condicionantes e resultado dele, como por exemplo, os casos da construção das dinâmicas territoriais estabelecidas no cotidiano, a partir da influência do poder público, das empresas/mercado, dos produtores e consumidores. Quando nos referimos ao território dos ervateiros, como já colocado aqui, consideramos todos estes sujeitos, que constroem, modificam e estabelecem as dinâmicas locais.

Para tanto, no próximo capítulo, fazemos uma aproximação entre os sujeitos que produzem e beneficiam sua própria erva-mate, com ações do poder público e privado, na configuração do território dos ervateiros.

5 AS DIMENSÕES E REPRESENTAÇÕES NO TERRITÓRIO DOS ERVATEIROS

O território é construído de maneiras diversas, variando de acordo com os sujeitos, temporalidades, períodos, intencionalidades e outros elementos. O aspecto (i)material garante que a intencionalidade dos sujeitos seja materializada de acordo com o modo de agir de cada um, como o poder público, sociedade civil organizada, empresas etc. Existem materializações no território dos ervateiros que são resultados de acordos entre esses diferentes sujeitos, e que na nossa compreensão, afetam a territorialização da erva-mate a partir do consumo, inclusive incentivando a partir de estratégias, que as pessoas consumam erva-mate, principalmente através do chimarrão.

O objetivo principal deste capítulo é analisar algumas representações, dimensões, simetrias e dessimetrias (Saquet, 2008) existentes no território dos ervateiros. Para tanto, o presente capítulo está dividido em dois momentos principais: no primeiro, realizamos uma abordagem sobre o que estamos compreendendo por representações no território, e como elas interferem na territorialização a partir do consumo, analisando e expondo algumas das representações territoriais da erva-mate existente em São Mateus do Sul: a Indicação Geográfica (IG) da erva-mate, as cuias, o chimarródromo, a presença da erva-mate no hino e brasão do município, e por último, a Rua do Mathe. Já no segundo momento, analisamos quatro casos de produtores que beneficiam sua própria erva-mate em sua propriedade, recriando assim uma outra forma de territorialização a partir do consumo.

O aspecto metodológico, neste capítulo e na pesquisa como um todo, se apresenta de maneira variada, temos a aplicação de entrevista com roteiro semiestruturado (apêndice), análise de documentos e regulamento no caso da análise da IG; além de observações indiretas (com anotações livres) e pesquisas através de notícias nas outras representações territoriais. Para a construção da análise das entrevistas com os produtores/consumidores, utilizamos das entrevistas com roteiro semiestruturado (apêndice). A análise do conteúdo de tais entrevistas ocorre a partir da tabulação manual das informações, bem como as reproduções das gravações feitos durante os momentos. Com o intuito de facilitar a análise das informações, todas as entrevistas foram gravadas, com autorização dos sujeitos, para consultas posteriores.

5.1 AS REPRESENTAÇÕES DO TERRITÓRIO

Saquet (2011) propõe que a análise territorial leve em consideração a unidade do material com o imaterial, que ele chama de (i)material, ou seja, imaterial-material ou material-imaterial. A partir disso, consideramos o território, também de forma multidimensional e relacional neste sentido, apesar de ser mais delicado delimitar e analisar o imaterial do território, por envolver maior subjetividade, intencionalidade etc. não é possível compreender o que ocorre na materialidade do território, sem analisar a perspectiva imaterial.

Acreditamos que a imaterialidade está muito presente nas representações do território, e que posteriormente configurarão também a materialidade. Portanto, os elementos que analisaremos aqui, apesar de já se configurarem como objetos, monumentos e organizações, existiram primeira na imaterialidade, dentro das conflitualidades existentes no território, para depois de tornarem palpáveis materialmente. Tais conflitualidades e relações envolvem os diferentes sujeitos do território dos ervateiros, incluindo poder público, iniciativa privada, sociedade civil organizada, consumidores, produtores, indústrias etc.

Não é simples demarcar, e muito menos dar conta de todas as dimensões e intencionalidades territoriais, porém o que propomos aqui, é elencar os principais elementos (i)materiais aparentes no território dos ervateiros, bem como compreender como tais relações incidem diretamente na dinâmica do consumo, que é o objetivo proposto inicialmente. Para isso, precisamos pensar nos sujeitos, dinâmicas e objetos estabelecidos, a partir da perspectiva territorial. Ao compreender “[...] o território como produto e condição da vida em sociedade e em natureza, historicamente formado, caracterizado e em constante transformação (com descontinuidades e continuidades materiais e imateriais)”, Saquet (2011, p. 47), nos auxilia nessa perspectiva de análise.

Compreendemos por representações do território toda a marca deixada pela ação humana que represente uma ou mais formas de territorializações. Neste sentido, concordamos com Saquet (2011, p. 46), quando coloca que “A territorialidade também significa apropriação e, simultaneamente, demarcações mais ou menos definidas de acordo com cada sociedade e relação espaço-tempo.” Tais demarcações também podem ser refletidas através das representações do território, ou seja, os elementos materiais e imateriais que conformam o território. Neste sentido, propomos algumas

análises de elementos que estão presentes no território dos ervateiros, em São Mateus do Sul.

5.1.1 Indicação Geográfica (IG) da erva-mate em São Mateus do Sul

As dinâmicas territoriais ocorrem a partir da multidimensionalidade, porém é possível mensurar quais dimensões mais se destacam diante das ações e apropriações realizadas pelos sujeitos. A erva-mate movimenta uma cadeia econômica que envolve produtores, tarefeiros, profissionais do transporte, beneficiamento e comércio. Porém, como colocamos desde o início, a força motriz principal desta esteira é o consumidor, que possui suas preferências a partir das características de vivência, perfil e influências.

Neste sentido, Linhares, em 1969, já analisava a importância de se expandir o consumo da erva-mate para o mercado brasileiro. Na opinião deste autor, atingir outras regiões brasileiras era tão ou mais importante do que conseguir mais mercados internacionais.

No dia, porém, em que o chimarrão passar a ser usado pela maioria dos brasileiros, na mesma proporção em que é consumido pelos platinos, não precisaremos de outro mercado senão do nosso, capaz então de oferecer sozinho à produção e à industrialização do produto o desenvolvimento que ele merece. (Linhares, 1969, p. 390).

A análise dos objetivos da IG vem de encontro com tal expansão, já que como será possível verificar na presente pesquisa, além de conferir a identidade local para a erva-mate, tal indicação também busca a expansão do consumo para os brasileiros.

A construção do território ocorre a partir da relação de trinca espaço, tempo e território, de acordo com as fases, técnicas, apropriações e percepções. Portanto, assim como analisamos as temporalidades, sujeitos e territorialidades que construíram o território dos ervateiros até aqui, partimos agora de uma territorialidade recente, que ocorreu a partir de 2013 e foi registrada oficialmente em 2017: a Indicação Geográfica (IG) da erva-mate, em São Mateus do Sul e outros municípios da região.

Para Saquet (2015, p. 110),

[...] o território é o conteúdo da relação e a relação mesma do homem com seu ser-outro, que é ele mesmo (próprio), ou seja, é resultado da condição das territorialidades e temporalidades efetivadas entre os sujeitos sociais e deste com a natureza exterior em cada relação espaço-tempo-território.

A partir do conteúdo de tais relações, as territorialidades da erva-mate em São Mateus do Sul vão ganhando novos contornos, sujeitos e elementos. Ao receber o selo de Indicação Geográfica, parte da erva-mate de São Mateus do Sul atinge um reconhecimento econômico já difundido em países como França, Portugal, México, Argentina, Cuba e outros. No que diz respeito ao território brasileiro, outras indicações estão presentes na linguiça de Bragança Paulista-SP, vinho da Serra Gaúcha-RS, Queijo da Serra da Canastra-MG etc.

Denardin e Sulzbach (2010, p. 2019) colocam que “o desafio das estratégias de desenvolvimento territorial consiste em se apropriar de recursos específicos e buscar o que constituiria o potencial identificável de um território”. Portanto, podemos compreender o estabelecimento da IG, baseada nos marcos legais, uma apropriação sistematizada dos recursos territoriais.

Segundo a Lei Federal nº 9.279/1996²⁵ da Propriedade Industrial, que é o marco legal das IGs no Brasil, existem duas formas de indicações geográficas: indicação de procedência e a denominação de origem. A primeira está no Art. 177 da presente lei, que conceitua como: “Considera-se indicação de procedência o nome geográfico de país, cidade, região ou localidade de seu território, que se tenha tornado conhecido como centro de extração, produção ou fabricação de determinado produto ou de prestação de determinado serviço.”; já a segunda está no Art. 178, considerada como “denominação de origem o nome geográfico de país, cidade, região ou localidade de seu território, que designe produto ou serviço cujas qualidades ou características se devam exclusiva ou essencialmente ao meio geográfico, incluídos fatores naturais e humanos.” A IG de São Mateus do Sul, segundo o entrevistado, é uma indicação de procedência, portanto se enquadra na primeira definição.

A indicação de procedência pode ser analisada através da ótica territorial do consumo, como algo que garante legalmente ao consumidor a qualidade e origem do produto que ele consumirá, existindo ainda, possibilidades de rastreabilidade deste produto. Portanto, de acordo com Saquet (2015, p. 78):

A compreensão do território como movimento, ou seja, é construído social e historicamente pelos agentes do capital e do Estado, envolvendo diferentes classes sociais (relações de poder), interesses e intencionalidades, bem como a formação de redes de circulação, as apropriações do espaço, o uso, a dominação e a gestão voltada para o desenvolvimento territorial (grifos nossos).

²⁵ Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9279.htm>. Acesso em: 30 jan. 2024.

Não é a intenção da presente pesquisa entrar na seara do desenvolvimento territorial, mas não podemos deixar de pensá-lo como uma conjuntura dos processos de territorializações. Já na questão das redes de circulação, elas podem se expandir para outros territórios, porém com a rastreabilidade e procedência garantidas ao consumidor. O território em movimento significa que compreendemos o território através de uma perspectiva dinâmica, que considera as mudanças e permanências como fatores condicionantes e resultado das ações humanas sobre o espaço, considerando para além da materialidade.

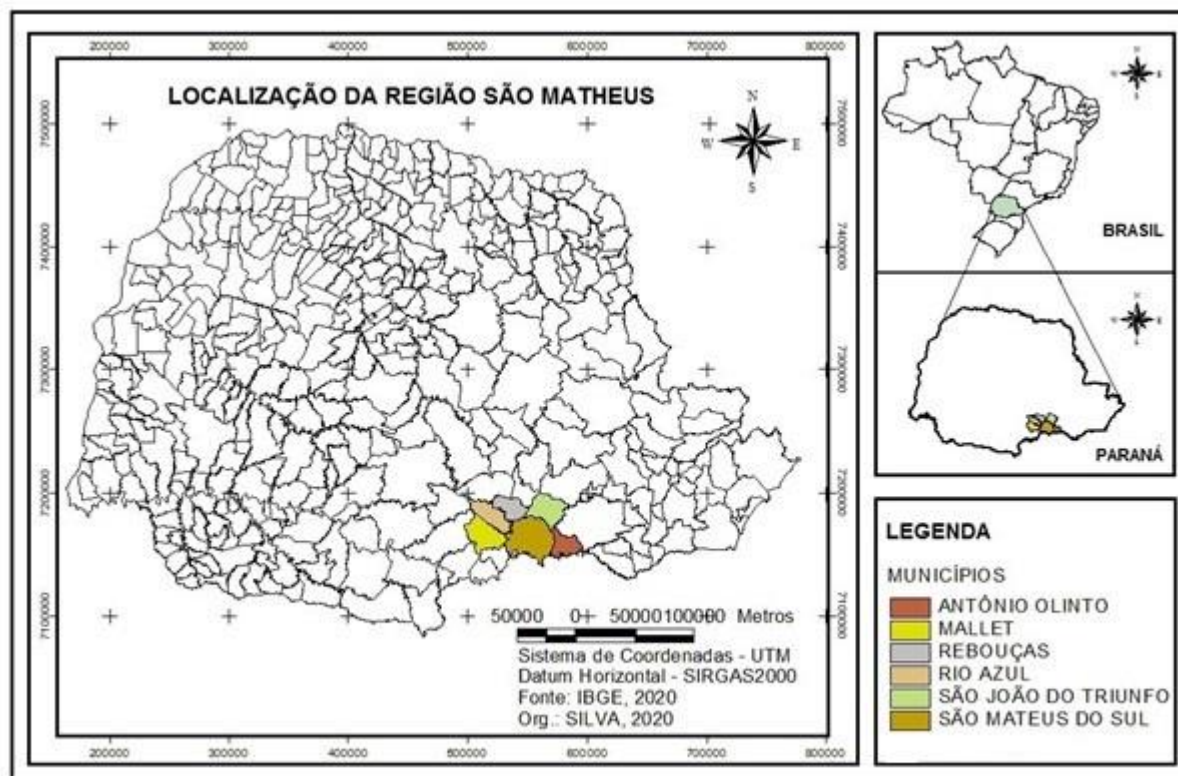
Para Denardin e Sulzbach (2010), o desenvolvimento territorial ocorre a partir da revelação inédita de recursos, portanto, a utilização de estratégias de valorização de um produto, é o que operacionaliza a ação. Obviamente que o uso da erva-mate não é inédito, muito menos local, porém, a partir do momento que há comprovação que as dinâmicas socioeconômicas e naturais daquele território, conferem uma especificidade para a erva-mate, se pode falar em identidade territorial.

Para conseguirmos informações acerca da IG de São Mateus do Sul, lançamos mão de três propostas: a primeira foi a análise do Regulamento de Uso, documento disponível na Secretaria da IG; a segunda estratégia consistiu em uma entrevista realizada no dia 30 de janeiro de 2024²⁶, com um dos membros fundadores e primeiro presidente da Associação Amigos da Erva-Mate, entidade responsável pela criação e manutenção das estratégias da IG (aqui trataremos apenas como entrevistado); e a terceira foi a realização de pesquisas dentro do site da IG São Matheus²⁷. O entrevistado, reside em São Mateus do Sul, é membro da Associação Amigos da Erva-mate desde sua fundação, já foi presidente da Associação por dois mandatos de dois anos cada, e sua profissão principal é produtor de folhas de erva-mate.

²⁶ Entrevistado IG Mathe, 51 anos. Entrevista, 30 de janeiro de 2024. São Mateus do Sul – PR. Entrevistador: Wagner da Silva. Acervo do autor, 2024.

²⁷ Disponível em: <<https://www.igmathe.com.br/index.php>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

Figura 9 – Território da Indicação Geográfica (IG) São Matheus



Fonte: IBGE (2020).

Nota: Dados organizados pelo autor (2020).

De acordo com a figura 9, é possível perceber que seis municípios localizados na região Centro-Sul do Paraná fazem parte do registro da IG, que é batizada de Região São Matheus. De acordo com o Regulamento de Uso e Indicação de Procedência São Matheus (2017, p. 1), “A área de produção na Indicação de Procedência São Matheus compreende ervais localizados nos municípios paranaenses de Antônio Olinto, Mallet, Rebouças, Rio Azul, São Mateus do Sul e São João do Triunfo.” As territorialidades se manifestam nas diferentes formas de apropriações territoriais, portanto é possível perceber uma influência maior de sujeitos do município de São Mateus do Sul, que gerou uma apropriação do nome do recorte territorial como um todo, mesmo extrapolando os limites políticos de São Mateus do Sul.

Inclusive, a maior parte dos produtores das folhas de erva-mate é de São Mateus do Sul, assim como a maior parte das indústrias cadastradas também. Não existe nenhuma objeção para que os produtores e indústrias situados no recorte territorial manifestem desejo de ingressar como membro da IG, porém segundo o entrevistado, tanto a indústria quanto o produtor devem atender às exigências

relatadas no Regulamento de Uso e Estatuto, dentre elas, citamos as boas práticas socioambientais, que abrangem regulamentação dos trabalhadores envolvidos, e práticas de cultivo, poda/extração, de acordo com os princípios preconizados pela IG. Um elemento importante de destacarmos neste momento é o seguinte: da Associação Amigos da Erva-mate qualquer pessoa ou entidade pode participar, independente se possui vínculos com a produção ou beneficiamento de erva-mate, ou se não mora no recorte territorial. Já da IG, obviamente que participam apenas produtores e indústrias que se candidatem e estejam dentro dos padrões estabelecidos pelo Regulamento de Uso e Estatuto.

Segundo o site da IG Mathe, sete indústrias fazem parte da IG: seis delas, possuem sede em São Mateus do Sul – Baldo, Baronesa, Maracanã, Taquaral, Morandi e Legendária, apenas a Triunfo, que possui sua sede em São João do Triunfo, está situada fora de São Mateus do Sul. Em relação aos produtores, o mesmo site, em janeiro de 2024, aponta a existência de 29 produtores cadastrados. Porém, a questão dos produtores é mais ampla, já que a pessoa pode residir em um município, porém possuir propriedades que cultivam erva-mate em São Mateus do Sul e outros municípios da IG, portanto as redes de comunicação e transportes do território, neste caso, aparecem com destaque.

O entrevistado destaca ainda que o número de produtores de erva-mate interessados na IG varia muito de acordo com o preço pago ao produtor “quando o preço melhora, mais produtores procuram, quando piora, tem uma procura menor”. Além disso, também citou a dificuldade que ocorre na relação entre produtor e indústria: “a gente tem que entender que produtor e indústria são parceiros, e não acontecer de o produtor virar refém da indústria”.

Notamos a partir de então, alguns elementos temporais-territoriais e dimensões do território, apontados por Saquet (2011 e 2015), a partir da instituição e organização da IG: dentre eles, o resgate histórico, a partir do reconhecimento que as temporalidades ocorridas em outros períodos interferem diretamente na atualidade, utilizando de estratégias de grafias antigas para resgatar a essência do período áureo da economia ervateira no Paraná e em São Mateus do Sul; a multidimensionalidade passível de análise, a partir das boas práticas ambientais, trabalhistas e econômicas, visando diretamente atingir um público que ainda possui um potencial de crescimento interessante; e a identificação de um produtor originado e pertencente à uma determinada fração do território.

Para a delimitação do recorte territorial, a Associação Responsável pela IG Mathe levou em consideração, além da grande ocorrência nativa de erva-mate com caráter sombreado, o contorno que o rio Iguaçu e seus principais afluentes fazem em sua região média, que abrange a maior parte dos municípios já elencados aqui. Para o entrevistado, esse território formado pelos seis municípios atuais que compõem a IG, possui uma ligação muito forte no que diz respeito à história e geografia, já que em épocas de difícil transporte, quando os animais e o rio Iguaçu eram os principais meios, tal proximidade geográfica tornava não tão dificultosa a interação entre eles, desde o comércio da erva-mate, mantimentos e outros produtos, até a circulação de informações, pessoas etc. A partir dessa proximidade, estabelecem-se nós territoriais, que mesmo com a criação individual de cada município, não são desfeitos completamente.

Em relação à grafia do nome do recorte territorial da IG, segundo o entrevistado, a opção da escrita por São Matheus com TH, se deu por dois aspectos principais: a referência ao nome São Matheus, pois segundo o IBGE (2024)²⁸, dessa forma era batizado, desde sua elevação como Vila, passando pela instalação oficial de município, ambas no ano de 1908. Apenas em 1943, quando o Decreto-lei estadual n.º 199, de 30 de dezembro de 1943, alterou a denominação de São Matheus para São Mateus do Sul. O segundo motivo é a referência à escrita do Mathe, como ocorreu até 1911, que com a reforma e simplificação ortográfica deste ano²⁹, passou a ser chamado apenas de mate.

Dallabrida (2012) relaciona a erva-mate nativa encontrada no centro-sul do Paraná e norte catarinense, com as possibilidades de Indicações Geográficas, no que diz respeito às características e potenciais:

Um aspecto da maior importância para o registro da Indicação Geográfica é a alta representatividade dos ervais nativos da região. Quando se faz menção aos ervais nativos, está se fazendo referência à erva-mate produzida de forma consorciada com outras espécies nativas, tais como a bracatinga, pequenos e médios arbustos e a própria araucária. Na região, tal tipo de cultivo é denominado popularmente como erva-mate de cultivo sombreado, pelo fato de que a espécie cultivada na região se desenvolve à sombra de outros vegetais. Apesar de ainda faltarem estudos científicos para sua comprovação, os profissionais da área e os próprios agricultores da região, observam que seu cultivo na forma de monocultura, não tem uma resposta tão adequada, em termos de qualidade e características do produto, se

²⁸ Ver em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=34315&view=detalhes>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

²⁹ Ver em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php?action=acordo&version=1911>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

comparado com a erva-mate cultivada em ervais nativos. Este seria seu possível diferencial (Dallabrida, 2012, p. 53, grifos nossos).

O cultivo sombreado é uma dinâmica territorial que ocorre no território dos ervateiros, e que além de contribuir para a preservação da vegetação nativa, ainda se torna uma alternativa produtiva de baixo impacto. As estratégias territoriais percebidas já pelos indígenas, se remodelam e reapresentam na atualidade, de acordo com as continuidades e descontinuidades territoriais elencadas por Saquet (2015).

Em relação aos benefícios que a IG traz para os produtores, o entrevistado destaca que há um incremento de preço, uma maior rastreabilidade, além de facilitar o controle de qualidade, já que tudo deve ser regulado, além de garantir que aquela folha de erva-mate é diferenciada. Em relação aos consumidores, o mesmo entrevistado responde que o consumidor ao comprar um produto da IG, tem certeza de que a fabricação e produção atenderam às exigências de qualidade, tendo acesso ao produto confiável e diferenciado. Já no que diz respeito ao preço da erva-mate depois de certificada pelo selo, encontrada no comércio, o entrevistado relatou que acredita que acresce, aproximadamente 30% do que era vendido antes da certificação.

Tal discussão também nos remete à outra reflexão: qual público consome os produtos da IG? A partir deste aspecto, o entrevistado alega que ainda é necessário maior divulgação não só da erva-mate, mas de todos os produtos que fazem parte das IGs, já que na opinião dele, a maior parte do público em geral, ainda não conhece o que é e quais benefícios tal indicação traz para o consumidor. A dinâmica territorial que ocorre a partir do consumo, que foi amplamente discutida na presente pesquisa, através do capítulo 4, passa por territorialidades diferentes das dinâmicas de produção e comercialização comuns.

Encontramos, neste caso, concordância com o que coloca Linhares (1969, p. 387):

E note-se que muita coisa ainda está por fazer. Quantos brasileiros desconhecem o mate, nunca ouviram nem experimentaram? Mais da metade da população brasileira, certamente. O Norte, o Nordeste e grande parte do Brasil central, o ignoram. É claro que alguma propaganda se faz. O I.N.M já realizou alguns bons trabalhos nesse sentido, instalando casas de mate em Recife, Bahia, Belo Horizonte, Brasília, S. Paulo. Talvez somente esta, a rigor, esteja preenchendo a finalidade, se bem que, sob determinado aspecto, também deixe muito a desejar: a propaganda e a difusão do chimarrão.

Apesar da citação ser de década de 1960, e Linhares estar se referindo ao consumo do chimarrão, principalmente, encontramos relação com a situação atual

relatada pelo entrevistado: a deficiência na propaganda como forma de expandir o consumo da erva-mate pelo Brasil. E o que isso tem a ver com o território dos ervateiros? Sendo um dos maiores centros produtores, a dinâmica territorial local modifica, com a expansão do consumo. Linhares cita ainda o I. N. M, que neste caso era o Instituto Nacional do Mate³⁰, uma autarquia federal responsável, dentre outras coisas, pela propaganda da erva-mate no Brasil.

Não obstante, atualmente, o consumidor procura no mercado, cada vez mais produtos diferenciados e de procedência, e os territórios que estão atentos à essa percepção, se configuram para atender tal demanda. Pensando no território dos ervateiros, a partir do consumo, como nos propomos desde o início, se torna importante compreendermos as dinâmicas e produção e reprodução territorial da erva-mate. Para o entrevistado, o mercado consumidor da erva-mate da IG tende a aumentar cada vez mais, o que consequentemente atrairá mais produtores e indústrias que buscam a certificação e uso do selo de identificação.

Em 2022 houve o reconhecimento da IG no Planalto Norte Catarinense³¹ como denominação de origem, cinco anos após o reconhecimento da IG de São Mateus do Sul. Tais territórios são limítrofes e apresentam dentre outras características em comum, a economia ervateira em destaque. Em grande parte dos seus limites, são separados pelo rio Iguaçu e alguns afluentes, que outrora já foi muito importante para o escoamento da madeira e erva-mate, como apontado na presente pesquisa.

A Indicação Geográfica de São Mateus do Sul, foi requerida pela Associação dos Amigos da Erva Mate de São Mateus, um movimento articulado desde 2013, que buscou compreender outras dinâmicas e potenciais econômicos que a erva-mate nativa poderia trazer para São Mateus do Sul, além de como já era realizado o cultivo, beneficiamento e comércio. O registro da IG foi realizado, sob o código BR402015000011-8, em 27 de junho de 2017³². Dallabrida (2012, p. 47) traz que

No momento atual, em que o ambiente mercadológico valoriza produtos diferenciados, a elaboração de estratégias de desenvolvimento baseadas nas especificidades territoriais tornou-se um vetor de alto poder de agregação de valor aos produtos ou serviços.

³⁰ Para saber mais, consulte: <<https://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/instituto-nacional-do-mate-brasil-1938-1967>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2024.

³¹ Ver em: <<https://www.epagri.sc.gov.br/index.php/2022/05/25/erva-mate-do-planalto-norte-catarinense-e-a-setima-indicacao-geografica-de-sc/>>. Acesso em: 27 jan. 2024.

³² Ver em: <<https://datasebrae.com.br/ig-sao-mateus/>>. Acesso em: 27 jan. 2024.

Segundo o entrevistado, a IG possui três objetivos principais estabelecidos: a) o reconhecimento da diferenciação da erva-mate local, seus padrões de qualidade e cultivo; b) agregar valor à erva-mate local; c) resgatar a parte histórica da erva-mate em São Mateus do Sul, como forma de valorização dos sujeitos e produto envolvidos. A dimensão territorial econômica é observada com facilidade a partir de análises iniciais.

Para isso, a Associação da IG se movimentou durante estes 7 anos de certificação para organizar algumas ações no município, visando fortalecer a cadeia produtiva e parte dos sujeitos do território dos ervateiros. O entrevistado cita duas principais ações: a organização de duas festas da colheita da erva-mate, realizadas em 2019 e 2022, ambas no mês de maio - que é o período que marca o início da safra de inverno no território da IG (segundo o Regulamento de Uso, o período de safra dos produtores da IG ocorre entre maio e setembro); e a realização, juntamente, com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE, do Mathelab - em 2023, que foi em encontro de produtores e indústrias de erva-mate da região de São Mateus do Sul, visando discutir através de palestras e oficinas, estratégias para aumento da produtividade e qualidade da produção local.

Uma outra estratégia, que o entrevistado relata, é o fato de “tirar a erva-mate da cuia de chimarrão”, o que ele se referia é a necessidade e objetivo de diversificar os usos da erva-mate para além do chimarrão. Como já pudemos analisar no capítulo 4, o chimarrão é disparado a principal forma de consumo da erva-mate pelos sujeitos em São Mateus do Sul, por isso, a IG também objetiva a diversificação do consumo, principalmente através do chá mate, uso da erva-mate na culinária, através de bolos, sorvetes, doces, chopp, cerveja etc.

Segundo os relatos do entrevistado, alguns empresários de outros ramos participam da Associação dos Amigos da Erva-mate de São Mateus do Sul, pois a IG movimenta também outras atividades, principalmente o turismo: “então alguns donos de hotéis têm interesse, aí deixa lá um canto reservado para a venda da erva-mate de São Mateus”, “Os donos de restaurantes interessados fazem algumas coisas parecidas, incluindo pratos e bebidas com erva-mate em seus cardápios”.

Além disso, os produtos e indústrias, segundo o site da IG Mathe (2024), passam por capacitações e fiscalizações:

Produtores e indústrias passam por capacitações e fiscalizações para garantir ao mercado um alimento seguro. Com processos de Boas Práticas Agrícolas (BPA) e de Fabricação (BPF), o consumidor de erva-mate São Mateus tem

a segurança de controle e qualidade em seu processo, sem perder a qualidade e a garantia de origem (IG Mathe, 2024).

Dallabrida (2012) coloca que a exploração econômica da erva-mate no Norte catarinense e Centro-Sul do Paraná, nem sempre foi racional, fato que ameaçou de extinção as diversas plantas da floresta de araucárias, assim como aconteceu com o Pinheiro Araucária. Porém, a diferença é que o principal fator de exploração do pinheiro é a madeira, portanto precisa derrubar a árvore. No caso da erva-mate, o principal fator de exploração econômica é a poda das folhas, não precisando derrubar a planta. Neste sentido, uma exploração racional, que não ameace a reprodução das plantas de erva-mate, aliada às legislações ambientais de diferentes esferas, conformam uma dinâmica territorial que é econômica, mas que ao mesmo tempo pode contribuir para a preservação e continuidade fitogeográfica nestes territórios.

No que diz respeito ao alcance dos produtos da IG, o entrevistado destaca que o principal mercado consumidor, além do território mencionado, é a região brasileira que consome mais erva-mate na opinião, que engloba os 3 estados do Sul, bem como algumas regiões de São Paulo. Em relação à exportação, ele relata o envio do chá mate da empresa Baldo, principalmente para o Uruguai, como pode ser visto na Imagem 6.

Imagem 6 – Chá mate da Baldo para exportação - com selo da IG



Fonte: Silva (2024).

Podemos reparar que a linguagem principal utilizada para escrita na embalagem é o espanhol, o que confirma a informação do entrevistado, sendo os

países do sul da América do Sul, os principais mercados de exportação ainda, sobretudo Uruguai e Argentina. Tal territorialidade nos mostra também mesmo a embalagem da erva-mate extrapolando o recorte territorial do território dos ervateiros, ela ainda exerce influências e carrega consigo símbolos territoriais de seu lugar de origem.

Uma outra territorialidade importante, observada no Regulamento da IG (2017), é a forma de propagação da erva-mate, sendo considerada a nativa ou então a adensada através do plantio de mudas. Porém, o plantio só pode ocorrer a partir de mudas produzidas por sementes oriundas das matrizes nativas da região. Tal territorialidade busca ter um controle maior sobre a produção, bem como a garantia da procedência. Tal fato ocorre dentro da discussão já estabelecida na presente pesquisa, entre erva-mate nativa, que é extraída, ou plantada, que é “colhida”. Inclusive, ainda no artigo 2º do Regulamento, cita a existência de um Conselho Regulador, responsável por cadastrar os viveiros que produzirão as mudas, bem como inspecionar os ervais dos produtores cadastrados.

Entendemos ainda que o próprio estabelecimento de um regulamento e de um Conselho Regulador, é uma forma de apropriação e territorialização. Neste sentido, Saquet (2008), destaca que:

Na vida cotidiana e na constante apropriação e produção do território, há indivíduos e organizações sociais (instituições), públicas, privadas e não-governamentais com suas normas, regras, objetivos, princípios, representações e características econômicas, políticas e culturais. Há múltiplos arranjos sociais e territoriais, que vão desde o indivíduo, passando pela família e pelas organizações de bairros ou de localidades rurais, até grandes organizações políticas e/ou culturais e/ou empresariais. Há diferenças culturais e políticas e desigualdades econômicas entre as famílias e unidades produtivas (urbanas e rurais), bem como traços comuns entre pessoas, famílias, associações, empresas etc.. (Saquet, 2008, p. 84, grifos nossos).

Estabelecido o objetivo de garantir a procedência e controle da produção da erva-mate, observamos que os sujeitos responsáveis pelo reconhecimento do IG, incluindo o poder público, buscam padronizar a produção através de um filtro de qualidade, bem como estabelecer normas para novos produtores e indústrias que busquem produzir através do selo de reconhecimento.

O território, mais uma vez, é construído por agentes além do poder público, que vivem cotidianamente suas realidades, como agricultores, empresários, industriais, comerciantes etc. O elo que realiza a ligação entre tais sujeitos é a erva-mate, já que uma vez estabelecida a IG, não apenas será uma dinâmica territorial

ligada apenas à agricultura/extrativismo e indústria, mas também movimenta o turismo, que envolve restaurantes, comércios e outras prestações de serviços.

O terceiro artigo do Regulamento da IG (2017), dentre outros fatores, veta o plantio de espécies exóticas na área de produção da erva-mate, e estabelece a época da colheita da erva-mate, que pode ser realizada entre maio e setembro, período de dormência das plantas. Mais uma vez, tal artigo destaca a atuação do Conselho Regulador, a partir da análise dos ervais.

No artigo quarto, que trata sobre quais produtos da IG estão elencados no selo, encontramos: sementes, mudas, erva-mate cancheada, erva-mate para chimarrão, erva-mate para tereré e chá mate. O Regulamento destaca ainda que outros produtos podem ser incorporados nesta lista, desde que seja 100% produzido no recorte territorial delimitado, aprovado pelo Conselho Regulador, bem como seja passível de rastreabilidade total.

Novamente, percebemos territorializações distintas e conflitualidades, principalmente de produtores e empresas que não estão sob a cobertura do selo da IG, no que diz respeito às estratégias territoriais, sobretudo de produção e comércio, já que é comum que empresas e produtores que não estão cadastrados no IG, tragam mudas e outros elementos da erva-mate, de fora do recorte territorial estabelecido. Tal heterogeneidade, é destacada em Saquet (2008):

Esta é uma maneira e orientação de tentarmos identificar e explicar os territórios e as territorialidades destacando a heterogeneidade e os traços identitários de certos grupos sociais, considerando-se, sempre, como já chamamos a atenção, a processualidade histórica e relacional. São territórios concomitantes e sobrepostos que se caracterizam pelo controle e pelo domínio, pela apropriação e pela referência, pela circulação e pela comunicação, ou seja, por estratégias sociais que envolvem as relações de poder, materiais e imateriais, historicamente constituídas. (Saquet, 2008, p. 85, grifos nossos).

As relações territoriais se constituem de maneira multidimensional, ao mesmo tempo em que estabelecem conflitualidades a partir de objetivos distintos entre os sujeitos. Tais elementos, diferenciam principalmente neste caso, produtores cadastrados à IG dos produtores não cadastrados. Que por sua vez, exercerá influência ainda, no consumo, tanto no público-alvo, quanto na rastreabilidade e qualidade do produto.

Outro elemento importante, que é encontrado no artigo quinto, é uma possibilidade de elaboração de produtos fora do recorte territorial estabelecido, porém desde que seja com erva cancheada (pré beneficiada) produzida dentro da área

delimitada. Ainda, este mesmo artigo se refere sobre a necessidade de as empresas cadastradas comprovarem que estão instaladas dentro da área de abrangência. O estabelecimento desta territorialidade, interfere nos fluxos territoriais, já que a produção deve ser centrada no recorte territorial, porém a venda do produto, ocorre também em nível internacional, o que garante uma fluidez grande ao produto elaborado neste território. Neste caso, o selo da IG (Figura 10) ficará em um local de destaque da embalagem, e que a partir do código impresso, chamado de número de controle, possibilitará a rastreabilidade e verificação de procedência do produto.

Saquet (2008) destaca que as relações humanas constituem e aparecem em nós, malhas e redes. Além disso, para este autor, as territorialidades são construídas e influenciam em diferentes escalas territoriais, bem como varia com as relações de poder estabelecidas a partir das redes de comunicação e circulação, dominação, identidades e outras, na economia, cultura e política. Em um primeiro momento, podemos pensar que tais relações humanas multidimensionais resultam também na produção e comércio interior e exterior ao território em que o produto foi constituído, e que só chega aos outros territórios, a partir das redes de circulação e comunicação. Portanto, o selo da IG se torna mais uma territorialidade e garantia de continuidade das dinâmicas do seu território, além de se relacionar com outros territórios, consumidores e produtos presentes.

Figura 10 – Representação gráfica – selo – da IG São Matheus



Fonte: SEBRAE (2024).

Alguns elementos territoriais aparecem no selo da IG, primeiramente a imponência do Pinheiro Araucária no centro da imagem, destacando-se pelo seu porte acima da vegetação que compõe sua formação biogeográfica. Tal representação também demonstra a procedência e natividade da erva-mate deste recorte territorial, a partir da restrição à esta área de produção. Estes elementos estão envoltos pelo

contorno de uma forma de folha de erva-mate, o fator de destaque. Outro fator que destacamos é a grafia do nome do território – São Matheus – remetendo à forma de escrita do nome do município até 1943, período em que a erva-mate já se destacava na economia local e estadual. Podemos considerar o selo da IG como uma das representações territoriais constituídas em São Mateus do Sul, que é ao mesmo tempo, material e imaterial.

No próximo momento, o Regulamento (2017) cita a existência e objetivo de uma Comissão Degustadora dentro do Conselho Regulador, que experimentará e avaliará os derivados produzidos dentro deste recorte, a partir de normas e critérios quanto aos atributos sensoriais, e que somente os produtos aprovados por esta Comissão receberão o selo da IG. Sobre tal comissão, ainda a norma interna do Conselho Regulador, coloca que: Será composta por cinco membros efetivos, treinados pelo Laboratório de Tecnologia de Produtor Agrícolas da Universidade Federal do Paraná (UFPR) ou então pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).

A inserção de outros sujeitos, inclusive do poder público, ocorre desde o início do reconhecimento e entrega do selo da IG, já que quem oficializa e indica tal prática, desde 1996, é o Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI)³³. Posterior ao reconhecimento do selo, ainda é possível observarmos influências do poder público, através das legislações, impostos e regulamentações.

Para o entrevistado, o SEBRAE, foi essencial desde o início para o reconhecimento da IG São Matheus, já que foi a própria instituição que procurou os produtores e industriais de erva-mate em São Mateus do Sul, explicando o que era uma IG e apontando os possíveis potenciais que poderiam ser explorados. Apesar de ser uma instituição privada, o SEBRAE trabalha diretamente ligado às demandas do poder público, das mais variadas características.

Tal ação do poder público e privado, interfere diretamente no Regulamento da IG São Matheus, pois aparecem especificações sobre a rotulagem, selagem, controle, tarefas do Conselho Regulador, direitos e deveres dos membros, infrações, penalidades e procedimentos, bem como as disposições gerais e princípios.

A partir das presentes análises, é possível perceber que a IG exerce territorialidades de maneira recente no território dos ervateiros, mas que já incide boa

³³ Disponível em: <<https://www.gov.br/inpi/pt-br/servicos/indicacoes-geograficas/guia-basico>>. Acesso em: 29 jan. 2024.

influência em sua dinâmica territorial, principalmente na dimensão econômica deste território. Em relação ao consumo, observamos um aumento de produtos da IG disponíveis aos consumidores, o que configura uma expansão do leque de possibilidades.

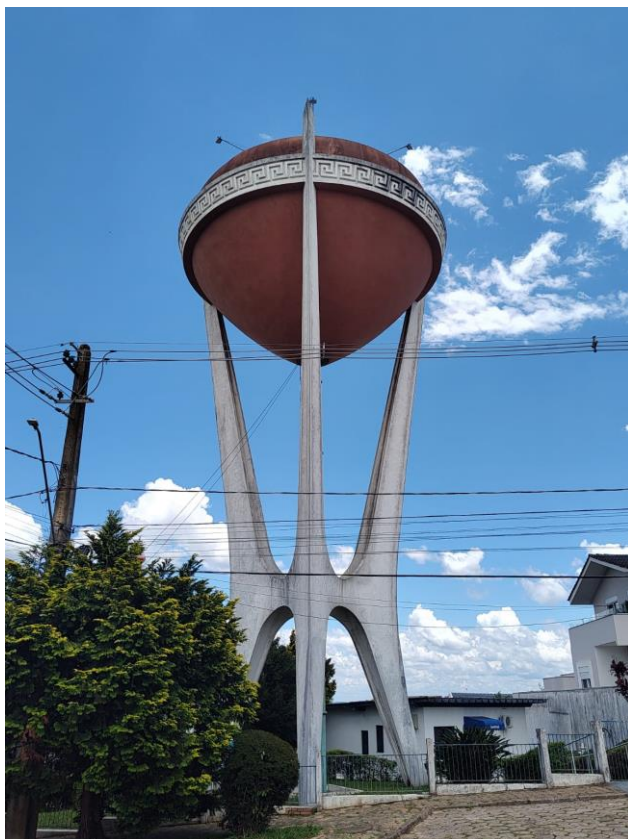
Dentro da lógica da influência dos elementos territoriais no território dos ervateiros, agora passamos para a análise de algumas destas representações.

5.1.2 Cuias

Segundo Berkai e Braga (2000), uma cuia é um recipiente para o chimarrão, que pode ser produzido a partir de um porongo, madeira, barro cozido, porcelana e outros. Estes autores ainda defendem o uso de porongo como recipiente mais adequado, pois acreditam que ele mantém a temperatura ideal da água, não permite que a erva fique “lavada” precocemente, bem como não modifica o sabor do chimarrão. Nesta primeira definição, percebemos uma continuidade da (i)materialidade do território, já que o porongo foi descoberto como recipiente para chimarrão pelos indígenas guaranis (Berkai e Braga, 2000), como forma pioneira de consumo da erva-mate. Até hoje a cuia de porongo é utilizada como forma de recipiente para consumo de chimarrão, apesar de atualmente haver inúmeras possibilidades comerciais.

Como já percebemos, o chimarrão é a principal forma de consumo da erva-mate no território dos ervateiros, e mesmo quem não consome frequentemente, sabe o significado ao visualizar uma cuia ou uma representação dela no território. São Mateus do Sul possui duas principais representações de cuias no território dos ervateiros, uma delas é o principal reservatório de água do município, que segundo Souza (2017) começou a ser construída em 1967, e entrou em operação em 1973, com 23 metros de altura e 12 metros de diâmetro, se configura como a mais imponente, em dimensões, representação da erva-mate no território dos ervateiros.

Imagem 7 – Reservatório de água em formato de cuia – São Mateus do Sul



Fonte: Silva (2024).

Souza (2017) ainda aponta que em 2001 houve uma votação popular, onde a cuia foi eleita como “símbolo de São Mateus do Sul”. Construída, estrategicamente, em um dos pontos mais altos do município, este reservatório de água, além de ser um ponto turístico, é uma representação da importância da erva-mate no território dos ervateiros.

Portanto, encontramos relação com o nível de territorialidade de apropriações do espaço geográfico, concreta e simbolicamente, que implicam em delimitações e dominações, mais precisas ou não, que Saquet (2015) coloca. Consideramos tal apropriação/territorialidade tão marcante, a ponto de um elemento de vital importância para o abastecimento de água do município, possuir o formato que remeta ao consumo da erva-mate. Sem citar ainda, a importância que a água possui biologicamente para os seres vivos, e econômica e socialmente para as dimensões territoriais. Tal relação entre um elemento de fundamental importância e a erva-mate, nos mostra uma apropriação territorial marcante. A representação não ocorre apenas a nível econômico, mas podemos perceber ainda uma vertente simbólica/cultural a partir dela.

Tais representações territoriais tendem a assumir características dos elementos que mais marcam o território, portanto é possível observar mais um marco neste sentido, no território dos ervateiros. Ele possui dimensões bem menores que o reservatório de água, porém remete no mesmo sentido e dimensão.

Imagem 8 – Cuia de chimarrão na área central de São Mateus do Sul (Monumento do Chimarrão)



Fonte: Silva (2024).

Esta representação territorial se encontra na Rua Paulino Vaz da Silva, próxima à BR-476, que pode ser vista através da imagem 8, uma rodovia federal que liga à Curitiba, portanto muitas pessoas de fora do município passam por ali e podem perceber tal representação. Importante destacar ainda, que ao lado deste monumento, se localizava a antiga rodoviária de São Mateus do Sul, portanto foi estrategicamente construído, para representação do consumo da erva-mate, principalmente para pessoas que chegavam de outros municípios.

Porém, tal monumento foi depredado em 2017, mostrando que nem todas as pessoas têm as mesmas relações de representatividade territorial com os elementos da erva-mate. Já no ano de 2017 mesmo, ele foi reformado e reinaugurado, tal iniciativa partiu da Associação Amigos da Erva-mate³⁴, a mesma que é responsável

³⁴ Ver em: <<https://www.saomateusdosul.pr.gov.br/portal/noticias/0/3/1373/monumento-em-homenagem-ao-chimarrao-e-reinaugurado>>. Acesso em: 31 jan. 2024.

pela Indicação Geográfica no município. É possível perceber a identificação da IG na placa branca no monumento, parabenizando São Mateus do Sul pelos 109 anos de instalação política completados em 2017.

Novamente nos deparamos com a importância da representação (i)material do território, apontada por Saquet (2011), primeiro que não foi o poder público o responsável pela restauração da representação, mas sim a associação. Qual a relação existente neste processo? Acreditamos que as dimensões econômica e cultural estão interligadas. A cultural principalmente na importância do símbolo chimarrão, a econômica aparece como mais um símbolo que remete ao consumidor, incluindo os turistas, ao consumo do chimarrão como elemento propulsor das dinâmicas no território dos ervateiros. É comum iniciativas privadas e da sociedade civil organizada suprir lacunas deixadas pelo poder público, porém sempre existe uma intencionalidade imaterial que configura tais ações. O segundo é que tal representação, diferente da cuia do reservatório de água, não possui uma função técnica ou útil funcionalmente, como o reservatório possui, é um marco que está ali exclusivamente para remeter ao símbolo do chimarrão, como o próprio nome já aponta.

A cuia está inserida em duas representações territoriais no território dos ervateiros, a primeira explicação, ao nosso ver, é a predominância do consumo da erva-mate através do chimarrão, a segunda está ligada ao incentivo do consumo, mesmo que de maneira indireta, para os consumidores já conquistados, bem como os potenciais consumidores. Tais relações e representações territoriais se configuram também a partir de outros elementos que discutiremos na presente pesquisa.

5.1.3 Chimarródromo

No ano de 2015 foi inaugurado o Chimarródromo, situado ao lado do prédio da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de São Mateus do Sul, o local conta com uma estrutura que disponibiliza água quente para os consumidores de chimarrão. Realizado em parceria entre a Prefeitura Municipal de São Mateus do Sul e o CONJOVE – Conselho do Jovem Empresário, o objetivo principal, segundo a Prefeitura Municipal de São Mateus do Sul (2015) é “consolidar o espaço como uma

referência para a cultura do mate no município”³⁵. Possibilitar que as pessoas tenham acesso à água quente para chimarrão, é uma forma de estimular o consumo em locais públicos.

Imagem 9 – Chimarródromo em São Mateus do Sul



Fonte: Silva (2024).

Além da estrutura principal coberta, representada na imagem acima, o chimarródromo ainda conta com bancos para as pessoas consumirem seu chimarrão ali mesmo. Claro que as formas de usos não se resumem apenas ao chimarrão, mas também é comum observarmos pessoas que vão até ali para se utilizarem de diferentes funcionalidades: trabalhadores, que durante seus intervalos de almoço nos dias de semana, utilizam os bancos para descansarem; populares, que principalmente durante os fins de semana, utilizam a estrutura para consumir bebida alcoólica; populares que utilizam da estrutura para o consumo do chimarrão.

A ideia do chimarródromo tem se tornado comum em alguns municípios do sul do Brasil durante a última década, com o objetivo da difusão da cultura do chimarrão. Dentro da perspectiva territorial, podemos ver novamente a relação entre poder público e privado, no sentido da construção de mais representações no território. O caráter multidimensional, colocado por Saquet (2015), está presente na junção dos objetivos com a instalação do chimarródromo, já que além de movimentar

³⁵ Disponível em: < <https://www.saomateusdosul.pr.gov.br/portal/noticias/0/3/1676/chimarrodromo-municipio-inaugura-espaco-publico-para-promover-a-cultura-do-mate>>. Acesso: em 31 jan. 2024.

o aspecto turístico e do consumo, que automaticamente se configuram como dinâmicas econômicas, ainda é possível perceber elementos culturais e políticos, a partir do espaço apropriado para o feitiço e consumo do chimarrão, mesmo que este também seja utilizado para outros fins, como estrutura pública. A dimensão política pode ser vista ainda no sentido mais amplo, para além da ação do poder público que está presente no processo, já que existem conflitualidades de interesses, que ora se convergem – ocupação de um espaço público, ora se divergem – outras formas de apropriações disputando o mesmo espaço.

Já a (i)materialidade pode ser percebida nas disputas territoriais entre o consumo da erva-mate e outros elementos, além da visão empresarial ao se apropriar territorialmente de um elemento, inicialmente cultural. Como já colocamos aqui, a construção territorial material passa concomitantemente pela imaterialidade e vice-versa, portanto não há uma dicotomia ou então uma separação das duas características, mas sim uma unidade que conforma o território como um todo. As territorialidades também são entendidas como comportamentos e necessidades, em Saquet (2015), portanto reconhecemos que tais comportamentos e práticas são condicionados pela situação e estruturas postas, o uso do chimarródromo para outros fins, é algo que ocorre com inúmeras estruturas públicas, e que foge do controle de seus idealizadores.

Tais estruturas territoriais são mais bem compreendidas quando as situamos dentro de um complexo maior, que envolve outras estruturas e possibilidades, portanto o chimarródromo e outras representações, são considerados elementos territoriais, que isoladamente analisados não nos permitem a compreensão do território dos ervateiros como um todo. Seguimos com a análise de tais elementos e representações, a partir de mais elementos.

5.1.4 Hino e Brasão

Pensando no aspecto territorial em que o poder público exerce influência direta, reconhecemos que, apesar do território aqui abordado não se refere exclusivamente ao Estado, ele é um dos principais agentes de conformação e transformação territorial. Por esse viés, podemos analisar dois elementos símbolos do Estado, neste caso, o hino e o brasão do município de São Mateus do Sul. Sabemos que tais símbolos estão presentes cotidianamente em eventos oficiais, nas escolas,

em reuniões, festas e outros eventos de importância para a sociedade. Portanto, analisar como a erva-mate está representada na bandeira e no brasão, é uma forma de compreender por quais dimensões territoriais, o poder público, principalmente municipal, influencia na territorialização da erva-mate, através do consumo.

Já discutimos aqui, que a erva-mate foi e é de grande importância no território paranaense e sãomateuense, estando presente de forma marcante em diferentes momentos e períodos. Geralmente os hinos e brasões dos municípios trazem elementos marcantes da realidade cotidiana, não são escolhidos de maneira aleatória. Por aí, já percebemos a influência do território (i)material, apontada por Saquet (2015).

A territorialização é (i)material, seja no Brasil, na Itália, na China, no Japão, no Paquistão, no Chile, no México, em Cuba etc., com aspectos gerais ligados ao movimento de reprodução da sociedade e da natureza (movimento do Universo) e com elementos singulares de cada lugar, classe social, família, indivíduo, etnia, período, momento. Há uma (i)materialidade das formas e das relações sociais: uma está na outra (Saquet, 2015, p. 105, grifos nossos).

Neste sentido, compreendemos que as escalas territoriais se influenciam de maneira intensa. Observando a influência e grau de importância da erva-mate no cotidiano dos brasileiros, por exemplo: provavelmente se analisarmos em nível nacional, teremos porcentagens muito maiores de pouca importância, baixa influência e até de desconhecimento do que seja a erva-mate, em relação ao Paraná e sua escala total, teremos uma relação mais estreita, principalmente na região do antigo Paraná Tradicional; agora, em se tratando de São Mateus do Sul, como demonstramos no capítulo 4, tais influências, consumo e importância representam são grandes para a maior parte dos sujeitos, como podemos perceber ao chamarmos de território dos ervateiros.

Interessante ainda destacar que o próprio poder público é responsável por uma série de ações e construções que remetem ao incentivo do consumo da erva-mate. Fernandes (2008) chama o território construído e influenciado pelo poder público de Primeiro Território ou Território da Governança, coexistindo em várias escalas, nacional, estadual, municipal etc. Neste sentido, para este autor, o Primeiro Território é o ponto de partida da existência das pessoas, portanto, a influência exercida é preponderante para a organização dos sujeitos e relações da sociedade civil com o Estado.

A partir disso, trazemos aqui o hino³⁶ e o brasão de São Mateus do Sul, destacando a presença da erva-mate nesses dois símbolos municipais:

Fulgurante no vigor da mocidade
São Mateus, bela cidade, meu torrão,
Eu te adoro como adoro a liberdade
E a ti levanto um altar no coração
Terra sublime, por Deus amada,
Tu és a fada do meu sonhar.
Neste regime de ardor e zelo
Ao bom e belo te quero amar.

ESTRIBILHO: Rainha bela do Iguaçu tão majestosa
Neste alvor esperançoso e juvenil
Na tua vida já lutaste vitoriosa
Com amor pela grandeza do Brasil.
Terra sagrada, São-Mateuense
Que luta e vence com rigidez
Nesta alvorada de grandes feitos
Batem os peitos com altivez.

Da colina que entronizas dignamente
Ao longe vedes tuas matas de valor,
E ao beijar num longo beijo reverente
Teus álveos pés, o Iguaçu com tanto amor,
Bela cidade dos bons ervaes
Que tem jamais tristeza e dor.
Na mocidade robusta e forte
Confieis a sorte do teu valor.

Letra: Arnaldo Prohmann
Música: José Schen

Fonte: Prefeitura Municipal de São Mateus do Sul (2024), grifos nossos.

Primeiramente, destacamos os dois trechos do hino sãomateuense que se referem à erva-mate, já que ela é uma planta nativa local (matas de valor) e é considerada um dos municípios capitais da erva-mate do Brasil (bela cidade dos bons ervaes). Porém, também é possível perceber que existem outros dois elementos do hino que são importantes para o território dos ervateiros: o rio Iguaçu que aparece em destaque principal na letra e o relevo, quando cita a colina, pois sabemos que a combinação entre relevo, clima, hidrografia e influência humana, interfere diretamente na característica da vegetação que surge no território.

Para além do elemento biogeográfico, que representaria a dimensão socioambiental do território, podemos perceber ainda, outras dimensões, tanto no brasão quanto no hino.

³⁶ Disponível em: <<https://www.saomateusdosul.pr.gov.br/portal/servicos/1006/hino-do-municipio/>>
Acesso em: 02 mar. 2024.

Figura 11 – Brasão do município de São Mateus do Sul



Fonte: Câmara Municipal de São Mateus do Sul (2024).

Os símbolos representados no brasão, segundo a Câmara Municipal de São Mateus do Sul (2024)³⁷, são: a produção agrícola (através dos ramos de trigo e espigas de milho), nos suportes; as duas árvores que aparecem são o pinheiro araucária e a erva-mate, divididas pelo rio Iguaçu; e bem no centro do brasão, um timão e uma âncora, representando o período da navegação a vapor, neste mesmo rio. Ainda, segundo a fonte consultada, não existem informações sobre a autoria e data da criação do brasão, porém, inegavelmente, ele é um dos símbolos oficiais de São Mateus do Sul.

Como é comum acontecer nos símbolos oficiais, existe uma certa intencionalidade de destacar as “riquezas naturais” dos municípios, em São Mateus do Sul não é diferente. Tanto no hino quanto no brasão, são possíveis de perceber: a presença ou referências à erva-mate, rio Iguaçu e o pinheiro araucária. Podemos compreender tais presenças através das diferentes dimensões territoriais, colocadas por Saquet (2015):

a) a socioambiental, no destaque do rio e das plantas, mas também na importância econômica que tiveram e têm, atualmente: o rio Iguaçu como via de transporte, o

³⁷ Disponível em: < <https://www.saomateusdosul.pr.leg.br/institucional/historia/simbolos-municipais-1>> Acesso em: 02 mar. 2024.

pinheiro araucária como recurso madeireiro e alimentício, e a erva-mate, como elemento de diferentes usos, como já demonstrado nesta pesquisa.

b) a política, pois por si só, o brasão e o hino já são escolhas e características políticas, principalmente por parte dos governantes e outros sujeitos que possuem maior influência na vida política local. Mas, para além disso, as representações políticas são expostas em locais e eventos, que reúnem muitas pessoas, como festividades oficiais, por exemplo, destacando a presença e importância da erva-mate para o município de São Mateus do Sul, ao mesmo tempo, que de maneira indireta e (i)material, incentivam o consumo desta planta e seus derivados.

c) a econômica, dentro deste aspecto, podemos observar que estas representações estão ali principalmente por sua importância econômica. Pois foram elas que desde o surgimento dos primeiros seres humanos neste território, serviram de base, alimento e recursos. Atualmente não poderia ser diferente, já que intensificou a exploração econômica, a partir das mudanças técnicas implantadas pelos sujeitos, nos três setores da economia, o que automaticamente acelera o fim da cadeia, que é o consumo.

d) a cultural, a presença de tais representações, também exerce uma espécie de apropriação dos sujeitos aos símbolos. A pessoa se sente identificada ao grupo social, ao estar envolvida no processo de produção e beneficiamento, ou então consumir um derivado daquela representação que estão presentes nos símbolos sociais. A partir disso, também é possível observar a (i)materialidade do território, apontada por Saquet (2015), já que o sentimento e a intenção de se sentir parte de um grupo que possui suas representações, é inerente ao ser humano, compartilhando tais elementos, há uma identificação, bem como satisfação pessoal, maior para o sentido da vida.

As representações territoriais também vão além da influência do poder público, podendo haver participação da sociedade civil organizada, bem como da iniciativa privada. A Rua do Mathe é exatamente fruto desta relação destacada anteriormente.

5.1.5 Rua do Mathe

Esta representação territorial se localiza também na parte central da cidade de São Mateus do Sul. Entre a Secretaria Municipal de Educação, a Igreja Matriz e a

Casa da Memória Padre Bauer, a Rua do Mathe é um dos postais de entrada de São Mateus do Sul, ao se chegar pela cidade, via BR-476. Sua localização é estratégica, e consideramos parte das dinâmicas territoriais imateriais, principalmente em seu projeto e intencionalidades, que posteriormente se consolida de maneira material.

Imagem 10: Portal de entrada 01 da Rua do Mathe – São Mateus do Sul - PR



Fonte: Abreu (Agência Estadual de Notícias – Governo do Paraná - 2024).

A Rua do Mathe é uma representação territorial que foi construída para cumprir alguns objetivos: o primeiro, e mais evidente deles, é demarcar a importância da erva-mate para São Mateus do Sul, o segundo é que seu espaço coberto serve de sede para festas, apresentações, feiras e outros eventos. Inaugurada em 2020, esta representação territorial é dividida basicamente em duas partes: a parte descoberta e a parte coberta. Na primeira, é possível encontrar um portal, ao lado do chimarródromo, um calçadão estruturado com bancos e uma representação, em escala, do rio Iguaçu. Já na segunda, encontramos dois quiosques, banheiros, um palco para apresentações culturais e bancos.

Imagem 11 – Portal da entrada 2 da Rua do Mathe, via BR-476



Fonte: Silva (2024).

Na imagem 11, é possível observar a grafia do TH na palavra Mathe, da mesma forma como apresentada na presente pesquisa, dos motivos de escrita do termo da IG. Também é possível verificar ao fundo, a parte coberta do complexo da Rua do Mathe.

De acordo com PARANÁ (2020)³⁸, a obra foi fruto de uma parceria entre o governo estadual do Paraná e a prefeitura municipal de São Mateus do Sul. Porém, existe ainda, a influência e interesse das entidades civis e associações, além de outros sujeitos. Pois é possível observarmos diferentes usos da Rua do Mathe, assim como discutimos no caso do Chimarródromo. As escolas públicas e privadas, utilizam do espaço para realizarem festas e apresentações; a Associação Amigos da Erva-mate, utilizou o espaço por duas vezes, para realizar a festa da colheita da erva-mate, como apontado no presente capítulo; os feirantes da feira livre, que ocorre todo sábado de manhã, utilizam-se do espaço coberto para comercializarem seus produtos; os feirantes da feira gastronômica, que ocorre toda quarta-feira e sexta-feira, a noite; além de ser ponto de encontro para sãomateuenses e ocasionalmente, abrigos para alguns moradores de rua passarem a noite.

³⁸ Disponível em: <<https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Rua-do-Mate-valoriza-cultura-e-producao-de-Sao-Mateus-do-Sul>>. Acesso em: 12 fev. 2024.

As dinâmicas de uso estão interligadas ao objetivo da construção, porém, como já exemplificamos aqui, na maioria das vezes, a construção/representação territorial, é utilizada para outros fins. Para Saquet (2015, p. 45):

As forças sociais efetivam o território no e com o espaço geográfico, centrado nas territorialidades e temporalidades dos indivíduos e emanado delas, condicionando e sendo diretamente determinado por nossa vida cotidiana. Historicamente, formam-se território heterogêneos e sobrepostos. Cristalizam-se territorialidades e interesses predominantemente econômicos e/ou políticos e/ou culturais e/ou ambientais que dão significados pluridimensionais aos territórios.

Diante disso, é natural que os interesses e usos das representações territoriais, tenham diferentes significados e aproveitamentos, dependendo da intencionalidade do grupo social que exerce mais influência em determinado momento. Um exemplo de tal processo, é o fato de que a Rua do Mathe também é utilizada e possui representações territoriais da imigração polonesa em São Mateus do Sul. Isso representa outras dinâmicas territoriais, mas que como já discutido em outros momentos, conformam e influenciam no território dos ervateiros.

Também para demonstrar outras temporalidades do território dos ervateiros, entre a Rua do Mathe e o Chimarródromo, fica um malhador, nome da peça movida por tração animal, que era utilizada nos antigos barbaquás, já com marcas do tempo e de intenso uso,³⁹. As imagens 12 e 13 mostram a peça e uma explicação sintética sobre:

Imagem 12: Malhador de erva-mate, utilizado nos antigos barbaquás



Fonte: Silva (2024)

³⁹ Ver em: <<https://especiais.gazetadopovo.com.br/erva-mate/producao/>>. Acesso em: 14 fev. 2024.

Imagem 13: Placa de identificação do malhador



Fonte: Silva (2024).

A ideia de representar a cultura antiga da erva-mate surge como uma estratégia territorial de lembrança das origens históricas, que além de atrair turistas que desconhecem os procedimentos, também incentiva o consumo, principalmente dos sujeitos locais. Pensando na (i)materialidade, proposta por Saquet (2015), conseguimos observar as referências para o aspecto afetivo e de familiaridade, pois muitos são mateuenses possuem histórias ligadas ao modo antigo de beneficiamento da erva-mate. Neste mesmo sentido, é possível verificar a questão da temporalidade, já que o malhador antigo permanece como uma peça de exposição, como um marco de outros períodos e ciclos ervateiros.

A Rua do Mathe é uma representação territorial recente, mas que condensa estratégias territoriais de intencionalidades variadas. Além da estrutura física, ela carrega elementos imateriais e subjetivos, que trazem diferentes sentidos para a sociedade são mateuense. Muito mais antigo que isso, é o fato de beneficiar a própria erva-mate em sua residência, que apesar de ser uma prática em rareamento, ainda sobrevive atualmente, como veremos no próximo momento do presente capítulo.

5.2 ENTRE O BENEFICIAMENTO E CONSUMO DA ERVA-MATE: DIMENSÕES E DINÂMICAS

Compreender a territorialização da erva-mate a partir do consumo tem sido o objetivo principal desde o início da presente pesquisa. E acreditamos que um dos elementos que mais marcam tal territorialização, é o fato de existirem produtores de erva-mate que beneficiam as folhas para seu próprio consumo, da sua família, amigos e até comercializam o excedente. Para termos uma dimensão mais próxima de tal prática, realizamos, entre os anos de 2023 e 2024, quatro pesquisas de campo em propriedades de agricultores que beneficiam sua própria erva-mate, além de entrevistas (roteiro disponível nos apêndices) com estes, para compreendermos melhor como ocorre essa prática territorial marcante, que está diminuindo consideravelmente em São Mateus do Sul, e acreditamos, que em outros municípios ervateiros também.

A amostragem ocorreu por indicação (Bola de Neve), o primeiro entrevistado foi indicação de um estudante do colégio em que leciono, posteriormente, os próprios entrevistados foram indicando outros sujeitos. Realizamos quatro entrevistas, quando atingimos o ponto de saturação, ou seja, as informações começaram a se repetir, acreditamos que atingimos o objetivo principal, de ter informações robustas como subsídios para compreensão de tal prática. Não temos o número exato de quantos agricultores realizam essa prática, porém, pelos relatos dos entrevistados, muita gente deixou de fazê-la.

Segundo Saquet (2015, p. 82), “o tempo presente, passado e futuro indica processualidade e simultaneidade, isto é, significa transtemporalidade processual e coexistente.” Neste caso, uma prática que era única, antes do surgimento das indústrias, sobrevive em meio toda mudança do processo produtivo da erva-mate, mesmo que em diminuição, ainda existe e resiste, porém não sabemos precisar por quanto tempo. A tendência da mercantilização e produção em massa é uma frequente que influencia não apenas na erva-mate, mas em outros circuitos produtivos também.

Para compreendermos tais relações elaboramos um roteiro de entrevistas, de acordo com multidimensionalidade territorial, proposta por Saquet (2015), bem como as informações pessoais dos entrevistados, para caracterizarmos quem são esses sujeitos, bem como de que maneira realizam suas práticas. As entrevistas foram gravadas com o aplicativo gravador de voz, através de um celular Motorola Edge 30,

com permissão dos entrevistados no início da gravação, bem como as autorizações para divulgação dos dados (apêndice) foram assinadas.

A análise do conteúdo coletado durante as entrevistas ocorreu de maneira manual, onde reproduzimos as gravações e consultamos as anotações realizadas no roteiro de entrevistas que levamos de maneira impressa para a pesquisa de campo. O material impresso serviu de base para as anotações das palavras-chave por parte do pesquisador, já o material de áudio foi reproduzido posteriormente repetidas vezes, para estabelecer tais relações e construir a análise que segue na sequência. A transcrição do conteúdo ocorrerá de maneira indireta.

5.2.1 Quem são os sujeitos?

Antes de analisarmos as informações coletadas acerca do beneficiamento da erva-mate, achamos interessante detalhar um pouco mais sobre as características pessoas dos entrevistados, bem como de suas propriedades, destacamos que, metodologicamente, optamos por não revelarmos nomes, ou então usarmos nomes fictícios, portanto nos referimos como entrevistado 1, 2, 3 e 4:

Quadro 8 – Características pessoais dos sujeitos entrevistados⁴⁰

	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4
Idade	65	61 anos	64 anos	59 anos
Gênero	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino
Estado civil	Casado	Casado	Casado	Casado
Profissão principal	Agricultor aposentado	Agricultor aposentado	Agricultor aposentado	Agricultor
Reside na propriedade que beneficia a erva-mate?	Sim, há 18 anos.	Sim, há 34 anos	Sim, há 9 anos, porém alterna a moradia com outra propriedade.	Sim, há 38 anos
Comunidade:	Estiva	Três Poços – Antônio Olinto	Emboque	Emboque

Fonte: O autor (2024).

⁴⁰ Entrevistado 1, 65 anos. Entrevista, 10 de fevereiro de 2023. São Mateus do Sul - PR. Entrevistador: Wagner da Silva. Acervo do autor, 2023.

Entrevistado 2, 61 anos. Entrevista, 17 de fevereiro de 2023. Antônio Olinto – PR. Entrevistador: Wagner da Silva. Acervo do autor, 2023.

Entrevistado 3, 64 anos. Entrevista, 10 de março de 2023. São Mateus do Sul – PR. Entrevistador: Wagner da Silva. Acervo do autor, 2023.

Entrevistado 4, 59 anos. Entrevista, 20 de janeiro de 2024. São Mateus do Sul – PR. Entrevistador: Wagner da Silva. Acervo do autor, 2024.

Analisando o quadro das características pessoais, podemos observar que a idade dos quatro entrevistados é bem próxima (mais baixa 59 e mais alta 65), nos levando a conclusão de que a prática de beneficiar a própria erva-mate está mais presente em realidades de pessoas mais velhas, inclusive 3/4 dos entrevistados já se encontrava aposentado, e o outro, em vias de aposentadoria. Outro ponto interessante, é que apesar, de haver uma totalidade de entrevistados do gênero masculino, em três das quatro entrevistas, a esposa acompanhou, e inclusive auxiliou nas respostas, demonstrando que o interesse e beneficiamento da erva-mate não é uma atividade exclusivamente masculina.

A profissão de todos os entrevistados é agricultor, que se divide entre a atividade da erva-mate e outras culturas, típica característica da policultura. Outro aspecto de importância, é o fato de todos morarem por tempos consideráveis, (passando de 30 anos em duas situações), na propriedade que beneficiam a erva-mate. Uma justificativa se faz necessária enquanto a comunidade que esses sujeitos residem, três ficam localizados em São Mateus do Sul, e uma no município de Antônio Olinto – PR. Por que consideramos esse sujeito como parte do território dos ervateiros de São Mateus do Sul? Primeiramente porque acreditamos que os limites oficiais não são os únicos preponderantes para determinar uma análise territorial, segundo porque esse entrevistado possui muitos familiares em São Mateus do Sul, possuindo uma estreita influência com este, e terceiro, porque ele nasceu e passou boa parte da vida em São Mateus do Sul, se mudando para Três Poços (que é limítrofe), quando já tinha quase 30 anos.

Em relação às propriedades, pudemos perceber que apenas no caso do entrevistado 3, a erva-mate é a principal fonte de renda, apesar de existirem outras culturas, que estão ligadas principalmente ao autoconsumo. Nas outras três entrevistas, a erva-mate não apareceu como a principal fonte de renda: nos casos 1 e 2, a soja é a principal, e no caso 4, a produção de batata inglesa que lidera o aspecto econômico. Diante de tais situações, dois elementos nos chamam a atenção:

a) a produção de erva-mate, neste caso, se torna interessante por três aspectos: como reserva de emergência ou poupança; como autoconsumo, quando o produtor tem certeza da origem do produto que está consumindo; e por último, como um recurso florestal nativo existente na propriedade, que não demanda de tantos investimentos e uma cadeia produtiva complexa, como ocorre com a soja, por exemplo.

b) existe uma comercialização de circuito curto, ou seja, entre os vizinhos, familiares e outros, o que garante um aporte financeiro, responsável por melhorias na propriedade e que também é reinvestido na produção de erva-mate, porém não é com o mesmo objetivo da indústria, por exemplo, não existindo a intenção de se tornar uma.

Percebemos uma territorialização de acordo com o que coloca Saquet (2015, p. 39):

A territorialização, desse modo, significa apropriação social de um fragmento do espaço a partir das relações sociais, das regras e normas, das condições naturais, do trabalho, das técnicas e tecnologias, das redes (de circulação e comunicação) e das conflitualidades que envolvem diferenças e desigualdades bem como identidades e regionalismos, historicamente determinados (grifos nossos).

O território é construído e modificado de maneira plural, sendo que os sujeitos esboçam suas territorialidades a partir de características pessoais, imprimindo alguns elementos singulares e outros em comum, a partir dos territórios que vivenciam. No território dos ervateiros estes elementos também estão presentes, no capítulo quatro analisamos os consumidores que em sua maior parte, compravam sua erva-mate e derivados no comércio varejista, neste momento analisaremos aqueles que produzem e beneficiam para o consumo.

Neste sentido, o trabalho, técnicas e tecnologias do produtor/consumidor/vendedor que beneficia sua própria erva-mate são completamente diferentes da lógica industrial de beneficiamento e comércio. Trazendo novas características para o território dos ervateiros que serão detalhadas nos momentos a seguir.

5.2.2 O consumo da erva-mate de produção e beneficiamento próprios

Como já exposto aqui, nos quatro casos diferentes existem características e objetivos diversos. Uma coisa que se torna importante diferenciar neste momento, é que tipo de erva-mate estamos nos referindo. O produtor pode vender em folha para indústria, como a maioria deles faz, ou então beneficiar e vender por conta própria, mesmo que em baixa escala. Nas entrevistas 1, 2 e 3, os produtores/consumidores vendem a maior parte da sua erva-mate em folha, para as indústrias, e reservam outra parcela, menor, para beneficiar e consumir. Já na entrevista 4, onde o

produtor/consumidor possui uma estrutura multiuso (para beneficiar erva-mate, secar cebola, triturar grãos etc.), a maior parte do comércio da erva-mate é de maneira beneficiada. Nesta situação, podemos observar a multidimensionalidade ocorrendo, principalmente a partir do aspecto econômico e político. O econômico tem por objetivo garantir a sobrevivência de sua família, o político parte da linha de pensamento do produtor/consumidor e sua família, uma vez que suas ações são reflexo diretamente de seu alinhamento ideológico, visão de mundo e vivências, a partir da convivência com outros sujeitos.

O aspecto socioambiental aparece nos tipos de erva-mate que é escolhida para o consumo próprio, no caso por exemplo do entrevistado 1, onde a erva-mate plantada ele vende para a indústria, já a erva-mate nativa sombreada ele fica para seu beneficiamento e consumo. Quando perguntado sobre a justificativa, o entrevistado alegou que, na opinião dele, o sabor e qualidade da erva-mate nativa sombreada é superior ao sabor e qualidade da plantada.

Essas dimensões se interrelacionam entre si, garantindo a multidimensionalidade territorial. Pensando no aspecto territorial-temporal, os quatro entrevistados cultivam erva-mate há mais de 10 anos, sendo que todos já tinham tal prática em suas famílias, antes do casamento. Por esse lado, observamos uma característica da dimensão cultural, ao se expressar, os produtores/consumidores entrevistados demonstravam uma certa nostalgia, ao lembrar que desde crianças, trabalhavam na produção e beneficiamento da erva-mate, e hoje, já adultos de certa idade, continuam com a atividade que receberam e aprenderam com seus pais e avós. Esse pode ser um dos motivos de apenas pessoas mais velhas continuarem com esta prática, já que as gerações mais novas, não vivenciaram a realidade do beneficiamento da erva-mate que era comum. De qualquer forma, identificamos uma continuidade territorial, exposta por Saquet (2015), mas que com a passagem destas pessoas mais velhas, tende a acabar.

5.2.3 Por que e como produzir e beneficiar a erva-mate em sua propriedade?

Esta informação indicada no presente subtítulo é importante para compreendermos os motivos que fazem com que esses produtores/consumidores ainda pratiquem essa modalidade. Dentre as vantagens indicadas apareceram: não precisar investir em muitos insumos agrícolas, já que a erva-mate é uma planta nativa;

respeitar o ciclo natural da planta e possui erva-mate beneficiada no período de entressafra; trabalhar a hora que der tempo, pois diferente de outras culturas agrícolas, o cultivo da erva-mate não necessita de uma demanda de tempo dedicada diariamente; possuir uma fonte de renda na propriedade que tenha baixo impacto ambiental; e por último, mais ligada à territorialização por consumo: ter a erva-mate produzida por ele mesmo, para seu chimarrão. Não obstante, as desvantagens ficam por conta da dificuldade de achar de mão-de-obra para a colheita, principalmente; baixo preço e grande variação de preço pago ao produtor; além de o beneficiamento em maior escala, exigir muita mão-de-obra e trabalho.

Por tais motivos, destacamos mais uma vez, que o fato do produtor beneficiar sua própria erva-mate, está ligado ao sentimento de pertencimento territorial que ele desenvolveu com sua família, deixando uma marca territorial de acordo com suas atividades. Na maioria das vezes, produzir ou extrair erva-mate precisa respeitar o ciclo natural da planta, diferente de outras culturas, onde suplementos e defensivos sintéticos predominam no cultivo, acelerando a produção de plantas, que na maioria das vezes, não são nativas daquele território.

Neste caso, o entrevistado 1 alega que, para ele, o lucro não é o principal objetivo com a venda da erva-mate beneficiada, uma vez que a intenção maior é possuir uma erva-mate de qualidade para seu chimarrão e de sua família. Apesar de comercializar em sua propriedade, e possuir clientes fiéis, inclusive de outros municípios, a demanda principal é o consumo dentro da propriedade. Em relação à mão-de-obra para beneficiamento da erva-mate na propriedade, o entrevistado conta com a ajuda do filho e de alguns familiares, que inclusive levam a sua erva-mate para beneficiar também, e em troca, ajudam no trabalho. É uma espécie de “troca de dias”, uma prática bem comum entre os agricultores de cunho familiar, só que neste caso, troca-se o direito de beneficiar a sua erva-mate, utilizando a estrutura do entrevistado, por trabalho.

Imagem 14 – Parte externa da estrutura para beneficiamento de erva-mate na propriedade do entrevistado 1



Fonte: Silva (2023).

Quando o entrevistado 1 adquiriu sua propriedade, ela já tinha a estrutura para beneficiamento da erva-mate, porém na propriedade antiga, ele e sua família já realizavam o beneficiamento, em uma estrutura mais modesta. Porém, sua antiga propriedade estava próxima da área de mineração de xisto da Petrobras, o que fez com que o proprietário fosse indenizado e a Petrobras adquiriu seu antigo terreno. Com o valor da indenização, o entrevistado 1 adquiriu a propriedade em que ele e sua família residem atualmente.

Na época em que foi construída, tal estrutura possuía tecnologia semelhante às indústrias, atualmente, a tecnologia utilizada encontra-se defasada, porém ainda funcional. Outro ponto que o entrevistado 1 destaca é que se caso um cilindro deste estragar, o valor para troca é muito alto, o que faz com que não compense financeiramente, e provavelmente ele pare de beneficiar erva-mate. Neste sistema, o beneficiamento da erva-mate em folha inicia com a colocação dela em uma esteira, que leva até a tubulação de formato cilíndrico (sapecador), para fazer a secagem inicial, como pode ser observado na parte esquerda da imagem. Depois disso, passa

por outra esteira, até levar para o carijo, onde ocorrerá a secagem final, por volta de 24 h.

Imagem 15 – Carijo para secagem da erva-mate – propriedade do entrevistado 1



Fonte: Silva (2023).

A imagem 15 demonstra o local de secagem da erva-mate, onde as folhas são colocadas, na parte de cima, o calor do forno, logo abaixo, realiza a secagem, antes da trituração. A trituração é feita com o trator, deixando a espessura que o produtor/consumidor prefere.

No caso do entrevistado 2, percebemos que o lucro também não é o principal objetivo, tanto é que ele alegou que mais doa a erva-mate beneficiada, para amigos e familiares, do que vende. No caso da venda, ele cobrava, em 2023, o preço de R\$ 10.00 o kg, preço abaixo do praticado no comércio varejista com a erva-mate industrializada.

Para a mão-de-obra no beneficiamento, ele também pratica a troca de serviço com o vizinho, além de contar com a ajuda da esposa, filho e neto durante os trabalhos. Em relação ao comércio da erva-mate beneficiada, ocorre na propriedade, e ficava restrito às pessoas de São Mateus do Sul e Antônio Olinto. Das quatro propriedades dos entrevistados, a do entrevistado 2 é a que mais fica longe da área urbana de São Mateus do Sul, esse é um fator que explica o porquê de não ter tanta

procura. Em relação à estrutura do beneficiamento, notamos uma estrutura mais modesta e com pequena capacidade de beneficiamento, como pode ser visto na imagem 16.

Saquet (2008, p. 79), coloca que “territorialidade, dessa forma, significa as relações sociais simétricas ou dessimétricas que produzem historicamente cada território.” Neste sentido, podemos encontrar estruturas, territorializações e territorialidades mais modestas do que a lógica industrial de beneficiamento, porém, ser modesta não significa ser menos importante. Estamos pontuando e destacando outras formas de beneficiamento que fogem da lógica mercadológica vigente. Considerando o aspecto (i)material do território, tal forma de produção e consumo exerce uma influência local muito mais próxima da realidade, do que uma indústria que se instala em São Mateus do Sul, porém exporta a maior parte do seu produto beneficiado. As relações entre produtores/beneficiadores convergem com as simetrias e dessimetrias, colocadas por Saquet (2008), já que são duas realidades com objetivos completamente diferentes.

A lógica mercadológica atual parece não estar presente de maneira principal nos produtores/beneficiadores da erva-mate, sendo, na maioria das vezes, mais vale ter um chimarrão de qualidade para tomar, do que ganhar dinheiro com a venda da erva-mate. Outros cultivos da propriedade entram na lógica mercadológica, porém a erva-mate parece estar dentro do campo da dessimetria territorial. Fica claro que a (i)materialidade representa um aspecto importante, principalmente na apropriação territorial que extrapola da dimensão econômica.

Imagem 16 – Estrutura para beneficiamento de erva-mate na propriedade do entrevistado 2



Fonte: Silva (2023).

Para compreendermos melhor como ocorre o processo de beneficiamento neste caso: Existe uma espécie de forno externo, onde é feito o fogo, e a partir de uma tubulação subterrânea, o calor chega até a abertura do chão, representado na imagem da direita. Os feixes de erva-mate são suspensos dentro da “casinha”, à esquerda da imagem, onde por volta de um dia inteiro, para secar. Posterior a isso, o entrevistado 2 utiliza a bateadeira de feijão, para moer a erva-mate. O entrevistado 2 ainda beneficia a erva-mate para o chá-mate, não somente para chimarrão. A diferença, segundo ele, é que para o chá, depois de moído, ocorre a torra, o que demora mais tempo para concluir o processo. Segundo ele: “aqui em casa quase não tomamos café, só chá”.

O entrevistado 3 também destaca que a comercialização da erva-mate beneficiada ocorre na propriedade, principalmente com os vizinhos vindo buscar. O preço cobrado, em 2023, era de R\$ 8.00 o kg. Neste caso, o entrevistado não contrata mão-de-obra para beneficiamento, trabalhando apenas ele e a esposa. A contratação da mão-de-obra ocorre apenas no período de colheita. Em relação às vantagens de beneficiar a erva-mate, o entrevistado alega que, além de saber o que está

consumindo, é uma forma de agregar valor, e que apesar de ser pouca quantidade, agrega um valor pouco maior do que vender em folha para a indústria ervateira.

A estrutura construída e utilizada pelo entrevistado 3 também é modesta, como é possível observar na imagem XX:

Imagem 17 – Estrutura para beneficiamento de erva-mate na propriedade do entrevistado 3



Fonte: Silva (2023).

O sistema é muito parecido com o da propriedade do entrevistado 2, existindo um forno externo, coberto com o teto cortado de uma Kombi. A tubulação subterrânea que passa o calor do fogo até a estrutura da parte esquerda da Imagem 17, onde os feixes de erva-mate ficam suspensos na grade, localizada na parte de cima da imagem. Depois de 24 h, as folhas de erva-mate saem secas, prontas para a trituração.

Já no caso do entrevistado 4, encontramos a estrutura de beneficiamento mais atual e multiuso das quatro entrevistas realizadas. Uma particularidade do entrevistado 4, é que ele reside em um sistema faxinal⁴¹. Caracterizado por uma grande presença de mata nativa, a erva-mate nativa no sistema faxinal, fica localizada

⁴¹ Ver: CHANG, Man Yu. **Sistema faxinal**: uma forma de organização camponesa em desagregação no centro-sul do Paraná. Londrina: IAPAR, 1988. Disponível em: <https://site.mppr.mp.br/sites/hotsites/arquivos_restritos/files/migrados/File/Sistema_Faxinal_Manyu_Chang.pdf>

principalmente na parte conhecida como criadouro comunitário. Por não utilizar produtos sintéticos na erva-mate, o entrevistado quatro possui a certificação agroecológica da erva-mate.

A escala de beneficiamento é maior, possibilitando inclusive a venda de erva-mate beneficiada para duas indústrias: de chá e de refrigerante. Além de comercializar a erva-mate beneficiada em sua propriedade, o produtor/consumidor possui um leque maior de possibilidades: pois também traz uma certa quantidade até a área urbana, para ser comercializada através de um moinho; comercializa através da COFAECO – Cooperativa de Famílias de Agricultores Agroecológicos de São Mateus do Sul; além de um feirante vir buscar a erva-mate beneficiada para comercializar na Região Metropolitana de Curitiba. No que diz respeito à mão-de-obra para colheita e beneficiamento da erva-mate, ele sempre precisa contratar, ou então trocar dias de trabalho com os vizinhos. Não necessariamente seja a troca de serviços, porém como o entrevistado 4 possui trator e colheitadeira, muitas vezes ele troca a hora-máquina e operação por ajuda no processo de colheita e beneficiamento, com os vizinhos.

Imagem 18 – Sapecador para beneficiamento da erva-mate do entrevistado 4



Fonte: Silva (2024).

A imagem 18 mostra o sapecador, onde ocorre a secagem inicial, posteriormente, a erva-mate em folha passa pela esteira e chega ao carijo, onde ocorre a secagem final, o processo todo dura, em média, 24 horas.

Imagem 19 – Carijo para beneficiamento da erva-mate do entrevistado 4



Fonte: Silva (2024).

Após a secagem no carijo, a erva-mate é triturada e embalada, a partir disso, se encontra pronta para ser comercializada. Apesar da escala da comercialização não ser pequena, o produtor/consumidor destaca que ele e sua família só consomem erva-mate para chimarrão produzida e beneficiada na propriedade. O preço da erva-mate, em 2024, que o entrevistado 4 vende, em sua propriedade, para os consumidores que procuram, é de R\$12.00 o kg.

Para Saquet (2008) o território é uma construção multidimensional e coletiva, portanto, se torna importante compreender as dimensões e formas diferentes da produção territorial, no território dos ervateiros. Percebemos que, mesmo dentro do universo de produtores/consumidores que beneficiam a própria erva-mate, existem dessimetrias, territorialidades, objetivos e temporalidades diferentes.

5.2.4 A territorialização pelo consumo da erva-mate beneficiada na propriedade

Foi possível perceber, a partir do subitem 5.2.3, que o consumo de erva-mate por parte dos produtores/consumidores ocorre principalmente da erva-mate produzida e beneficiada em sua propriedade. Esta forma de produção consumo está ligada aos aspectos econômicos, culturais, socioambientais e políticos.

a) econômicos: se destaca em dois pontos principais, como consumir uma erva-mate com um custo menor do que a produzida na indústria e comercializada no varejo; além de ter disponível um estoque de erva-mate para consumo, evitando deslocamento até a área urbana para comprar.

b) culturais: essa dimensão se destaca no sentido de que todos os produtores já beneficiavam a erva-mate, com suas famílias, desde a infância, portanto tal territorialização possui um sentido de continuidade territorial e manter vivas as lembranças de uma prática que era muito comum em um passado recente.

c) socioambientais: como a erva-mate é uma planta nativa, a produção e consumo na propriedade é um fator que contribui para a redução de embalagens, produtos químicos e transporte. O asterisco fica por conta da lenha utilizada na secagem da erva-mate, pois três dos quatro entrevistados apontaram essa como uma dificuldade, tanto econômica (no caso de comprar) como socioambiental (pois só utilizam lenha de plantas não nativas ou então de árvores que caíram).

d) política: esta dimensão está ligada primeiramente à relação com o poder público, pois, apesar de nenhum dos entrevistados ter problemas com o Corpo de Bombeiros, Vigilância Sanitária etc., esta é uma preocupação constante. Em um segundo momento, podemos analisar a dimensão política através da participação desses produtores/consumidores na cadeia produtiva da erva-mate no território dos ervateiros, que apesar de não ser significativa quantitativamente, é sem dúvidas, uma forma de condição de (re) existência que extrapola a lógica política mercadológica.

Destacamos, mais uma vez, concordando com Saquet (2008), que temos ciência que tal divisão das dimensões ocorre apenas para fins didáticos, e que acreditamos que o território é uma totalidade multidimensional.

No aspecto de continuidade ou descontinuidade territorial, três dos quatro entrevistados, acreditam que a prática de beneficiar e consumir a própria erva-mate tende a acabar, pois segundo eles, as pessoas mais jovens (neste caso, principalmente, filhos e netos), não se interessam pela prática, ocorrendo uma ruptura

na sucessão da atividade, ou seja: o que ocorreu de maneira simétrica na sucessão dos entrevistados com seus pais, não tende a ocorrer na relação entre eles, seus filhos e netos. Já o entrevistado 4 acredita que, apesar da prática de beneficiar a erva-mate na propriedade ter diminuído, ela tende a voltar se os produtores se sensibilizarem quanto ao fato de agregar valor e possuir uma maior independência em relação à indústria, além de consumir um produto de maior qualidade. Disse ainda, que acredita não ser uma tarefa fácil, porém, na opinião dele, é possível.

Acreditamos ser muito difícil que essa prática retorne na intensidade que ocorreu no passado recente, pois isso afetaria diretamente as grandes indústrias na questão do recebimento da matéria-prima e comercialização da erva-mate beneficiada, portanto haveriam conflitualidades, onde o poder financeiro industrial falaria mais forte.

5.3 OS ELEMENTOS QUE INFLUENCIAM NO CONSUMO DA ERVA-MATE A PARTIR DO TERRITÓRIO DOS ERVATEIROS

Pudemos perceber, ao longo deste capítulo, que o consumo da erva-mate ocorre de maneira plural no território dos ervateiros, além de que as simetrias, dessimetrias e representações afetam e facilitam diretamente o consumo da erva-mate, pois existem espaços, festas, organizações, símbolos oficiais e outros que demarcam a importância territorial da erva-mate, bem como incentivam o consumo, principalmente do chimarrão, como exemplos, podemos elencar:

- a) o chimarródromo, que possui água em temperatura ideal, além de outras estruturas, para as pessoas prepararem e consumam seu chimarrão ali mesmo;
- b) as cuias, que demarcam em escala intencionalmente grande, o símbolo do chimarrão;
- c) a Rua do Mathe, que é sede de vários eventos importantes em São Mateus do Sul, que resgata e demarca a característica ervateira;
- d) O Hino e Brasão, que são símbolos oficiais, que trazem a erva-mate de maneira textual ou ilustrada, e que ficam expostas em vários eventos oficiais do município;
- e) Por último, destacamos os produtores/consumidores que beneficiam a erva-mate em sua propriedade, de uma maneira em que o lucro, na maioria dos casos, não representa o principal objetivo.

Pensar a territorialização a partir do consumo representa um desafio, pois envolve inúmeros elementos e variáveis, temos consciência que não é possível dar conta de todos esses elementos e variantes, portanto, no presente capítulo trazemos alguns que podem ser percebidos através das observações indiretas e outros aspectos metodológicos já elencados aqui.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, neste trabalho, compreender como ocorre a territorialização da erva-mate, a partir do consumo, em São Mateus do Sul-PR. Acreditamos que isso implica em identificar e analisar relações multidimensionais, além de dinâmicas territoriais diversas. Em se tratando de erva-mate no recorte territorial analisado, foi possível percebermos a influência de diferentes sujeitos e processos espaço-temporais-territoriais. Concordamos que a “divisão” territorial em dimensões, é apenas uma metodologia didática para melhor compreensão do fenômeno geográfico analisado, porém reconhecemos que existem relações entre tais dimensões, além de que a análise do território pode acontecer a partir de diferentes recortes e sujeitos e escalas.

No que diz respeito ao conceito abordado, acreditamos que o território possibilitou uma pluralidade de análises, sobretudo a partir do viés dos sujeitos, que condicionam e são condicionados pela dinâmica territorial movimentada pelo consumo da erva-mate. Concordar que todos os processos territoriais são resultados de relações sociais, que causam mudanças no espaço geográfico, ao mesmo tempo em que são influenciados por ele, em diferentes recortes temporais, foi o ponto de partida de nossa pesquisa.

O contraponto de autores possibilitou compreendermos a diversidade da abordagem territorial, porém, para estabelecermos relações mais estreitas, optamos pela abordagem multidimensional, relacional e (i)material, proposta por Saquet, em diferentes obras. Se apoiar no conceito de território, neste caso, significou reconhecer a diversidade e amplitude dos fenômenos e processos geográficos, que se intercalam em relação às dinâmicas e dimensões. O território atual não é estático ou cristalizado, mas sim resultado de uma série de processos e influências de diferentes sujeitos, que os confere um dinamismo e mudanças constantes. Acreditamos que poderíamos abordar a erva-mate por outros conceitos da Geografia, que também possibilitariam uma rica análise, porém, o território nos pareceu mais apropriado para esta pesquisa.

Relacionar como os indígenas iniciaram com o consumo da erva-mate e como era a relação destes sujeitos com a planta, condicionou o objetivo principal de seguir analisando as relações de outros sujeitos com o consumo. Pudemos perceber que tal relação foi mudando conforme inseríamos novos sujeitos na análise. De acordo com isso, identificamos que a relação indígena com a erva-mate era muito mais conexa ao

valor de uso e a dimensão cultural do território; com os caboclos, aconteceu algo bem parecido, apesar da dimensão econômica territorial estar presente como forma de troca, principalmente; já com as chegadas dos imigrantes europeus, sobretudo alemães e poloneses, o consumo da erva-mate continua acontecendo, porém o interesse na planta passou a ser majoritariamente a partir da dimensão econômica territorial.

Foi possível ainda, compreender o papel que a navegação a vapor no rio Iguaçu desempenhou para a relação territorial da erva-mate, a partir dos sujeitos. Uma vez que a hidrovia formada no rio Iguaçu, naquela época, possibilitou a chegada massiva de imigrantes, bem como abriu as portas para uma rede de transportes e escoamento, potencializando a erva-mate em seu aspecto comercial, o que sem dúvidas, contribuiu para o aumento do valor de troca dentro deste território. Mas para além disso, as próprias empresas ervateiras e madeireiras possuíam vapores, deslocando inúmeras pessoas para trabalharem em suas construções, manutenções e operações, trazendo novos sujeitos para este território. Tais vapores, além de símbolo de hegemonia, representavam também maximização dos lucros, novamente contribuindo para que a dinâmica econômica do território se sobressaia em relação às outras.

No que diz respeito às dinâmicas territoriais atuais, com a aplicação do questionário online, conseguimos compreender que o chimarrão é o principal elemento para os sujeitos, quando pensam em consumo de erva-mate e seus derivados. As respostas e análises dos dados, apontaram para uma territorialização do consumo, que ocorre principalmente a partir da influência dos hábitos das gerações mais velhas, sobretudo de familiares. Nossa hipótese inicial era de que a importância do consumo da erva-mate dada pelo sujeito, diminuiria conforme a faixa etária do grupo fosse diminuindo, ou seja: que os mais novos dessem menor importância ao consumo da erva-mate. Porém, não foi possível perceber uma linearidade neste processo, e percebemos uma tendência de que a territorialização do consumo da erva-mate, sobretudo do chimarrão, se estenderá por muito tempo.

A multidimensionalidade territorial atual pode ser vista por diferentes aspectos, inclusive na relação da (i)materialidade, bem como além do consumo. Foi interessante analisar esse ponto: apesar do objetivo principal da análise territorial ser o consumo, sempre apareciam aspectos culturais, políticos, socioambientais e econômicos nas respostas, nos levando a concluir que a erva-mate, por ser uma planta nativa do

recorte territorial, bem como uma atividade econômica importante e o seu consumo seja um hábito, ela abre um horizonte de pesquisas muito amplo.

No último momento, propomos uma análise acerca das dimensões, representações, simetrias e dessimetrias territoriais. Foi possível perceber que existe uma intencionalidade, tanto do poder público quanto da iniciativa privada, de incentivar o consumo da erva-mate, e isso não ocorre apenas na atualidade, mas já vem de um processo histórico e geográfico amplo. A (i)materialidade territorial, além das diferentes dimensões, a partir das ações de diferentes sujeitos, deixaram diferentes representações no território dos ervateiros, alguns “oficiais”, como Hino, Brasão e cuia da caixa de água; outros que são resultados de parcerias público-privado, como o chimarródromo e a Rua do Mathe; além de iniciativas privadas, como a IG, cuia menor e propagandas.

Por outra perspectiva, temos os produtores/consumidores que plantam, beneficiam sua própria erva-mate para o consumo, que pequenas exceções, de maneira singela e simples, resgatam o valor de uso dado à essa planta, muito parecido (na intencionalidade) com a forma que ocorria com os indígenas. Porém, detectamos que tal prática está enfraquecida, dado o perfil dos sujeitos que fazem isso, principalmente na faixa etária avançada, sendo que a maioria relatou que seus filhos e netos não têm mais interesse em tal prática. O único que relatou acreditar que o beneficiamento caseiro continuaria, era o produtor que enxerga um valor comercial maior na erva-mate sombreada que é beneficiada em sua propriedade.

Destacar o território dos ervateiros, significa reconhecer que são os sujeitos que constroem o território, e esses são dotados de intencionalidades diferentes, esse é um dos elementos que garante a diversidade territorial. Achamos importante destacar, mais uma vez, que por território dos ervateiros, não incluímos apenas aquelas que estão ligados ao processo econômico da erva-mate, mas todos aqueles, que em alguma dimensão ou outra, fazem parte da territorialização a partir do consumo, mesmo aquelas pessoas que alegaram não consumir a erva-mate em nenhuma forma, pois acreditamos que mesmo a recusa, faz parte do território, sobretudo em suas dimensões políticas e culturais, no sentido de construção de ponto de vista de realidade.

Como possibilidades futuras e de outras pesquisas, identificamos várias outras possibilidades dentro da Geografia, que citamos algumas aqui para não nos alongarmos: a erva-mate como elemento essencial e marcante na Paisagem; os

diferentes circuitos econômicos que a erva-mate movimento neste recorte territorial; a relação entre a erva-mate e os setores da economia de São Mateus do Sul; a construção do Lugar São Mateus a partir do reconhecimento da erva-mate como simbologia etc.

Com relações com nossa pesquisa, identificamos possibilidades semelhantes, mas que não era nosso foco: valor de uso e valor de troca – o caso da erva-mate; a variação de preço e o impacto no consumo; a relação produtor e indústria no circuito econômico longo; a relação indústria consumidor a partir da propaganda e consumo; as festas da erva-mate como representações territoriais do objeto de estudo etc.

Por fim, chamamos a atenção para o potencial da relação território e erva-mate, tanto na perspectiva do sujeito, quanto na perspectiva do objeto, pois tal abordagem varia de acordo com as decisões teórica-metodológicas adotadas pelos pesquisadores. Por ser uma planta nativa, que movimenta uma cadeia peculiar antes, durante e depois da produção/beneficiamento/consumo, são vários os (des)caminhos possíveis. Deixamos a última imagem deste trabalho, que na nossa opinião representa as diferentes relações que podemos estabelecer:

Imagem 20 – Erva-mate plantada junto a residência e outros cultivos de autoconsumo



Fonte: Silva (2023)

Podemos perceber a importância da erva-mate a partir da foto tirada na propriedade de um dos entrevistados que beneficia as folhas em sua casa: a presença do pé de erva-mate ao lado da casa, tendo o varal de roupas em outro extremo da foto, para comprovar a proximidade com a residência e a importância dessa representação; bem como a presença da plantação de milho no mesmo quadro que a erva-mate, pois o milho é um alimento direto, utilizado por esse produtor rural, para autoconsumo e alimentação dos animais da propriedade, portanto, plantar o milho e a erva-mate no mesmo quadro e próximos da residência, demonstra o grau de importância dado por esse sujeito. Esta imagem foi uma das escolhidas, mas existem várias outras percepções e impressões que foram possíveis capturar durante a parte empírica da pesquisa.

Todos os objetivos propostos na introdução foram atendidos, a partir do conceito do território, dentro da metodologia proposta. Consideramos que a construção de uma pesquisa é um horizonte de muitos caminhos, principalmente quando analisamos ações e comportamentos humanos, onde coexistem variações escalares, temporais e territoriais, de grande intensidade.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DA ERVA-MATE DE SÃO MATEUS. **Regulamento de uso Indicação de Procedência São Mateus**. São Mateus do Sul-PR: 2017.

BERKAI, Dorival; BRAGA, Clóvis Aírton. **500 anos de história da erva-mate**. Canoas-RS: Cone Sul, 2000.

BRASIL. Lei n.º 9.279, de 14 de maio de 1996: Dispõe sobre o Regulamento dos direitos e obrigações relativos à propriedade industrial. **Diário Oficial da União**, Brasília, 14 mai. 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil>. Acesso em: 19 jan. 2024.

CASTELLA, Paulo Roberto; BRITEZ, Ricardo Miranda de (orgs.) 2004. **A floresta com araucária no Paraná: conservação e diagnóstico dos remanescentes florestais**. Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná; apoio: Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira – PROBIO. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 8-9.

CHMYZ, Igor; SGANZERLA, Eliane Maria.; VOLCOV, Jonas Elias; BORA, Eloi; CECCON, Roseli S. A arqueologia da Mina Dois Irmãos, em São Mateus do Sul-Paraná. **Arqueologia**, UFPR, v. 6, p. 1-147.

CHROSTOWSKI, Tadeusz. **Parana. Wspomnienia z podróży w roku 1914 z 16 ilustracjami i mapą Parany**. Poznań-Warszawa: Księgarnia św. Wojciecha, 1922.

COSTA. Samuel Guimarães da. **A erva-mate**. Curitiba: Coleção Farol do Saber, 1995.

DALLABRIDA, Valdir Roque. Território e Desenvolvimento Sustentável: Indicação Geográfica da Erva-Mate de Ervas Nativas no Brasil. **Informe Gepec**. Toledo-PR, v. 16, nº 1, p. 42-59, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** - Capitalismo e Esquizofrenia, Vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. - São Paulo: Ed. 54, 1997.

DENARDIN, Valdir Frigo; SULZBACH, Mayra Taiza. Produtos com identidade territorial: o caso da farinha de mandioca no litoral paranaense. *In*: SAQUET, Marcos Aurelio; DOS SANTOS, Roseli Alves. **Geografia agrária, território e desenvolvimento**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 219-235.

FAJARDO, Sergio; CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves. **Paraná: desenvolvimento e diferenças regionais**. Ponta Grossa-PR: Atena, 2021. *E-book* disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/586995/1/Paran%C3%A1%20Desenvolvimento%20e%20Diferen%C3%A7as%20Regionais.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

FARAH, Audrey Lilian de Souza. **São Mateus do Sul 100 anos**. Curitiba: Arte, 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais. *In*: MOLINA, Mônica Castagna.

Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p. 27-39.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Sobre a tipologia de territórios. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP, 2008. Programa de Pós-Graduação em Geografia. p. 197-2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

HAESBAERT, Rogério. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial". In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP, 2008. Programa de Pós-Graduação em Geografia. p. 95-120.

HAESBAERT, Rogério. Definindo território para entender a desterritorialização. In: HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. – 6ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 35-98.

Indicação de Procedência - IG Mathe (2020). **Reconhecimento da IG São Matheus**. Recuperado de <<https://igmathe.com.br/ig-regiao-sao-matheus.php>> Acesso em: 15 dez. 2020.

Indicação Geográfica São Matheus – IG Mathe. Disponível em <<https://igmathe.com.br/>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Censo Agropecuário de 2017** – resgatado em Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017/resultados-definitivos>>. Acesso em: 13 de jan. de 2024.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Produção Agrícola Municipal – PAM** – resgatado em Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>>. Acesso em: 15 de jan. de 2024.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura – PEVS** – resgatado em Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pevs/tabelas/brasil/2022>>. Acesso em: 15 de jan. de 2024.

Instituto Nacional de Propriedade Industrial (2020). **Regulamento de uso indicação de procedência São Matheus**. Recuperado de <<https://www.gov.br/inpi/pt-br/servicos/indicacoes-geograficas/arquivos/cadernos-de-especificacoes-tecnicas/SoMatheus.pdf>> Acesso em: 10 dez. 2020.

LAZIER, Hermógenes. A estrutura agrária e a luta pela terra. In: LAZIER, Hermógenes. **Paraná: terra de todas as gentes e de muita história**. Francisco Beltrão-PR: Grafit - Gráfica e Editora LTDA, 2003. p. 209-232.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **A história do chimarrão**. 4 ed. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

LINHARES, Temístocles. **História econômica do mate**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1969.

MAACK, Reinhard. **Geografia Física do Estado do Paraná**. 4 ed. - Ponta Grossa-PR: Editora UEPG, 2012.

MANSUR, Aziz. **Álbum comemorativo do cincoentenário da navegação do Iguaçu e seus afluentes**. Curitiba: Impressora Gráfica Paranaense, 1932.

MARTINS, Romário. O rio Iguassú e sua função civilisadora. In: MANSUR, Aziz. **Álbum comemorativo do cincoentenário da navegação do Iguaçu e seus afluentes**. Curitiba: Impressora Gráfica Paranaense, 1932. p. 13-14.

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (2022). **O que é Indicação Geográfica? Como obter o registro?** Recuperado de <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/indicacao-geografica/o-que-e-indicacao-geografica-ig>> Acesso em: 2 mar. 2021.

RAFFESTIN, Claude. O que é território? In: RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993. p. 143-163.

RIESEMBERG, Alvir. **A instalação humana no Vale do Iguaçu**. [S. l.: s. n.], 1973.

SAQUET, Marcos Aurelio. Campo-Território: considerações teórico-metodológicas. **CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia**, v. 1, n. 1, p. 60-81, fev. 2006.

SAQUET, Marcos Aurelio. Estudos territoriais: os conceitos de território e territorialidade como orientações para uma pesquisa científica. In: FRAGA, Nilson Cesar. **Territórios e fronteiras – (re)arranjos e perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2011. p. 33-50.

SAQUET, Marcos Aurelio. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP, 2008. Programa de Pós-Graduação em Geografia. p. 37-56.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades**: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. 2 ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná – SEAB PR. **Histórico do SIMA – preços dos produtos agropecuários**. Curitiba: 2024. Disponível em: <<https://www.agricultura.pr.gov.br/Pagina/Historico-Sima>>. Acesso em: 18 de jan. 2024.

SERRA, Elpídio. Os primeiros processos de ocupação da terra e a organização pioneira do espaço agrário no Paraná. **Boletim de Geografia**, v. 10, nº. 1, 1992. p. 61-94.

SIEMIRADZKI, Józef. **Za morze! Szkice z wycieczki do Brazylii**. Lwów: [Jakubowski i Zadurowicz], 1894.

SOUZA, Gerson Cesar. **Cuia de São Mateus** - 50 anos. Youtube, 16 de setembro de 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/U8CMcG9iTck>>. Acesso em: 31 de jan. 2024.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Território e Desterritorialização. In: SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 3ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Paraná: o quadro geográfico, histórico e econômico do processo de urbanização. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 46, dez. 1971. p. 38-87.

WACHOWICZ, Romão. **Suor em São Mateus**. Curitiba: anais da Comunidade Brasileiro Polonesa, 1984.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. A “Febre Brasileira” na imigração polonesa. In: SUPERINTENDÊNCIA DAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO POLONESA NO PARANÁ. **Anais da Comunidade Brasileiro Polonesa**. Imprimax Ltda. v. I. Curitiba, 1970. p. 29-58.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 6ª edição. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina, 1988.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PRODUTORES/CONSUMIDORES DE ERVA-MATE

Essa pesquisa faz parte da tese de doutorado de Wagner da Silva, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Universidade Estadual de Ponta Grossa, sob orientação do Professor Dr. Celso Antonio da Fonseca Rosas. Destacamos que todas as informações repassadas pelos (as) entrevistados (as) serão utilizadas apenas para fins científicos, mantendo o sigilo e confidencialidade das respostas individuais.

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PRODUTORES/CONSUMIDORES DE ERVA-MATE

Aspectos pessoais:

1. Gênero: () Masculino () Feminino () Outro
2. Idade:
3. Estado civil:
4. Profissão principal:
5. Reside na propriedade em que beneficia a erva-mate?

Aspectos econômicos:

1. A erva-mate é o principal cultivo em área de sua propriedade? Quais os principais produtos de erva-mate beneficiados na propriedade? Explicar:
2. O principal destino da produção da erva-mate beneficiada:
() Consumo próprio () Comercialização () Outros (quais:____)
3. A erva-mate é a principal fonte de renda da propriedade? Se não, quais são?
4. Quanto tempo cultiva erva-mate?
() até 5 anos () 5 a 10 anos () mais de 10 anos.

5. Quais as vantagens e desvantagens econômicas na cultura da erva-mate?
6. Como é feita a comercialização da erva-mate beneficiada?
() feiras () diretamente com vizinhos () na propriedade () indústria
() Outros (quais? _____).
7. Os familiares (da propriedade) trabalham/ajudam no cultivo? Precisa contratar pessoal para trabalhar?
8. Trabalha com que tipo de erva-mate? Qual a proporção?
() Plantada () Nativa () As 2
9. Comercializa apenas em São Mateus ou também em outros municípios/estados?
10. Quais vantagens você enxerga em comercializar no circuito curto?

Aspectos políticos:

1. Como você classifica o apoio do poder público aos produtores de erva-mate do circuito curto?
() Federal:
() Estadual:
() Municipal:
2. Tentou alguma liberação/autorização do poder público para comercializar erva-mate?

3. Alguma vez teve problema com o poder público em relação ao comércio da erva-mate?
4. Quais as maiores dificuldades que você sente no trabalho do plantio, beneficiamento e comercialização?
5. Como é a sua relação com as indústrias ervateiras?
6. Já ouviu falar da Indicação Geográfica (IG) e da região São Matheus? Qual sua opinião sobre isso?
7. Sentiu alguma diferença nos preços de sementes, mudas, insumos ou da própria erva-mate após o reconhecimento do IG? Se sim, qual o motivo disso?

Aspectos culturais:

1. Considera São Mateus do Sul a capital paranaense da erva-mate? Qual o motivo?
2. Sua família já trabalhava com erva-mate? Como aprendeu?

3. Qual a importância da erva-mate em sua vida?
4. Como você vê o futuro da produção e comercialização de erva-mate em circuito curto?

Aspectos socioambientais:

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none">1. Como acha que a erva-mate é importante para a floresta de araucárias e para o solo?2. Quais as principais práticas do cultivo e beneficiamento da erva-mate na propriedade?3. Quais os benefícios da erva-mate para a natureza?4. Os outros cultivos da propriedade são convencionais? |
|--|

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE A INDICAÇÃO GEOGRÁFICA (IG) DA ERVA-MATE EM SÃO MATEUS DO SUL

Essa pesquisa faz parte da tese de doutorado de Wagner da Silva, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Universidade Estadual de Ponta Grossa, sob orientação do Professor Dr. Celso Antonio da Fonseca Rosas. Destacamos que todas as informações repassadas pelos (as) entrevistados (as) serão utilizadas apenas para fins científicos, mantendo o sigilo e confidencialidade das respostas individuais.

Dados gerais dos (as) entrevistados (as):
--

1. Função (ões) que ocupou/ocupa no processo da IG:
2. Idade (s):
3. Gênero: () masculino () feminino () outro.
4. Profissão:
5. Há quanto tempo está envolvido na IG?

Informações sobre a IG:

1. Qual o ano do registro do reconhecimento?
2. Qual o principal objetivo da IG?
3. Por que a grafia São Matheus com TH?

4. Quais benefícios você acredita que uma IG traz para a economia do município?
5. Quais benefícios você acredita que uma IG traz para a os produtores de erva-mate do município?
6. Quantos produtores e indústrias a IG conta em 2024? De quais municípios?
7. Como foi delimitada a área de 6 municípios? Chegou a ter um contato com pessoas de Cruz Machado, para estudar uma viabilização de participação?
8. Como foi o processo para reconhecimento da IG?
9. Quais instituições e pessoas de fora de São Mateus do Sul participaram do processo de reconhecimento?

10. Cite as ações principais do grupo que forma a IG dentro da região:
11. Após conseguir o selo de reconhecimento, a erva-mate passa a ser comercializada com um preço maior nos mercados?
12. Quais as principais dificuldades encontradas?
13. Quais critérios para o produtor e indústrias se cadastrarem na IG? Qualquer um (a) pode se cadastrar ?
14. Quais os principais produtos comercializados?
15. Qual o alcance da comercialização dos produtos da IG? Quais produtos?
16. Existe uma diretoria? Ela é escolhida por eleição? Quanto tempo é a gestão?

APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DADOS ADQUIRIDOS POR MEIO DE ENTREVISTA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DADOS ADQUIRIDOS POR MEIO DE ENTREVISTA

Eu _____, RG: _____.
Residente em _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso dos dados por mim repassados, AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores **Wagner da Silva - Doutorando e Celbo Antonio da Fonseca Rosas - Orientador**, do projeto de pesquisa intitulado: **“Da erva-mate ao território dos ervateiros: dinâmicas e territorialidades em São Mateus do Sul – PR”**, a colher meu depoimento e utilizar os dados repassados sem quaisquer ônus a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização dos depoimentos para fins científicos e de estudos (citação dos dados e nomes como fornecedor/fornecedora, na sua tese de doutorado, assim como em livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados.

São Mateus do Sul-PR, ____ de _____ de 2024.

Wagner da Silva, responsável pelo projeto e entrevistador

Assinatura do (a) Entrevistado (a)

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO SOBRE O CONSUMO DE ERVA-MATE EM SÃO MATEUS DO SUL – PR

Pesquisa sobre o consumo da erva-mate em São Mateus do Sul-PR

Essa pesquisa faz parte da tese de doutorado de Wagner da Silva, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Universidade Estadual de Ponta Grossa, sob orientação do Professor Dr. Celso Antonio da Fonseca Rosas. Destacamos que todas as informações repassadas pelos entrevistados serão utilizadas apenas para fins científicos, mantendo o sigilo e confidencialidade das respostas individuais, não solicitaremos nomes dos entrevistados ou documentos.

geo.wagner92@gmail.com [Mudar de conta](#)

* Indica uma pergunta obrigatória

E-mail *

Seu e-mail

Próxima

Página 1 de 4

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

[Pedir acesso para editar](#)

A) Idade: *

☐ 15-20 anos

☐ 21-25 anos

☐ 26-30 anos

☐ 31-35 anos

☐ 36-40 anos

☐ 41-45 anos

☐ 46-50 anos

☐ 51-55 anos

☐ 56-60 anos

☐ 60 anos ou +

B) Gênero: *

☐ Masculino

☐ Feminino

☐ Outro

C) Profissão: *

Texto de resposta curta

D) Qual sua renda média mensal? *

☐ Menos que R\$ 1.100,00

☐ Entre R\$ 1.100,00 e R\$ 2.200,00

☐ Entre R\$ 2.201,00 e R\$ 3.300,00

☐ Entre R\$ 3.301,00 e R\$ 4.400,00

☐ Entre R\$ 4.401,00 e R\$ 5.500,00

☐ Acima de R\$ 5.501,00

E) Você reside no perímetro: *

☐ Urbano

☐ Rural

A) Qual desses produtos da erva-mate você mais consome? (Pode escolher até 2 opções) *

☐ Erva-mate para chimarrão.

☐ Chá de erva-mate.

☐ Erva-mate para tererê.

☐ Cosméticos e produtos de higiene à base de erva-mate.

☐ Outros alimentos à base de erva-mate (bolos, licores, sorvetes, cervejas, etc.).

☐ Não consumo produtos à base de erva-mate.

B) Com que frequência você consome o (s) produto (s) assinalado (s) na questão anterior? *

☐ Todos os dias.

☐ Entre 1 e 2 vezes por semana.

☐ Entre 3 e 4 vezes por semana.

☐ Entre 5 e 6 vezes por semana.

☐ Nunca.

C) Quando você vai comprar o seu produto, qual o principal critério que utiliza: *

☐ Preço mais baixo.

☐ Marca.

☐ Qualidade.

☐ Não compro.

☐ Outro.

D) Como você adquiriu o hábito de consumir erva-mate. *

☐ Com os mais velhos.

☐ Por curiosidade/conta própria/gosto

☐ Através das propagandas nos meios de comunicação.

☐ Não consumo.

☐ Outro.

E) Qual o grau de importância dos produtos à base da erva-mate em sua vida: *

☐

Muito importante.

☐

Importante.

☐

Pouco importante.

☐

Nada importante.

F) Deixe um comentário (opcional) sobre a relevância da erva-mate em sua vida:

Texto de resposta longa

Seção 4 de 4

Confirmação e autorização de publicação.

Descrição (opcional)

A) Confirmo que sou morador (a) de São Mateus do Sul - PR. Também autorizo os pesquisadores Wagner da Silva e Celbo Antonio da Fonseca Rosas, a colherem as informações repassadas por mim, bem como utilizarem os dados para divulgação científica, sem qualquer ônus a nenhuma das partes. *

☐

Confirmo e autorizo.

☐

Não confirmo e não autorizo.